Luís de Camões

Os Lusíadas

Edição revista e atualizada

Introdução e notas
Alexei Bueno



Editora Nova Fronteira

Luís de Camões

Os Lusíadas

2ª edição, revista
e atualizada

Introdução e notas
Alexei Bueno



Editora
Nova
Fronteira

Organização, introdução e notas © 2018 by Alexei Bueno

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

O alvará régio e o parecer do censor do Santo Ofício, além do excerto do canto primeiro, foram reproduzidos a partir da primeira edição d'*Os Lusíadas*. Lisboa: em casa de Antonio Gõçalvez, 1572. Acervo Biblioteca Nacional.

As ilustrações das páginas de abertura, as vinhetas finais e as gravuras presentes nos cantos e também as figuras A e B foram reproduzidas a partir da edição crítica comemorativa do terceiro centenário da morte de Camões, publicada no Porto por Emílio Biel. Leipzig: Giesecke & Devrient, 1880. Acervo Instituto Alemão (Lisboa).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C192L
3. ed.

Camões, Luís de, 1524?-1580
Os Lusíadas [recurso eletrônico] / Luís de Camões; introdução e notas Alexei Bueno. – 3. ed., rev. e atual. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
recurso digital

Formato: ebook
Requisitos do sistema: Adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 9788520943335 (recurso eletrônico)

1. Poesia portuguesa. 2. Livros eletrônicos. I. Bueno, Alexei. II. Título.

18-52081

CDD: P869.1
CDU: 82-1(469)



SUMÁRIO

Introdução
Alvará Régio
Parecer do Censor do Santo Ofício

Canto primeiro
Canto segundo
Canto terceiro
Canto quarto
Canto quinto
Canto sexto
Canto sétimo
Canto oitavo
Canto nono
Canto décimo

Apêndice
Bibliografia
Caderno de imagens

Introdução



A ÉPOCA

No alvorecer do século XV, enquanto França e Inglaterra se refaziam da Guerra dos Cem Anos; enquanto a Espanha se dedicava à Reconquista, e boa parte da Europa, saindo do feudalismo, ainda não atingira uma unidade nacional, Portugal, no ponto mais ao ocidente do mundo conhecido, dirigia todos os seus esforços de nação unificada para a expansão comercial marítima, a descoberta de novas rotas e produtos novos, fundando assim, através de uma série de façanhas náuticas e militares, o seu vasto império comercial e mercantil, consequência terrena do pretexto sagrado de guerra aos infiéis e expansão da fé.

Fundiam-se assim, num desses raros momentos em que se dividem as águas da história, o ideal cavalheiresco e religioso medieval, tão importante ao surgimento do Estado português, feito por vias de reconquista, com a curiosidade empírica e científica, já da Renascença, de todo o processo das Grandes Navegações. A pesquisa científica direta, o reordenamento de todo o conhecimento astronômico, náutico, matemático, geográfico, linguístico, causa e consequência da epopeia expansionista, casava-se, desse modo, com o ideal heroico antigo e medieval, união das

virtudes bélicas do herói pagão clássico com o ideal superior do mártir cristão, além do cavalheirismo galante, típico do medievo.

A literatura portuguesa, após dar o último e maior fruto do medievalismo na obra de Gil Vicente, e esgotar, no *Cancioneiro geral*, um lirismo palaciano que não comportava mais a nova realidade, e cujas origens remontavam à própria origem da língua, começava então a receber de fora, da Itália especialmente, a estrutura formal que a conduziria ao apogeu. O retorno de Sá de Miranda da Itália, onde ficara cinco anos, o contato com Dante, Petrarca e Ariosto, a introdução dos metros do *dolce stil novo*, a releitura renascentista de todo o patrimônio clássico sobrevivente, a introdução do decassílabo, da *terza rima* e da oitava, bem como dos gêneros característicos do período, o soneto, a égloga, a canção etc., tudo isso vinha unir-se a um material literário autóctone, à historiografia militar colonial, à crônica trágico-marítima, ao relato de viagens, formando assim esse quase milagroso húmus necessário à eclosão da verdadeira epopeia.

Já então se perguntavam os poetas portugueses, em meio à convicção de que as façanhas da expansão nacional igualavam ou mesmo superavam as da Antiguidade Clássica, qual seria o novo Homero dessa nova raça de guerreiros e de nautas. E é sobre esse fundo histórico que aparece o homem, armado da pena e da espada, boêmio devasso e amante platônico, arruaceiro das noites de Lisboa e gigante espiritual e moral, encarcerado no Reino, mutilado em África, naufragado no Camboja, reencontrado na mais completa miséria em Moçambique, vagueando por três continentes, amante de aias da corte, cativas africanas e jovens chinesas, morrendo junto com a independência portuguesa, homem-síntese da Renascença, homem-símbolo de sua pátria, pai da língua e, junto com Tasso, o maior poeta épico do mundo moderno.

A VIDA

Quatro séculos de pesquisas, conjecturas, interpretações certas e errôneas, perda e achado de documentos e suposições com maior ou menor fundamento proporcionaram-nos por fim uma magra porém mais ou menos consensual biografia camoniana. Filho de Ana de Sá e Simão Vaz de Camões, fidalgo empobrecido de origens galegas, Luís Vaz de Camões deve ter nascido em Lisboa entre 1524 e 1525. As variadas hipóteses dadas por Manuel Severim de Faria, Pedro Mariz e Manuel de Faria e Sousa, confirmadas ou desmentidas por documentação posteriormente encontrada, reforçam essa afirmação.

Sua mocidade deve ter-se transcorrido em Coimbra, a contarmos com a confissão, num poema seu, de longo tempo e de amores passados junto ao Mondego. Sobre esta hipótese se levantam também as explicações para a cultura enciclopédica de Camões, que aí teria cursado a Universidade, fato sobre o qual jamais se encontrou algum documento comprobatório. Hipótese mais plausível relaciona os seus estudos com a presença em Coimbra de um seu tio, D. Bento, prior do Mosteiro de Santa Cruz e Cancelário da Universidade, que se teria encarregado da sua educação. Quanto à motivadora de seus amores coimbrãos, tudo se resume a hipóteses mais ou menos bem construídas.

De volta a Lisboa, teria participado de uma expedição ao Norte da África, provavelmente a Ceuta, onde, num combate com mouros, viria a perder o olho direito, ferido por um pelouro. De fato, numa de suas redondilhas das *Rimas* de 1598, alude ao conhecimento notório em Portugal dessa sua mutilação, através da referência à alcunha de Cara-sem-olhos que lhe dera uma dama patrícia.

Em 1550, de acordo com documento aludido por Manuel de Faria e Sousa, Camões teria se alistado para a Índia, mas esta partida só se deu de fato em 1553, como prova a famosa carta de perdão encontrada pelo Visconde de Juromenha na Torre do Tombo, quando preparava a sua edição das *Obras completas*. Nela dois desembargadores do Paço, em nome de D. João III, concedem um perdão em favor de Luís Vaz de Camões, preso no Tronco de Lisboa por ter ferido, junto com outro mascarado, certo Gonçalo Borges, no dia de *Corpus Christi*. Acrescenta a carta ser o réu mancebo pobre que partiria este ano para servir na Índia. O perdão é concedido com o pagamento de uma multa de quatro mil-réis. De fato, as cartas de Camões do mesmo período, que nos chegaram em apógrafos, no-

lo mostram numa convivência boêmia com prostitutas e arruaceiros, descrevem variadas cenas de espancamento e comentam sobre ordens de prisão contra vários membros do grupo, tipo de vida que reencontramos, aliás, num Benvenuto Cellini, num Marlowe ou num Caravaggio. Em resumo, após esse período conturbado, Camões embarca para a Índia em março de 1553, na armada de Fernando Álvares Cabral.

Começam então os 17 anos de peregrinação do poeta pelo Oriente. Ao que tudo indica participou de uma expedição ao Malabar e de outra ao estreito de Meca. Vagueou pela Índia e pela China, sempre perseguido pela pobreza, apesar da popularidade granjeada por seu engenho poético e valor pessoal. Naufragou na foz do rio Mekong, salvando a nado os originais de sua epopeia, como narra na estrofe 128 do último canto, morrendo, porém, no mesmo naufrágio, uma sua amante chinesa, origem do ciclo imortal de sonetos para Dinamene, nome de uma ninfa usado por ele para representá-la.

Em certo momento, promessas de trabalho o levaram para Moçambique, sem nada no entanto se haver concretizado, e onde inclusive chegou a ser preso por dívidas de viagem. Lá o vai encontrar Diogo do Couto, "tão pobre que vivia de amigos", tendo sido necessária uma cotização dos mesmos para lhe pagarem o retorno a Portugal, onde chegou a 7 de abril de 1570. Durante o período de Moçambique foi-lhe furtado o *Parnaso de Luís de Camões*, livro em que organizava suas poesias líricas.

Chegado a Lisboa, senhor apenas de seus escritos, busca em vão a proteção da família de Vasco da Gama, herói do Poema. Desencantado com o total desinteresse que encontra, introduz no mesmo algumas acerbas estâncias julgando o ocorrido. Finalmente, em setembro de 1571, consegue um privilégio para a impressão d'*Os Lusíadas*, que vem à luz no ano seguinte. Em 27 de julho de 1572, D. Sebastião lhe concede a pensão anual de 15.000 réis, quantia de valor medíocre, mas que será mantida após a morte do poeta em benefício de sua mãe.

Publicada a epopeia, nada mais de concreto se sabe sobre a vida de Camões, até sua morte a 10 de junho de 1580, data que é hoje o dia nacional de Portugal. Dois anos sobreviveu ao desastre de Alcácer-Quibir e à desaparição do monarca ao qual tão entusiasticamente incentivara para a ação bélica contra o inimigo infiel, impressionado que estava com a dissensão europeia perante a ameaça iminente do imperialismo otomano, até o advento da Batalha de Lepanto. Mais do que nunca deve ter sofrido a

amarga presciência da decadência nacional, que surge diversas vezes, de maneira impressionante, no corpo do Poema. Sob o governo fantasma do Cardeal D. Henrique vive seus dois últimos anos, vendo à sua volta a "austera, apagada e vil tristeza" que já antes sentira. Uma semana após a sua morte, Portugal perde a independência, sendo anexado por sessenta anos à Coroa Espanhola. Nesse exato momento se inicia a consagração mundial do seu nome e da sua obra.

A OBRA

A obra poética de Camões representa a suma de todos os gêneros do lirismo renascentista, como talvez nenhum contemporâneo seu de outra literatura tenha realizado, e a criação do português moderno, a mesma língua literária que usamos até hoje. Comparado com seus contemporâneos e antecessores próximos, a linguagem de Camões é intensamente viva, expressiva, flexível e liberta de arcaísmos. As mesmas formas introduzidas e utilizadas por Sá de Miranda encontram em Camões, com a diferença de pouquíssimos anos, a sua realização definita.

Em todos os gêneros do período escreveu, e em todos, excetuando o teatro em verso, onde o medievalismo lírico de Gil Vicente fica imbatível, superou a todos. Além da epopeia neoclássica representada pelos *Lusíadas*, deixou-nos cerca de duzentos sonetos, acompanhados pelas églogas, canções, odes, oitavas, sextinas, redondilhas, glosas, etc. Pelos sonetos, que vão do petrarquismo amoroso à meditação filosófica, do elogio histórico à confissão pessoal, é o maior mestre do gênero na história da língua. Em todo o resto da obra se mantém o altíssimo nível estético, a profundidade de pensamento e a inalterável grandeza moral, tudo culminando talvez na longa e profunda meditação lírica das

redondilhas “Sôbolos rios que vão”, síntese de uma vida, triunfo ético e religioso de um espírito sobre a sua própria contingência, suma platônica de toda a poesia ocidental e, muito provavelmente, o mais alto poema de nossa língua.

N’*Os Lusíadas* e na obra lírica cria Camões o grande decassílabo português, verso nobre da nossa poesia, com uma flexibilidade expressiva e emocional nunca superada. Todos os reparos feitos posteriormente à sua técnica são obra da incompreensão poética de metrificadores esteticamente imprestáveis, como Castilho e o famigerado padre José Agostinho de Macedo. Por obra do primeiro, seguida por parnasianos tão vazios quanto ele, chegaram a antepor o decassílabo bocagiano, com sua uniformidade bastante monocórdia, ainda que de correção a toda prova, ao de Camões, de ressonâncias emocionais ilimitadas. Tais opiniões caíram no mesmo vácuo onde foram parar os censores da epopeia, como Voltaire, com a sua implacável aversão a toda a grande poesia, atacando, aliás, junto com o poeta português, a Dante e a Shakespeare.

Pela primeira vez, com Camões, a língua atinge suas maiores possibilidades emocionais. O verso se amolda sonoramente ao que procura exprimir com a naturalidade milagrosa da verdadeira poesia. Encrespa-se como as ondas que descreve, estrondeia como as batalhas que narra, desfaz-se de languidez amorosa ou se arroja violentamente para o alto quando o infla o orgulho de cantor da pátria.

Ensombrece-se pressentindo os males que atingiriam o império, indigna-se com os maus-tratos dos poderosos para com os humildes e desvalidos, vibra belicamente descrevendo as façanhas heroicas e tremula com um visionarismo etéreo quando tenta enxergar nas névoas do futuro.

O tom muda às vezes de uma palavra a outra, sob o jugo de sua onipotência expressiva. Num soneto-epitáfio, onde narra a vida de um jovem marinheiro, e que assim termina:

> Me fez manjar de peixes em ti, bruto
> Mar, que bates na Abássia fera e avara,
> Tão longe da ditosa Pátria minha!

vemos o verso se encrespar numa sequência de bês, tês e erres, para quase se desfazer, liricamente, no último verso, expressão de amor e saudade do país natal.

Sua adjetivação é de uma expressividade incomparável, mais objetiva do que os substantivos na maioria dos poetas. Nunca em português se reencontrou a mestria caracterizadora da adjetivação camoniana, duma exatidão destituída de todo enfeite ou ouropel, em sequências célebres e inesquecíveis:

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida,
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

(Canto quinto, 39)

Na férvida e implacábil espessura;
……
Abraçados, as almas soltarão
Da fermosa e misérrima prisão.

(Canto quinto, 48)

Duma austera, apagada e vil tristeza.

(Canto décimo, 145)

Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo,

(Canto décimo, 154)

Toda a parte mais alta de sua poesia, os grandes sonetos, os episódios culminantes d'*Os Lusíadas*, possuem aquela mais rara qualidade da obra de arte sublime, que é a de parecer preexistente, nunca composta. Os versos dos sonetos a Dinamene e dos confessionais, da Inês de Castro, do Velho do Restelo, do Gigante Adamastor, da abertura e do final da epopeia parecem, para os nossos ouvidos criados na língua portuguesa, da qual ler Camões no original é um dos maiores privilégios, como eternamente existentes, em sua perfeição sobre-humana, no mundo platônico das ideias puras.

O *corpus* da obra lírica de Camões, quase inteiramente de publicação póstuma, a partir de 1595, foi variando durante quase trezentos anos de

atribuições cada vez menos fundadas. Um longo trabalho de crítica séria, iniciado no século XIX, repudiou tudo o que havia sido acrescentado de claramente apócrifo, chegando por fim a um conjunto de um nível aceitável de autenticidade.

OS LUSÍADAS

O neologismo lusíadas, ou seja, os lusitanos, os portugueses, foi criado em latim por André de Resende, no seu poema *Vicentius Levita et Martyr*, em 1545. Desde esse título, de origem erudita, fica claro o desejo de Camões de cantar um herói coletivo, a própria pátria portuguesa, da qual o Gama é apenas um momento de eleição e fio condutor. De todas as grandes epopeias, aliás, *Os Lusíadas* é a única que se calca num fato do passado recente, de acordo com o expresso objetivo do poeta de superar, apenas com verdades históricas, as fábulas dos antigos.

O Poema está dividido em 10 cantos, compreendendo 1102 oitavas. Os narradores principais são o próprio poeta e Vasco da Gama, havendo secundariamente narradores episódicos, como Fernão Veloso, Monçaide, Paulo da Gama, o Gigante Adamastor e Tétis, sem esquecer, dentro da índole fortemente oratória da obra, toda uma série de discursos e falas admiráveis, como as de Inês de Castro, Nuno Álvares, o marinheiro Leonardo, Egas Moniz e sobretudo as que ressaltam com uma força quase pré-romântica a presença marcante do seu autor.

Na abertura, seguindo a tradição clássica, temos uma proposição, a de cantar as armas e os varões gloriosos da história portuguesa; uma invocação às ninfas do Tejo, e uma dedicatória ao rei D. Sebastião. Finalmente, na oitava 19, começa a ação em si, com a navegação dos portugueses pelo Oceano Índico, enquanto ocorre um consílio dos deuses.

Baco se opõe à empresa, resguardando seus domínios no Oriente. Vênus, porém, apoia os lusitanos, reconhecendo na língua portuguesa a latina. A frota chega a Moçambique, escapa das tramas de Baco, e é desviada da rota de Quíloa por ação protetora de Vênus.

A intervenção dos deuses segue pelo Poema, dividindo-o em dois planos, que se fundirão na Ilha dos Amores, na contemplação da Máquina do Mundo. Entre inúmeras peripécias o Gama chega a Melinde, onde, transformado em narrador, descreve para o rei dessa terra a situação geográfica e a história da nação portuguesa até o momento da ação, além dos sucessos da viagem.

Em toda essa parte há episódios magistrais, como os das batalhas de Ourique e Aljubarrota, a fidelidade de Egas Moniz, a história de Inês de Castro, o sonho de D. Manuel, e finalmente a partida da frota, com a intervenção do Velho do Restelo, símbolo da oposição entre o espírito agrário feudal e o aventureirismo moderno, ao mesmo tempo que crítica violenta dos erros da política ultramarina portuguesa e, em maior nível, da insaciável ambição humana.

No canto quinto, espécie de cesura central do Poema, são descritas as navegações pela costa africana, os fenômenos até então mal conhecidos do Fogo de Santelmo e da tromba marinha, ápices da poesia descritiva mundial; o episódio humorístico da fuga de Veloso perseguido pelos cafres, anticlímax da narrativa culminante do Gigante Adamastor, transfiguração mitológica do Cabo da Boa Esperança, porta-voz profético do futuro sinistro das navegações naquele ponto tormentoso, através de episódios verídicos, alguns mesmo muito recentes, da história trágico-marítima. Esse momento altíssimo da história da literatura é a representação alegórica do custo terrível que os deuses e a Natureza cobram aos humanos que, submetendo-a, tornam-se imortais.

O cabo é dobrado, descreve-se o flagelo do escorbuto, e o Gama encerra a descrição ao rei de Melinde. Começa então a segunda metade do Poema, com um novo consílio dos deuses. Veloso narra o episódio cavalheiresco dos Doze da Inglaterra, a frota escapa de violenta tempestade mandada por Netuno, graças à ação de Vênus, e chega a Calicut, objetivo da viagem. Monçaide, mouro de Túnis, que lá encontram, descreve a história, geografia, costumes e religião da Índia aos navegantes. O governador visita então Paulo da Gama, que lhe narra novos episódios heroicos da história portuguesa representados numa série de estandartes. Instigado por

maquinações de Baco, o governador retém o Gama, que é libertado através de resgate. Todas essas peripécias dão ocasião a reflexões de Camões, de caráter sentencioso e quase proverbial, sobre as fraquezas e os vícios humanos.

Na volta para a pátria, chegam os portugueses à Ilha dos Amores, grande episódio alegórico, fusão da máquina mitológica com a simbologia histórica, prêmio metafórico para os marinheiros vencedores, onde a glória vindoura que coroa as grandes obras se representa pelos prazeres materiais presentes, e onde se realizam as bodas simbólicas de Vasco da Gama com Tétis, que lhe profetiza os feitos futuros dos portugueses, continuação da narração histórica anterior, e o leva para contemplar a Máquina do Mundo, culminação do Poema.

A esquadra alcança finalmente a foz do Tejo, e o poeta, com a voz enrouquecida pela indiferença decadente de seus contemporâneos, apostrofa-os, concluindo o último canto com uma série de reflexões morais e um convite direto a D. Sebastião para que realize façanhas bélicas ainda maiores do que as já cantadas, para serem imortalizadas pelo seu estro.

A fusão do maravilhoso pagão com o cristianismo, o enciclopédico cabedal de conhecimentos espalhados por toda a obra, o próprio tema da grande expansão marítima fazem d'*Os Lusíadas* a epopeia por excelência da Renascença, clássica e pré-barroca, mais caracteristicamente que a própria *Jerusalém Libertada* de Tasso, esta mais contrarreformista, pela substituição total do maravilhoso pagão pelo cristão, em que pese a sua magistral polifonia a três vozes do heroico, do amoroso e do fantástico.

O TEXTO

Na edição original d'*Os Lusíadas*, de 1572, com o pelicano para a esquerda, tal como na sua contrafação que apresenta a mesma data, foram identificados e corrigidos por estudos posteriores pouco mais de cem erros tipográficos, que já são matéria pacífica.

Existe, no entanto, o complexo problema dos manuscritos contemporâneos, alguns não mais existentes, como os citados por Faria e Sousa, com inúmeras variantes e oitavas omitidas, bem como manuscritos sobreviventes até hoje, alguns ainda em estudo. Há o manuscrito de Luís Franco Correia, aparecido no século XIX; o estudado em 1980 por Maria Antonieta Soares de Azevedo, e um outro pelo professor A. L. F. Askins. Também complexa é a possível relação de algumas das primeiras traduções espanholas com uma transmissão manuscrita contemporânea.

Reproduzimos, em apêndice à presente edição, as oitavas omitidas e desprezadas encontradas por Faria e Sousa nos dois manuscritos que teve em mãos no século XVII, estâncias estas, em muitos momentos, de evidente valor literário, de todo dignas do poeta. Retiramo-las da segunda edição das *Obras completas* publicada pelo Padre Tomás José de Aquino, em Lisboa, 1782. Quanto à ortografia e pontuação, seguimos a vigente, a exemplo da Edição Nacional portuguesa, excetuando todo caso de alteração de importância no caráter fonético e sobretudo métrico e rímico. Desta maneira, grafamos sempre *mim*, *assim* e *uma*, por exemplo, em vez de *mi*, *assi* e *ũa*, excetuando os casos em que a métrica ou a rima exigiam a forma original. Com este critério conseguimos um texto mais fluente para o leitor moderno, sem nenhuma alteração da forma poética, que é o ideal para a leitura estética, e não filológica, a que se propõe a presente edição, sendo facílima para qualquer leitor interessado a consulta de uma edição com a ortografia, muito irregular, aliás, do século XVI. Grafamos, seguindo o mesmo critério, sempre *para*, em vez de *pera* — o valor dessa vogal já não é o mesmo entre as prosódias brasileira e portuguesa atuais, sendo hipotético qual ele seria com exatidão século XVI —, *depois* no lugar de *despois*, *dois* onde estava *dous*, e *nasce* em vez de *nace* — caso este foneticamente complexo em Portugal, onde o *sc* é claramente chiante, mas não no Brasil. No caso da conhecida oitava 120 do canto terceiro, mantivemos, seguindo o procedimento exposto, *fruito* e *enxuito*, por causa da rima, acompanhando-os, no comentário, de sua forma atual, no entanto imediatamente reconhecível.

Quanto ao uso de maiúsculas, absolutamente caótico na primeira edição, por responsabilidade evidente de tipógrafos, tentamos manter a maior fidelidade ao original, alterando o que era erro evidente, desvio de um critério primordial ou ausência completa de qualquer lógica gráfica ou expressiva. As notas de pé de página buscam a facilitação rápida das possíveis dificuldades do leitor não erudito com as citações históricas e mitológicas, além de possíveis dificuldades linguísticas, tentando evitar qualquer corte maior no ritmo de leitura e visando sempre, como objetivo primordial, a fruição estética do Poema, daí elas se encontrarem sempre na mesma página do verso a que se referem, sinopticamente. Nas citações compreendidas no patrimônio comum dos conhecimentos de qualquer leitor, como nas já explicadas em passo anterior, exceto em casos de reiteração aconselhável, dispensamos qualquer nota.

Teve *Os Lusíadas* várias dezenas de traduções completas, em mais de vinte línguas, sem contar as de episódios em separado. Há traduções de alta qualidade, como a de Benito Caldera para o espanhol, editada junto com outra no ano da morte do poeta; a inglesa de Richard Burton, do ano do tricentenário da morte; ou a tradução húngara de Gyula Greguss, editada em 1864. Em italiano há várias versões completas em oitavas, e em francês as obviamente não satisfatórias em dísticos alexandrinos ou em prosa, além de diversas traduções alemãs, três em latim, três em sueco, duas em russo, o mesmo número em polonês, e outras tantas em romeno, chinês, holandês, dinamarquês, boêmio, árabe, hebraico, grego e tcheco.

Poetas de todo o mundo escreveram em homenagem a Camões, a começar por Tasso, Cervantes e Gôngora, passando obviamente por inúmeros compatriotas seus, como Bocage e Garrett, e um grande número de poetas brasileiros, Machado de Assis em primeiro lugar, com um belíssimo quarteto de sonetos. A figura heroica e romântica de Camões inspirou uma vasta novelística, incluindo romances de Eymery, Tissot, Mme. Gautier, Ferdinand Denis e Slauerhoff, entre outros.

Alexei Bueno

TASSO A CAMÕES

Soneto

Vasco, le cui felici ardite antenne
Incontro al sol che ne riporta il giorno
Spiegar le vele e fer colà ritorno
Ov'egli par che di cadere accenne,

Non più di te per aspro mar sostenne
Quel che fece al Ciclope oltraggio e scorno,
Nè chi turbò l'Arpie nel suo soggiorno
Nè diè più bel subietto a colte penne.

Ed or quella del colto e buon Luigi
Tant'oltre stende il glorioso volo,
Ch'i tuoi spalmati legni andar men lunge:

Ond'a quelli a cui s'alza il nostro Polo
Ed a chi ferma incontra i suoi vestigi
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

TASSO A CAMÕES

Soneto

Ó Vasco, que em tua ousada nau valente,
Em direção ao sol, que traz o dia,
Velas soltaste, e após tanta porfia
Tornaste enfim às bandas do Poente,

Não te ultrapassa, pelo mar fremente,
O que ao Ciclope ultraja e desafia,
Deixou mais belo assunto a pena ciente.
Nem o que na ilha perturbou a Harpia

Mas a do bom e culto Luís tão alto
Estende além seu voo glorioso
Que mais que as tuas naus o longe rende.

Do Polo austral ao nosso, seu radioso
Eco, onde chega num sonoro salto,
O curso de tua fama alarga e estende.

(*Trad. de Alexei Bueno*)

ALVARÁ RÉGIO DA EDIÇÃO DE 1572

Eu el Rey faço saber aos que este Aluara virem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camões pera que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Octaua rima chamada Os Lusiadas, que contem dez cantos perfeitos, na qual por ordem poetica em versos se declarão os principaes feitos dos Portugueses nas partes da India depois que se descobrio a nauegação pera ellas por mãdado del Rey dom Manoel meu visauo que sancta gloria aja, & isto com priuilegio pera que em tempo de dez anos que se começarão do dia que se a dita obra acabar de empremir, em diãte, se não possa imprimir nẽ vender em meus reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, nem leuar aas ditas partes da India pera se vender sem liceça do dito Luis de Camões ou da pessoa que pera isso seu poder tiuer, sob pena de que o contrario fizer pagar cinquoenta cruzados & perder os volumes que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camões, & a outra metade pera quem os acusar. E antes de se

a dita obra vender lhe sera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desembargadores do paço, o qual se declarará & porá impresso na primeira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se imprimir sera vista & examinada na mesa do conselho geral do santo officio da Inquisição pera cõ sua licença se auer de imprimir, & se o dito Luis de Camões tiuer acrecentados mais algũs Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença do santo officio, como acima he dito. E este meu Aluara se imprimirá outrosi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor como se fosse carta feita em meu nome por mim assinada & passada por minha Chancellaria sem embargo da Ordenação do segundo liuro, tit. xx. que diz que as cousas cujo effeito ouuer de durar mais que hum ano passem per cartas, & passando por aluaras não valhão. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa a xxiiii de Setembro, de MDLXXI. *Iorge da Costa o fiz escreuer.*

EV el Rey faço ſaber aos que eſte Aluara virem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camoẽs pera que poſſa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Oitaua rima chamada Os Luſiadas que constem dez cantos perfeitos, na qual per ordem poetica em verſos ſe declarão os principaes feitos dos Portugueſes nas partes da India depois que ſe deſcobrio a nauegação pera ellas por mãdado del Rey dom Manoel meu visauo que ſancta gloria aja, & isto com priuilegio pera que em tempo de dez anos que ſe começarão do dia que ſe a dita obra acabar de empremir em diãte, ſe não poſſa imprimir nẽ vender em meus reinos & ſenhorios nem trazer a elles de fora, nem leuar aas ditas partes da India pera ſe vender ſem licẽça do dito Luis de Camoẽs ou da peſſoa que pera iſſo ſeu podertiuer, ſob pena de quẽ o contrario fizer pagar cinquoenta cruzados & perder os volmes que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camoẽs, & a outra metade pera quem os acuſar. E antes de ſe a dita obra vender lhe ſera poſto o preço na meſa do deſpacho dos meus Deſembargadores do paço, o qual ſe declarará & porá impreſſo na primeira folha da dita obra pera ſer a todos notorio, & antes de ſe imprimir ſera viſta & examinada na meſa do conſelho geral do ſancto officio da Inquiſição pera cõ ſua licença ſe auer de imprimir, & ſe o dito Luis de Camões tiuer acrecentados mais algũs Cantos, tambem ſe imprimirão auendo pera iſſo licença do ſancto officio, como acima he dito. E eſte meu Aluara ſe imprimirá outroſi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor como ſe foſſe carta feita em meu nome por mim aſſinada & paſſada por minha Chancellaria ſem embargo da Ordenação do ſegundo liuro, tit. xx. que diz que as couſas cujo effeito ouuer de durar mais que hum ano paſſem per cartas, & paſſando por aluaras não valhão. Caſpar de Seixas o fiz em Lisboa ja. xxiiij. de Setembro, de M.D.LXXI. Iorge da Coſta o fez eſcreuer.

PARECER DO CENSOR DO SANTO OFÍCIO NA EDIÇÃO DE 1572

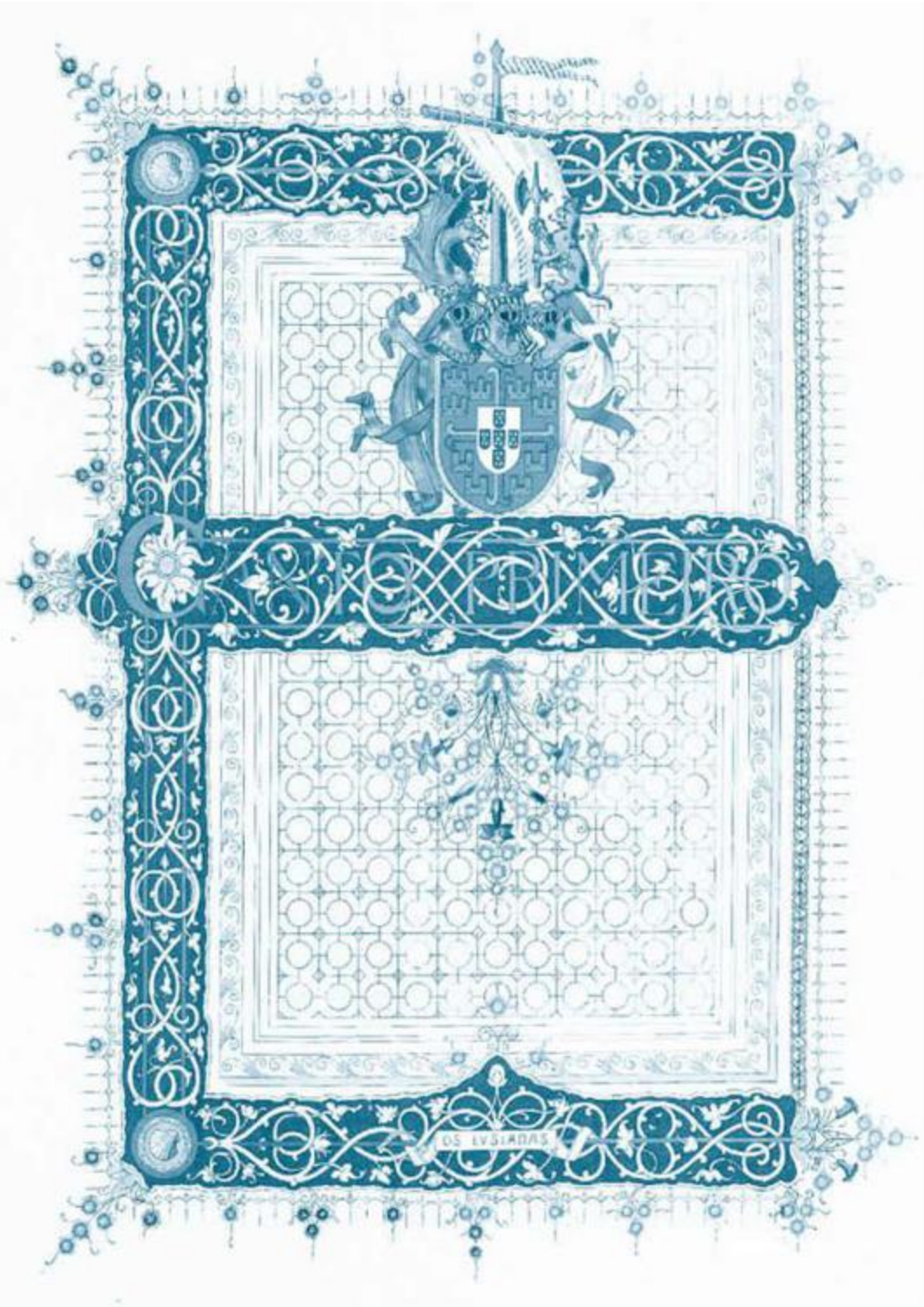
Vi por mandado da santa & geral inquisição estes dez Cantos dos Lusiadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizerão em Asia & Europa, & não achey nelles cousa algũa escandalosa nem contrária â fe & bõs custumes, somente me pareceo que era necessario aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficuldade da nauegação & entrada dos Portugueses na India, usa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deosas. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo Poetico não tiuemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendoa por tal, & ficando sempre salua a verdade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gentios sam Demonios. E por isso me pareceo o liuro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle muito engenho & muita erudição nas sciencias humanas. Em fe do qual assiney aqui.

Frey Bertholameu Ferreira.

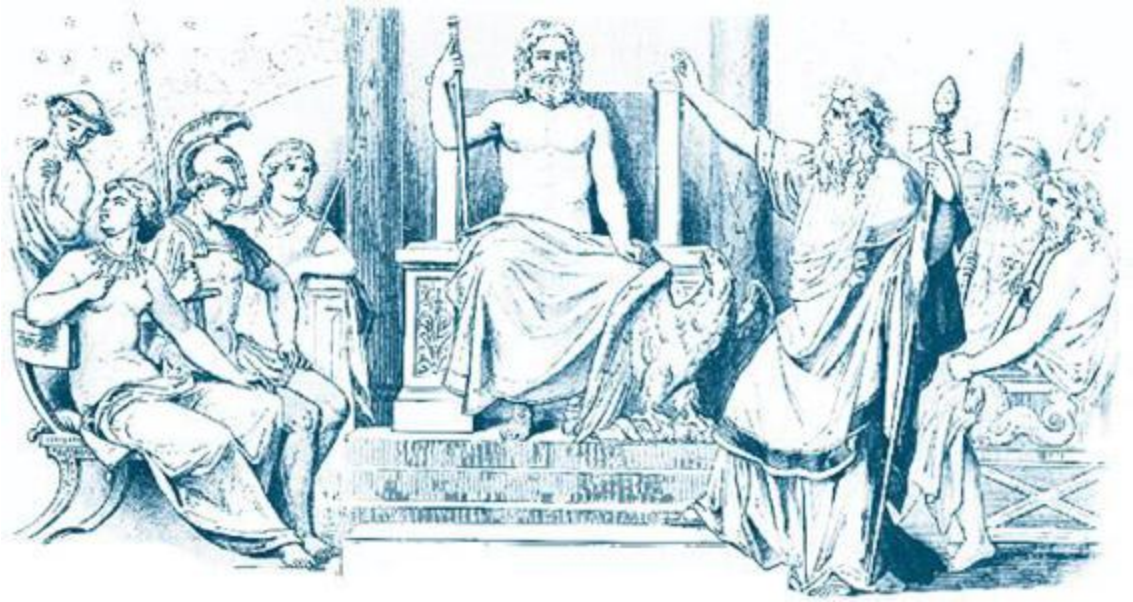
VI por mandado da ſanta & geral inquiſição eſtes dez Cantos dos Luſiadas de Luis de Camões, dos valeroſos feitos em armas que os Portugueſes fizerão em Aſia & Europa, & não achey nelles couſa alguã eſcandaloſa, nem contraria â ſe & bõs cuſtumes, ſomente me pareceo que era neceſſario aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficuldade da nauegação & entrada dos Portugueſes na India, vſa de hũa fição dos Deoſes dos Gentios. E ainda que ſancto Auguſtinho nas ſuas Retractações ſe retracte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Muſas Deoſas Toda via como iſto he Poeſia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o eſtilo Poetico não tiuemos por inconueniente yr eſta fabula dos Deoſes na obra, conhecendoa por tal. & ficando ſempre ſalua a verdade de noſſa ſancta fe, que todos os Deoſes dos Gẽtios ſam Demonios. E por iſſo me pareceo o liuro digno de ſe imprimir, & o Autor moſtra nelle muito engenho & muita erudição nas ſciencias humanas. Em fe do qual aſſiney aqui.

Frey Bertholameu
Ferreira.

Os Lusíadas


OS LVSIADAS

Canto primeiro



1 As armas e os barões[1] assinalados,
Que da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,[2]
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2 E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas[3]
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando
— Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

3 Cessem do sábio Grego e do Troiano[4]
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro[5] e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram,
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram;

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

4 E vós, Tágides[6] minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde[7] celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloquo e corrente,
Por que de vossas águas Febo[8] ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene.[9]

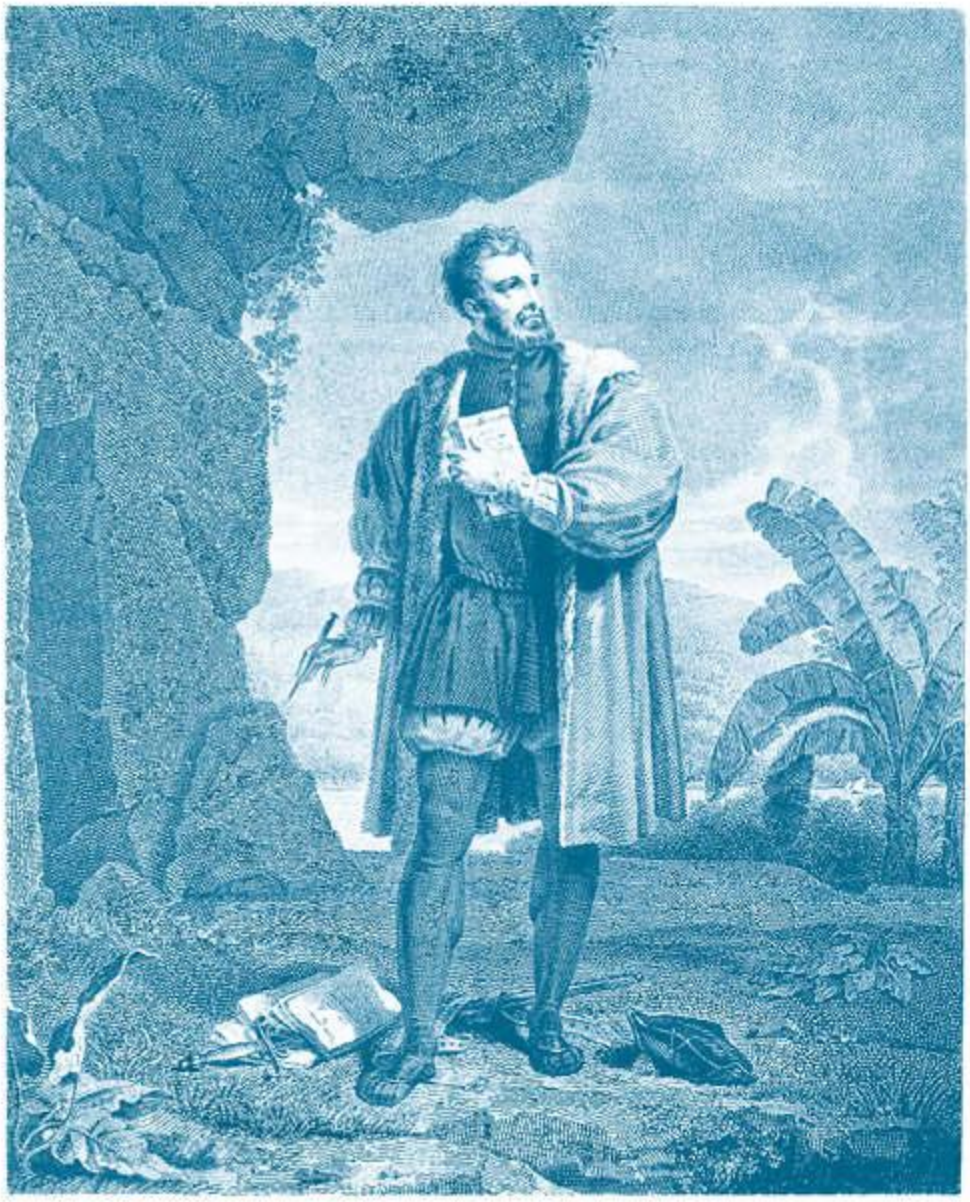
5 Dai-me uma fúria grande e sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe e se cante no Universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

6 E vós, ó bem nascida segurança[10]
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura[11] lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande:

7 Vós, tenro e novo ramo florescente
De uma árvore de Cristo[12] mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima[13] chamada
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Ele para si na Cruz tomou);[14]

8 Vós, poderoso Rei, cujo alto Império

O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando desce o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita[15] cavaleiro,
Do Turco Oriental e do Gentio[16]
Que inda bebe o licor do santo Rio:[17]



9 Inclinai por um pouco a majestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno Templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

10 Vereis amor da pátria, não movido
De prêmio vil, mas alto e quase eterno,
Que não é prêmio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

11 Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas;
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte[18] e o vão Rugeiro,[19]
E Orlando,[20] inda que fora verdadeiro.

12 Por estes vos darei um Nuno fero,[21]
Que fez ao rei e ao Reino tal serviço;
Um Egas[22] e um Dom Fuas,[23] que de Homero
A cítara para eles só cobiço;
Pois pelos Doze Pares dar-vos quero
Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço;[24]
Dou-vos também aquele ilustre Gama,
Que para si de Eneias toma a fama.

13 Pois se a troco de Carlos,[25] rei de França,
Ou de César, quereis igual memória,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança

Escura faz qualquer estranha glória;
E aquele que a seu Reino a segurança
Deixou, com a grande e próspera vitória;
Outro Joane, invicto cavaleiro;
O quarto e quinto Afonsos, e o terceiro.

14 Nem deixarão meus versos esquecidos
Aqueles que nos Reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,[26]
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco[27] fortíssimo e os temidos
Almeidas,[28] por quem sempre o Tejo chora,
Albuquerque[29] terríbil, Castro[30] forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

15 E, enquanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares,
De África as terras e do Oriente os mares.

16 Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exício afigurado;
Só com vos ver, o bárbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
Tétis[31] todo o cerúleo senhorio
Tem para vós por dote aparelhado,
Que, afeiçoada ao gesto belo e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.

17 Em vós se veem, da Olímpica morada,[32]
Dos dois avós[33] as almas cá famosas,
— Uma, na paz angélica dourada;
Outra, pelas batalhas sanguinosas;
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras valerosas;
E lá vos têm lugar, no fim da idade,

No templo da suprema Eternidade.

18 Mas, enquanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam,
E vereis ir cortando o salso argento[34]
Os vossos Argonautas,[35] por que vejam
Que são vistos de vós no mar irado;
E costumai-vos já a ser invocado.

19 Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas[36] ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteu[37] são cortadas,

20 Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu fermoso,
Vêm pela Via Láctea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,[38]
Pelo neto gentil do velho Atlante.[39]

21 Deixam dos Sete Céus[40] o regimento,
Que do Poder mais alto lhe foi dado,[41]
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.
Ali se acharam juntos num momento
Os que habitam o Arcturo[42] congelado,
E os que o Austro[43] têm e as partes onde
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde.

22 Estava o Padre[44] ali, sublime e dino,[45]
Que vibra os feros raios de Vulcano,

Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano;
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com ũa coroa e cetro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

23 Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas,[46] mais abaixo estavam
Os outros Deuses todos assentados,
Como a Razão e a Ordem concertavam
(Precedem os antigos, mais honrados;
Mais abaixo, os menores se assentavam);
Quando Júpiter alto, assim dizendo,
C'um tom de voz começa, grave e horrendo:

24 — "Eternos moradores do luzente,
Estelífero Polo[47] e claro Assento:
Se do grande valor da forte gente
De Luso[48] não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como é dos Fados grandes certo intento
Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

25 "Já lhe foi (bem o vistes) concedido,
C'um poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno;
Pois contra o Castelhano tão temido
Sempre alcançou favor do Céu sereno;
Assim que sempre, enfim, com fama e glória,
Teve os troféus pendentes da vitória.

26 "Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,
Que co'a gente de Rômulo alcançaram,
Quando com Viriato,[49] na inimiga
Guerra Romana, tanto se afamaram;
Também deixo a memória que os obriga
A grande nome, quando alevantaram

Um por seu capitão, que, peregrino,
Fingiu na cerva espírito divino.[50]

27 "Agora, vedes bem que, cometendo
O duvidoso mar num lenho[51] leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Áfrico[52] e Noto[53] a força, a mais se atreve:
Que, havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu propósito e porfia
A ver os berços onde nasce o dia.

28 "Prometido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar[54] que vê do Sol a roxa[55] entrada.
Nas águas têm passado o duro Inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

29 "E porque, como vistes, têm passados
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa africana como amigos,
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota."

30 Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro diferia,
Razões diversas dando e recebendo.
O Padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.[56]

31 Ouvido tinha aos Fados que viria
Uma gente fortíssima de Espanha

Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da Índia tudo quanto Dóris[57] banha,
E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha.
Altamente lhe dói perder a glória,
De que Nisa[58] celebra inda a memória.

32 Vê que já teve o Indo subjugado,
E nunca lhe tirou Fortuna ou caso[59]
Por vencedor da Índia ser cantado
De quantos bebem a água de Parnaso;[60]
Teme agora que seja sepultado
Seu tão célebre nome em negro vaso
De água do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portugueses que navegam.

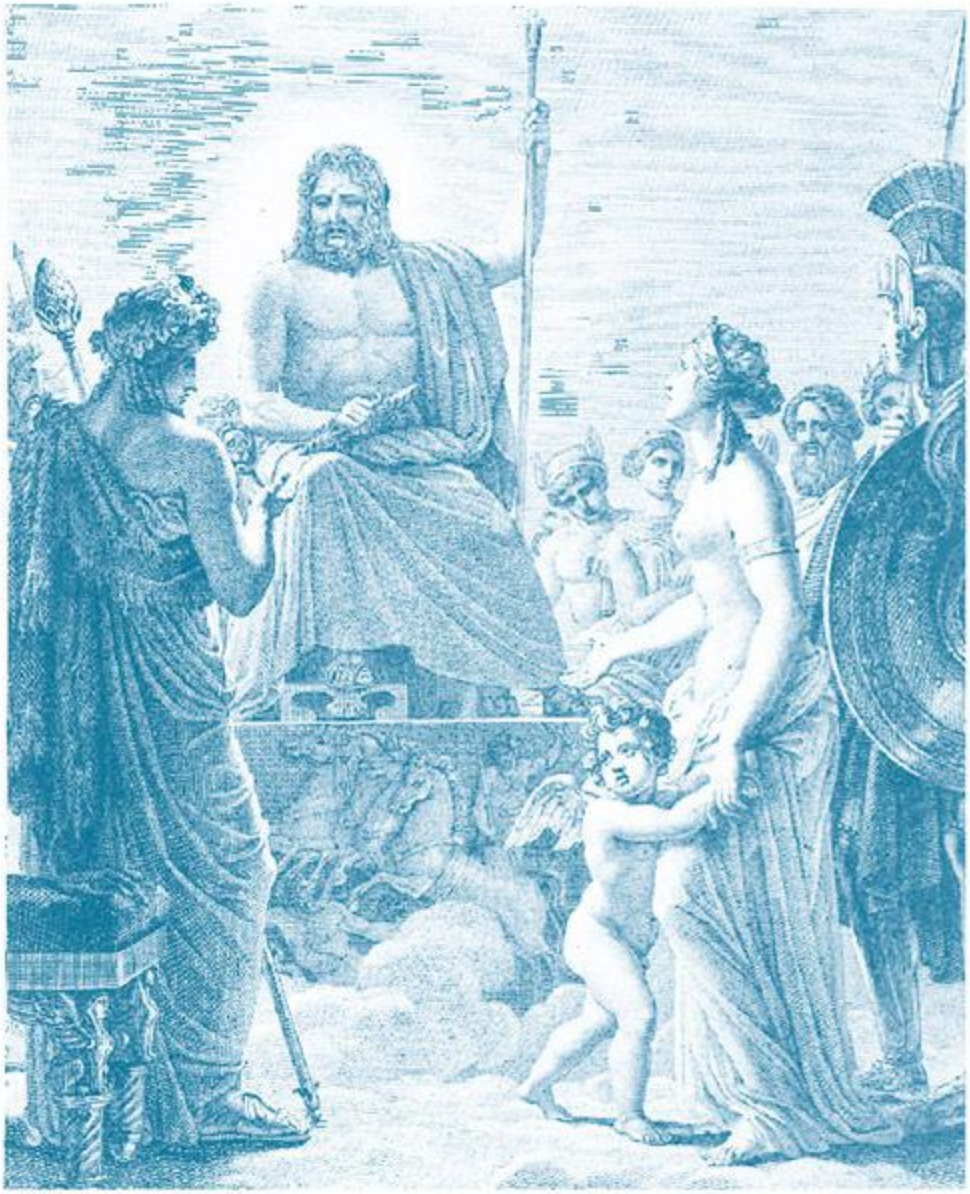
33 Sustentava contra ele Vênus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada, sua Romana,
Nos fortes corações, na grande estrela,
Que mostraram na Terra Tingitana,[61]
E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

34 Estas causas moviam Citereia[62]
E mais, porque das Parcas claro entende
Que há-de ser celebrada a clara Deia.[63]
Onde a gente belígera se estende.
Assim que um, pela infâmia que arreceia,
E o outro, pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem;[64]
A qualquer seus amigos favorecem.

35 Qual Austro fero ou Bóreas[65] na espessura,[66]
De silvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão de mata escura
Com ímpeto e braveza desmedida,
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:

Tal andava o tumulto levantado
Entre os Deuses no Olimpo consagrado.

36 Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De entre os Deuses em pé se levantava;
Merencório no gesto parecia;
O forte escudo, ao colo pendurado,
Deitando para trás, medonho e irado;



37 A viseira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se pôs diante
De Júpiter, armado, forte e duro;
E dando uma pancada penetrante
Co'o conto[67] do bastão no sólio puro,
O Céu tremeu, e Apolo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como enfiado;[68]

38 E disse assim: — "Ó Padre, a cujo império
Tudo aquilo obedece que criaste:
Se esta gente que busca outro Hemisfério,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vitupério,
Como há já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.

39 "Que, se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vêm, seu tão privado;[69]
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque enfim vem do estâmago[70] danado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece e o Céu deseja.

40 "E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
Não tornes por detrás, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercúrio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve e à seta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da Índia, e onde a gente se reforme."

41 Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentiu
No que disse Mavorte[71] valeroso,

E néctar sobre todos esparziu.
Pelo caminho Lácteo glorioso
Logo cada um dos Deuses se partiu,
Fazendo seus reais acatamentos,
Para os determinados aposentos.

42 Enquanto isto se passa na fermosa
Casa etérea do Olimpo onipotente,
Cortava o mar a gente belicosa
Já lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa Etiópica e a famosa
Ilha de São Lourenço;[72] e o Sol ardente
Queimava então os Deuses que Tifeu[73]
Co'o temor grande em peixes converteu.

43 Tão brandamente os ventos os levavam
Como quem o Céu tinha por amigo;
Sereno o ar e os tempos se mostravam,
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontório Prasso[74] já passavam,
Na costa de Etiópia, nome antigo,
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas que em torno cerca e lava.

44 Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se oferece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem Fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão,
Que inabitada a terra lhe parece;
Por diante passar determinava,
Mas não lhe sucedeu como cuidava.

45 Eis aparecem logo em companhia
Uns pequenos batéis, que vêm daquela
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela.
A gente se alvoroça, e de alegria,
Não sabe mais que olhar a causa dela.
— "Que gente será esta?" (em si diziam)

"Que costumes, que Lei, que Rei teriam?"

46 As embarcações eram na maneira
Mui velozes, estreitas e compridas;
As velas com que vêm eram de esteira,
Dumas folhas de palma bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira
Que Faeton,[75] nas terras acendidas,
Ao mundo deu, de ousado e não prudente
(O Pado o sabe e Lampetusa o sente).[76]

47 De panos de algodão vinham vestidos,
De várias cores, brancos e listrados;
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados;
Das cintas para cima vêm despidos;
Por armas têm adagas e terçados;
Com toucas na cabeça; e, navegando,
Anafis[77] sonorosos vão tocando.

48 Co'os panos e co'os braços acenavam
Às gentes Lusitanas que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto às Ilhas amainassem.
A gente e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos se acabassem:
Tomam velas; amaina-se a verga alta;
Da âncora o mar ferido em cima salta.

49 Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia.
No gesto ledos vêm, e humanamente
O Capitão sublime os recebia;
As mesas manda pôr em continente;[78]
Do licor que Lieu[79] plantado havia
Enchem vasos de vidro; e do que deitam
Os de Faeton queimados nada enjeitam.

50 Comendo alegremente, perguntavam,
Pela Arábica língua, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscavam,

Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas que convinham:
— "Os Portugueses somos do Ocidente;
Imos[80] buscando as terras do Oriente.

51 "Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antártico e Calisto;[81]
Toda a costa Africana rodeado,
Diversos céus e terras temos visto;
Dum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos e benquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Aqueronte.[82]

52 "E, por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental que o Indo rega;
Por ele o mar remoto navegamos.
Que só dos feios focas[83] se navega;
Mas já razão parece que saibamos
— Se entre vós a verdade não se nega —
Quem sois, que terra é esta que habitais,
Ou se tendes da Índia alguns sinais."

53 — "Somos (um dos das Ilhas lhe tornou)
Estrangeiros na terra, Lei e nação;
Que os próprios são aqueles que criou
A Natura, sem Lei e sem Razão.
Nós temos a Lei certa que ensinou
O claro descendente de Abraão,[84]
Que agora tem do mundo o senhorio;
(A mãe Hebreia teve, e o pai Gentio).

54 "Esta Ilha pequena, que habitamos,
É em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quíloa,[85] de Mombaça[86] e de Sofala,[87]
E, por ser necessária, procuramos,
Como próprios da terra, de habitá-la;
E, por que tudo enfim vos notifique,

Chama-se a pequena Ilha — Moçambique.[88]

55 “E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Idaspe[89] e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente.
Também será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente,
Que esta terra governa, que vos veja
E do mais necessário vos proveja.”

56 Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus batéis com toda a companhia;
Do Capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortesia.
Nisto, Febo nas águas encerrou
Co’o carro de cristal o claro dia,
Dando cargo à Irmã[90] que alumiasse
O largo mundo, enquanto repousasse.

57 A noite se passou, na lassa frota,
Com estranha alegria e não cuidada,
Por acharem, da terra tão remota,
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então consigo cuida e nota
Na gente e na maneira desusada,
E como os que na errada Seita[91] creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

58 Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argênteas ondas Netuninas;
As Estrelas os Céus acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

59 Mas, assim como a Aurora marchetada
Os fermosos cabelos espalhou,
No céu sereno abrindo a roxa entrada

Ao claro Hiperiônio,[92] que acordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria,
O Regedor das Ilhas, que partia.

60 Partia alegremente navegando,
A ver as naus ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que são aquelas gentes inumanas,
Que, os aposentos Cáspios habitando,
A conquistar as terras asianas
Vieram, e, por ordem do Destino,
O império tomaram a Constantino.[93] [94]

61 Recebe o Capitão alegremente
O Mouro e toda sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças um presente,
Que só para este efeito já trazia;
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente,
Não usado licor que dá alegria;[95]
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.

62 Está a gente marítima de Luso
Subida pela enxárcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso,
E a linguagem tão bárbara e enleada.
Também o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o trajo e a forte armada;
E, perguntando tudo, lhe dizia
Se porventura vinham de Turquia.

63 E mais lhe diz também que ver deseja
Os livros de sua Lei, preceito ou fé,
Para ver se conforme à sua seja,
Ou se são dos de Cristo, como crê;
E, por que tudo note e tudo veja,
Ao Capitão pedia que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam

Quando co'os inimigos pelejavam.

64 Responde o valeroso Capitão,
Por um que a língua escura bem sabia:
— "Dar-te-ei, senhor ilustre, relação
De mim, da Lei, das armas que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia,
Mas sou da forte Europa belicosa;
Busco as terras da Índia tão famosa.

65 "A lei tenho d'Aquele a cujo império
Obedece o visíbil e invisíbil,
Aquele que criou todo o Hemisfério,
Tudo o que sente e todo o insensíbil,
Que padeceu desonra e vitupério,
Sofrendo morte injusta e insofríbil,
E que do Céu à Terra, enfim, desceu,
Por subir os mortais da Terra ao Céu.

66 "Deste Deus-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia,
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria;
Como amigo as verás, porque eu me obrigo
Que nunca as queiras ver como inimigo."

67 Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras;
Vêm arneses e peitos reluzentes,
Malhas finas e lâminas seguras,
Escudos de pinturas diferentes,
Pelouros,[96] espingardas de aço puras,
Arcos e sagitíferas[97] aljavas,
Partazanas[98] agudas, chuças bravas.

68 As bombas vêm de fogo, e juntamente
As panelas sulfúreas tão danosas;
Porém aos de Vulcano[99] não consente

Que deem fogo às bombardas temerosas,
Porque o generoso ânimo e valente,
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto pode, e com razão,
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

69 Porém disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que viu com olho atento,
Um ódio certo na alma lhe ficou,
Uma vontade má de pensamento;
Nas mostras e no gesto o não mostrou,
Mas, com risonho e ledo fingimento,
Tratá-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

70 Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem pudesse à Índia ser levado;
Diz-lhe que o largo prêmio levarão
Do trabalho que nisso for tomado.
Promete-lhos o Mouro, com tenção
De peito venenoso e tão danado,
Que a morte, se pudesse, neste dia
Em lugar de pilotos lhe daria.

71 Tamanho o ódio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros súbito tomou,
Sabendo ser sequazes da Verdade,
Que o filho de David[100] nos ensinou!
Oh segredos daquela Eternidade
A quem juízo algum não alcançou!
Que nunca falte um pérfido inimigo
Àqueles de quem foste tanto amigo!

72 Partiu-se nisto, enfim co'a companhia,
Das naus o falso Mouro despedido,
Com enganosa e grande cortesia,
Com gesto ledo a todos e fingido.
Cortaram os batéis a curta via
Das águas de Netuno; e, recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,[101]

Se foi o Mouro ao cógnito aposento.

73 Do claro Assento etéreo, o grão[102] Tebano,[103]
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto e aborrecido,
No pensamento cuida um falso engano,
Com que seja de todo destruído,
E, enquanto isto só na alma imaginava,
Consigo estas palavras praticava:

74 "Está do Fado já determinado
Que tamanhas vitórias, tão famosas,
Hajam os Portugueses alcançado
Das indianas gentes belicosas,
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei-de sofrer que o Fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?!

75 "Já quiseram os Deuses que tivesse
O filho de Filipe[104] nesta parte
Tanto poder, que tudo submetesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte;
Mas há-se de sofrer que o Fado desse
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Que eu, co'o grão Macedônio e o Romano,[105]
Demos lugar ao nome Lusitano?!

76 "Não será assim, porque, antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei à Terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura gente,
Porque sempre por via irá direita
Quem do oportuno tempo se aproveita."

77 Isto dizendo, irado e quase insano,
Sobre a terra Africana descendeu,
Onde, vestindo a forma e gesto humano,

Para o Prasso sabido se moveu;
E, por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
Dum Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sábio, e co'o xeque mui valido.[106]

78 E, entrando assi a falar-lhe, a tempo e horas
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz como eram gentes roubadoras
Estas que ora de novo são chegadas;
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

79 — "E sabe mais (lhe diz) como entendido
Tenho destes Cristãos sanguinolentos,
Que quase todo o mar têm destruído
Com roubos, com incêndios violentos;
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós; e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos cativarem.

80 "E também sei que têm determinado
De vir por água a terra muito cedo,
O Capitão, dos seus acompanhado,
Que da tenção danada nasce o medo.
Tu deves de ir também co'os teus armado
Esperá-lo em cilada, oculto e quedo,
Porque, saindo a gente descuidada,
Cairão facilmente na cilada.

81 "E se inda não ficarem deste jeito
Destruídos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de jeito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruídos,

Desbaratados, mortos ou perdidos.”

82 Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro, nos tais casos sábio e velho,
Os braços pelo colo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho;
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belígero aparelho,
Para que ao Português se lhe tornasse
Em roxo sangue a água que buscasse.

83 E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro que por piloto à nau lhe mande,
Sagaz, astuto e sábio em todo o dano,
De quem fiar se possa um feito grande;
Diz-lhe que, acompanhando o Lusitano,
Por tais costas e mares com ele ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante
Vá cair onde nunca se alevante.

84 Já o raio Apolíneo visitava
Os Montes Nabateios acendido,[107]
Quando o Gama co’os seus determinava
De vir por água a terra apercebido.
A gente nos batéis se concertava
Como se fosse o engano já sabido;
Mas pôde suspeitar-se facilmente,
Que o coração pressago nunca mente.

85 E mais também mandado tinha a terra,
De antes, pelo piloto necessário,
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrário.
Por isto e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu pérfido adversário,
Apercebido vai, como podia,
Em três batéis somente que trazia.

86 Mas os Mouros, que andavam pela praia
Por lhe defender[108] a água desejada,
Um de escudo embraçado e de azagaia,[109]

Outro de arco encurvado e seta ervada,[110]
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada;
E, porque o caso leve se lhe faça,
Põem uns poucos diante por negaça.

87 Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os belicosos Mouros acenando
Com a adarga[111] e co'a hástea perigosa,
Os fortes Portugueses incitando.
Não sofre muito a gente generosa
Andar-lhe os Cães os dentes amostrando;
Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que é primeiro:

88 Qual no corro[112] sanguino o ledo amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O touro busca, e, pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena e brada,
Mas o animal atroce, nesse instante,
Com a fronte cornígera inclinada,
Bramando, duro corre e os olhos cerra,
Derriba, fere e mata e põe por terra.

89 Eis nos batéis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilharia;
A plúmbea pela[113] mata, o brado espanta;
Ferido, o ar retumba e assobia.
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria;
Já foge o escondido, de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

90 Não se contenta a gente Portuguesa,
Mas seguindo a vitória estrui[114] e mata;
A povoação sem muro e sem defesa
Esbombardeia, acende e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que bem cuidou comprá-la mais barata;
Já blasfema da guerra e maldizia

O velho inerte e a mãe que o filho cria.[115]

91 Fugindo, a seta o Mouro vai tirando[116]
Sem força, de cobarde e de apressado,
A pedra, o pau e o canto[117] arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado.
Já a Ilha e todo o mais desamparando,
À terra firme foge, amedrontado;
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

92 Uns vão nas almadias[118] carregadas;
Um corta o mar a nado, diligente;
Quem[119] se afoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombam as miúdas bombardadas
Os pangaios[120] sutis da bruta gente.
Desta arte o Português enfim castiga
A vil malícia, pérfida, inimiga.

93 Tornam vitoriosos para a armada
Co'o despojo da guerra e rica presa,
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistência nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No ódio antigo mais que nunca acesa,
E, vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

94 Pazes cometer manda, arrependido,
O Regedor daquela iníqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido
Que, em figura de paz, lhe manda guerra;
Porque o piloto falso prometido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar à morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.

95 O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha

Para ir buscar o Indo desejado,
Recebendo o piloto que lhe vinha,
(Foi dele alegremente agasalhado)
E respondendo ao mensageiro, a tento,
As velas manda dar ao largo vento.

96 Desta arte despedida, a forte armada
As ondas de Anfitrite[121] dividia,
Das filhas de Nereu[122] acompanhada
— Fiel, alegre e doce companhia.
O Capitão, que não caía em nada
Do enganoso ardil que o Mouro urdia,
Dele mui largamente se informava
Da Índia toda e costas que passava.

97 Mas o Mouro, instruído nos enganos
Que o malévolo Baco lhe ensinara,
De morte ou cativeiro novos danos,
Antes que à Índia chegue, lhe prepara.
Dando razão dos portos indianos,
Também tudo o que pede lhe declara,
Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

98 E diz-lhe mais, co'o falso pensamento
Com que Sínon os Frígios enganou,[123]
Que perto está uma Ilha, cujo assento
Povo antigo Cristão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava atento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dádivas grandes lhe rogava
Que o leve à terra onde esta gente estava.

99 O mesmo o falso Mouro determina
Que o seguro Cristão lhe manda e pede,
Que a Ilha é possuída da malina
Gente que segue o torpe Mahamede.[124]
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
À Moçambique esta Ilha, que se chama

Quíloa, mui conhecida pela fama.

100 Para lá se inclinava a leda frota;
Mas a deusa em Citera celebrada,[125]
Vendo como deixava a certa rota
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente dela tanto amada,
E com ventos contrários a desvia
Donde o piloto falso a leva e guia.

101 Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iníqua cometendo,
Ainda em seu propósito constante,
Lhe diz que, pois as águas discorrendo
Os levaram por força por diante,
Que outra Ilha têm perto, cuja gente
Eram Cristãos com Mouros juntamente.

102 Também nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava,
Que aqui gente de Cristo não havia,
Mas a que a Mahamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a Ilha demandava;
Mas, não querendo a Deusa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fora.

103 Estava a Ilha à terra tão chegada,
Que um estreito pequeno a dividia;
Uma cidade nela situada,
Que na fronte do mar aparecia,
De nobres edifícios fabricada,
Como por fora ao longe descobria,
Regida por um rei de antiga idade;
Mombaça é o nome da Ilha e da cidade.

104 E sendo a ela o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo batizado,

Como o falso piloto lhe dissera,
Eis vêm batéis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era,
Que Baco muito de antes o avisara,
Na forma doutro Mouro, que tomara.

105 O recado que trazem é de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto,
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes e gravíssimos perigos,
Oh caminho da vida nunca certo,
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!

106 No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?



Notas

[1]Varões.

[2]O Ceilão.

[3]Seguidoras de falsas religiões.

[4]Ulisses e Eneias.

[5]Alexandre, o Grande. As duas formas aparecem no Poema.

[6]As ninfas do Tejo.

[7]A poesia lírica, pastoril.

[8]Apolo, deus que presidia a arte da poesia.

[9]Fonte no monte Hélicon, aberta pela pata de Pégaso, montado por Apolo. Dava inspiração poética a quem nela bebia.

[10]O rei D. Sebastião.

[11]Moura.

[12]A família real portuguesa.

[13]As linhagens reais da Alemanha e da França.

[14]Do verso quinto ao oitavo: os cinco escudos das armas portuguesas, representando as cinco chagas de Cristo e os cinco reis mouros vencidos por Afonso Henriques, na batalha de Ourique.

[15]Árabe.

[16]Não cristão, idólatra.

[17]Referência ao rio Ganges e aos indianos.

[18]Herói do poema *Orlando Innamorato*, de Boiardo.

[19]Personagem do *Orlando Furioso*, de Ariosto.

[20]*Rolland*, um dos doze pares de Carlos Magno, de acordo com a lenda medieval.

[21]Nuno Álvares Pereira, o Condestável, vencedor da batalha de Aljubarrota.

[22]Egas Moniz, aio de Afonso Henriques, símbolo da lealdade portuguesa.

[23]Dom Fuas Roupinho, herói militar e naval da Reconquista.

[24]Álvares Gonçalves Coutinho, líder dos Doze da Inglaterra, episódio narrado no canto sexto.

[25]Carlos Magno.

[26]Ilustres, altos.

[27]Duarte Pacheco Pereira, defensor de Cochim.

[28]D. Francisco de Almeida, vice-rei da Índia, e seu filho D. Lourenço de Almeida, morto em Chaul.

[29]Afonso de Albuquerque, o grande vice-rei da Índia.

[30]D. João de Castro, vice-rei da Índia, libertador de Diu.

[31]Deusa do mar, esposa do Oceano. Cerúleo senhorio é o mar.

[32]Representando aqui o Céu cristão.

[33]Os avós paterno e materno de D. Sebastião, D. João III e Carlos V.

[34]Salso como salgado, argento como prata, ou seja, o mar.

[35]Os navegantes gregos comandados por Jasão.

[36]Pronuncia-se com quatro sílabas, como também *quietos* com três, durante todo o Poema.

[37]Gado de Próteu: os peixes e animais marinhos. Proteu, filho de Netuno e de Fenice. Acentua-se aqui na primeira sílaba.

[38]Júpiter, deus dos trovões.

[39]Neto gentil do velho Atlante: Mercúrio.

[40]Os sete planetas, na astronomia antiga.

[41]*Lhes foi dado*. Em todo *Os Lusíadas* o pronome *lhe* é sempre invariável, independente de se referir a *ele* ou *eles*, não se flexionando pelo número, como era de uso no século XVI.

[42]Pela posição da estrela, o Norte.

[43]Pelo mesmo motivo, o Sul.

[44]Júpiter.

[45]Digno, em forma arcaica, como *malino* por *maligno*, *benino* por *benigno*, em várias passagens do Poema.

[46]Pérolas.

[47]O Céu.

[48]Gente de Luso: os portugueses. Luso é um companheiro de Baco, que teria dado nome à Lusitânia.

[49]Chefe dos lusitanos na guerra contra a dominação romana.

[50]Do verso sexto ao oitavo: referência a Quinto Sertório, pretor romano a quem os lusitanos convidaram para chefe, e que trazia uma cerva domesticada à qual atribuía poder divino.

[51]Navio.

[52]O vento sudoeste.

[53]O vento sul.

[54]O Oceano Índico.

[55]Vermelha. Roxo, através do Poema, designa geralmente a cor vermelha, como até hoje nas outras línguas latinas as palavras com a mesma origem.

[56]Do verso quinto ao oitavo: Baco era conhecido como conquistador da Índia.

[57]Filha do Oceano e de Tétis.

[58]Cidade da Índia, de acordo com a lenda fundada por Baco.

[59]Acaso.

[60]A água da fonte Castália, no monte Parnaso, inspiradora dos poetas.

[61]Relativa a Tânger, cidade do Marrocos conquistada pelos portugueses.

[62]Vênus, por ser adorada em Citera.

[63]Deusa.

[64]Deve-se elidir a conjunção *e* na sílaba final de *debatem* na leitura deste verso.

[65]Austro, Bóreas: dois dos quatro ventos.

[66]Mata, floresta.

[67]Extremidade inferior.

[68]Empalidecido.

[69]Íntimo.

[70]Estômago, no sentido de ânimo, disposição.

[71]Marte.

[72]Madagascar.

[73]Um dos Titãs que pretenderam escalar o céu. Por uma complexa perífrase mitológica e astronômica o poeta se refere ao mês de fevereiro.

[74]O Cabo Delgado, entre Zanzibar e Moçambique.

[75]Filho de Climene e Apolo, fulminado por Júpiter por dirigir desastrosamente o carro do Sol, que o pai lhe dera.

[76]O Pado é o rio Pó, onde Faeton caiu fulminado. Lampetusa é uma das suas irmãs, convertidas em choupos por o chorarem.

[77]Trombetas dos mouros.

[78]Incontinenti.

[79]Epíteto de Baco, o primeiro a plantar a vinha.

[80]Vamos, em conjugação antiga.

[81]Por perífrase, ao sul e ao norte, respectivamente a parte do Antártico e a de Calisto, a Ursa Maior.

[82]Um dos quatro rios do Inferno.

[83]Foca era dos dois gêneros, fixando-se depois no feminino.

[84]Descendente de Abraão: Maomé, filho de Abdala, gentio, e Amina, hebreia.

[85]Cidade na costa de Zanzibar.

[86]Cidade situada na mesma costa.

[87]Cidade de Moçambique.

[88]Refere-se à pequena ilha descoberta por Vasco da Gama em 1498, e não ao território que tomou o mesmo nome.

[89]Afluente do rio Indo.

[90]A lua.

[91]O islamismo.

[92]O sol.

[93]Do verso quarto ao oitavo: os cinco versos se referem aos turcos otomanos, que tomaram Constantinopla, destruindo o Império Bizantino.

[94]Lê-se este verso com uma elisão romana, absorvendo o *a* na sílaba final anasalada de *tomaram*.

[95]O vinho.

[96]Balas das primitivas peças de artilharia.

[97]Que contêm setas.

[98]Espécie de alabarda.

[99]Aos de Vulcano: artilheiros.

[100]O filho de David: Jesus Cristo, da Casa de David.

[101]Obsequente ajuntamento: o séquito obediente.

[102]Forma apocopada do adjetivo *grande*, portanto usada para substantivos de ambos os gêneros durante todo o Poema.

[103]Baco, nascido da coxa de Júpiter, seu pai, que lá o terminou de gerar, após matar Sêmele, sua mãe.

[104]Alexandre Magno, que conquistou a Índia.

[105]Alexandre e Trajano. Na primeira edição falta o artigo definido de Romano, que restituímos.

[106]Protegido, favorito.

[107]Do verso primeiro ao segundo: raio Apolíneo é o sol, nascendo nos montes da Arábia Pétrea, ou seja, ao Oriente.

[108]Impedir.

[109]Lança curta.

[110]Envenenada.

[111]Escudo oval com uma braçadeira para a mão e outra para o braço.

[112]Arena.

[113]Plúmbea pela: bala de chumbo.

[114]Destrói.

[115]Por não poderem auxiliar na guerra.

[116]Atirando.

[117]Pedregulho.

[118]Embarcação estreita e comprida, feita num só tronco de árvore.

[119]Um, outro.

[120]Pequena embarcação, feita de cascas de árvore.

[121]Deusa do mar, esposa de Netuno.

[122]Filho do Oceano. Teve, de seu casamento com Dóris, cinquenta filhas, as Nereidas.

[123]Sínon, príncipe grego que aconselhou os troianos, ou frígios, habitantes da Ásia, a receber dentro das muralhas o Cavalo de Troia.

[124]Ou Mafamede, ou Mafoma, ou seja, Maomé.

[125]Vênus, reverenciada na ilha de Citera.



CANTO SEGVNDO.

Canto segundo



1 Já neste tempo o lúcido Planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava à desejada e lenta meta,
A luz celeste às gentes encobrindo,[1]
E da Casa marítima secreta
Lhe estava o Deus Noturno a porta abrindo,
Quando as infidas gentes se chegaram
Às naus, que pouco havia que ancoraram.

2 Dentre eles um, que traz encomendado
O mortífero engano, assim dizia:
— "Capitão valeroso, que cortado
Tens de Netuno o Reino e salsa via:
O rei que manda esta Ilha, alvoraçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te e do necessário reformar-te.

3 "E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda a armada;
E, porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente débil e cansada,

Diz que na terra podes reformá-la,
Que a natureza obriga a desejá-la.

4 “E se buscando vás[2] mercadoria,
Que produze o aurífero Levante,[3]
Canela, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutífera e prestante,
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rígido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo
Com que faças o fim a teu desejo.”

5 Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo,
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro, obedecendo;
Porém que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

6 Pergunta-lhe depois se estão na terra
Cristãos, como o piloto lhe dizia;
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz que a mais da gente em Cristo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita e cauta fantasia;
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

7 E de alguns que trazia, condenados
Por culpas e por feitos vergonhosos,
Por que pudessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dois mais sagazes, ensaiados,
Por que notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e por que vejam
Os Cristãos, que só tanto ver desejam.

8 E por estes ao Rei presentes manda,
Por que a boa vontade que mostrava

Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrário em tudo estava.
Já a companhia pérfida e nefanda
Das naus se despedia, e o mar cortava;
Foram com gestos ledos e fingidos
Os dois da frota em terra recebidos.

9 E, depois que ao Rei apresentaram
Co'o recado os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquilo que queriam,
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam,
Que, onde reina a malícia, está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

10 Mas aquele que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua e foi nascido
De duas mães, que urdia a falsidade[4]
Por ver o navegante destruído,
Estava numa casa da cidade
Com rosto humano e hábito fingido,
Mostrando-se Cristão, e fabricava
Um altar suntuoso, que adorava.

11 Ali tinha em retrato afigurada
Do alto e Santo Espírito a pintura,
A cândida Pombinha debuxada
Sobre a única Fênix, virgem pura;[5]
A companhia santa está pintada
Dos doze, tão torvados na figura
Como os que, só das línguas que caíram
De fogo, várias línguas referiram.[6]

12 Aqui os dois companheiros conduzidos
Onde com este engano Baco estava,
Põem em terra os giolhos,[7] e os sentidos
Naquele Deus que o Mundo governava.
Os cheiros excelentes, produzidos
Na Pancaia[8] odorífera, queimava

O Tioneu;[9] e assim por derradeiro
O falso Deus adora o verdadeiro.

13 Aqui foram de noite agasalhados,
Com todo o bom e honesto tratamento,
Os dois Cristãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e santo fingimento.
Mas, assim como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e num momento
Apareceu no rúbido Horizonte
Da moça de Titão[10] a roxa fronte,

14 Tornam de terra os Mouros co'o recado
Do Rei para que entrassem, e consigo
Os dois que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo;
E sendo o Português certificado
De não haver receio de perigo
E que gente de Cristo em terra havia,
Dentro no falso rio entrar queria.

15 Dizem-lhe os que mandou que em terra viram
Sacras aras e sacerdote santo;
Que ali se agasalharam e dormiram,
Enquanto a luz cobriu o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento e gosto tanto,
Que não podia, certo, haver suspeita
Numa mostra tão clara e tão perfeita.

16 Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam,
Que levemente um ânimo se fia
De mostras que tão certas pareciam.
A nau da gente pérfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam.
Alegres vinham todos, porque crêm
Que a presa desejada certa têm.

17 Na terra cautamente aparelhavam
Armas e munições, que, como vissem

Que no rio os navios ancoravam,
Neles ousadamente se subissem;
E nesta traição determinavam
Que os de Luso de todo destruíssem
E que incautos pagassem, deste jeito,
O mal que em Moçambique tinham feito.

18 As âncoras tenazes vão levando
Com a náutica grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Ericina,[11] que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande e tão secreta,
Voa do Céu ao Mar como uma seta.

19 Convoca as alvas filhas de Nereu,
Com toda a mais cerúlea[12] companhia,
Que, porque no salgado Mar nasceu,
Das águas o poder lhe obedecia;
E, propondo-lhe a causa a que desceu,
Com todos juntamente se partia
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

20 Já na água erguendo vão, com grande pressa,
Com as argênteas caudas branca escuma;
Cloto co'o peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma;
Salta Nise; Nerine se arremessa[13]
Por cima da água crespa, em força suma;
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas;

21 Nos ombros de um Tritão,[14] com gesto aceso,
Vai a linda Dione[15] furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão fermosa.
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota belicosa;

Repartem-se e rodeiam nesse instante
As naus ligeiras, que iam por diante.

22 Põe-se a Deusa com outras em direito
Da proa capitaina,[16] e ali, fechando
O caminho da barra, estão de jeito
Que em vão assopra o vento, a vela inchando;
Põem no madeiro duro o brando peito,
Para detrás a forte nau forçando;
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

23 Quais para a cova as próvidas formigas,
Levando o peso grande acomodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo Inverno congelado;
Ali são seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado:
Tais andavam as Ninfas estorvando
À gente Portuguesa o fim nefando.

24 Torna para detrás a nau, forçada,
Apesar dos que leva, que, gritando,
Mareiam velas; ferve a gente irada,
O leme a um bordo e a outro atravessando;
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nau lhe mete medo.

25 A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem hórrida batalha;
Não sabem a razão de fúria tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha:
Cuidam que seus enganos são sabidos
E que hão-de ser por isso aqui punidos.

26 Ei-los subitamente se lançavam
A seus batéis velozes que traziam;

Outros em cima o mar alevantavam;
Saltando na água, a nado se acolhiam;
De um bordo e doutro súbito saltavam,
Que o medo os compelia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

27 Assim como em selvática alagoa
As rãs, no tempo antigo Lícia gente,[17]
Se sentem porventura vir pessoa,
Estando fora da água incautamente,
Daqui e dali saltando — o charco soa —,
Por fugir do perigo que se sente,
E, acolhendo-se ao couto[18] que conhecem,
Sós as cabeças na água lhe aparecem:

28 Assim fogem os Mouros; e o piloto
Que ao perigo grande as naus guiara,
Crendo que seu engano estava noto,[19]
Também foge, saltando na água amara.
Mas, por não darem no penedo imoto,[20]
Onde percam a vida doce e cara,
A âncora solta logo a capitaina;
Qualquer das outras junto dela amaina.

29 Vendo o Gama, atentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente;
E vendo, sem contraste e sem braveza
Dos ventos, ou das águas sem corrente,
Que a nau passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assim dizia:

30 — “Oh caso grande, estranho e não cuidado!
Oh milagre claríssimo e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh pérfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo, sabiamente,

Se lá de cima a Guarda Soberana
Não acudir à fraca força humana?

31 “Bem nos mostra a Divina Providência
Destes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na aparência
Que era enganada a nossa confiança,
Mas, pois saber humano, nem prudência,
Enganos tão fingidos não alcança,
Ó Tu, Guarda Divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado!

32 “E, se se move tanto a piedade
Desta mísera gente peregrina,
Que, só por tua altíssima bondade,
Da gente a salvas pérfida e malina,
Nalgum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.”

33 Ouviu-lhe estas palavras piedosas
A fermosa Dione, e, comovida,
Dentre as Ninfas se vai, que saudosas[21]
Ficaram desta súbita partida.
Já penetra as Estrelas luminosas,
Já na terceira Esfera[22] recebida
Avante passa, e lá no Sexto céu,[23]
Para onde estava o Padre[24] se moveu.

34 E, como ia afrontada do caminho,
Tão fermosa no gesto se mostrava,
Que as Estrelas e o Céu e o Ar vizinho
E tudo quanto a via, namorava;
Dos olhos, onde faz seu filho[25] o ninho,
Uns espíritos vivos inspirava,
Com que os Polos gelados acendia,
E tornava do Fogo a esfera fria.

35 E, por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e cara,

Se lhe apresenta assim como ao Troiano
Na selva Ideia já se apresentara.[26]
Se a vira o caçador,[27] que o vulto humano
Perdeu, vendo Diana na água clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

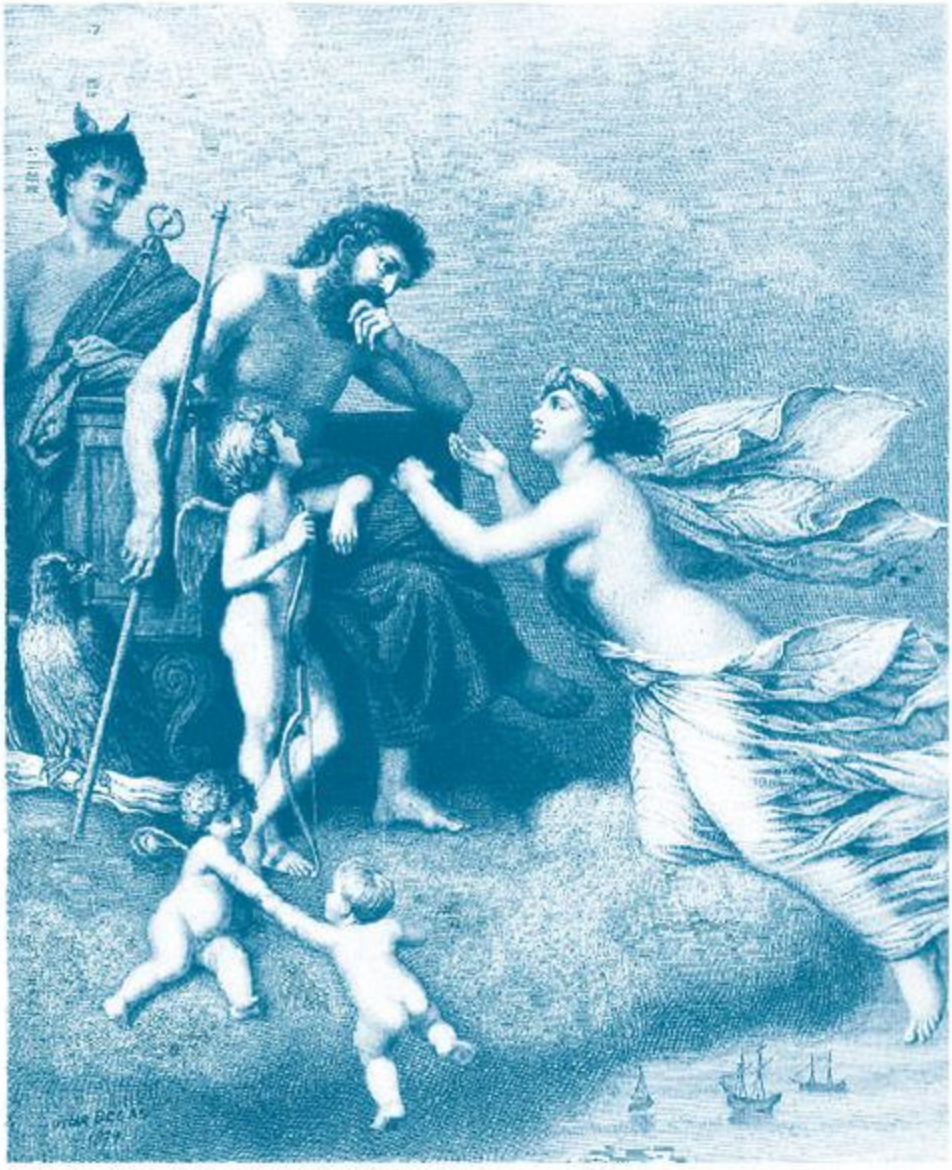
36 Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia;
Andando, as lácteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava e não se via;
Da alva petrina[28] flamas lhe saíam,
Onde o Menino[29] as almas acendia;
Pelas lisas colunas[30] lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

37 C'um delgado sendal[31] as partes cobre
De quem vergonha é natural reparo,
Porém nem tudo esconde nem descobre
O véu, dos roxos lírios pouco avaro;
Mas, para que o desejo acenda e dobre,
Lhe põe diante aquele objeto raro.
Já se sentem no Céu, por toda a parte,
Ciúmes em Vulcano,[32] amor em Marte.

38 E mostrando no angélico semblante
Co'o riso uma tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa e se ri num mesmo instante
E se torna entre alegre magoada,
Desta arte a Deusa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala:

39 — "Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que, para as causas que eu do peito amasse,
Te achasse brando, afábil e amoroso,
Posto que a algum contrário lhe pesasse;
Mas, pois que contra mim te vejo iroso,
Sem que to merecesse nem te errasse,

Faça-se como Baco determina;
Assentarei enfim que fui mofina.
"Este povo, que é meu, por quem derramo
As lágrimas que em vão caídas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo;
Por ele a ti rogando, choro e bramo,
E contra minha dita enfim pelejo.
Ora pois, porque o amo, é maltratado,
Quero-lhe querer mal: será guardado.



41 “Mas morra[33] enfim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui…” E nisto, de mimosa,
O rosto banha em lágrimas ardentes,
Como co’o orvalho fica a fresca rosa.
Calada um pouco, como se entre os dentes
Lhe impedira a fala piedosa,
Torna a segui-la; e, indo por diante,
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante.

42 E destas brandas mostras comovido,
Que moveram de um tigre o peito duro,
Co’o vulto alegre, qual do Céu subido
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lágrimas lhe alimpa, e acendido
Na face a beija, e abraça o colo puro;
De modo que dali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

43 E co’o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lágrimas aumenta,
Como menino da ama castigado,
Que quem no afaga o choro lhe acrescenta,
Por lhe pôr em sossego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos Fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira enfim lhe está dizendo:

44 — “Fermosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguém comigo possa mais
Que esses chorosos olhos soberanos;
Que eu vos prometo, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos
Pelos ilustres feitos que esta gente
Há-de fazer nas partes do Oriente.

45 “Que, se o facundo[34] Ulisses escapou
De ser na Ogígia Ilha eterno escravo,[35]
E se Antenor os seios penetrou

Ilíricos e a fonte de Timavo, [36] [37]
E se o piedoso Eneias navegou
De Cila e de Caríbdis o mar bravo,[38]
Os vossos, mores cousas atentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

46 "Fortalezas, cidades e altos muros,
Por eles vereis, filha, edificados;
Os Turcos belacíssimos e duros
Deles sempre vereis desbaratados;
Os Reis da Índia, livres e seguros,
Vereis ao Rei potente subjugados;
E por eles, de tudo enfim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.

47 "Vereis este, que agora pressuroso,
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer dele Netuno, de medroso,
Sem vento suas águas encrespando.
Oh caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando![39]
Oh gente forte e de altos pensamentos,
Que também dela hão medo os Elementos!

48 "Vereis a terra que a água lhe tolhia[40]
Que inda há-de ser um porto mui decente,
Em que vão descansar da longa via
As naus que navegarem do Ocidente.
Toda esta costa enfim, que agora urdia
O mortífero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

49 "E vereis o Mar Roxo,[41] tão famoso,
Tornar-se-lhe amarelo, de enfiado;
Vereis de Ormuz[42] o reino poderoso
Duas vezes tomado e subjugado;
Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas setas traspassado,
Que quem vai contra os vossos, claro veja

Que, se resiste, contra si peleja.

50 “Vereis a inexpugnábil Dio[43] forte
Que dois cercos terá dos vossos sendo;
Ali se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandíssimos fazendo;
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano, fero e horrendo;
Do Mouro ali verão que a voz extrema
Do falso Mahamede ao Céu blasfema.

51 “Goa[44] vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co’os triunfos da gente vencedora.
Ali, soberba, altiva e exalçada,
Ao Gentio que os Ídolos adora
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

52 “Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor,[45] com pouca força e gente;
E vereis Calecu[46] desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente;
E vereis em Cochim[47] assinalar-se
Tanto um peito soberbo[48] e insolente,
Que cítara jamais cantou vitória
Que assim mereça eterno nome e glória.

53 “Nunca com Marte instruto e furioso
Se viu ferver Leucate, quando Augusto,
Nas civis, Áctias guerras animoso,
O Capitão venceu Romano injusto,[49]
Que dos povos da Aurora e do famoso
Nilo e do Bactra Cítico e robusto
A vitória trazia e presa rica,
Preso da Egípcia linda[50] e não pudica,

54 “Como vereis o mar fervendo aceso
Co’os incêndios dos vossos, pelejando,

Levando o Idololatra[51] e o Mouro preso,
De nações diferentes triunfando;
E, sujeita a rica Áurea Quersoneso,[52]
Até o longínquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-á todo o Oceano obediente.

55 "De modo, filha minha, que de jeito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangético mar ao Gaditano,[53]
Nem das Boreais ondas ao Estreito
Que mostrou o agravado Lusitano,[54]
Posto que em todo o mundo, de afrontados,
Ressuscitassem todos os passados."

56 Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia[55] à Terra, por que tenha
Um pacífico porto e sossegado,
Para onde sem receio a frota venha;
E, para que em Mombaça, aventurado,
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais que em sonhos lhe mostrasse
A terra onde quieto repousasse.

57 Já pelo ar o Cileneu[56] voava;
Com as asas nos pés à Terra desce;
Sua vara fatal na mão levava
Com que os olhos cansados adormece;
Com esta as tristes almas rebocava
Do Inferno, e o vento lhe obedece;
Na cabeça o galero[57] costumado,
E desta arte a Melinde[58] foi chegado.

58 Consigo a Fama leva, por que diga
Do Lusitano o preço grande e raro,
Que o nome ilustre a um certo amor obriga
E faz, a quem o tem, amado e caro.
Desta arte vai fazendo a gente amiga
Co'o rumor famosíssimo e preclaro.

Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.

59 Dali para Mombaça logo parte,
Aonde as naus estavam temerosas,
Para que à gente mande que se aparte
Da barra imiga e terras suspeitosas,
Porque mui pouco vale esforço e arte
Contra infernais vontades enganosas;
Pouco val[59] coração, astúcia e siso,
Se lá dos Céus não vem celeste aviso.

60 Meio caminho a noite tinha andado,
E as Estrelas no Céu co'a luz alheia
Tinham o largo Mundo alumiado,
E só co'o sono a gente se recreia.
O Capitão ilustre, já cansado
De vigiar a noite que arreceia,
Breve repouso então aos olhos dava;
A outra gente a quartos[60] vigiava,

61 Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece,
Dizendo: — "Fuge, fuge,[61] Lusitano.
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim e extremo dano!
Fuge, que o vento e o Céu te favorece;
Sereno o tempo tens e o Oceano.
E outro Rei mais amigo noutra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te!

62 "Não tens aqui senão aparelhado
O hospício[62] que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavalos a gente que hospedava;
As aras de Busíris[63] infamado,
Onde os hóspedes tristes imolava,
Terás certas aqui, se muito esperas.
Fuge das gentes pérfidas e feras!

63 "Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,

Lá quase junto donde o Sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade;
Ali, tua frota alegre recebendo,
Um Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria
E para a Índia certa e sábia guia."

64 Isto Mercúrio disse, e o sono leva
Ao Capitão, que, com mui grande espanto,
Acorda e vê ferida a escura treva
Duma súbita luz e raio santo;
E, vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iníqua tanto,
Com novo esprito[64] ao mestre seu mandava
Que as velas desse ao vento que assoprava.

65 — "Dai velas (disse), dai ao largo vento,
Que o Céu nos favorece e Deus o manda;
Que um mensageiro vi do claro Assento
Que só em favor de nossos passos anda."
Alevanta-se, nisto, o movimento
Dos marinheiros, duma e de outra banda;
Levam gritando as âncoras acima,
Mostrando a ruda força que se estima.

66 Neste tempo que as âncoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando à costa, destruídos;
Mas com vista de linces vigiavam
Os Portugueses, sempre apercebidos.
Eles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

67 Mas já as agudas proas apartando
Iam as vias úmidas de argento;
Assopra-lhe galerno[65] o vento e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão falando,
Que mal se perderão do pensamento

Os casos grandes, donde em tanto aperto,
A vida em salvo escapa por acerto.

68 Tinha uma volta dado o Sol ardente
E noutra começava, quando viram
Ao longe dois navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respiram.
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para eles arribando as velas viram.
Um, do temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente, à costa dava.

69 Não é o outro que fica tão manhoso,
Mas nas mãos vai cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso
E sem a fúria horrenda de Vulcano;
Que, como fosse débil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistência; e, se a tivera,
Mais dano, resistindo, recebera.

70 E como o Gama muito desejasse
Piloto para a Índia que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas não lhe sucedeu como cuidava,
Que nenhum deles há que lhe ensinasse
A que parte dos céus a Índia estava;
Porém dizem-lhe todos que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

71 Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificência grande e humanidade,
Com partes de grandíssimo respeito.
O Capitão o assela por verdade,
Porque já lho dissera deste jeito
O Cileneu em sonhos; e partia
Para onde o sonho e o Mouro lhe dizia.

72 Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa[66] a luz Febeia,

Quando um e o outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalteia;[67]
A memória do dia renovava
O pressuroso Sol, que o Céu rodeia,
Em que Aquele[68] a quem tudo está sujeito,
O selo pôs a quanto tinha feito;

73 Quando chegava a frota àquela parte,
Onde o Reino Melinde já se via,
De toldos adornada e leda de arte
Que bem mostra estimar o Santo dia;
Treme a bandeira, voa o estandarte;
A cor purpúrea ao longe aparecia;
Soam os atambores e pandeiros;
E assim entravam, ledos e guerreiros.

74 Enche-se toda a praia Melindana
Da gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira e mais humana
Que toda a doutra terra atrás deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a âncora pesada;
Mandam fora um dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

75 O Rei, que já sabia da nobreza
Que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortíssima merece;
E, com verdadeiro ânimo e pureza
Que os peitos generosos enobrece,
Lhe manda rogar muito que saíssem,
Para que de seus Reinos se servissem.

76 São oferecimentos verdadeiros
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavaleiros,
Que tanto mar e terras têm passadas;
Manda-lhe mais lanígeros carneiros
E galinhas domésticas cevadas,

Com as frutas que então na terra havia;
E a vontade à dádiva excedia.

77 Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo e seu recado,
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado;
Escarlata purpúrea, cor ardente,
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das águas mole cresce,
E, como é fora delas, se endurece.

78 Manda mais um, na prática elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse
E que de não sair, naquele instante,
De suas naus em terra, o desculpasse.
Partido assim o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estilo que Palas lhe ensinava,[69]
Estas palavras tais falando orava:

79 — "Sublime Rei, a quem do Olimpo puro
Foi da suma Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos dele amado que temido:
Como porto mui forte e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remédio certo que queremos.

80 "Não somos roubadores, que, passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas[70] cobiçadas;
Mas, da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da Índia grande e rica, por mandado
De um Rei que temos, alto e sublimado.

81 "Que geração tão dura há i[71] de gente,
Que bárbaro costume e usança feia,

Que não vedem os portos tão somente,
Mas inda o hospício da deserta areia!
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arreceia,
Que, com laços armados tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruídos!

82 "Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquela certa ajuda em ti esperamos
Que teve o perdido Ítaco em Alcino,[72]
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do intérprete Divino;
Que pois a ti nos manda, está mui claro
Que és de peito sincero, humano e raro.

83 "E não cuides, ó Rei, que não saísse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te ou a servir-te, porque visse
Ou suspeitasse em ti peito fingido;
Mas saberás que o fez, por que cumprisse
O regimento, em tudo obedecido,
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota, em nenhum porto ou praia.

84 "E porque é de vassalos o exercício
Que os membros têm, regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o ofício,
Que ninguém a seu Rei desobedeça;
Mas as mercês e o grande benefício
Que ora acha em ti, promete que conheça
Em tudo aquilo que ele e os seus puderem,
Enquanto os rios para o mar correrem."

85 Assim dizia; e todos juntamente,
Uns com outros em prática falando,
Louvavam muito o estâmago[73] da gente
Que tantos céus e mares vai passando;
E o Rei ilustre, o peito obediente
Dos Portugueses na alma imaginando,

Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei que é tão longe obedecido.

86 E com risonha vista e ledo aspeito[74]
Responde ao embaixador, que tanto estima:
— "Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima,
Que vosso preço e obras são de jeito
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pode ter subido pensamento.

87 "De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preminência,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediência.
Mas, se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excelência
De peitos tão leais em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

88 "Porém, como a luz crástina[75] chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, há tantos dias;
E, se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento e longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos
Piloto, munições e mantimentos."

89 Isto disse; e nas águas se escondia
O filho de Latona,[76] e o mensageiro
Co'a embaixada alegre se partia
Para a frota, no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remédio verdadeiro
Para acharem a terra que buscavam;
E assim ledos a noite festejavam.

90 Não faltam ali os raios de artifício,
Os trêmulos cometas imitando;

Fazem os bombardeiros seu ofício,
O céu, a terra e as ondas atroando;
Mostra-se dos Ciclopes o exercício[77]
Nas bombas que de fogo estão queimando;
Outros, com vozes com que o céu feriam,
Instrumentos altíssonos tangiam.

91 Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zunido;
Anda em giros no ar a roda ardente;
Estoura o pó sulfúreo escondido;
A grita se alevanta ao céu, da gente;
O mar se via em fogos acendido,
E não menos a terra. E assim festeja
Um ao outro, à maneira de peleja.

92 Mas já o Céu inquieto, revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho,
E já a mãe de Menon,[78] a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho;
Iam-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota que no mar estava.

93 Viam-se em derredor ferver as praias,
Da gente que a ver só concorre leda;
Luzem da fina púrpura as cabaias,[79]
Lustram os panos da tecida seda.
Em lugar de guerreiras azagaias
E do arco que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

94 Um batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres do seu Reino e de senhores;
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores:

Na cabeça uma fota[80] guarnecida
De ouro, e de seda e de algodão tecida;

95 Cabaia de damasco rico e dino,
Da Tíria cor,[81] entre eles estimada;
Um colar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a matéria da obra é superada,
C'um resplandor reluze adamantino;
Na cinta a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljôfar ao veludo.

96 Com um redondo amparo alto de seda,
Numa alta e dourada hástea enxerido,
Um ministro à solar quentura veda
Que não ofenda e queime o Rei subido.
Música traz na proa, estranha e leda,
De áspero som, horríssino ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

97 Não menos guarnecido, o Lusitano,
Nos seus batéis da frota se partia
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De cetim da Adriática Veneza,
Carmesi,[82] cor que a gente tanto preza;

98 De botões de ouro as mangas vêm tomadas,
Onde o Sol, reluzindo, a vista cega;
As calças soldadescas, recamadas
Do metal que Fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo, delicadas,
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Itálico modo a áurea espada;
Pluma[83] na gorra, um pouco declinada.

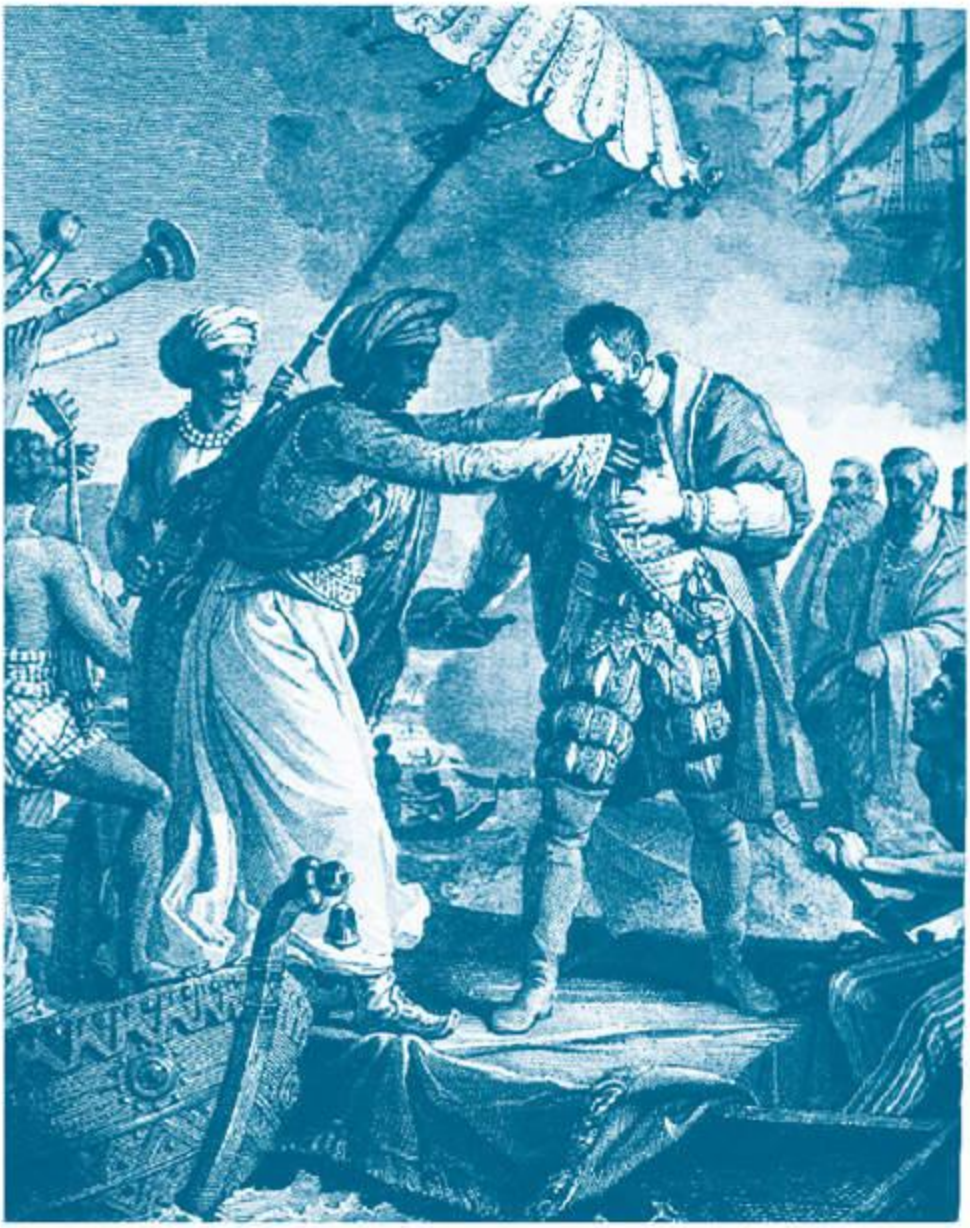
99 Nos de sua companhia se mostrava
Da tinta que dá o múrice[84] excelente

A vária cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo diferente.
Tal o fermoso esmalte se notava
Dos vestidos, olhados juntamente,
Qual aparece o arco rutilante
Da bela Ninfa, filha de Taumante.[85]

100 Sonorosas trombetas incitavam
Os ânimos alegres, ressoando;
Dos Mouros os batéis o mar coalhavam.
Os toldos pelas águas arrojando;
As bombardas horríssonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
Amiúdam-se os brados acendidos,
Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

101 Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava;
Ele, co'a cortesia que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe falava.
C'umas mostras de espanto e admiração,
O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe à Índia vinha.

102 E com grandes palavras lhe oferece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,
E que, se mantimento lhe falece,[86]
Como se próprio fosse, lho pedisse;
Diz-lhe mais que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que já ouviu dizer que noutra terra
Com gente de sua Lei tivesse guerra;



103 E, como por toda África se soa,
Lhe diz os grandes feitos que fizeram,
Quando nela ganharam a coroa
Do reino onde as Hespéridas[87] viveram;
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso mereceram
E o mais que pela Fama o Rei sabia.
Mas desta sorte o Gama respondia:

104 — "Ó tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que, com tanta miséria e adversidade,
Dos mares exprimenta a fúria insana,
Aquela alta e divina Eternidade,
Que o Céu revolve e rege a gente humana,
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

105 "Tu só, de todos quantos queima Apolo,[88]
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti, dos ventos hórridos de Eolo,[89]
Refúgio achamos, bom, fido[90] e jucundo.
Enquanto apascentar o largo Polo[91]
As Estrelas, e o Sol der lume ao Mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e glória
Viverão teus louvores em memória."

106 Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as naus uma e uma rodeando,
Porque de todas tudo note e veja;
Mas para o céu Vulcano fuzilando,
A frota co'as bombardas o festeja
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co'os anafis os Mouros respondiam.

107 Mas, depois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava
Ouvindo o instrumento inusitado,

Que tamanho terror em si mostrava,
Mandava estar quieto e ancorado
Na água o batel ligeiro que os levava,
Por falar devagar co'o forte Gama
Nas cousas de que tem notícia e fama.

108 Em práticas o Mouro diferentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excelentes
Co'o povo havidas que a Mafoma adora,
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hespéria última,[92] onde mora,
Agora pelos povos seus vizinhos,
Agora pelos úmidos caminhos.

109 — "Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta (lhe dizia), diligente,
De terra tua o clima e região
Do mundo onde morais, distintamente;
E assim de vossa antiga geração,
E o princípio do Reino tão potente,
Co'os sucessos das guerras do começo,
Que, sem sabê-las, sei que são de preço.

110 "E assim também nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o Mar irado,
Vendo os costumes bárbaros alheios,
Que a nossa África ruda tem criado;
Conta, que agora vêm co'os áureos freios
Os cavalos que o carro marchetado
Do novo Sol, da fria Aurora trazem;
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

111 "E não menos co'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem há que por fama não conhece
As obras Portuguesas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol,[93] para julgares
Que os Melindanos têm tão rudo peito,

Que não estimem muito um grande feito.

112 “Cometeram soberbos os Gigantes
Com guerra vã o Olimpo claro e puro;[94]
Tentou Perito e Téseu, de ignorantes,
O Reino de Plutão horrendo e escuro.[95]
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos é trabalho ilustre e duro,
Quanto foi cometer Inferno e Céu,
Que outrem cometa a fúria de Nereu.[96]

113 “Queimou o sagrado templo de Diana,
Do sutil Tesifônio fabricado,
Heróstrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado.[97]
Se também com tais obras nos engana
O desejo de um nome avantajado,
Mais razão é que queira eterna glória
Quem faz obras tão dignas de memória.”



Notas

[1]Do verso primeiro ao quarto: o lúcido Planeta é o sol, que pelo sistema ptolomaico giraria em torno da Terra. A desejada meta é o poente. Por perífrase, portanto, anoitecia.

[2]Vais, em conjugação antiga.

[3]Em sentido geral o Oriente, onde o sol se levanta.

[4]Do verso primeiro ao terceiro: referência a Baco, e à maneira, já antes mencionada, pela qual foi nascido.

[5]Camões compara a Virgem à Fênix, a ave imortal.

[6]Do verso sexto ao oitavo: refere-se aos doze apóstolos, recebendo, com as línguas de fogo que sobre eles desceram no Pentecostes, o dom das línguas.

[7]Joelhos.

[8]Região lendária, provavelmente na Arábia, que produzia incenso.

[9]Baco, por ser filho de Sêmele, também chamada Tione.

[10]A Aurora, filha do mesmo. Na edição original está *Na* em vez de *Da*, como emendamos.

[11]Vênus, por ter sido venerada num templo em Erice, na Sicília.

[12]Da cor do céu. Neste caso refere-se ao mar, que o reflete.

[13]Do verso terceiro ao quinto: Cloto, Nise e Nerine: nomes de ninfas marítimas.

[14]Filho de Netuno e de Anfitrite, aí no sentido geral de qualquer figura semelhante de monstro marinho.

[15]Vênus, por ser filha da mesma.

[16]A nau capitânia, a principal da armada.

[17]Os lícios, povo da Ásia Menor, foram, de acordo com a lenda, transformados em rãs, por perturbarem o banho de Latona, mãe de Apolo.

[18]Refúgio, esconderijo.

[19]Conhecido, descoberto.

[20]Imóvel, estável.

[21]Pronuncia-se com quatro sílabas, separando o *a* do *u*. Da mesma maneira em *saudade* e seus derivados, durante todo o Poema.

[22]Terceira Esfera: a órbita de Vênus, de acordo com o sistema de Ptolomeu.

[23]A órbita de Júpiter, pelo mesmo sistema.

[24]Júpiter, por ser o pai dos deuses.

[25]Cupido.

[26]Do verso terceiro ao quarto: referência ao julgamento de Páris, a respeito de qual a mais bela, entre Juno, Minerva e Vênus, à qual vira nua, e à qual deu a vitória, no monte Ida.

[27]Ácteon, transformado em cervo por ter visto Diana se banhando, e depois devorado pelos cães da mesma.

[28]Peito.

[29]Cupido.

[30]As pernas.

[31]Véu.

[32]Vulcano era casado com Vênus, de quem Marte foi amante.

[33]Moura, no original.

[34]Eloquente.

[35]Ulisses escapou, após sete anos, da ilha Ogígia, onde Calipso o mantinha como amante.

[36]Antenor, príncipe troiano. Exilado por não ter denunciado Ulisses, se estabeleceu nas margens do Adriático e fundou Pádua.

[37]Timavo: rio que deságua no Adriático.

[38]Do verso quinto ao sexto: Eneias, na sua peregrinação de Troia para a Itália, teve que passar, como Ulisses, entre os dois cabos monstruosos de Cila e Caríbdis, representação do estreito de Messina.

[39]Referência a um terremoto submarino, presenciado pela armada de Vasco da Gama durante sua segunda viagem à Índia, em 1524.

[40]Moçambique, onde os mouros impediam os portugueses de fazer aguada.

[41]Mar Vermelho.

[42]Cidade do Golfo Pérsico, tomada duas vezes por Afonso de Albuquerque.

[43]Diu, cidade da Índia, sitiada duas vezes pelo inimigo, em 1538 e em 1547.

[44]Capital da Índia portuguesa, tomada duas vezes por Afonso de Albuquerque.

[45]Praça forte da Índia.

[46]Cidade do Malabar.

[47]Cidade da Índia.

[48]Referência a Duarte Pereira, vencedor sete vezes do imperador do Malabar.

[49]Do verso segundo ao quarto: referência ao cabo Leucate, no arquipélago jônio, onde Augusto venceu Marco Antônio na batalha de Actium.

[50]Cleópatra.

[51]Idólatra.

[52]Áurea Quersoneso: áurea península, referência a Malaca.

[53]Do Ganges a Cádiz.

[54]Do verso quinto ao sexto: Boreais ondas: mares do norte. O Estreito é o de Magalhães, que ofereceu seus serviços à Espanha, julgando-se injustiçado por D. Manuel I.

[55]Filho de Maia: Mercúrio.

[56]Mercúrio, por haver nascido no monte Cilene.

[57]Capacete alado.

[58]Cidade e porto na África oriental.

[59]Pouco vale, na conjugação antiga.

[60]Turnos de quatro horas.

[61]Foge.

[62]Hospitalidade. O rei Diomedes, na Trácia, alimentava seus cavalos com a carne de seus hóspedes.

[63]Rei do Egito, que oferecia os hóspedes em sacrifício a Júpiter, seu pai.

[64]Espírito. As duas formas são usadas no Poema.

[65]Vento favorável.

[66]Júpiter, que a raptou, transformado em touro.

[67]Flora é a esposa de Zéfiro e mãe da Primavera. Amalteia é a ninfa que amamentou Júpiter com uma cabra, dele recebendo um corno de cabra que produzia tudo que se desejasse, a cornucópia.

[68]Jesus Cristo. A perífrase significa que se estava no mês de abril, na época da Páscoa.

[69]Isto é, com eloquência.

[70]Mercadorias, riquezas.

[71]Aí.

[72]Referência à hospedagem que Alcino, rei dos feácios, ofereceu a Ulisses, de Ítaca.

[73]Estâmago: no sentido de coragem, ânimo.

[74]Aspecto.

[75]Luz do dia seguinte.

[76]Filho de Latona: Apolo, ou seja, o sol.

[77]A arte de fabricar os raios para Júpiter, que os Ciclopes, como ferreiros de Vulcano, faziam dentro do Etna.

[78]A Aurora, mãe de Menon, rei da Etiópia.

[79]Túnicas abertas, com mangas largas, usadas na Ásia.

[80]Espécie de turbante.

[81]Vermelho, da púrpura de Tiro.

[82]Carmesim.

[83]No original *Pruma*.

[84]Molusco de onde se extraía a púrpura.

[85]Filha de Taumante: Íris, que Juno converteu no arco-íris.

[86]Falta. Com este sentido por todo o Poema.

[87]Do verso segundo ao quarto: Hespéridas são as três filhas de Atlas ou de Héspero. O reino referido é o Marrocos, e os feitos, as conquistas de Arzila e Tânger por D. Afonso V.

[88]Quantos queima Apolo: os habitantes dos continentes quentes por onde se aventuravam os portugueses.

[89]Deus dos ventos.

[90]Fiel, seguro.

[91]Largo Polo: o céu.

[92]A Península Ibérica.

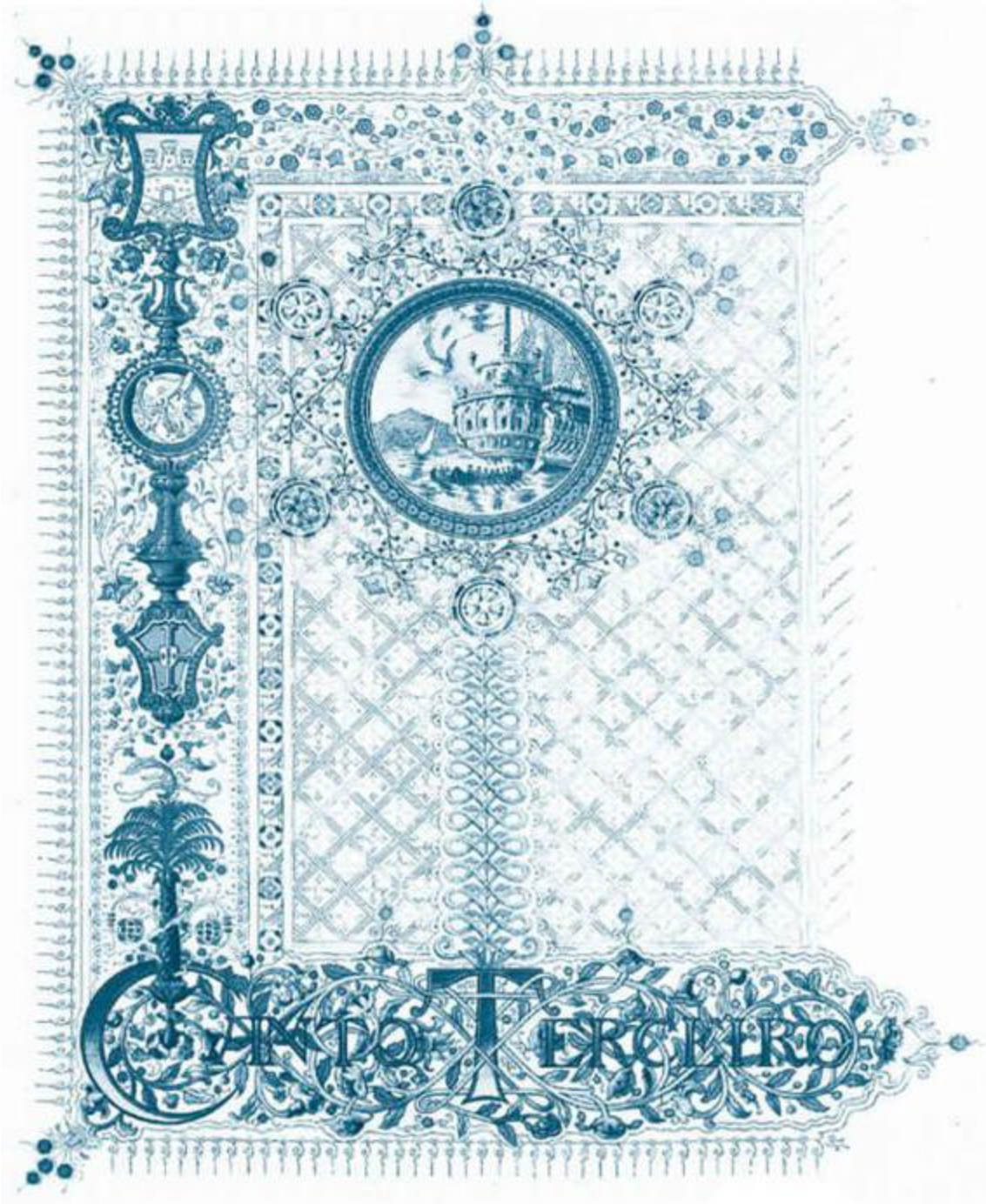
[93]Figuradamente, a luz da civilização.

[94]Do verso primeiro ao segundo: os Titãs, que tentaram escalar o céu, sendo precipitados por Júpiter.

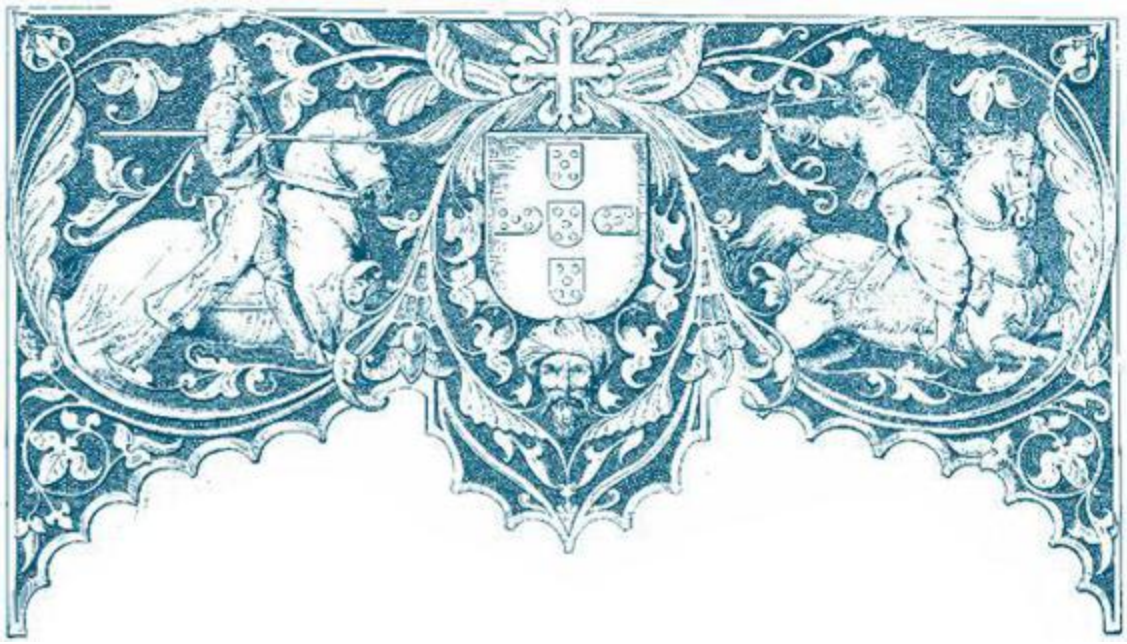
[95]Do verso terceiro ao quarto: Perito e Teseu tentaram raptar Prosérpina do Reino de Plutão, ou seja, do Inferno, lá ficando presos até que Hércules os libertasse. Pronuncia-se *Téseu*, como paroxítona.

[96]A fúria do oceano.

[97]Do verso primeiro ao quarto: Tesifônio foi o arquiteto do templo de Diana, em Éfeso, uma das sete maravilhas do mundo. Um certo Heróstrato incendiou o templo para se imortalizar.


CANTO TERCERO

Canto terceiro



1 Agora tu, Calíope,[1] me ensina
O que contou ao Rei o Ilustre Gama;
Inspira imortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da Medicina,[2]
De quem Orfeu pariste, ó linda dama,
Nunca por Dafne, Clície ou Leucotoe,[3]
Te negue o amor devido, como soe.

2 Põe tu, Ninfa, em efeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe[4] corre e mana.
Deixa as flores de Pindo,[5] que já vejo
Banhar-se Apolo na água soberana;
Senão direi que tens algum receio
Que se escureça o teu querido Orfeio.[6]

3 Prontos estavam todos escutando
O que o sublime Gama contaria,
Quando, depois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assim dizia:
— "Mandas-me, ó Rei, que conte declarando

De minha gente a grão genealogia;
Não me mandas contar estranha história,
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.

4 “Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa é que se costuma e se deseja,
Mas louvar os meus próprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E, para dizer tudo, temo e creio,
Que qualquer longo tempo curto seja;
Mas, pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.

5 “Além disso, o que a tudo enfim me obriga
É não poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me há-de ficar inda por dizer.
Mas, porque nisto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

6 “Entre a Zona que o Cancro[7] senhoreia,
Meta Setentrional do Sol luzente,
E aquela que por fria se arreceia
Tanto como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,
Pela parte do Arcturo e do Ocidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E, pela Austral, o Mar Mediterrano.

7 “Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Ásia se avizinha, mas o rio
Que dos Montes Rifeios[8] vai correndo,
Na alagoa Meótis,[9] curvo e frio,
As divide, e o mar que fero e horrendo[10]
Viu dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triunfante
Não vê mais que a memória o navegante.

8 “Lá onde mais debaixo está do Polo,

Os Montes Hiperbóreos aparecem
E aqueles[11] onde sempre sopra Eolo,
E co'o nome dos sopros se enobrecem;
Aqui tão pouca força têm de Apolo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está contínuo[12] pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.[13]

9 "Aqui dos Citas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade,
Co'os que tinham então a Egípcia terra;
Mas quem tão fora estava da verdade
(Já que o juízo humano tanto erra),
Para que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno[14] o perguntara.[15]

10 "Agora nestas partes se nomeia
A Lápia[16] fria, a inculta Noruega,
Escandinávia Ilha, que se arreia
Das vitórias que Itália não lhe nega;
Aqui, enquanto as águas não refreia
O congelado Inverno, se navega
Um braço do Sarmático Oceano
Pelo Brússio, Suécio e frio Dano.

11 "Entre este Mar e o Tânais vive estranha
Gente: Rutenos, Moscas e Livônios.
Sármatas outro tempo; e, na montanha
Hircínia, os Marcomanos são Polônios
Sujeitos ao Império de Alemanha,
São Saxones, Boêmios e Panônios,
E outras várias nações, que o Reno frio
Lava, e o Danúbio, Amasis e Álbis rio.[17]

12 "Entre o remoto Istro[18] e o claro Estreito[19]
Aonde Hele deixou co'o nome a vida,
Estão os Traces de robusto peito,
Do fero Marte pátria tão querida,
Onde, co'o Hemo, o Ródope sujeito

Ao Otomano está, que submetida
Bizâncio tem a seu serviço indino
— Boa injúria do grande Constantino![20]

13 “Logo de Macedônia estão as gentes,
A quem lava do Áxio[21] a água fria;
E vós também, ó terras excelentes
Nos costumes, engenhos e ousadia,
Que criastes os peitos eloquentes
E os juízos de alta fantasia,
Com quem tu, clara Grécia, o Céu penetras
(E não menos por armas que por letras).

14 “Logo os Dálmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das águas — que tão baixa começou.
Da terra um braço vem ao mar, que cheio
De esforço nações várias sujeitou:
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos que na espada.

15 “Em torno o cerca o Reino Netunino,
Co’os muros naturais por outra parte;
Pelo meio o divide o Apenino,
Que tão ilustre fez o pátrio Marte;
Mas, depois que o Porteiro[22] tem divino,
Perdendo o esforço veio e bélica arte:
Pobre está já da antiga potestade.
Tanto Deus se contenta de humildade![23]

16 “Gália ali se verá, que nomeada
Co’os Cesáreos triunfos foi no mundo;[24]
Que do Séquana e Ródano é regada
E do Garuna frio e Reno fundo;
Logo os montes da Ninfa sepultada,[25]
Pirene, se alevantam, que, segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata então correram.

17 “Eis aqui se descobre a nobre Espanha,

Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio e glória estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda;[26]
Mas nunca poderá com força ou manha
A Fortuna inquieta pôr-lhe noda,[27]
Que lha não tire o esforço e ousadia
Dos belicosos peitos que em si cria.

18 “Com Tingitânia[28] entesta, e ali parece
Que quer fechar o Mar Mediterrano,
Onde o sabido Estreito se enobrece
Co’o extremo trabalho do Tebano.[29]
Com nações diferentes[30] se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer delas cuida que é melhor.

19 “Tem o Tarragonês, que se fez claro
Sujeitando Partênope[31] inquieta;
O Navarro, as Astúrias, que reparo
Já foram contra a gente Maometa;
Tem o Galego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu Planeta[32]
Restituidor de Espanha e senhor dela;
Bétis, Leão, Granada, com Castela.

20 “Eis aqui, quase cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano.
Este quis o Céu justo que floresça
Nas armas contra o torpe Mauritano,[33]
Deitando-o de si fora; e lá na ardente
África estar quieto o não consente.

21 “Esta é a ditosa pátria minha amada,
À qual se o Céu me dá que eu sem perigo
Torne com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.
Esta foi Lusitânia, derivada

De Luso ou Lisa, que de Baco antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nela então os íncolas[34] primeiros.

22 “Desta o Pastor[35] nasceu, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve,
Cuja fama ninguém virá que dome,
Pois a grande de Roma[36] não se atreve.
Esta, o Velho[37] que os filhos próprios come,
Por decreto do Céu, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criando-a Reino ilustre; e foi desta arte:

23 “Um Rei, por nome Afonso, foi na Espanha,[38]
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que, por armas sanguinas, força e manha,
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando deste Rei a fama estranha
Do Herculano Calpe à Cáspia Serra,[39]
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
Vinham a ele e à morte oferecer-se.

24 “E com um amor intrínseco acendidos
Da Fé mais que das honras populares,
Eram de várias terras conduzidos,
Deixando a pátria amada e próprios lares.
Depois que em feitos altos e subidos
Se mostraram nas armas singulares,
Quis o famoso Afonso que obras tais
Levassem prêmio digno e dons iguais.

25 “Destes Anrique (dizem que segundo
Filho de um Rei de Hungria exprimentado)[40]
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era ilustre nem prezado;
E, para mais sinal de amor profundo,
Quis o Rei Castelhano que casado
Com Teresa, sua filha,[41] o Conde fosse;
E com ela das terras tomou posse.

26 “Este, depois que contra os descendentes

Da escrava Agar[42] vitórias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve,
Em prêmio destes feitos excelentes
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve,
Um filho[43] que ilustrasse o nome ufano
Do belicoso Reino lusitano.

27 “Já tinha vindo Anrique da conquista
Da cidade Hierosólima[44] sagrada,
E do Jordão a areia tinha vista
Que viu de Deus a carne em si lavada;
(Que, não tendo Gotfredo[45] a quem resista,
Depois de ter Judeia subjugada,
Muitos, que nestas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram),

28 “Quando, chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso húngaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O esprito deu a Quem lho tinha dado.
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava:
Que de tal pai tal filho se esperava.

29 “Mas o velho rumor — não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não há certeza —
Conta que a mãe, tomando todo o estado,
Do segundo himeneu não se despreza.
O filho órfão deixava deserdado,
Dizendo que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque para casar seu pai lhas dera.

30 “Mas o Príncipe Afonso (que desta arte
Se chamava, do avô tomando o nome),
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãe com seu marido as manda e come,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,

Imagina consigo como as tome:
Revolvidas as causas no conceito,
Ao propósito firme segue o efeito.

31 “De Guimarães[46] o campo se tingia
Co’o sangue próprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com ele posta em campo já se via,
E não vê a soberba o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor;
Mas nela o sensual era maior.

32 “Oh Progne crua, oh mágica Medeia![47]
Se em vossos próprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alheia,
Olhai que inda Teresa peca mais!
Incontinência má, cobiça feia
São as causas deste erro principais:
Cila por uma, mata o velho pai;[48]
Esta, por ambas, contra o filho vai.

33 “Mas já o Príncipe claro o vencimento
Do padrasto e da iníqua mãe levava;
Já lhe obedece a terra, num momento,
Que primeiro contra ele pelejava;
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãe em ferros ásperos atava;
Mas de Deus foi vingada em tempo breve.
Tanta veneração aos pais se deve!

34 “Eis se ajunta o soberbo Castelhano,[49]
Para vingar a injúria de Teresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho agrava ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da Angélica defesa,
Não só contra tal fúria se sustenta,
Mas o inimigo aspérrimo afugenta.

35 “Não passa muito tempo, quando o forte

Príncipe em Guimarães está cercado
De infinito poder, que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado.
Mas, com se oferecer à dura morte
O fiel Egas, amo, foi livrado,[50]
Que, de outra arte, pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

36 "Mas o leal vassalo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistência,
Se vai ao Castelhano, prometendo
Que ele faria dar-lhe obediência.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciência
De Egas Moniz. Mas não consente o peito
Do moço ilustre a outrem ser sujeito.

37 "Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava
Que o Príncipe a seu mando submetido,
Lhe desse a obediência que esperava.
Vendo Egas que ficava fementido,
O que dele Castela não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.

38 "E com seus filhos e mulher se parte
A alevantar co'eles a fiança,
Descalços e despidos, de tal arte
Que mais move a piedade que a vingança.
— 'Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temerária confiança
(Dizia), eis aqui venho oferecido
A te pagar co'a vida o prometido.

39 "'Vês: aqui trago as vidas inocentes
Dos filhos sem pecado e da consorte;
Se a peitos generosos e excelentes
Dos fracos satisfaz a fera morte,
Vês aqui as mãos e a língua delinquentes:

Nelas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estilo
De Sínis e do touro de Perilo.'[51]

40 "Qual diante do algoz o condenado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta e já entregado
Espera pelo golpe tão temido:
Tal diante do Príncipe indignado
Egas estava, a tudo oferecido;
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
Mais pôde, enfim, que a ira a piedade.

41 "Oh grão fidelidade Portuguesa
De vassalo que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez, naquela empresa
Onde rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizendo suspirava
Que mais o seu Zopiro são prezara,
Que vinte Babilônias que tomara.[52]

42 "Mas já o Príncipe Afonso aparelhava
O Lusitano exército ditoso
Contra o Mouro que as terras habitava
De além do claro Tejo deleitoso;
Já no campo de Ourique[53] se assentava
O arraial soberbo e belicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força e gente tão pequeno.

43 "Em nenhuma outra cousa confiado
Senão no sumo Deus que o Céu regia,
Que tão pouco era o povo batizado
Que, para um só, cem Mouros haveria,
Julga qualquer juízo sossegado
Por mais temeridade que ousadia
Cometer um tamanho ajuntamento,
Que para um cavaleiro houvesse cento.

44 "Cinco Reis Mouros são os inimigos,

Dos quais o principal Ismar[54] se chama;
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a ilustre fama:
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a fermosa e forte Dama[55]
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Termodonte[56] já gostaram.

45 "A matutina luz, serena e fria,
As Estrelas do Polo já apartava,
Quando na cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso, o animava;[57]
Ele, adorando Quem lhe aparecia,
Na Fé todo inflamado, assim gritava:
— 'Aos Infiéis, Senhor, aos Infiéis,
E não a mim, que creio o que podeis!'

46 "Com tal milagre os ânimos da gente
Portuguesa inflamados, levantavam
Por seu Rei natural este excelente
Príncipe, que do peito tanto amavam;
E diante do exército potente
Dos imigos, gritando, o Céu tocavam,
Dizendo em alta voz: — 'Real, real,
Por Afonso, alto Rei de Portugal!'

47 "Qual co'os gritos e vozes incitado,
Pela montanha, o rábido moloso[58]
Contra o touro remete, que fiado
Na força está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro que forçoso,
Até que enfim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

48 "Tal do Rei novo o estâmago acendido
Por Deus e pelo povo juntamente,
O Bárbaro comete, apercebido
Co'o animoso exército rompente.
Levantam, nisto, os Perros o alarido

Dos gritos, tocam a arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

49 “Bem como quando a flama, que ateada
Foi nos áridos campos (assoprando
O sibilante Bóreas), animada
Co’o vento, o seco mato vai queimando;
A pastoral companha,[59] que deitada
Co’o doce sono estava, despertando
Ao estridor do fogo que se ateia,
Recolhe o fato[60] e foge para a aldeia:

50 “Desta arte o Mouro, atônito e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belígero arremessa.
O Português o encontra, denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa;
Uns caem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

51 “Ali se veem encontros temerosos
Para se desfazer uma alta serra,
E os animais correndo furiosos
Que Netuno amostrou,[61] ferindo a terra;
Golpes se dão medonhos e forçosos;
Por toda a parte andava acesa a guerra;
Mas o de Luso, arnês, couraça e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

52 “Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Pálida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exército nefando;
Correm rios de sangue desparzido,
Com que também do campo a cor se perde,
Tornado carmesi, de branco e verde.

53 “Já fica vencedor o Lusitano,

Recolhendo os troféus e presa rica;
Desbaratado e roto o Mauro Hispano,
Três dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta vitória certifica,
Cinco escudos azuis esclarecidos,
Em sinal destes cinco Reis vencidos;

54 "E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deus fora vendido,
Escrevendo a memória, em vária tinta,
Daquele de quem foi favorecido;
Em cada um dos cinco, cinco pinta,
Porque assim fica o número cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azuis que em cruz pintando veio.

55 "Passado já algum tempo que passada
Era esta grão vitória, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora, mui pouco havia, do vencido.[62]
Com esta a forte Arronches[63] subjugada
Foi juntamente, e o sempre enobrecido
Scabelicastro,[64] cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

56 "A estas nobres vilas submetidas
Ajunta também Mafra em pouco espaço,
E nas serras da Lua[65] conhecidas
Subjuga a fria Sintra o duro braço,
Sintra, onde as Naiades,[66] escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas águas acendendo fogo ardente.

57 "E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo
Por cujo engano foi Dardânia acesa;[67]
Tu, a quem obedece o Mar profundo,

Obedeceste à força Portuguesa,
Ajudada também da forte armada
Que das Boreais partes foi mandada.[68]

58 "Lá do germânico Álbis[69] e do Reno
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo sarraceno
Muitos com tenção santa eram partidos;
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Afonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos Céus,
Foi posto cerco aos muros Ulisseus.

59 "Cinco vezes a Lua se escondera
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a cidade, entrada, se rendera
Ao duro cerco que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera
Quanto obrigava o firme pressuposto
De vencedores ásperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

60 "Desta arte, enfim, tomada se rendeu
Aquela que, nos tempos já passados,
À grande força nunca obedeceu
Dos frios povos Cíticos[70] ousados,
Cujo poder a tanto se estendeu,
Que o Íbero[71] o viu e o Tejo, amedrontados,
E enfim co'o Bétis[72] tanto alguns puderam
Que à terra de Vandália[73] nome deram.

61 "Que cidade tão forte porventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pôde resistir à força dura
Da gente cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Óbidos, Alanquer (por onde soa
O tom das frescas águas entre as pedras
Que murmurando lava) e Torres Vedras.

62 "E vós também, ó terras Transtaganas,[74]

Afamadas co'o dom da flava Ceres,[75]
Obedeceis às forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes;
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fértil terra queres!
Que Elvas e Moura e Serpa, conhecidas,
E Alcáçare do Sal estão rendidas.

63 "Eis a nobre cidade,[76] certo assento
Do rebelde Sertório[77] antigamente,
Onde ora as águas nítidas de argento
Vêm sustentar de longe a terra e a gente,
Pelos arcos reais que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceu, por meio e ousadia
De Giraldo,[78] que medos não temia.

64 "Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruída
Afonso, que não sabe sossegar,
Por estender co'a fama a curta vida;
Não se lhe pode muito sustentar
A cidade; mas, sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

65 "Com estas subjugada foi Palmela
E a piscosa Sesimbra, e, juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrela,
Desbarata um exército potente
(Sentiu-o a vila e viu-o a serra dela),
Que a socorrê-la vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado.

66 "O Rei de Badajoz[79] era alto Mouro,
Com quatro mil cavalos furiosos,
Inúmeros peões, de armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.
Mas qual, no mês de Maio, o bravo touro,

Co'os ciúmes da vaca, arreceosos,
Sentindo gente, o bruto e cego amante,
Salteia o descuidado caminhante:

67 "Desta arte Afonso, súbito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura;
Fere, mata, derriba, denodado.
Foge o Rei Mouro e só da vida cura.
Dum Pânico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exército procura,
Sendo estes que fizeram tanto abalo
Não mais que só sessenta de cavalo.

68 "Logo segue a vitória, sem tardança,
O grão Rei incansábil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço e arte e valentia,
Que a fez fazer às outras companhias.

69 "Mas o alto Deus, que para longe guarda
O castigo daquele que o merece,
Ou, para que se emende, às vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece,
Se até 'qui sempre o forte rei resguarda
Dos perigos a que ele se oferece,
Agora não lhe deixa ter defesa
Da maldição da mãe, que estava presa;[80]

70 "Que, estando na cidade que cercara,
Cercado nela foi dos Leoneses,
Porque a conquista dela lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos Portugueses.
A pertinácia aqui lhe custa cara,
Assim como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso
À batalha onde foi vencido e preso.

71 "Ó famoso Pompeio,[81] não te pene

De teus feitos ilustres a ruína,
Nem ver que a justa Nêmesis[82] ordene
Ter teu sogro de ti vitória dina,
Posto que o frio Fásis ou Siene,[83]
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado e a Linha ardente,[84]
Temessem o teu nome geralmente;

72 "Posto que a rica Arábia e que os feroces
Heníocos e Colcos, cuja fama
O véu dourado estende, e os Capadoces
E Judeia, que um Deus adora e ama,
E que os moles Sofenos e os atroces
Cilícios, com a Armênia, que derrama
As águas dos dois Rios[85] cuja fonte
Está noutro mais alto e santo Monte,[86]

73 "E posto, enfim, que desde o Mar de Atlante
Até o Cítico Tauro, monte erguido,[87]
Já vencedor te vissem, não te espante
Se o campo Emátio[88] só te viu vencido;
Porque Afonso verás, soberbo e ovante,
Tudo render e ser depois rendido!
Assi o quis o Conselho alto celeste
Que vença o sogro a ti,[89] e o genro a este![90]

74 "Tornado o Rei sublime, finalmente,
Do divino Juízo castigado,
Depois que em Santarém, soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado,
E depois que do mártire Vicente
O santíssimo corpo venerado,
Do Sacro Promontório conhecido,
À cidade Ulisseia foi trazido;[91]

75 "Por que levasse avante seu desejo,
Ao forte filho[92] manda o lasso velho
Que às terras se passasse de Alentejo
Com gente e co'o belígero aparelho.
Sancho, de esforço e de ânimo sobejo,

Avante passa, e faz correr vermelho
O rio[93] que Sevilha vai regando,
Co'o sangue Mauro, bárbaro e nefando.

76 "E, com esta vitória cobiçoso,
Já não descansa o moço, até que veja
Outro estrago como este temeroso
No Bárbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Príncipe ditoso
Sem ver o fim daquilo que deseja.
Assi estragado, o Mouro na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

77 "Já se ajuntam do monte a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o Céu;[94]
Já vêm do promontório de Ampelusa[95]
E de Tinge, que assento foi de Anteu;[96]
O morador de Abila[97] não se escusa,
Que também com suas armas se moveu,
Ao som da mauritana e ronca tuba,
Todo o Reino que foi do nobre Juba.[98]

78 "Entrava com toda esta companhia
O Miralmumini[99] em Portugal;
Treze Reis mouros leva de valia,
Entre os quais tem o cetro Imperial;
E assim, fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,[100]
Dom Sancho vai cercar em Santarém;
Porém não lhe sucede muito bem.

79 "Dá-lhe combates ásperos, fazendo
Ardis de guerra mil, o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, aríete forçoso,
Porque o filho de Afonso, não perdendo
Nada do esforço e acordo generoso,
Tudo provê com ânimo e prudência,
Que em toda a parte há esforço e resistência.

80

"Mas o velho,[101] a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos anos ao sossego,
Estando na cidade,[102] cujo prado
Enverdecem as águas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarém, do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade,
Que não perde a presteza co'a idade.

81 "E co'a famosa gente, à guerra usada,
Vai socorrer o filho: e assi ajuntados,
A Portuguesa fúria costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas,[103] capuzes variados,
De cavalos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

82 "Logo todo o restante se partiu
De Lusitânia, postos em fugida;
O Miralmumini só não fugiu,
Porque, antes de fugir, lhe foge a vida.
A quem lhe esta vitória permitiu
Dão louvores e graças sem medida,
Que, em casos tão estranhos, claramente
Mais peleja o favor de Deus que a gente.

83 "De tamanhas vitórias triunfava
O velho Afonso, Príncipe subido,
Quando, quem tudo enfim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido:
A pálida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido,
E pagaram seus anos deste jeito
À triste Libitina[104] seu direito.

84 "Os altos promontórios o choraram,
E dos rios as águas saudosas
Os semeados campos alagaram
Com lágrimas correndo piedosas;

Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reino chamarão
'Afonso! Afonso!' os ecos, mas em vão.

85 "Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exprimentara,
Quando o Bétis de sangue se tingia,
E o bárbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei da Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercaram
Os golpes de seu braço em si provaram,

86 "Depois que foi por rei alevantado,
Havendo poucos anos que reinava,
A cidade de Silves[105] tem cercado,
Cujos campos o Bárbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germânica armada[106] que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judeia, já perdida.

87 "Passavam a ajudar na santa empresa
O roxo Federico,[107] que moveu
O poderoso exército, em defesa
Da cidade onde Cristo padeceu,
Quando Guido,[108] co'a gente em sede acesa,
Ao grande Saladino[109] se rendeu,
No lugar onde aos Mouros sobejavam
As águas que os de Guido desejavam.

88 "Mas a fermosa armada,[110] que viera
Por contraste de vento àquela parte,
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do santo Marte.
Assim como a seu pai acontecera
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
Do Germano ajudado, Silves toma
E o bravo morador destrui e doma.

89 “E se tantos troféus do Mahometa
Alevantando vai, também do forte
Leonês não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte,
Até que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tuí,[111] que a mesma sorte
Viu ter a muitas vilas suas vizinhas,
Que por armas, tu, Sancho, humildes tinhas.

90 “Mas, entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso e rei terceiro.
No tempo deste, aos Mouros foi tomado
Alcácere do Sal[112] por derradeiro,
Porque dantes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruídos o pagaram.

91 “Morto depois Afonso, lhe sucede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem quem mandava era mandado.
De governar o Reino, que outro pede,
Por causa dos privados[113] foi privado;
Porque, como por eles se regia,
Em todos os seus vícios consentia.

92 “Não era Sancho, não, tão desonesto
Como Nero, que um moço recebia
Por mulher e, depois, horrendo incesto
Com a mãe Agripina cometia;
Nem tão cruel às gentes e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia;
Nem tão mau como foi Heliogabalo,[114]
Nem como o mole rei Sardanapalo.[115]

93 “Nem era o povo seu tiranizado,
Como Sicília foi de seus tiranos;
Nem tinha, como Fálaris,[116] achado
Gênero de tormentos inumanos.

Mas o Reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excelente.

94 “Por esta causa, o Reino governou
O Conde Bolonhês,[117] depois alçado
Por rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ócio dado.
Este, que Afonso o Bravo se chamou,
Depois de ter o Reino segurado,
Em dilatá-lo cuida, que em terreno
Não cabe o altivo peito, tão pequeno.

95 “Da terra dos Algarves,[118] que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Recupera co’o braço, e deita fora
O Mouro, mal querido já de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitânia, com força e bélica arte,
E acabou de oprimir a nação forte[119]
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

96 “Eis depois vem Dinis, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.[120]
Com este o Reino próspero floresce
(Alcançada já a paz áurea divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquila claro lumes.

97 “Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso ofício de Minerva,[121]
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pisar de Mondego a fértil erva.[122]
Quanto pode de Atenas desejar-se
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva;
Aqui as capelas[123] dá tecidas de ouro,
Do bácaro[124] e do sempre verde louro.

98 “Nobres vilas de novo edificou,
Fortalezas, castelos mui seguros,
E quase o Reino todo reformou
Com edifícios grandes e altos muros;
Mas depois que a dura Átropos[125] cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso, mas forte e excelente.

99 “Este sempre as soberbas Castelhanas
Co’o peito desprezou, firme e sereno,
Porque não é das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno;
Mas porém, quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hespérico terreno[126]
Entraram pelas terras de Castela,
Foi o soberbo Afonso a socorrê-la.

100 “Nunca com Semirâmis[127] gente tanta
Veio os campos Idáspicos[128] enchendo;
Nem Átila,[129] que Itália toda espanta,
Chamando-se de Deus açoute horrendo,
Gótica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno bárbaro, estupendo,
Co’o poder excessivo de Granada,[130]
Foi nos campos Tartésios[131] ajuntada.

101 “E, vendo o Rei sublime[132] Castelhano
A força inexpugnábil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido uma vez, que a própria morte,
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a caríssima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquele a cujo Reino foi mandada.

102 “Entrava a fermosíssima Maria[133]
Pelos paternais paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fora de alegria,
E seus olhos em lágrimas banhados;

Os cabelos angélicos trazia
Pelos ebúrneos ombros espalhados.
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras tais, chorando, espalha:

103 — “‘Quantos povos a terra produziu
De África toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduziu,
Para vir possuir a nobre Espanha.
Poder tamanho junto não se viu,
Depois que o salso mar a terra banha;
Trazem ferocidade e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto!

104 “‘Aquele que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co’o pequeno poder, oferecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E, se não for contigo socorrido,
Ver-me-ás dele e do Reino ser privada,
Viúva e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino e sem ventura.

105 “‘Portanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca[134] se congela,
Rompe toda a tardança, acude cedo
À miseranda gente de Castela.
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assela,
Acude e corre, pai, que, se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres.’

106 “Não de outra sorte a tímida Maria
Falando está que a triste Vênus, quando
A Júpiter, seu pai, favor pedia
Para Eneias, seu filho, navegando:
Que a tanta piedade o comovia,
Que, caído das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesando-lhe do pouco que lhe pede.

107 “Mas já co’os esquadrões da gente armada
Os Eborenses[135] campos vão coalhados;
Lustra co’o Sol o arnês, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavalos jaezados;
A canora trombeta embandeirada
Os corações, à paz acostumados,
Vai às fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

108 “Entre todos no meio se sublima,
Das insígnias Reais acompanhado,
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o colo alevantado,
E somente co’o gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado.
Assim entra nas terras de Castela
Com a filha gentil, Rainha dela.

109 “Juntos os dois Afonsos, finalmente,
Nos campos de Tarifa[136] estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não há peito tão alto e tão potente,
Que de desconfiança não se afronte,
Enquanto não conheça e claro veja
Que co’o braço dos seus Cristo peleja.

110 “Estão de Agar os netos quase rindo
Do poder dos Cristãos, fraco e pequeno,
As terras como suas repartindo
Antemão, entre o exército Agareno,
Que, com título falso, possuindo
Está o famoso nome ‘Sarraceno’;[137]
Assim também com falsa conta e nua
À nobre terra alheia chamam sua.

111 “Qual o membrudo e bárbaro Gigante,
Do Rei Saul, com causa[138] tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido.

Com palavras soberbas, o arrogante
Despreza o fraco moço malvestido,
Que, rodeando a funda, o desengana
Quanto mais pode a fé que a força humana:[139]

112 “Desta arte o Mouro pérfido despreza
O Poder dos Cristãos, e não entende
Que está ajudado da alta Fortaleza
A quem o Inferno horrífico se rende.
Com ela o Castelhano, e com destreza,
De Marrocos o Rei comete e ofende;
O Português, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.

113 “Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arneses — bravo estrago!
Chamam, segundo as Leis que ali seguiam,
Uns ‘Mafamede’, e os outros ‘Santiago’.[140]
Os feridos com grita o céu feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros, meios mortos, se afogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

114 “Com esforço tamanho estrui e mata
O Luso ao Granadil,[141] que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa ou peito de aço.
De alcançar tal vitória tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co’o Mauritano.

115 “Já se ia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Tétis,[142] e inclinado
Para o Ponente, o Véspero[143] trazendo,
Estava o claro dia memorado,
Quando o poder do Mouro, grande e horrendo,
Foi pelos fortes Reis desbaratado
Com tanta mortandade, que a memória
Nunca no mundo viu tão grão vitória.

116 “Não matou a quarta parte o forte Mário[144]
Dos que morreram neste vencimento
Quando as águas co’o sangue do adversário
Fez beber ao exército sedento;[145]
Nem o Peno,[146] asperíssimo contrário
Do Romano poder, de nascimento,
Quando tantos matou da ilustre Roma,
Que alqueires três de anéis dos mortos toma.

117 “E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao Reino escuro de Cocito,[147]
Quando a santa Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito,
Permissão e vingança foi celeste
E não força de braço, ó nobre Tito,
Que assim dos Vates[148] foi profetizado,
E depois por Jesus certificado.[149]

118 “Passada esta tão próspera vitória,
Tornado Afonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, e digno da memória
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.

119 “Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

120 “Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruito,[150]
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito;

Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuito,[151]
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.



121 “Do teu Príncipe[152] ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam,
E quanto enfim cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

122 “De outras belas senhoras e Princesas
Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo enfim, tu, puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai sisudo, que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,

123 “Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co’o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

124 “Traziam-na os horríficos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões,[153] à morte crua o persuade.
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saudade
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava,

125 “Para o céu cristalino alevantando
Com lágrimas os olhos piedosos
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando

Um dos duros ministros rigorosos),
E depois nos meninos atentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orfandade como mãe temia,
Para o avô cruel assim dizia:

126 — "'Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aéreas têm o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino[154] já mostraram
E co'os irmãos[155] que Roma edificaram,

127 "'Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar uma donzela
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

128 "'E se, vencendo a Maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe também dar vida com clemência
A quem para perdê-la não fez erro;
Mas, se to assim merece esta inocência,
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,
Onde em lágrimas viva eternamente.

129 "'Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se neles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei.
Ali, co'o amor intrínseco e vontade
Naquele por quem morro, criarei
Estas relíquias suas,[156] que aqui viste,

Que refrigério sejam da mãe triste.’

130 “Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam,
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais, e cavaleiros?!

131 “Qual contra a linda moça Policena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Aquiles a condena,
Co’o ferro o duro Pirro se aparelha;[157]
Mas ela, os olhos com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na mísera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrifício se oferece:

132 “Tais contra Inês os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquele que depois a fez Rainha,
As espadas banhando e as brancas flores
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

133 “Bem puderas, ó Sol, da vista destes,
Teus raios apartar aquele dia,
Como da seva mesa de Tiestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia![158]
Vós, ó côncavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

134 “Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas maltratada

Da menina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está morta a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor co'a doce vida.

135 "As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram;
O nome lhe puseram, que inda dura,
'Dos amores de Inês', que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água, e o nome Amores!

136 "Não correu muito tempo que a vingança,
Não visse Pedro das mortais feridas,
Que, em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas;
Do outro Pedro[159] cruíssimo os alcança,
Que ambos, imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram, duro e injusto,
Que com Lépido e Antônio fez Augusto.[160]

137 "Este, castigador foi rigoroso
De latrocínios, mortes e adultérios;
Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigérios;
As cidades guardando, justiçoso,
De todos os soberbos vitupérios,
Mais ladrões, castigando, à morte deu
Que o vagabundo Alcides[161] ou Teseu.[162]

138 "Do justo e duro Pedro nasce o brando
(Vede da natureza o desconcerto!),
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o Reino pôs em muito aperto;
Que, vindo o Castelhano devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente,

Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

139 “Ou foi castigo claro do pecado
De tirar Leonor[163] a seu marido
E casar-se com ela, de enlevado
Num falso parecer mal entendido;
Ou foi que o coração, sujeito e dado
Ao vício vil, de quem se viu rendido,
Mole se fez e fraco — e bem parece
Que um baixo amor os fortes enfraquece.

140 “Do pecado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deus o quis e permitiu:
Os que foram roubar a bela Helena,[164]
E com Ápio[165] também Tarquino[166] o viu.
Pois por quem David Santo se condena?[167]
Ou quem o Tribo ilustre destruiu[168]
De Benjamim? Bem claro no-lo ensina
Por Sarra[169] Faraó, Siquém por Dina.[170]

141 “E pois, se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena[171] se parece,
Quando em Ônfale[172] andava transformado.
De Marco Antônio a fama se escurece
Com ser tanto a Cleopatra[173] afeiçoado.
Tu também, Peno próspero, o sentiste,
Depois que ũa moça vil[174] na Apúlia viste.

142 “Mas quem pode livrar-se porventura
Dos laços que Amor arma brandamente
Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro e o alabastro transparente?
Quem, de uma peregrina fermosura,
De um vulto de Medusa[175] propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não, mas em desejo aceso?

143 “Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Uma suave e angélica excelência,

Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ela resistência?
Desculpado por certo está Fernando
Para quem tem de amor experiência;
Mas antes, tendo livre a fantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.”



Notas

[1]A Musa da poesia épica.

[2]Apolo.

[3]Ninfas amantes de Apolo.

[4]Fonte inspiradora da poesia, no monte Hélicon.

[5]Flores com as quais se teciam coroas para os poetas.

[6]Orfeu.

[7]O trópico de Câncer.

[8]Os Balcãs.

[9]O Mar de Azov.

[10]O Mar Negro.

[11]Os montes Rifeus.

[12]Continuamente. No original, *contino*. Usamos a forma moderna exceto onde serve de rima.

[13]Nesta estrofe: referências diversas ao norte da Europa.

[14]Referente à cidade de Damasco.

[15]Nesta estrofe: referência à guerra havida entre os egípcios e os citas.

[16]Lapônia. Toda a estrofe descreve a Escandinávia.

[17]Do verso primeiro ao terceiro: referência à Rússia e aos países bálticos. Do verso sétimo ao oitavo: refere-se a rios que passam pela Alemanha.

[18]O Danúbio.

[19]O Helesponto, onde Hele, filha do rei de Tebas, se afogou.

[20]Do verso sexto ao oitavo: referência ao Império Bizantino, fundado por Constantino, e tomado pelos Otomanos em 1453.

[21]O rio Valdar.

[22]O Papa.

[23]Toda a oitava se refere à Península Itálica.

[24]Referência à Guerra da Gália, empreendida por César, e, no total da estrofe, à França.

[25]Os Pirineus.

[26]A roda da Fortuna.

[27]Nódoa.

[28]O Marrocos.

[29]Do verso terceiro ao quarto: referência ao Estreito de Gibraltar, ou Colunas de Hércules, que era natural de Tebas.

[30]Os vários reinos da Espanha.

[31]Nápoles, por ali ter sido adorada a sereia Partênope. Referência à dominação espanhola nessa cidade.

[32]Com o sentido de estrela, sorte.

[33]O sarraceno do Marrocos, antiga Mauritânia.

[34]Habitantes.

[35]Viriato, que tem no nome *vir*, varão, em latim.

[36]A grande fama de Roma.

[37]Saturno, com o sentido de Tempo.

[38]Afonso VI, rei de Leão e Castela, que guerreou com os mouros no século XI, com ajuda de cavaleiros franceses.

[39]De Gibraltar ao Cáucaso.

[40]Do verso primeiro ao segundo: Conde D. Henrique, neto na verdade do Duque de Borgonha, e bisneto de Roberto, rei de França.

[41]Teresa, filha de Afonso VI.

[42]Descendentes da escrava Agar: os árabes.

[43]Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal.

[44]Jerusalém.

[45]Godofredo de Bulhão, líder da primeira Cruzada.

[46]Cidade natal de Afonso Henriques, primeira capital de Portugal.

[47]Progne deu a Tereu, rei da Trácia, seu marido, a carne de seu filho Ítis para comer, durante um banquete. Medeia, para se vingar de seu amante Jasão, matou os próprios filhos.

[48]Cila, filha de Niso, apaixonada por Minos, traiu o próprio pai para favorecer a este, sendo depois desprezada por ele.

[49]Afonso VII.

[50]Egas Moniz, o célebre aio de D. Afonso Henriques, que consegue libertá-lo através da promessa de submissão e, uma vez a promessa rompida, se entrega com toda a família para ser justiçado pelo rei castelhano, que o perdoa.

[51]Sínis, bandido de Corinto, despedaçava suas vítimas soltando troncos vergados de árvores nas quais as amarrava. O touro de Perilo, criado pelo inventor do mesmo nome, era um touro oco de bronze que se aquecia com a vítima dentro.

[52]Do verso terceiro ao oitavo: Zopiro, general de Dario, mutilou o próprio rosto para entrar em Babilônia se dizendo vítima de seu rei, e assim abrir as portas da cidade ao invasor.

[53]Campo e vila do Alentejo onde, na batalha do mesmo nome, D. Afonso Henriques teria derrotado cinco reis mouros, em 1139.

[54]Governador mouro de Santarém.

[55]Pentesileia, rainha das Amazonas, morta por Aquiles.

[56]Rio da Capadócia, nas margens do qual residiam as Amazonas.

[57]Do verso terceiro ao quarto: refere-se à visão do Cristo que então teria tido Afonso Henriques.

[58]Molosso.

[59]Companhia.

[60]Rebanho.

[61]Animais que Netuno amostrou: cavalos.

[62]Do verso terceiro ao quarto: Leiria havia sido tomada pouco antes por Ismar.

[63]Vila do Alentejo.

[64]Santarém.

[65]A serra de Sintra.

[66]Ninfas dos rios e das fontes.

[67]Do verso terceiro ao quarto: referência a Ulisses, que fundou Lisboa, após a guerra de Troia, também chamada Dardânia. O engano referido é o Cavalo de Troia, ardil através do qual se tomou e incendiou a cidade.

[68]Do verso sétimo ao oitavo: refere-se às frotas vindas de países do norte da Europa para ajudar na reconquista de Lisboa.

[69]O rio Elba.

[70]Os bárbaros, invasores da Península.

[71]O rio Ebro.

[72]O rio Guadalquivir.

[73]A Andaluzia.

[74]Terras alentejanas.

[75]A riqueza agrícola.

[76]Évora.

[77]General romano que veio à Lusitânia lutar contra Roma.

[78]Giraldo Sem Pavor, que escalou a torre de Évora, matando o vigia mouro e sua filha e abrindo as portas da cidade.

[79]Cidade espanhola, próxima a Elvas.

[80]Sua mãe Teresa, a quem prendera.

[81]Pompeu, inimigo de Júlio César, e seu genro.

[82]Deusa da vingança.

[83]Fásis é o rio Rioni, no Cáucaso. Siene é Assuan, no Egito.

[84]Bootes é uma constelação ao norte, e a Linha ardente a linha do Equador, ao sul.

[85]O Tigre e o Eufrates, cuja nascente estaria no Paraíso terrestre.

[86]Nesta estrofe: referências a diversos povos e regiões da Antiguidade, que continuam na próxima oitava.

[87]Do verso primeiro ao segundo: entre o Atlântico e o limite da Europa com a Ásia.

[88]A região de Farsália onde Pompeu foi derrotado.

[89]César a Pompeu.

[90]D. Fernando II de Leão a Afonso Henriques.

[91]Do verso quinto ao oitavo: referência ao traslado do corpo de São Vicente do cabo do mesmo nome para Lisboa.

[92]D. Sancho I, filho de Afonso Henriques.

[93]O Guadalquivir.

[94]Do verso primeiro ao segundo: o monte Atlante, no Marrocos.

[95]O cabo Espartel, entre Ceuta e Tânger.

[96]Gigante que foi morto por Hércules e fundou Tinge, ou Tânger.

[97]Ceuta.

[98]Rei da Mauritânia na época de César.

[99]Emir Elmumenin, ou seja, príncipe dos crentes, chefe dos almorávidas.

[100]Do verso quinto ao sexto: *mal* no verso 5 é substantivo, no 6 advérbio, significando que em nem todos os lugares conseguia cumprir a sua tenção maligna, por encontrar resistência.

[101]Afonso Henriques, então em avançada idade.

[102]Coimbra.

[103]Capote curto com capuz, usado pelos mouros.

[104]Deusa que presidia os funerais, entre os romanos.

[105]Capital dos mouros do Algarve.

[106]Os cruzados.

[107]Frederico Barba-Roxa, imperador da Alemanha.

[108]Último dos reis cristãos em Jerusalém.

[109]Sultão da Síria e do Egito que sitiou e reconquistou Jerusalém.

[110]A armada dos cruzados.

[111]Cidade da Galícia.

[112]Cidade do Alentejo, tomada definitivamente aos mouros por D. Afonso II.

[113]Favoritos.

[114]Imperador romano de 218 a 222 de nossa era. A pronúncia no Poema é paroxítona.

[115]Último imperador da Assíria.

[116]Tirano de Agrigento, na Sicília.

[117]D. Afonso III.

[118]A última parte do território português retomada aos mouros. No plural por se referir aos seus habitantes.

[119]O Islã.

[120]A generosidade de Alexandre, o Grande, superada pela de D. Dinis.

[121]Do verso primeiro ao segundo: referência à fundação da Universidade de Coimbra.

[122]Do verso terceiro ao quarto: referência ao incentivo aos poetas dado por D. Dinis, ele próprio poeta.

[123]Coroas.

[124]Ramagem, tal como o louro, com a qual se teciam coroas.

[125]Uma das três Parcas, a que cortava o fio da vida.

[126]Terras da Espanha.

[127]Rainha da Assíria. No texto com pronúncia paroxítona.

[128]As margens do Indo.

[129]Rei dos hunos, conhecido como Flagelo de Deus.

[130]Cidade da Andaluzia, sob poder dos mouros.

[131]As terras andaluzas.

[132]Afonso XI, rei de Castela.

[133]Mulher do rei de Castela, filha do rei de Portugal.

[134]Rio do Marrocos.

[135]De Évora.

[136]Cidade às margens do Estreito de Gibraltar.

[137]Falso nome: por serem os mouros descendentes de Agar, escrava de Abraão, e não de Sara, sua mulher, da qual derivaria o nome Sarraceno.

[138]Com razão.

[139]Nesta estrofe: referência a Golias e David.

[140]Santiago: padroeiro dos espanhóis, invocado como grito de guerra nos combates também pelos portugueses.

[141]O rei mouro de Granada.

[142]O mar.

[143]Vésper, a estrela da tarde.

[144]General romano que lutou contra Jugurta e contra os bárbaros. Deve-se elidir o *a* na última sílaba de *matou* para o verso ficar certo, a não ser que o *a* seja um acréscimo de tipógrafo.

[145]Do verso terceiro ao quarto: referência à vitória romana contra os cimbros, em 101 a.C.

[146]Aníbal, de púnico.

[147]Rio do Inferno.

[148]Os Profetas do Antigo Testamento.

[149]Do verso terceiro ao oitavo: refere-se ao cerco e destruição de Jerusalém por Tito, em 70 d.C.

[150]Fruto.

[151]Enxuto.

[152]D. Pedro, o Cru, filho de Afonso IV e amante de Inês de Castro.

[153]A suspeita de que a amante do príncipe, Inês de Castro, sendo espanhola, o influenciaria em benefício de Castela.

[154]Semíramis, que a lenda diz ter sido alimentada por pombas no deserto.

[155]Rômulo e Remo, amamentados por uma loba.

[156]Os filhos de Inês com o príncipe D. Pedro.

[157]Do verso primeiro ao quarto: Policena, filha de Príamo e Hécuba, casada secretamente com Aquiles, pai de Pirro.

[158]Do verso primeiro ao quarto: quando Tiestes, por vingança de seu irmão Atreu, comeu num banquete os próprios filhos, o Sol, horrorizado, recolheu seus raios.

[159]Pedro, o Cruel, rei de Castela.

[160]Os triúnviros, que vingaram cruelmente o assassinato de César, trocando entre si seus inimigos.

[161]Hércules, autor de diversos justiçamentos.

[162]Matador do Minotauro e de muitos bandidos.

[163]Leonor Teles, amante e depois mulher de D. Fernando, apesar de ser casada, e de a este estar prometida uma infanta de Castela. No original, *Lianor*.

[164]Os troianos, chefiados por Páris.

[165]Decênviro romano que tentou raptar Virgínia.

[166]Sexto Tarquínio, que violentou Lucrécia.

[167]Referência a Betsabé, com a qual David viveu em adultério.

[168]Destruída em vingança de seu patriarca, que abusara de uma mulher da tribo de Levi. Tribo é aí usada como substantivo masculino.

[169]Sara, mulher de Abraão, da qual abusou o rei do Egito, sendo castigado por isso.

[170]Filha de Jacó, raptada por Siquém, chefe de uma tribo, que pagou esse ato com a vida.

[171]Hércules.

[172]Amada de Hércules.

[173]Cleopatra, paroxítona.

[174]Mulher pela qual Aníbal se apaixonou quando estava na Apúlia.

[175]Monstro mitológico que transformava em pedra quem o olhasse.



CANTO QVARTO

Canto quarto



1 “Depois de procelosa tempestade,
Noturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento;
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assim no Reino forte aconteceu
Depois que o Rei Fernando faleceu.

2 “Porque, se muito os nossos desejaram
Quem os danos e ofensas vá vingando
Naqueles que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando,
Depois de pouco tempo o alcançaram,
Joane,[1] sempre ilustre, alevantando
Por Rei, como de Pedro único herdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

3 “Ser isto ordenação dos Céus divina,
Por sinais muito claros se mostrou,
Quando em Évora a voz de uma menina,
Ante tempo falando, o nomeou,
E, como cousa enfim, que o Céu destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
— ‘Portugal, Portugal, (alçando a mão,
Disse) pelo Rei novo, Dom João!’

4 “Alteradas então do Reino as gentes
Co’o ódio que ocupado os peitos tinha,

Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha;
Matando vão amigos e parentes
Do adúltero Conde[2] e da Rainha,
Com quem sua incontinência desonesta
Mais, depois de viúva, manifesta.

5 “Mas ele, enfim, com causa desonrado,
Diante dela a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado,
Que tudo o fogo erguido queima e corre;
Quem, como Astianás,[3] precipitado,
Sem lhe valerem ordens, de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas e em pedaços feito.

6 “Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortais que Roma viu,
Feitas do feroz Mário e do cruento
Sila,[4] quando o contrário lhe fugiu,
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobriu,
Faz contra Lusitânia vir Castela,
Dizendo ser sua filha[5] herdeira dela.

7 “Beatriz era a filha, que casada
Co’o Castelhano está, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castela alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai sucede,
Suas forças ajunta, para as guerras,
De várias regiões e várias terras.

8 “Vêm de toda a província que de um Brigo[6]
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando e que Rodrigo[7]
Ganharam do tirano e Mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co’o duro arado

Os campos Leoneses, cuja gente
Co'os Mouros foi nas armas excelente.

9 "Os Vândalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquibir as águas lavam.
A nobre Ilha[8] também se apercebia
Que antigamente os Tírios[9] habitavam,
Trazendo por insígnias verdadeiras
As Hercúleas colunas nas bandeiras.

10 "Também vêm lá do Reino de Toledo,
Cidade nobre e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai, suave e ledo,
Que das serras de Conca[10] vem manando.
A vós outros também não tolhe o medo,
Ó sórdidos Galegos, duro bando,
Que, para resistirdes, vos armastes,
Àqueles[11] cujos golpes já provastes.

11 "Também movem da guerra as negras fúrias
A gente Biscainha,[12] que carece
De polidas razões, e que as injúrias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipúscua[13] e das Astúrias,
Que com minas de ferro se enobrece,
Armou dele os soberbos moradores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

12 "Joane,[14] a quem do peito o esforço cresce,
Como a Sansão Hebreio da guedelha,[15]
Posto que tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu Reino se aparelha;
E, não porque conselho lhe falece,
— Co'os principais senhores se aconselha —
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos diferenças.

13 "Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos, na vontade;

Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade,
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a própria e natural fidelidade;
Negam o Rei e a Pátria e, se convém,
Negarão, como Pedro, o Deus que têm.

14 "Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Álvares;[16] mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Àquelas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

15 — "'Como?! Da gente ilustre Portuguesa
Há-de haver quem refuse[17] o pátrio Marte?!
Como?! Desta província, que princesa
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Há-de sair quem negue ter defesa,
Quem negue a Fé, o amor, o esforço e arte
De Português, e por nenhum respeito
O próprio Reino queira ver sujeito?!

16 "'Como?! Não sois vós inda os descendentes
Daqueles que, debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira,
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puseram em fugida, de maneira
Que sete ilustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram?

17 "'Com quem foram contínuo sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Dinis e seu filho sublimados,
Senão co'os vossos fortes pais e avós?
Pois se, com seus descuidos ou pecados,
Fernando em tal fraqueza assim vos pôs,

Torne-vos vossas forças o Rei novo,[18]
Se é certo que co'o Rei se muda o povo.

18 "'Rei tendes tal que, se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto enfim vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

19 "'Eu só, com meus vassalos e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada),
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem subjugada;
Em virtude do Rei, da Pátria mesta,[19]
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversários,
Mas quantos a meu Rei forem contrários!'

20 "Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canúsio, relíquias sós de Canas,[20]
Já para se entregar quase movidos
À fortuna das forças Africanas,
Cornélio moço os faz que, compelidos
Da sua espada, jurem que as Romanas
Armas não deixarão, enquanto a vida
Os não deixar, ou nelas for perdida:

21 "Destarte a gente força e esforça Nuno,
Que, com lhe ouvir as últimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações.
Nos animais cavalgam de Netuno,[21]
Brandindo e volteando arremessões;
Vão correndo e gritando a boca aberta:
— 'Viva o famoso Rei que nos liberta!'

22 "Das gentes populares, uns aprovam
A guerra com que a Pátria se sustinha;

Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada um como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenções de seus amores.

23 “Com toda esta lustrosa companhia
Joane forte sai da fresca Abrantes,
Abrantes, que também da fonte fria
Do Tejo logra as águas abundantes.
Os primeiros armígeros regia
Quem para reger era os mui possantes
Orientais exércitos sem conto
Com que passava Xerxes o Helesponto;[22]

24 “Dom Nuno Álvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Huno[23] o foi primeiro
Para Franceses, para Italianos.
Outro também famoso cavaleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandá-los e regê-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos.

25 “E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
Que depois foi de Abranches nobre Conde;
Das gentes vai regendo a sestra mão.[24]
Logo na retaguarda não se esconde
Das Quinas e Castelos o pendão,
Com Joane, Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

26 “Estavam pelos muros, temerosas
E de um alegre medo quase frias,
Rezando, as mães, irmãs, damas e esposas,
Prometendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras belicosas
Defronte das imigas companhias,

Que com grita grandíssima as recebem,
E todas grande dúvida concebem.

27 “Respondem as trombetas mensageiras,
Pífaros sibilantes e atambores;
Alférezes[25] volteiam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no seco tempo[26] que nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lavradores;
Entra em Astreia[27] o Sol, no mês de Agosto;
Baco das uvas tira o doce mosto.

28 “Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
Ouviu-o monte Artabro,[28] e Guadiana
Atrás tornou as ondas, de medroso;
Ouviu-o o Douro e a terra Transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães, que o som terríbil escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

29 “Quantos rostos ali se veem sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que, nos perigos grandes, o temor
É maior muitas vezes que o perigo;
E se o não é, parece-o; que o furor
De ofender ou vencer o duro imigo
Faz não sentir que é perda grande e rara
Dos membros corporais, da vida cara.

30 “Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns, leva a defensão da própria terra,
Outros, as esperanças de ganhá-la.
Logo, o grande Pereira,[29] em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala:
Derriba e encontra, e a terra enfim semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

31 “Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, setas e vários tiros voam;

Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavalos treme a terra, os vales soam;
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quedas co'as duras armas tudo atroam.
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

32 "Eis ali seus irmãos contra ele vão
(Caso feio e cruel!), mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão
Quem contra o Rei e a Pátria se alevanta.
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes (caso estranho!),
Quais nas guerras civis de Júlio e Magno.[30]

33 "Ó tu, Sertório,[31] ó nobre Coriolano,[32]
Catilina,[33] e vós outros dos Antigos,
Que contra vossas pátrias com profano
Coração vos fizestes inimigos:
Se lá no reino escuro de Sumano[34]
Receberdes gravíssimos castigos,
Dizei-lhe que também dos Portugueses
Alguns traidores houve algumas vezes.

34 "Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a eles vão!
Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita[35] está o fortíssimo leão,
Que cercado se vê dos cavaleiros
Que os campos vão correr de Tutuão:[36]
Perseguem-no co'as lanças; e ele, iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso.

35 "Com torva vista os vê, mas a natura
Ferina e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes da espessura
Das lanças se arremessa, que recrescem:
Tal está o cavaleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio; ali perecem

Alguns dos seus, que o ânimo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

36 “Sentiu Joane a afronta que passava
Nuno, que, como sábio capitão,
Tudo corria e via e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentiu que, enquanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massília[37] lhos furtara,

37 “Corre raivosa e freme e com bramidos
Os montes Sete Irmãos[38] atroa e abala:
Tal Joane, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode à primeira ala:
— ‘Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na vosa lança!

38 “‘Vedes-me aqui, Rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e setas e os arneses
Dos inimigos corro e vou primeiro;
Pelejai, verdadeiros Portugueses!’
Isto disse o magnânimo guerreiro,
E, sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira,[39] e deste único tiro
Muitos lançaram o último suspiro.

39 “Porque eis os seus acesos novamente
Duma nobre vergonha e honroso fogo;
Sobre qual mais, com ânimo valente,
Perigos vencerá do Márcio jogo,[40]
Porfiam; tinge o ferro o sangue ardente;
Rompem malhas primeiro e peitos logo.
Assim recebem junto e dão feridas,
Como a quem já não dói perder as vidas.

40 “A muitos mandam ver o Estígio Lago,[41]
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava.

O Mestre morre ali de Santiago,[42]
Que fortissimamente pelejava;
Morre também, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava;[43]
Os Pereiras[44] também, arrenegados,
Morrem, arrenegando o Céu e os Fados.

41 “Muitos também do vulgo vil sem nome
Vão, e também dos nobres, ao Profundo,
Onde o trifauce Cão[45] perpétua fome
Tem das almas que passam deste mundo.
E, por que mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

42 “Aqui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece
Tem as flores da própria cor mudadas.
Já as costas dão e as vidas; já falece
O furor e sobejam as lançadas;
Já de Castela o Rei desbaratado
Se vê, e de seu propósito mudado,

43 “O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida;
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas asas à fugida;
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da mágoa, da desonra e triste nojo
De ver outrem triunfar de seu despojo.

44 “Alguns vão maldizendo e blasfemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo,[46]
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura às penas do Profundo,

Deixando tantas mães, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

45 “O vencedor Joane esteve os dias
Costumados[47] no campo, em grande glória;
Com ofertas depois e romarias
As graças deu a quem lhe deu vitória.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memória
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

46 “Ajuda-o seu destino de maneira
Que fez igual o efeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vândalos, fronteira,
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a Bética bandeira,
E de vários senhores, num momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defesa,
Obrigados da força Portuguesa.

47 “Destas e outras vitórias longamente
Eram os Castelhanos oprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos,
Depois que quis o Padre onipotente
Dar os Reis inimigos[48] por maridos
Às duas ilustríssimas Inglesas,
Gentis, fermosas, ínclitas princesas.

48 “Não sofre o peito forte, usado à guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano,
E assim, não tendo a quem vencer na terra,
Vai cometer as ondas do Oceano.
Este é o primeiro Rei que se desterra
Da Pátria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas quanto excede
A lei de Cristo à lei de Mafamede.

49 “Eis mil nadantes aves,[49] pelo argento
Da furiosa Tétis inquieta;

Abrindo as pandas asas vão ao vento,
Para onde Alcides pôs a extrema meta.[50]
O monte Abila[51] e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fora, e segura toda Espanha
Da Juliana, má e desleal manha.[52]

50 "Não consentiu a morte tantos anos
Que de Herói tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Céu supremo quis que povoasse;
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou, quem o levou, quem governasse
E aumentasse a terra mais que dantes:
Ínclita geração, altos infantes.

51 "Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na suma alteza,
Que assim vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em Fortuna haver firmeza?
Pois inda neste Reino e neste Rei
Não usou ela tanto desta lei?

52 "Viu ser cativo o santo irmão Fernando[53]
(Que a tão altas empresas aspirava),
Que, por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno se entregava.
Só por amor da pátria está passando
A vida, de senhora feita escrava,
Por não se dar por ele a forte Ceita:
Mais o público bem, que o seu, respeita.

53 "Codro,[54] por que o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Régulo,[55] por que a pátria não perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida.
Este, por que se Espanha não temesse,
A cativeiro eterno se convida!

Codro, nem Cúrcio,[56] ouvido por espanto,
Nem os Décios[57] leais fizeram tanto.

54 “Mas Afonso, do Reino único herdeiro,
(Nome em armas ditoso, em nossa Hespéria)
Que a soberba do Bárbaro fronteiro
Tornou em baixa e humílima miséria,
Fora por certo invicto cavaleiro,
Se não quisera ir ver a terra Ibéria;[58]
Mas África dirá ser impossíbil
Poder ninguém vencer o Rei terríbil.

55 “Este pôde colher as maçãs de ouro,
Que somente o Tiríntio[59] colher pôde;
Do jugo que lhe pôs, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva e o verde louro
Das vitórias do Bárbaro, que acode
A defender Alcácer, forte vila,
Tângere populoso e a dura Arzila.[60]

56 “Porém elas, enfim, por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
Às Portuguesas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas, estremadas
E de escritura dignas elegante
Fizeram cavaleiros nesta empresa,
Mais afinando a fama Portuguesa.

57 “Porém depois, tocado de ambição
E glória de mandar, amara e bela,
Vai cometer Fernando de Aragão,[61]
Sobre o potente Reino de Castela.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e várias gentes dela,
Desde Cádis ao alto Pirineu,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceu.

58 “Não quis ficar nos Reinos ocioso
O mancebo Joane,[62] e logo ordena

De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Saiu-se enfim do transe perigoso,
Com fronte não torvada, mas serena.
Desbaratado o pai sanguinolento;
Mas ficou duvidoso o vencimento;

59 “Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavaleiro,
Nos contrários fazendo imenso dano,
Todo um dia ficou no campo, inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antônio vencedor, seu companheiro,
Quando daqueles que César mataram,
Nos Filípicos campos se vingaram.[63]

60 “Porém, depois que a escura noite eterna
Afonso aposentou no Céu sereno,
O príncipe que o Reino então governa
Foi Joane segundo e Rei trezeno.[64]
Este, por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno,
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os términos que eu vou buscando agora.[65]

61 “Manda seus mensageiros, que passaram
Espanha, França, Itália celebrada,
E lá no ilustre porto se embarcaram
Onde já foi Partênope[66] enterrada:
Nápoles, onde os Fados se mostraram,
Fazendo-a a várias gentes subjugada,
Pela[67] ilustrar no fim de tantos anos
Co’o senhorio de ínclitos Hispanos.

62 “Pelo mar alto Síciulo[68] navegam,
Vão-se às praias de Rodes arenosas,
E dali às ribeiras altas chegam
Que com a morte de Magno são famosas;[69]
Vão a Mênfis e às terras que se regam
Das enchentes Nilóticas undosas;[70]

Sobem à Etiópia sobre Egito,
Que de Cristo lá guarda o santo rito.

63 “Passam também as ondas Eritreias,[71]
Que o povo de Israel sem nau passou;
Ficam-lhe atrás das serras Nabateias,
Que o filho de Ismael[72] co’o nome ornou;
As costas odoríferas Sabeias,[73]
Que a mãe do belo Adônis[74] tanto honrou,
Cercam, com toda a Arábia descoberta
Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta.[75]

64 “Entram no Estreito Pérsico,[76] onde dura
Da confusa Babel[77] inda a memória;
Ali co’o Tigre o Eufrates se mistura,
Que as fontes[78] onde nascem têm por glória.
Dali vão em demanda da água pura
(Que causa inda será de larga história)
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveu passar Trajano.[79]

65 “Viram gentes incógnitas e estranhas
Da Índia, da Carmânia[80] e Gedrosia,[81]
Vendo vários costumes, várias manhas,
Que cada região produz e cria.
Mas de vias tão ásperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia;
Lá morreram enfim e lá ficaram,
Que à desejada pátria não tornaram.[82]

66 “Parece que guardava o claro Céu
A Manuel[83] e seus merecimentos
Esta empresa tão árdua, que o moveu
A subidos e ilustres movimentos;
Manuel, que a Joane sucedeu
No Reino e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do Reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

67 “O qual, como do nobre pensamento

Daquela obrigação que lhe ficara
De seus antepassados (cujo intento
Foi sempre acrescentar a terra cara)
Não deixasse de ser um só momento
Conquistado, no tempo que a luz clara
Foge, e as estrelas nítidas que saem
A repouso convidam, quando caem,

68 "Estando já deitado no áureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contínuo no conceito
De seu ofício e sangue a obrigação,
Os olhos lhe ocupou o sono aceito,
Sem lhe desocupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morfeu[84] em várias formas lhe aparece.

69 "Aqui se lhe apresenta que subia
Tão alto que tocava à prima Esfera,
Donde diante vários mundos via,
Nações de muita gente, estranha e fera;
E lá bem junto donde nasce o dia,
Depois que os olhos longos estendera,
Viu de antigos, longínquos e altos montes
Nascerem duas claras e alta fontes.[85]

70 "Aves agrestes, feras e alimárias
Pelo monte selvático habitavam;
Mil árvores silvestres e ervas várias
O passo e o trato às gentes atalhavam.
Estas duras montanhas, adversárias
De mais conversação, por si mostravam
Que, dês que Adão pecou aos nossos anos,
Não a romperam nunca pés humanos.

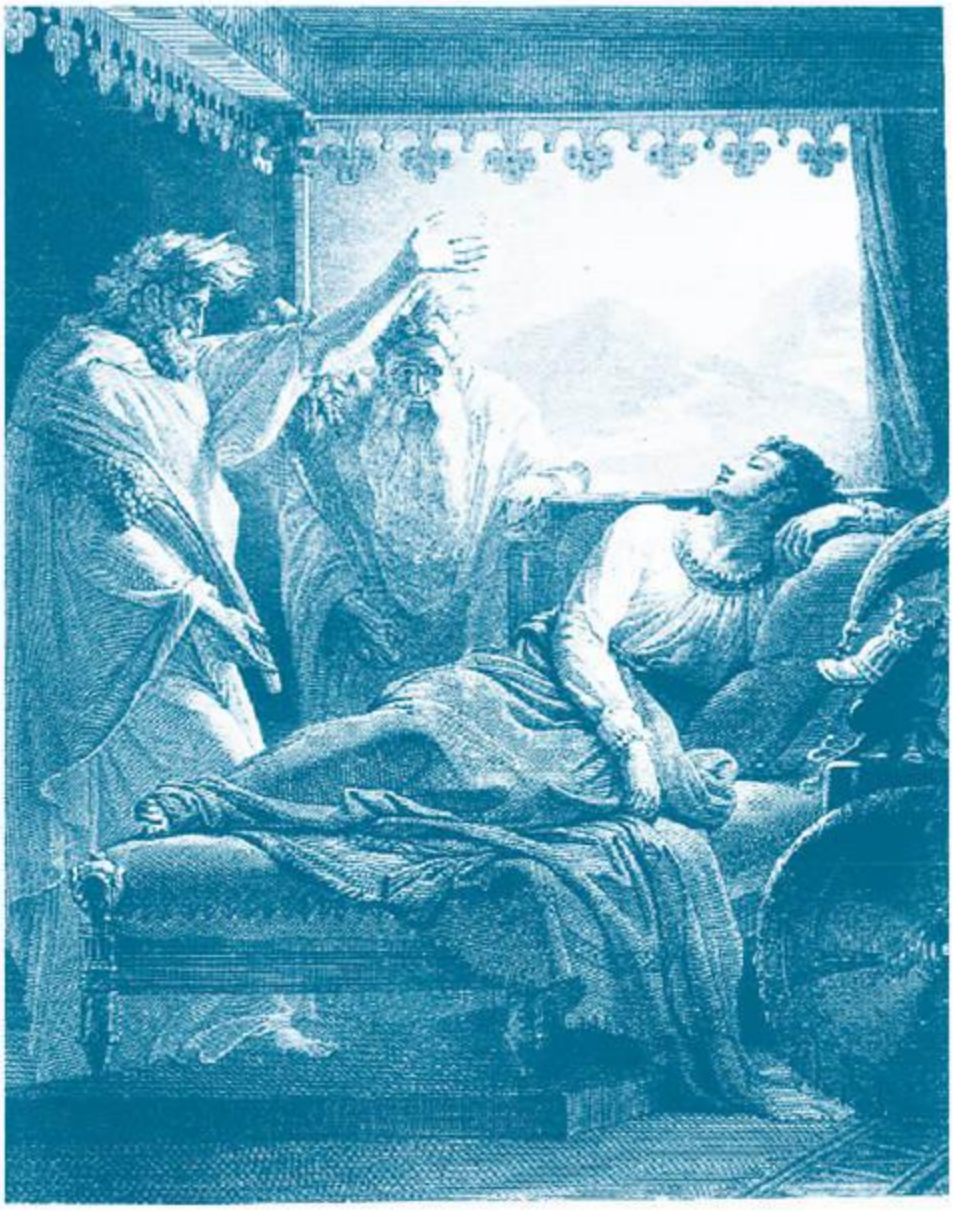
71 "Das águas se lhe antolha que saíam,
Para ele os largos passos inclinando,
Dois homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando;
Das pontas dos cabelos lhe caíam

Gotas que o corpo todo vão banhando;
A cor da pele, baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

72 "De ambos de dois a fronte coroada
Ramos não conhecidos e ervas tinha.
Um deles a presença traz cansada,[86]
Como quem de mais longe ali caminha;
E assi a água, com ímpeto alterada,
Parecia que doutra parte vinha,
Bem como Alfeu[87] de Arcádia em Siracusa
Vai buscar os abraços de Aretusa.

73 "Este, que era o mais grave na pessoa,
Destarte para o Rei de longe brada:
— 'Ó tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

74 "'Eu sou o ilustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro;
Estoutro é o Indo Rei, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-emos contudo dura guerra;
Mas, insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio
A quantas gentes vês porás o freio.'



75 “Não disse mais o Rio ilustre e santo,
Mas ambos desparecem num momento.
Acorda Emanuel c’um novo espanto
E grande alteração de pensamento.
Estendeu nisto Febo o claro manto
Pelo escuro Hemisfério sonolento;
Veio a manhã no céu pintando as cores
De pudibunda rosa e roxas flores.

76 “Chama o Rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do santo velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o náutico aparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares,
A buscar novos climas, novos ares.

77 “Eu,[88] que bem mal cuidava que em efeito
Se pusesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste jeito,
Pressago, o coração me prometia,
Não sei por que razão, por que respeito,
Ou por que bom sinal que em mim se via,
Me põe o ínclito Rei nas mãos a chave
Deste cometimento grande e grave.

78 “E com rogo e palavras amorosas,
Que é um mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: — ‘As cousas árduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga,
Que, quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

79 “‘Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empresa, qual a vós se deve,
Trabalho ilustre, duro e esclarecido,

O que eu sei que por mim vos será leve.’
Não sofri mais,[89] mas logo: — ‘Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

80 “‘Imaginai tamanhas aventuras
Quais Euristeu[90] a Alcides inventava:
O leão Cleoneu,[91] Harpias[92] duras.
O porco de Erimanto,[93] a Hidra brava,[94]
Descer enfim às sombras vãs e escuras
Onde os campos de Dite[95] a Estige lava;
Porque a maior perigo, a mor afronta,
Por vós, ó Rei, o esprito e carne é pronta.’

81 “Com mercês suntuosas me agradece
E com razões me louva esta vontade,
Que a virtude louvada vive e cresce,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se oferece,
Obrigado de amor e de amizade,
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O caro meu irmão Paulo da Gama.

82 “Mais se me ajunta Nicolau Coelho,[96]
De trabalhos mui grande sofredor.
Ambos são de valia e de conselho,
De experiência em armas e furor.
Já de manceba gente me aparelho
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assim parece
Quem a tamanhas cousas se oferece.

83 “Foram de Emanuel[97] remunerados
Por que com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos sucedessem.
Assim foram os Mínias[98] ajuntados,
Para que o Véu dourado[99] combatessem,
Na fatídica Nau[100] que ousou primeira

Tentar o mar Euxínio,[101] aventureira.

84 “E já no porto da ínclita Ulisseia[102]
C’um alvoroço nobre e c’um desejo
(Onde o licor mistura e branca areia
Co’o salgado Netuno o doce Tejo)
As naus prestes estão; e não refreia
Temor nenhum o juvenil despejo,[103]
Porque a gente marítima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.

85 “Pelas praias vestidos os soldados
De várias cores vêm e várias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naus os ventos sossegados
Ondeiam os aéreos estandartes;
Elas prometem, vendo os mares largos,
De ser no Olimpo estrelas, como a de Argos.[104]

86 “Depois de aparelhados, desta sorte,
De quanto tal viagem pede e manda,
Aparelhamos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o sumo Poder, que a etérea Corte
Sustenta só co’a vista veneranda,
Imploramos favor que nos guiasse
E que nossos começos aspirasse.

87 “Partimo-nos assim do santo templo[105]
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.[106]

88 “A gente da cidade, aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,

Saudosos na vista e descontentes.
E nós, co'a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solene, a Deus orando,
Para os batéis viemos caminhando.

89 "Em tão longo caminho e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As mulheres c'um choro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam;
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

90 "Qual[107] vai dizendo: — 'Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigério e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso e amaro,
Por que me deixas, mísera e mesquinha?
Por que de mim te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento?'

91 "Qual em cabelo: — 'Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quis Amor que viver possa,
Por que is[108] aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não é vossa?
Como por um caminho duvidoso,
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as velas leve o vento'

92 "Nestas e outras palavras que diziam,
De amor e de piedosa humanidade,
Os velhos e os meninos as seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quase movidos de alta piedade;
A branca areia as lágrimas banhavam,

Que em multidão com elas se igualavam.

93 “Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assim nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta ou fica, mais magoa.

94 “Mas um velho de aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C’um saber só de experiências feito,
Tais palavra tirou do experto peito:

95 — “‘Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto que se atiça
C’ũa aura popular que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles exprimentas!

96 “‘Dura inquietação d’alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!

97 “‘A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas

Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

98 "'Mas ó tu, geração daquele insano,[109]
Cujo pecado e desobediência
Não somente do Reino soberano
Te pôs neste desterro e triste ausência,
Mas inda doutro estado mais que humano,
Da quieta e da simples inocência,
Idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e de armas te deitou:

99 "'Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome 'esforço e valentia',
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la Quem a dá,[110]

100 "'Não tens junto contigo o Ismaelita,[111]
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio a lei maldita,[112]
Se tu pela de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?

101 "'Deixas criar às portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto e incógnito perigo,
Por que a Fama te exalte e te lisonje,
Chamando-te senhor, com larga cópia,

Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia!

102 “‘Oh! maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,[113]
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum, alto e profundo,
Nem cítara sonora ou vivo engenho
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória!

103 “‘Trouxe o filho de Jápeto[114] do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras — grande engano!
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos que a movera!

104 “‘Não cometera o moço miserando[115]
O carro alto do pai,[116] nem o ar vazio
O grande arquitetor co’o filho, dando
Um, nome ao mar, e, o outro, fama ao rio.[117]
Nenhum cometimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Mísera sorte! Estranha condição!’”

Notas

[1]D. João I, rei de Portugal.

[2]O conde de Ourém, amante da rainha D. Leonor. Esta oitava e a seguinte descrevem o furor popular contra o amante da Rainha e seus cúmplices, sendo ele assassinado perante ela, o bispo de Lisboa atirado da torre da Sé, uma abadessa de Évora despida e morta ao pé do altar, e outros arrastados pelas ruas.

[3]Astíanax, filho de Heitor e Andrômaca, atirado das muralhas de Troia pelos gregos. Os três *quem* da segunda metade da estrofe têm o significado de *um* ou *este*.

[4]General romano, inimigo de Mário.

[5]Beatriz, filha adulterina de D. Leonor Teles com D. Fernando, casada com D. João I, rei de Castela.

[6]Refere-se a Burgos, de acordo com a lenda fundada por Brigo, rei da Ibéria.

[7]D. Fernando, o Grande, rei de Caslela, e Rodrigo Díaz de Bivar, o Cid Campeador.

[8]Cádiz.

[9]Fenícios, de Tiro.

[10]Cuenca.

[11]Os portugueses.

[12]De Biscaia, os bascos.

[13]Província da região dos Pireneus.

[14]D. João, Mestre de Aviz.

[15]Cabelo longo.

[16]Dom Nuno Álvares Pereira, o Condestável.

[17]Recuse.

[18]D. João I.

[19]Triste.

[20]Referência aos romanos sobreviventes à batalha de Canas, ganha por Aníbal. Desejosos de se entregar ao general cartaginês, foram demovidos por Cornélio Cipião.

[21]Animais de Netuno: cavalos.

[22]Do verso sétimo ao oitavo: o exército persa comandado por Xerxes na guerra contra os gregos.

[23]Átila.

[24]A ala esquerda.

[25]Porta-bandeiras.

[26]O verão.

[27]Deusa da justiça, que habita o signo de Virgem. A batalha de Aljubarrota ocorreu a 14 de agosto de 1385.

[28]O cabo de Finisterra.

[29]D. Nuno Álvares.

[30]Júlio é Júlio César, e Magno refere-se a Pompeu, cognominado o Grande. A pronúncia aqui é *manho*, como ainda soa o *gn* em francês ou italiano.

[31]Sertório traiu Roma ao se unir aos lusitanos em guerra contra ela.

[32]General romano que se uniu aos volscos para assediar Roma.

[33]Líder da célebre conspiração contra Roma denunciada por Cícero.

[34]Plutão, deus dos infernos.

[35]Ceuta.

[36]Cidade do Marrocos.

[37]Região da Numídia.

[38]Cadeia de montes do Marrocos.

[39]Atira.

[40]Jogo de Marte, a guerra.

[41]O Styx, ou Estige, rio que rodeava o Inferno.

[42]Ordem de cavalaria.

[43]Ordem de cavalaria.

[44]Irmãos traidores de Nun'Álvares, que lutavam do lado castelhano.

[45]Cérbero, cão de três cabeças que guardava o Inferno.

[46]Sequioso.

[47]Três dias, após a vitória.

[48]Os reis de Portugal e Castela, que se casaram com duas princesas inglesas, respectivamente D. Filipa de Lencastre e D. Catarina, irmã desta.

[49]Naus.

[50]Alcides: Hércules. Referência ao Estreito de Gibraltar.

[51]Monte perto de Ceuta.

[52]Refere-se à traição de Julião, governador de Ceuta, que se uniu aos mouros em vingança a Rodrigo, rei dos visigodos, que lhe desonrara a filha.

[53]D. Fernando, o Infante Santo, morto em cativeiro no Marrocos.

[54]Último rei de Atenas.

[55]Cônsul romano. Pela palavra dada regressou a Cartago, donde saiu como prisioneiro para uma embaixada a Roma, sendo então morto.

[56]Patrício romano que se atirou em sacrifício propiciatório numa fenda aberta em pleno Fórum, de acordo com a lenda.

[57]Cônsules romanos que deram, em três gerações seguidas, a vida pela pátria.

[58]Referência à batalha de Toro, na Espanha, a única perdida por D. Afonso V.

[59]Hércules.

[60]Do verso sétimo ao oitavo: Alcácer Ceguer, conquistada por D. Afonso V, tal como Tânger e Arzila.

[61]Fernando de Aragão, o Católico, rei de Castela, contra o qual D. Afonso V guerreou, por questões dinásticas, sendo derrotado.

[62]D. João II, filho de D. Afonso V.

[63]Do verso quinto ao oitavo: referência à batalha de Octaviano Augusto e Marco Antônio contra Bruto e Cássio, matadores de César, perto de Filipos, na Macedônia, que também não foi decidida no primeiro dia.

[64]Trezeno: décimo terceiro.

[65]Do verso sétimo ao oitavo: o Oriente, que Vasco da Gama, o narrador, está buscando.

[66]Sereia que, desprezada por Ulisses, se matou, aparecendo-lhe o corpo numa cidade que recebeu seu nome, posteriormente Nápoles, que passou no século XV ao poder dos espanhóis.

[67]Para a.

[68]Relativo à Sicília.

[69]O Egito, onde Pompeu foi morto.

[70]Onde há ondas.

[71]O Mar Vermelho.

[72]Nabat, origem de nabateus.

[73]De Sabá, cidade do Mar Vermelho onde havia incenso.

[74]Mirra, convertida na árvore que dá o perfume do mesmo nome.

[75]As três partes que dividem a Arábia.

[76]Estreito de Ormuz.

[77]A torre do mesmo nome.

[78]De acordo com a lenda, ambos nasciam no Paraíso.

[79]Trajano, numa expedição à Índia, não pôde passar além da Pérsia.

[80]Região da Pérsia.

[81]Região da Ásia Menor.

[82]Do verso sétimo ao oitavo: os dois enviados de D. João II, Afonso de Paiva e Pero de Covilhã, morreram respectivamente no Cairo e na Abissínia.

[83]D. Manuel I, o Venturoso.

[84]Deus dos sonhos, filho da Noite.

[85]Os rios Indo e Ganges.

[86]O Ganges, por fluir de maior distância.

[87]Rio da Arcádia, que se sumia na terra e reaparecia, e que, de acordo com a lenda, desaguaria na Sicília, na fonte Aretusa, ninfa perseguida por Alfeu e transformada em fonte, como este em rio.

[88]Vasco da Gama, o narrador.

[89]Não mais esperei para dar a resposta.

[90]Rei de Micenas que encarregou Hércules dos Doze Trabalhos.

[91]Hércules lhe tirou a pele perto de Cleonas.

[92]Aves mitológicas ferozes.

[93]Floresta da Arcádia, onde Hércules matou um javali furioso.

[94]A Hidra de Lerna.

[95]Plutão, rei dos Infernos.

[96]Comandante da caravela *Bérrio* na armada de Vasco da Gama.

[97]D. Manuel.

[98]Os argonautas, descendentes de Mínias, rei da Tessália.

[99]O velocino de ouro.

[100]A nau *Argos*.

[101]O Mar Negro.

[102]Lisboa.

[103]Atrevimento, entusiasmo.

[104]A nau *Argos*, transformada em constelação.

[105]Igreja dos Reis de Belém, no local onde depois se ergueu o Mosteiro dos Jerônimos.

[106]Com dificuldade contenho as lágrimas.

[107]Com o sentido de *uma*, como na estrofe seguinte.

[108]Ides, em conjugação antiga.

[109]Geração de Adão, a espécie humana.

[110]Referência aos sofrimentos do Cristo no Horto das Oliveiras, às vésperas de ser supliciado.

[111]O mouro sarraceno.

[112]A religião de Maomé.

[113]Inferno.

[114]Filho de Jápeto: Prometeu, que modelou o primeiro homem, insuflando-lhe a vida através do fogo roubado do Céu.

[115]Faetonte.

[116]O sol.

[117]Do verso terceiro ao quarto: Dédalo e seu filho Ícaro. O primeiro se precipitou no rio Pó, e Ícaro no mar Egeu, ou Icário.

CANTO QVINTO



Canto quinto



1 “Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos;
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: — ‘Boa viagem!’. Logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

2 “Entrava neste tempo o Eterno lume
No animal Nemeio[1] truculento;
E o Mundo, que co’o tempo se consume,
Na sexta idade[2] andava, enfermo e lento;
Nela vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol catorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.[3]

3 “Já a vista pouco e pouco se desterra
Daqueles pátrios montes, que ficavam;
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nela os olhos se alongavam;
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam;
E já depois que toda se escondeu,

Não vimos mais enfim que mar e céu.

4 “Assim fomos abrindo aqueles mares
Que geração alguma não abriu,
As novas ilhas vendo e os novos ares
Que o generoso Henrique[4] descobriu;
De Mauritânia os montes e lugares,
Terra que Anteu num tempo possuiu,
Deixando à mão esquerda, que à direita
Não há certeza doutra, mas suspeita.[5]

5 “Passamos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assim se chama,
Das que nós povoamos a primeira,
Mais célebre por nome que por fama;[6]
Mas, nem por ser do mundo a derradeira,
Se lhe avantajam quantas Vênus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cipro, Gnido, Pafos e Citera.[7]

6 “Deixamos de Massília a estéril costa,
Onde seu gado os Azenegues[8] pastam,
Gente que as frescas águas nunca gosta,
Nem as ervas do campo bem lhe abastam:
A terra, a nenhum fruto enfim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inópia,[9]
Que aparta a Barbaria de Etiópia.[10] [11]

7 “Passamos o limite aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos a quem nega
O filho de Climene[12] a cor do dia.
Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá[13] a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinário o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo Verde.

8 “Passadas tendo já as Canárias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,

Entramos, navegando, pelas filhas,
Do velho Hespério,[14] Hespéridas chamadas,
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas.
Ali tomamos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

9 “Àquela ilha aportamos que tomou
O nome do guerreiro Santiago,
Santo que os Espanhóis tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui, tanto que Bóreas nos ventou,
Tornamos a cortar o imenso lago
Do salgado Oceano, e assim deixamos
A terra onde o refresco doce achamos.

10 “Por aqui, rodeando a larga parte
De África, que ficava ao Oriente,
A província Jalofo,[15] que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga,[16] por cuja arte
Logramos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambeia[17] as águas bebe
As quais o largo Atlântico recebe,

11 “As Dórcadas[18] passamos, povoadas
Das Irmãs[19] que outro tempo ali viviam,
Que, de vista total sendo privadas,
Todas três dum só olho se serviam.
Tu só, tu,[20] cujas tranças encrespadas
Netuno lá nas águas acendiam,
Tornada já de todas a mais feia,
De víboras[21] encheste a ardente areia!

12 “Sempre enfim para o Austro[22] a aguda proa,
No grandíssimo gólfão[23] nos metemos,
Deixando a serra aspérrima Leoa,
Co’o Cabo a quem das Palmas nome demos.
O grande rio,[24] onde batendo soa

O mar nas praias notas que ali temos,
Ficou, co'a Ilha ilustre[25] que tomou
O nome dum que o lado a Deus tocou.

13 "Ali o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido à fé de Cristo,
Por onde o Zaire passa, claro e longo,
Rio pelos antigos nunca visto.
Por este largo mar enfim me alongo
Do conhecido Polo de Calisto,[26]
Tendo o término ardente já passado
Onde o meio do Mundo é limitado.[27]

14 "Já descoberto tínhamos diante,
Lá no novo Hemisfério, nova estrela,[28]
Não vista de outra gente, que, ignorante,
Alguns tempos esteve incerta dela.
Vimos a parte menos rutilante
E, por falta de estrelas, menos bela
Do Polo fixo, onde inda se não sabe
Que outra terra comece ou mar acabe.

15 "Assim passando aquelas regiões,
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dois invernos fazendo e dois verões,
Enquanto corre dum ao outro Polo;[29]
Por calmas, por tormentas e opressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, apesar de Juno,
Banharem-se nas águas de Netuno.[30]

16 "Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Súbitas trovoadas temerosas,
Relâmpados[31] que o ar em fogo acendem,
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões que o mundo fendem,
Não menos é trabalho que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

17 "Os casos vi, que os rudos marinheiros

Que têm por mestra a longa experiência,
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela aparência,
E que os que têm juízos mais inteiros,
Que só por puro engenho e por ciência
Veem do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos ou mal entendidos.

18 “Vi, claramente visto, o lume vivo[32]
Que a marítima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e causa, certo, de alto espanto,
Ver as nuvens do mar com largo cano
Sorver as altas águas do Oceano.[33]

19 “Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho e sutil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se;
De aqui levado um cano ao Polo sumo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da matéria das nuvens parecia.

20 “Ia-se pouco e pouco acrescentando
E mais que um largo mastro[34] se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de água em si chupava;
Estava-se co’as ondas ondeando;
Em cima dele ũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada,
Co’o cargo grande d’água em si tomada.

21 “Qual roxa sanguessuga se veria
Nos beiços da alimária (que, imprudente,
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar co’o sangue alheio a sede ardente;
Chupando, mais e mais se engrossa e cria,

Ali se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande coluna, enchendo, aumenta
A si e a nuvem negra que sustenta.

22 “Mas, depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo céu, chovendo, enfim voou,
Por que co’a água a jacente água molhe;
Às ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sábios na escritura
Que segredos são estes de Natura!

23 “Se os antigos Filósofos, que andaram
Tantas terras por ver segredos delas,
As maravilhas que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas,
Que grandes escrituras que deixaram!
Que influição de signos e de estrelas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades.

24 “Mas já o Planeta[35] que no céu primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro,
Mostrara, enquanto o mar cortava a armada,
Quando da etérea gávea um marinheiro,
Pronto co’a vista, ‘Terra! Terra!’ brada.
Salta no bordo alvoroçada a gente,
Co’os olhos no horizonte do Oriente.

25 “A maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes que enxergamos;
As âncoras pesadas se adereçam;
As velas, já chegados, amainamos;
E, para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos
Pelo novo instrumento do Astrolábio,[36]
Invenção de sutil juízo e sábio,

26 “Desembarcamos logo na espaçosa

Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra que outro povo não pisou;
Porém eu, co'os pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura
E compassar a universal pintura.

27 "Achamos ter de todo já passado
Do Semicapro Peixe[37] a grande meta,
Estando entre ele e o círculo gelado
Austral,[38] parte do mundo mais secreta.
Eis, de meus companheiros rodeado,
Vejo um estranho vir, de pele preta,
Que tomaram por força, enquanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

28 "Torvado vem na vista, como aquele
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,
Selvagem mais que o bruto Polifemo.[39]
Começo-lhe a mostrar da rica pele
De Colcos[40] o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.

29 "Mando mostrar-lhe peças mais somenos:
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascavéis[41] pequenos,
Um barrete vermelho, cor contente;
Vi logo, por sinais e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente.
Mando-o soltar com tudo, e assim caminha
Para a povoação, que perto tinha.

30 "Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus e da cor da escura treva,
Descendo pelos ásperos outeiros,
As peças vêm buscar que estoutro leva.
Domésticos já tanto e companheiros

Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Veloso a ir ver da terra o trato
E partir-se com eles pelo mato.

31 “É Veloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaço já passado
Em que algum bom sinal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co’o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Aparece, e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora, vinha.

32 “O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar;[42] mas, antes que chegasse,
Um Etíope ousado se arremessa
A ele, por que não se lhe escapasse;
Outro e outro lhe saem; vê-se em pressa
Veloso, sem que alguém lhe ali ajudasse;
Acudo eu logo, e, enquanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro descoberto.

33 “Da espessa nuvem setas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida,
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dali ferida;
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida,
Que em mais que nos barretes, se suspeita
Que a cor vermelha levam desta feita.

34 “E, sendo já Veloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malícia feia e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da Índia desejada
Que estarmos inda muito longe dela.
E assim tornei a dar ao vento a vela.

35 “Disse então a Veloso um companheiro

(Começando-se todos a sorrir):
— ‘Olá, Veloso amigo, aquele outeiro
É melhor de descer que de subir…’
— ‘Sim, é, — responde o ousado aventureiro —,
Mas, quando eu para cá vi tantos vir
Daqueles cães, depressa um pouco vim,
Por me lembrar que estáveis cá sem mim.’

36 “Contou então que, tanto que passaram
Aquele monte, os negros de quem falo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, ali matá-lo;
E tornando-se, logo se emboscaram,
Por que, saindo nós para tomá-lo,
Nos pudessem mandar ao Reino escuro,[43]
Por nos roubarem mais a seu seguro.

37 “Porém já cinco Sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

38 “Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo.
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
— ‘Ó Potestade — disse — sublimada,[44]
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?’

39 “Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura

Medonha e má, e a cor terrena e pálida,
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

40 "Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres[45] foi do mundo.
C'um tom de voz nos fala horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes e o cabelo
A mim e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.

41 "E disse: — 'Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados de estranho ou próprio lenho;

42 "'Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do úmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de mim que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pela terra
Que inda hás-de subjugar com dura guerra.

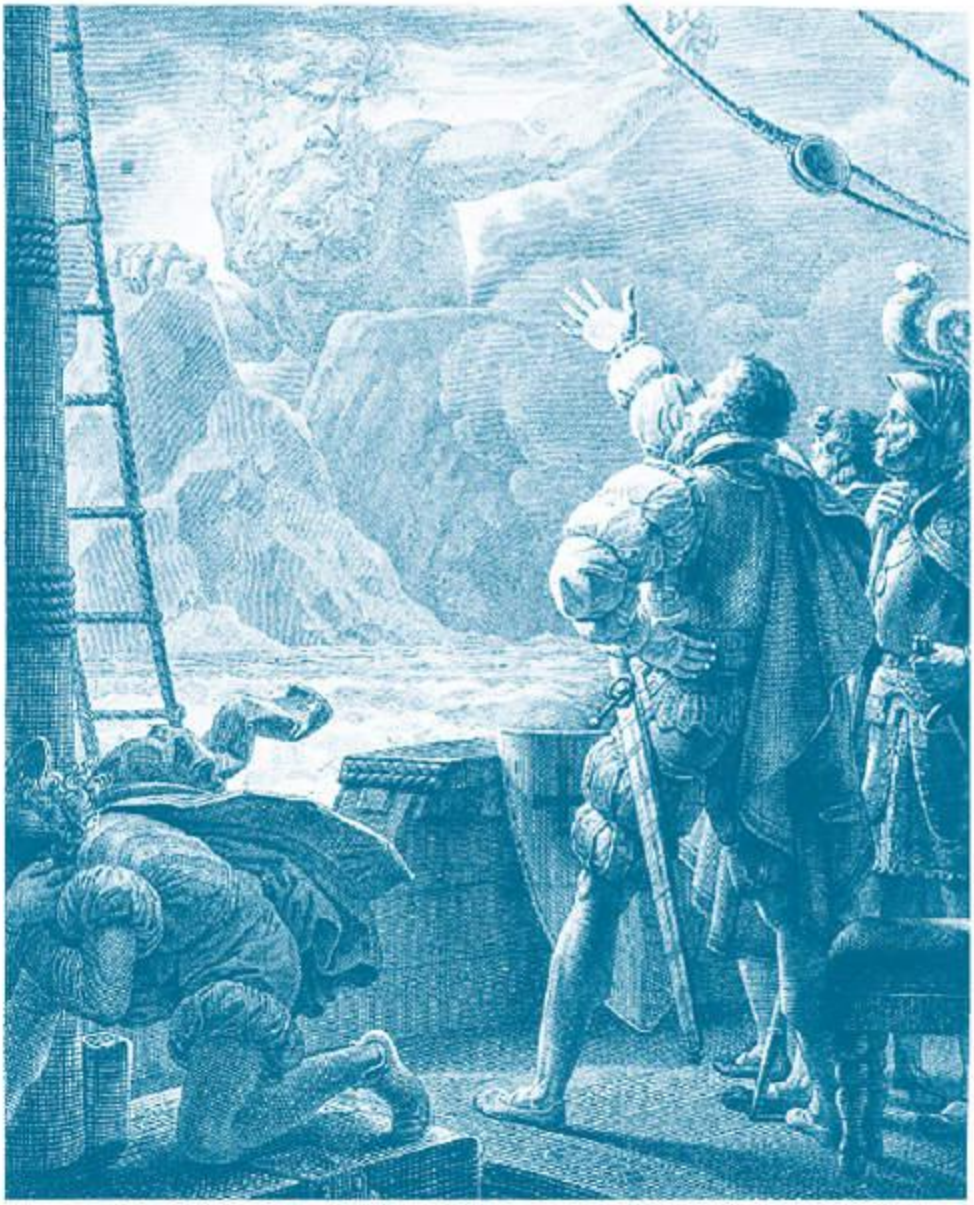
43 "'Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes fizerem, de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas;
E na primeira armada[46] que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei de improviso tal castigo,
Que seja mor o dano que o perigo.

44 "'Aqui espero tomar, se não me engano,

De quem me descobriu[47] suma vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança,
Antes em vossas naus vereis, cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

45 "'E do primeiro Ilustre,[48] que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus;
Aqui porá da turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça.

46 "'Outro também virá,[49] de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a fermosa dama[50]
Que Amor por grão mercê lhe terá dado;
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.



47 “‘Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres, ásperos e avaros,
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e preclaros,
À calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pisada longamente
Co’os delicados pés a areia ardente.

48 “‘E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes míseros ficarem
Na férvida e implacábil espessura;
Ali, depois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da fermosa e misérrima prisão.’[51]

49 “Mais ia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando, alçado,
Lhe disse eu: — ‘Quem és tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado!’
A boca e os olhos negros retorcendo
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:

50 — “‘Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,[52]
Que nunca a Ptolomeu,[53] Pompônio,[54] Estrabo,[55]
Plínio[56] e quantos passaram fui notório.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório,
Que para o Polo Antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende.

51 “‘Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
Qual Encélado, Egeu e o Centimano;[57]
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra

Contra o que vibra os raios[58] de Vulcano;
Não que pusesse serra sobre serra,[59]
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Netuno, que eu buscava.

52 "'Amores da alta esposa de Peleu[60]
Me fizeram tomar tamanha empresa;
Todas as Deusas desprezei do Céu,
Só por amar das águas a princesa;
Um dia a vi, co'as filhas de Nereu,
Sair nua na praia, e logo presa
A vontade senti de tal maneira
Que inda não sinto cousa que mais queira.

53 "'Como fosse impossíbil alcançá-la
Pela grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la,
E a Dóris[61] este caso manifesto.
De medo a Deusa então por mim lhe fala;
Mas ela c'um fermoso riso honesto,
Respondeu: — 'Qual será o amor bastante
De Ninfa, que sustente o dum Gigante?

54 "'Contudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que, com minha honra, escuse o dano.'
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu, que cair não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira),
Encheram-me com grandes abundanças
O peito de desejos e esperanças.

55 "'Já néscio, já da guerra desistindo,
Uma noite, de Dóris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Tétis, única, despida,
Como doudo corri, de longe abrindo
Os braços para aquela que era vida
Deste corpo, e começo os olhos belos

A lhe beijar, as faces e os cabelos.

56 “‘Oh! Que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c’um duro monte
De áspero mato e de espessura brava.
Estando c’um penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e quedo
E, junto dum penedo, outro penedo!

57 “‘Ó Ninfa, a mais fermosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?
Daqui me parto, irado e quase insano
Da mágoa e da desonra ali passada,
A buscar outro mundo onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

58 “‘Eram já neste tempo meus Irmãos
Vencidos, e em miséria extrema postos,
E, por mais segurar-se os Deuses vãos,
Alguns a vários montes sotopostos.[62]
E, como contra o Céu não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do Fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo:

59 “‘Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês e esta figura
Por estas longas águas se estenderam:
Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto Cabo converteram
Os Deuses; e, por mais dobradas mágoas,
Me anda Tétis cercando destas águas.’

60 “Assim contava, e c’um medonho choro
Súbito d’ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c’um sonoro

Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao santo coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos que Adamastor contou futuros.

61 “Já Flégon e Piróis[63] vinham tirando,
Co’os outros dois, o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando
Em que foi convertido o grão Gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ela abaixo um pouco navegamos,
Onde segunda vez terra tomamos.

62 “A gente que esta terra possuía,
Posto que todos Etiopes[64] eram,
Mais humana no trato parecia
Que os outros que tão mal nos receberam;
Com bailes e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram,
As mulheres consigo e o manso gado
Que apascentavam, gordo e bem criado.

63 “As mulheres, queimadas, vêm em cima
Dos vagarosos bois, ali sentadas,
Animais que eles têm em mais estima
Que todo o outro gado das manadas.
Cantigas pastoris, ou prosa ou rima,
Na sua língua cantam, concertadas
Co’o doce som das rústicas avenas,
Imitando de Títiro[65] as Camenas.[66]

64 “Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos galinhas e carneiros
A troco doutras peças que levaram;
Mas, como nunca enfim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram
Que desse algum sinal do que buscamos,

As velas dando,[67] as âncoras levamos.

65 “Já aqui tínhamos dado um grão rodeio
À costa negra de África, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do Céu, e o Polo Antártico ficava.
Aquele ilhéu[68] deixamos onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentório Cabo, e, descoberto,
Naquele ilhéu fez seu limite certo.

66 “Daqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de árduas esperanças.
Co’o mar um tempo andamos em porfias,
Que, como tudo nele são mudanças,
Corrente nele achamos[69] tão possante,
Que passar não deixava por diante:

67 “Era maior a força em demasia,
Segundo para trás nos obrigava,
Do mar que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento que assoprava.
Injuriado Noto[70] da porfia
Em que co’o mar (parece) tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

68 “Trazia o Sol o dia celebrado[71]
Em que três Reis das partes do Oriente
Foram buscar um Rei, de pouco nado,
No qual Rei outros três há juntamente.[72]
Neste dia outro porto[73] foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
No dia em que por ele nos metemos.

69 “Dessa gente refresco algum tomamos
E do rio fresca água, mas contudo,
Nenhum sinal aqui da Índia achamos

No povo, com nós outros quase mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andamos
Sem sair nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova nem sinal
Da desejada parte Oriental!

70 "Ora imagina agora quão coitados
Andaríamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não sabidos,
E do esperar comprido tão cansados,
Quanto a desesperar já compelidos,
Por céus não naturais, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade!

71 "Corrupto já e danado o mantimento,
Danoso e mau ao fraco corpo humano,
E além disso nenhum contentamento
Que sequer da esperança fosse engano!
Crês tu que, se este nosso ajuntamento
De soldados não fora Lusitano,
Que durara ele tanto obediente
Porventura a seu Rei e a seu regente?

72 "Crês tu que já não foram levantados
Contra o seu Capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquela Portuguesa alta excelência
De lealdade firme e obediência.

73 "Deixando o porto, enfim, do doce rio[74]
E tornando a cortar a água salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pego toda a armada,
Por que, ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a água da enseada
Que a costa faz ali daquela banda,

Donde a rica Sofala o ouro manda.

74 “Esta passada, logo o leve leme
Encomendado ao sacro Nicolau,[75]
Para onde o mar na costa brada e geme,
A proa inclina duma e doutra nau;
Quando, indo o coração, que espera e teme,
E que tanto fiou dum fraco pau,
Do que esperava já desesperado,
Foi duma novidade alvoroçado.

75 “E foi que, estando já da costa perto,
Onde as praias e vales bem se viam,
Num rio,[76] que ali sai ao mar aberto,
Batéis à vela entravam e saíam.
Alegria mui grande foi, por certo,
Acharmos já pessoas que sabiam
Navegar, porque entre elas esperamos
De achar novas algumas, como achamos.

76 “Etíopes[77] são todos, mas parece
Que com gente melhor comunicavam;
Palavra alguma Arábia se conhece
Entre a linguagem sua que falavam;
E com pano delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada um as vergonhosas partes cinge.

77 “Pela Arábica língua, que mal falam,
E que Fernão Martins[78] mui bem entende,
Dizem que por naus que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende;
Mas que lá donde sai o Sol se abalam
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul para o Sol, terra onde havia
Gente, assim como nós, da cor do dia.

78 “Mui grandemente aqui nos alegramos
Co’a gente, e com as novas muito mais.
Pelos sinais que neste rio achamos,

O nome lhe ficou dos Bons Sinais.
Um padrão nesta terra alevantamos,
Que, para assinalar lugares tais,
Trazia alguns; o nome tem do belo
Guiador de Tobias a Gabelo.[79]

79 “Aqui de limos, cascas e de ostrinhos,
Nojosa criação das águas fundas,
Alimpamos as naus, que dos caminhos
Longos do mar vêm sórdidas e imundas.
Dos hóspedes que tínhamos vizinhos,
Com mostras aprazíveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

80 “Mas não foi da esperança grande e imensa
Que nesta terra houvemos, limpa e pura
A alegria, mas logo a recompensa
A Ramnúsia[80] com nova desventura.
Assim no Céu sereno se dispensa;
Com esta condição pesada e dura,
Nascemos: o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

81 “E foi que de doença crua e feia,[81]
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que sem o ver o creia?
Que tão disformemente ali lhe incharam
As gengivas na boca, que crescia
A carne e juntamente apodrecia.

82 “Apodrecia c’um fétido e bruto
Cheiro, que o ar vizinho inficionava.
Não tínhamos ali médico astuto,
Cirurgião sutil menos se achava;
Mas qualquer, neste ofício pouco instruto,
Pela carne já podre assim cortava
Como se fora morta; e bem convinha,

Pois que morto ficava quem a tinha.

83 “Enfim, que nesta incógnita espessura
Deixamos para sempre os companheiros,
Que, em tal caminho e em tanta desventura,
Foram sempre conosco aventureiros.
Quão fácil é ao corpo a sepultura!
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros
Estranhos, assim mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o Ilustre os ossos.

84 “Assim que deste porto nos partimos
Com maior esperança e mor tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum sinal de mais firmeza;
Na dura Moçambique, enfim, surgimos,
De cuja falsidade e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça, pouco humanos.

85 “Até que aqui, no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dará saúde a um vivo e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto Assento.
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento,
Nos deste. E vês aqui, se atento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

86 “Julgas agora, Rei, se houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem.
Crês tu que tanto Eneias e o facundo
Ulisses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que dele se escrevessem,
Do que eu vi, a poder de esforço e de arte,
E do que inda hei-de ver, a oitava parte?

87 “Esse que bebeu tanto[82] da água Aônia,[83]
Sobre quem têm contenda peregrina,
Entre si, Rodes, Smirna e Colofônia,

Atenas, Ios, Argo e Salamina;[84]
Essoutro[85] que esclarece toda Ausônia,[86]
A cuja voz altíssona e divina
Ouvindo, o pátrio Míncio[87] se adormece,
Mas o Tibre[88] co'o som se ensoberbece;

88 "Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus Semideuses, e encareçam,
Fingindo magas Circes, Polifemos,
Sirenas[89] que co'o canto os adormeçam;
Deem-lhe mais navegar à vela e remos
Os Cícones[90] e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;[91]
Deem-lhe perder nas águas o piloto;

89 "Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calipsos namoradas;
Harpias que o manjar lhe contaminem;
Descer às sombras nuas já passadas;[92]
Que por muito e por muito que se afinem
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto, nua e pura,
Vence toda grandíloqua escritura!"

90 Da boca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos, embebidos,
Quando deu fim à longa narração
Dos altos feitos, grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos;
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade de ânimo e nobreza.

91 Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou;
Nenhum deles da gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou,
Mas já o mancebo Délio[93] as rédeas vira
Que o irmão de Lampécia[94] mal guiou,

Por vir a descansar nos Tétios braços;[95]
E el-Rei se vai do mar aos nobres paços.

92 Quão doce é o louvor e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha que em memória
Vença ou iguale os grandes já passados;
As invejas da ilustre e alheia história
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.

93 Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Aquiles, Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os troféus de Milcíades,[96] famosos,
Temístocles[97] despertam só de inveja;
E diz que nada tanto o deleitava
Como a voz que seus feitos celebrava.

94 Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações que o mundo canta
Não merecem tamanha glória e fama
Como a sua, que o Céu e a Terra espanta.
Sim; mas aquele Herói[98] que estima e ama
Com dons, mercês, favores e honra tanta,
A lira Mantuana, faz que soe
Eneias, e a Romana glória voe.

95 Dá a terra Lusitana Cipiões,[99]
Césares, Alexandros, e dá Augustos,
Mas não lhe dá contudo aqueles dões
Cuja falta os faz duros e robustos.
Octávio,[100] entre as maiores opressões,
Compunha versos doutos e venustos[101]
(Não dirá Fúlvia,[102] certo, que é mentira,
Quando a deixava Antônio por Glafira.)[103]

96 Vai César subjugando toda França,

E as armas não lhe impedem a ciência;
Mas, numa mão a pena e noutra a lança,
Igualava de Cícero a eloquência.[104]
O que de Cipião se sabe e alcança,
É nas comédias grande experiência.
Lia Alexandro a Homero, de maneira
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.

97 Enfim, não houve forte Capitão
Que não fosse também douto e ciente,
Da Lácia, Grega ou Bárbara nação,
Senão da Portuguesa tão somente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
De algum não ser por versos excelente,
É não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe a arte, não na estima.[105]

98 Por isso, e não por falta de natura,
Não há também Virgílios nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneias nem Aquiles feros.
Mas o pior de tudo é que a ventura
Tão ásperos os fez e tão austeros,
Tão rudos e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.

99 Às Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da Pátria, que as obriga
A dar aos seus na lira nome e fama
De toda a ilustre e bélica fadiga;
Que ele, nem quem na estirpe seu se chama
Calíope não têm por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas de ouro fino e que o cantassem.

100 Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, é somente o pressuposto
Das Tágides gentis, e seu respeito;
Porém não deixe enfim de ter disposto

Ninguém a grandes obras sempre o peito,
Que por esta ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.



Notas

[1]A constelação de Leão.

[2]A era cristã.

[3]Toda a oitava se refere, por perífrase, à data da partida da esquadra, 8 de julho de 1497.

[4]O Infante D. Henrique.

[5]Refere-se à suspeita da existência de terras americanas a oeste, em continuação às descobertas por Colombo cinco anos antes.

[6]Mais conhecida pela presença concreta do que por fatos históricos.

[7]Quatro ilhas onde Vênus era venerada.

[8]Pastores do Senegal.

[9]Penúria.

[10]Barbaria é o norte da África, e Etiópia a África negra.

[11]Do verso quinto ao oitavo: refere-se ao deserto do Saara.

[12]Faetonte.

[13]O rio Senegal.

[14]Lendário monarca da Mauritânia.

[15]Região entre o Senegal e o Cabo Verde.

[16]Região da África ocidental.

[17]O rio Gâmbia.

[18]Górgonas, ilhas mitológicas, provavelmente as de Cabo Verde.

[19]As três Górgonas.

[20]Medusa.

[21]No original *bívoras*.

[22]Sul.

[23]O Golfo da Guiné.

[24]O Zaire.

[25]Ilha de São Tomé.

[26]O hemisfério norte.

[27]Do verso sétimo ao oitavo: refere-se à passagem do equador.

[28]O Cruzeiro do Sul.

[29]Do verso primeiro ao quarto: refere-se aos fenômenos climáticos na região do equador.

[30]Do verso sétimo ao oitavo: os navegantes veem, pela primeira vez, as Ursas se abaixarem no firmamento, em direção ao mar. Juno, que transformou Calisto na Ursa Maior, ordenou ao Oceano que não permitisse que estas constelações se banhassem no mar. A Ursa Menor é Arcas, filho de Calisto com Júpiter.

[31]Forma antiga de relâmpagos.

[32]O Fogo de Santelmo.

[33]Do verso quarto ao oitavo: refere-se, como nas quatro oitavas que se seguem, à tromba marítima.

[34]No original *masto*.

[35]A lua. Refere-se a cinco meses lunares já passados.

[36]O astrolábio fora inventado em 1480.

[37]O trópico de Capricórnio.

[38]Círculo gelado austral: o polo sul.

[39]O ciclope ao qual Ulisses vasou o único olho, para escapar de ser devorado com seus companheiros.

[40]De Cólquida, na Ásia Menor; referência ao velocino de ouro.

[41]Guizos.

[42]Para o tomar.

[43]O mundo dos mortos.

[44]O poder divino.

[45]As sete maravilhas do mundo.

[46]A armada de Pedro Álvares Cabral, que, em viagem à Índia, após a descoberta do Brasil, ali perdeu seis navios.

[47]Bartolomeu Dias, descobridor, em 1486, do Cabo das Tormentas, e morto no naufrágio de um dos navios da citada armada de Pedro Álvares Cabral.

[48]D. Francisco de Almeida, lá morto pelos cafres em 1510, retornando da Índia para Portugal.

[49]Manuel de Sousa de Sepúlveda, lá morto de fome com a mulher e dois filhos, após o naufrágio do galeão *São João*, em 1552.

[50]Sua mulher, D. Leonor de Sá, filha de D. Garcia de Sá, governador da Índia.

[51]O corpo humano.

[52]O Cabo das Tormentas.

[53]Astrônomo e geógrafo grego, autor do sistema planetário antigo.

[54]Geógrafo romano.

[55]Estrabão, geógrafo grego.

[56]Plínio, o Velho, naturalista e geógrafo romano.

[57]Do verso primeiro ao segundo: refere-se a vários dos gigantes, filhos da Terra, que entraram em guerra com os deuses, tentando escalar o Olimpo.

[58]Júpiter.

[59]Refere-se aos Titãs, que sobrepuseram montanhas para escalar o céu.

[60]Tétis, deusa dos oceanos.

[61]Mãe de Tétis.

[62]Do verso primeiro ao quarto: vencidos na sua guerra contra os deuses, vários Titãs foram sepultados sob montanhas por ordem dos mesmos.

[63]Dois dos cavalos que puxavam o carro de Apolo.

[64]No sentido de negros. A pronúncia aí é paroxítona.

[65]Pastor da Égloga I de Virgílio.

[66]Musas.

[67]Ao vento.

[68]Ilha de Santa Cruz, descoberta por Bartolomeu Dias.

[69]A corrente marítima do canal de Moçambique.

[70]Um dos quatro ventos.

[71]Dia de Reis, ou seja, 6 de janeiro de 1498.

[72]Refere-se à Santíssima Trindade.

[73]O porto da Água da Boa Paz.

[74]O Rio dos Reis.

[75]São Nicolau, patrono dos navegantes.

[76]Rio dos Bons Sinais, braço do rio Zambeze, atualmente Quilimane.

[77]Negros.

[78]Intérprete da armada de Vasco da Gama.

[79]Refere-se ao anjo São Rafael, que guiou Tobias, filho do patriarca do mesmo nome, até Gabelo, que devia uma quantia ao seu pai.

[80]Nêmesis, a deusa da vingança.

[81]O escorbuto, descrito nesta estância e na seguinte.

[82]Homero.

[83]Aônia é a Beócia, onde havia a fonte inspiradora Aganipe.

[84]Do verso terceiro ao quarto: as sete cidades que disputam ser a terra natal de Homero.

[85]Virgílio.

[86]A Itália.

[87]Rio que banha Mântua, cidade natal de Virgílio.

[88]O rio Tibre, que banha Roma.

[89]Sereias.

[90]Povo da Trácia visitado por Ulisses. Todas as referências desta oitava e do início da seguinte são à *Odisseia*.

[91]Entre os lotófagos, na *Odisseia*, quem comesse o loto perdia a vontade de retornar para a pátria.

[92]Do verso terceiro ao quarto: as Harpias que contaminam os alimentos e a descida aos Infernos são episódios da *Eneida*.

[93]Apolo.

[94]Faetonte.

[95]As águas do mar, ou seja, o pôr do sol no oceano.

[96]General ateniense, vencedor em Maratona.

[97]General ateniense, vencedor da batalha de Salamina.

[98]Augusto, protetor de Virgílio e de outros poetas.

[99]Família romana que deu vários grandes capitães.

[100]Augusto.

[101]Graciosos, de Vênus.

[102]Mulher de Marco Antônio.

[103]Personagem de identidade controversa, talvez a esposa de Arquelau, talvez Cleópatra, talvez a atriz Citéris.

[104]Do verso primeiro ao quarto: refere-se à redação, por César, da *De Bello Gallico*.

[105]Nesta estrofe e nas três seguintes, que encerram o canto, Camões lamenta o descaso dos portugueses pelas letras que imortalizariam seus feitos. Na estrofe 99 invectiva especificamente a família de Vasco da Gama, que demonstrou total desinteresse pelo seu Poema. Na última oitava, no entanto, recomenda que ninguém, por falta de compreensão e recompensa, esmoreça na realização das grandes obras.

CANTO SEXTO



Canto sexto



1 Não sabia em que modo festejasse
O Rei Pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei Cristão, das gentes tão possantes.
Pesa-lhe que tão longe o aposentasse
Das Europeias terras abundantes
A ventura, que não no fez vizinho
Donde Hércules ao mar abriu caminho.[1]

2 Com jogos, danças e outras alegrias,
A segundo a polícia[2] Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia[3] Antônio alegra e engana,
Este famoso Rei todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com frutas, aves, carnes e pescados.

3 Mas vendo o Capitão que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta e tome asinha[4]
Os Pilotos da terra e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento.
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

4 Pede-lhe mais que aquele porto seja
Sempre com suas frotas visitado,

Que nenhum outro bem maior deseja
Que dar a tais barões seu Reino e Estado;
E que, enquanto seu corpo o esprito reja,
Estará de contínuo aparelhado
A pôr a vida e Reino totalmente
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

5 Outras palavras tais lhe respondia
O Capitão, e logo, as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo há já que vai buscando.
No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa; e assim caminha
Já mais seguro do que dantes vinha.

6 As ondas navegavam do Oriente,
Já nos mares da Índia, e enxergavam
Os tálamos do Sol, que nasce ardente;
Já quase seus desejos se acabavam.
Mas o mau de Tioneu,[5] que na alma sente
As venturas que então se aparelhavam
À gente Lusitana, delas dina,
Arde, morre, blasfema e desatina.

7 Via estar todo o Céu determinado
De fazer de Lisboa nova Roma;
Não no pode estorvar, que destinado
Está doutro Poder que tudo doma.
Do Olimpo desce, enfim, desesperado,
Novo remédio em terra busca e toma:
Entra no úmido Reino e vai-se à corte
Daquele[6] a quem o Mar caiu em sorte.

8 No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas saem furibundas
Quando às iras do vento o mar responde,
Netuno mora, e moram as jucundas
Nereidas e outros Deuses do mar, onde

As águas campo deixam às cidades
Que habitam estas úmidas Deidades.

9 Descobre o fundo nunca descoberto
As areias ali de prata fina;
Torres altas se veem, no campo aberto,
De transparente massa cristalina;
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se é cristal o que vê, se diamante,
Que assim se mostra claro e radiante.

10 As portas de ouro fino, e marchetadas
Do rico aljôfar que nas conchas nasce,
De escultura fermosa estão lavradas.
Na qual do irado Baco a vista pasce:
E vê primeiro, em cores variadas,
Do velho Caos a tão confusa face;
Veem-se os quatro Elementos trasladados,
Em diversos ofícios ocupados.

00 11 Ali sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma matéria se sustinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Depois que Prometeu furtado o tinha.
Logo após ele, leve se sublima
O invisíbil Ar, que mais asinha
Tomou lugar e, nem por quente ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

12 Estava a Terra em montes revestida
De verdes ervas e árvores floridas,
Dando pasto diverso e dando vida
Às alimárias nela produzidas.
A clara forma ali estava esculpida
Das Águas entre a Terra desparzidas,
De pescados criando vários modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

13 Noutra parte, esculpida estava a guerra
Que tiveram os Deuses co'os Gigantes:

Está Tifeu debaixo da alta serra
De Etna, que as flamas lança crepitantes.[7]
Esculpido se vê, ferindo a Terra,
Netuno, quando as gentes, ignorantes,
Dele o cavalo houveram, e a primeira
De Minerva pacífica oliveira.

14 Pouca tardança faz Lieu[8] irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Netuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando.
Às portas o recebe, acompanhado
Das Ninfas, que se estão maravilhando
De ver que, cometendo tal caminho,
Entre no reino da água o Rei do vinho.

15 — "Ó Netuno — lhe disse —, não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,
Porque também co'os grandes e possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes.
Manda chamar os Deuses do mar, antes
Que fale mais, se ouvir-me o mais quiseres;
Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal que toca a todos!"

16 Julgando já Netuno que seria
Estranho caso aquele, logo manda
Tritão que chame os Deuses da água fria,
Que o mar habitam duma e doutra banda.
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei e de Salácia[9] veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai e seu correio.[10]

17 Os cabelos da barba e os que descem
Da cabeça nos ombros, todos eram
Uns limos prenhes de água, e bem parecem
Que nunca brando pente conheceram;
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros mexilhões, que ali se geram.

Na cabeça, por garra, tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta.

18 O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém, de pequenos animais
Do mar todos cobertos, cento e cento:
Camarões e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Febe[11] crescimento,
Ostras e berbigões,[12] do musgo sujos,
As costas com a casca os caramujos.

19 Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava;
A voz grande, canora, foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava;
Já toda a companhia, apercebida,
Dos Deuses para os paços caminhava
Do Deus que fez os muros de Dardânia,[13]
Destruídos depois da Grega insânia.

20 Vinha o padre Oceano, acompanhado
Dos filhos e das filhas que gerara;
Vem Nereu, que com Dóris foi casado,
Que todo o mar de Ninfas povoara;
O profeta Proteu,[14] deixando o gado
Marítimo pascer pela água amara,
Ali veio também, mas já sabia
O que o padre Lieu no mar queria.

21 Vinha por outra parte a linda esposa
De Netuno, de Celo e Vesta filha,[15]
Grave e leda no gesto, e tão fermosa
Que se amansava o mar, de maravilha;
Vestida uma camisa preciosa
Trazia, de delgada beatilha,[16]
Que o corpo cristalino deixa ver-se,
Que tanto bem não é para esconder-se.

22 Anfitrite, fermosa como as flores,
Neste caso não quis que falecesse;

O delfim traz consigo que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.
Co'os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse.
Ambas[17] vêm pela mão, igual partido,
Pois ambas são esposas de um marido.

23 Aquela que, das fúrias de Atamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Consigo traz o filho, belo infante,
No número dos Deuses relatado;[18]
Pela praia brincando vem diante,
Com as lindas conchinhas que o salgado
Mar sempre cria, e às vezes pela areia
No colo o toma a bela Panopeia.[19]

24 E o Deus que foi num tempo corpo humano,
E por virtude da erva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano
Que Circe tinha usado co'a fermosa
Cila que ele ama, desta sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado. [20]

25 Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As Deusas em riquíssimos estrados,
Os Deuses em cadeiras de cristal,
Foram todos do Padre[21] agasalhados,
Que co'o Tebano[22] tinha assento igual;
De fumos enche a casa a rica massa[23]
Que no mar nasce e Arábia em cheiro passa.

26 Estando sossegado já o tumulto
Dos Deuses e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito oculto
A causa o Tioneu de seus tormentos.
Um pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,

Só por dar aos de Luso triste morte
Co'o ferro alheio, fala desta sorte:

27 — "Príncipe, que de juro[24] senhoreias,
De um Polo ao outro Polo, o mar irado,
Tu, que as gentes da Terra toda enfreias,
Que não passem o termo limitado;
E tu, padre Oceano, que rodeias
O mundo universal e o tens cercado,
E com justo decreto assim permites
Que dentro vivam só de seus limites;

28 "E vós, Deuses do mar, que não sofreis
Injúria alguma em vosso Reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por ele corra e ande:
Que descuido foi este em que viveis?
Quem pode ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos, fracos e atrevidos?

29 "Vistes que, com grandíssima ousadia,
Foram já cometer o Céu supremo;
Vistes aquela insana fantasia
De tentarem o mar com vela e remo;
Vistes, e ainda vemos cada dia
Soberbas e insolências tais, que temo
Que do Mar e do Céu, em poucos anos,
Venham Deuses a ser, e nós humanos.

30 "Vedes agora a fraca geração
Que de um vassalo meu o nome toma,[25]
Com soberbo e altivo coração
A vós e a mim e o mundo todo doma.
Vedes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma;
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

31 "Eu vi que contra os Mínias,[26] que primeiro
No vosso Reino este caminho abriram,

Bóreas injuriado e o companheiro
Àquilo e os outros todos resistiram.
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injúria assim sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Por que a pondes em tardança?

32 "E não consinto, Deuses, que cuideis
Que por amor de vós do Céu desci,
Nem da mágoa da injúria que sofreis,
Mas da que se me faz também a mi:
Que aquelas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

33 "Que o grão Senhor e Fados,[27] que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas mores que nunca determinam
De dar a estes barões no mar profundo.
Aqui vereis, ó Deuses, como ensinam
O mal também a Deuses; que, a segundo
Se vê, ninguém já tem menos valia
Que quem com mais razão valer devia.

34 "E por isso do Olimpo já fugi,
Buscando algum remédio a meus pesares,
Por ver o preço, que no Céu perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares."
Mais quis dizer, e não passou daqui,
Porque as lágrimas já, correndo a pares,
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se acendem as Deidades da água em fogo.

35 A ira, com que, súbito, alterado
O coração dos Deuses foi num ponto,
Não sofreu mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado,
Da parte de Netuno, que sem conto

Solte as fúrias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes!

36 Bem quisera primeiro ali Proteu
Dizer neste negócio o que sentia;
E, segundo o que a todos pareceu,
Era alguma profunda profecia;
Porém tanto o tumulto se moveu
Súbito, na divina companhia,
Que Tétis indignada lhe bradou:
— "Netuno sabe bem o que mandou!"

37 Já lá o soberbo Hipótades[28] soltava
Do cárcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os varões audaces e animosos.
Súbito, o céu sereno se obumbrava,
Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.

38 Enquanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda, lassa frota
Com vento sossegado prosseguia
Pelo tranquilo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo[29] Hemisfério está remota;
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.[30]

39 Vencidos vêm do sono e mal despertos,
Bocejando, a miúdo se encostavam
Pelas antenas,[31] todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam;
Os olhos, contra seu querer abertos,
Mas estregando,[32] os membros estiravam.
Remédios contra o sono buscar querem,
Histórias contam, casos mil referem.

40 — "Com que melhor podemos — um dizia —
Este tempo passar, que é tão pesado,

Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o sono carregado?”
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
— “Que contos poderemos ter melhores,
Para passar o tempo, que de amores?”

41 — “Não é — disse Veloso — cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não sofre amores nem delicadeza;
Antes de guerra férvida e robusta
A nossa história seja, pois dureza
Nossa vida há-de ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir mo está dizendo.”

42 Consentem nisto todos, e encomendam
A Veloso que conte isto que aprova.
— “Contarei — disse —, sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa ou nova;
E por que os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi da nossa terra,
E estes sejam os Doze de Inglaterra.

43 “No tempo que do Reino a rédea leve
João,[33] filho de Pedro, moderava,
Depois que sossegado e livre o teve
Do vizinho poder que o molestava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erínis[34] dura e má cizânia,
Que lustre fosse a nossa Lusitânia.

44 “Entre as damas gentis da corte inglesa
E nobres cortesãos, acaso um dia
Se levantou discórdia, em ira acesa
(Ou foi opinião, ou foi porfia).
Os cortesãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,

Dizem que provarão que honras e famas
Em tais damas não há para ser damas;

45 “E que, se houver alguém, com lança e espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que eles, em campo raso ou estacada,
Lhe darão feia infâmia ou morte crua.
A feminil fraqueza, pouco usada,[35]
Ou nunca, a opróbrios tais, vendo-se nua
De forças naturais convenientes,
Socorro pede a amigos e parentes.

46 “Mas como fossem grandes e possantes
No Reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes nem férvidos amantes
A sustentar as damas, como devem.
Com lágrimas fermosas, e bastantes
A fazer que em socorro os Deuses levem
De todo o Céu, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro.[36]

47 “Era este inglês potente, e militara
Co’os Portugueses já contra Castela,
Onde as forças magnânimas provara
Dos companheiros, e benigna estrela;
Não menos nesta terra exprimentara
Namorados afeitos, quando nela
A filha viu, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

48 “Este, que socorrer-lhe não queria
Por não causar discórdias intestinas,
Lhe diz: — ‘Quando o direito pretendia
Do Reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas,
Que eles só poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro:

49 “‘E se, agravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,

Que, por cartas discretas e polidas,
De vosso agravo os façam sabedores;
Também por vossa parte encarecidas
Com palavras de afagos e de amores
Lhe sejam vossas lágrimas, que eu creio
Que ali tereis socorro e forte esteio.'

50 "Desta arte as aconselha o Duque esperto,
E logo lhe nomeia doze fortes;
E, por que cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sobre eles lancem sortes,
Que elas só doze são; e, descoberto
Qual a qual tem caído das consortes,
Cada uma escreve ao seu, por vários modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

51 "Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade;
Quisera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho sofre a Régia Majestade;
Qualquer dos cortesãos aventureiro
Deseja ser com férvida vontade,
E só fica por bem-aventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

52 "Lá na leal cidade,[37] donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze, em tempo breve,
De armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
Cavalos e concertos de mil cores.

53 "Já do seu Rei tomado têm licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aqueles que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglês exprimentado.
Não há na companhia diferença
De cavaleiro, destro ou esforçado;

Mas um só, que Magriço[38] se dizia,
Desta arte fala à forte companhia:

54 — “‘Fortíssimos consócios, eu desejo,
Há muito já, de andar terras estranhas,
Por ver mais águas que as do Douro e Tejo,
Várias gentes e leis e várias manhas.
Agora que aparelho certo[39] vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei convosco em Inglaterra.

55 “‘E quando caso for que eu, impedido
Por quem das cousas é última linha,[40]
Não for convosco ao prazo instituído,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mim fareis o que é devido;
Mas, se a verdade o esprito me adivinha,
Rios, montes, fortuna ou sua inveja
Não farão que eu convosco lá não seja.’

56 “Assim diz; e, abraçados os amigos
E tomada licença, enfim se parte.
Passa Leão, Castela, vendo antigos
Lugares que ganhara o pátrio Marte;
Navarra co’os altíssimos perigos
Do Pirineu, que Espanha e Gália parte.
Vistas enfim de França as cousas grandes,
No grande empório[41] foi parar de Frandes.[42]

57 “Ali chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar, se deteve muitos dias.
Mas dos onze a ilustríssima campanha
Cortam do Mar do Norte as ondas frias;
Chegados de Inglaterra à costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias;
Do Duque são com festa agasalhados
E das damas servidos e animados.

58 “Chega-se o prazo e dia assinalado
De entrar em campo já co’os doze ingleses,

Que pelo Rei já tinham segurado;
Armam-se de elmos, grevas e de arneses.
Já as damas têm por si, fulgente e armado,
O Mavorte feroz dos Portugueses;
Vestem-se elas de cores e de sedas,
De ouro e de joias mil, ricas e ledas.

59 "Mas aquela a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavaleiro nesta empresa;
Bem que os onze apregoam que acabado
Será o negócio assim na corte inglesa,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dois e três dos seus faleçam.

60 "Já num sublime e público teatro
Se assenta o Rei Inglês com toda a corte;
Estavam três e três, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte;
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Batro,[43]
De força, esforço e de ânimo mais forte,
Outros doze sair, como os Ingleses
No campo contra os onze Portugueses.

61 "Mastigam os cavalos, escumando,
Os áureos freios com feroz semblante;
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em cristal ou rígido diamante;
Mas enxerga-se, num e noutro bando,
Partido desigual e dissonante
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

62 "Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço:
Eis entra um cavaleiro, que trazia
Armas, cavalo ao bélico serviço;
Ao Rei e às damas fala, e logo se ia
Para os onze, que este era o grão Magriço.

Abraça os companheiros, como amigos,
A quem não falta, certo nos perigos.

63 “A dama, como ouviu que este era aquele
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegra e veste ali do animal de Hele,[44]
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão sinal, e o som da tuba impele
Os belicosos ânimos, que inflama;
Picam de esporas, largam rédeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

64 “Dos cavalos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração no peito que estremece,
De quem os olha, se alvoroça e teme.
Qual do cavalo voa, que não desce;
Qual, co’o cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co’os penachos do elmo açouta as ancas.[45]

65 “Algum dali tomou perpétuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervalo;
Correndo algum cavalo vai sem dono,
E noutra parte o dono sem cavalo.
Cai a soberba Inglesa[46] de seu trono,
Que dois ou três já fora vão do valo;
Os que de espada vêm fazer batalha
Mais acham[47] já que arnês, escudo e malha.

66 “Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
É desses gastadores, que sabemos,
Maus do tempo com fábulas sonhadas;
Basta, por fim do caso, que entendemos,
Que, com finezas altas e afamadas,
Co’os nossos fica a palma da vitória,
E as damas vencedoras e com glória.

67 “Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria;

Cozinheiros ocupa e caçadores,
Das damas a fermosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Enquanto se detêm em Inglaterra,
Até tornar à doce e cara terra.

68 “Mas dizem que contudo o grão Magriço,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar onde um serviço
Notável à Condessa[48] fez de Frandes;
E, como quem não era já noviço
Em todo trance,[49] onde tu, Marte, mandes,
Um Francês[50] mata em campo, que o destino
Lá teve de Torcato e de Corvino.[51]

69 “Outro[52] também dos doze em Alemanha
Se lança, e teve um fero desafio
C’um Germano enganoso, que, com manha
Não devida, o quis pôr no extremo fio.”
Contando assim Veloso, já a companha
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

70 “Mas neste passo, assim prontos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam, despertando,
Os marinheiros duma e doutra banda;
E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gáveas tomar manda:
— “Alerta — disse — estai, que o vento cresce
Daquela nuvem negra que aparece!”

71 Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e súbita procela
— “Amaina — disse o mestre a grandes brados —,
Amaina — disse — amaina a grande vela!”
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem, mas juntos dando nela,

Em pedaços a fazem c'um ruído
Que o Mundo pareceu ser destruído.

72 O céu fere com gritos nisto a gente,
C'um súbito temor e desacordo,
Que, no romper da vela, a nau pendente
Toma grão soma de água pelo bordo.
"Alija — disse o mestre rijamente —,
Alija tudo[53] ao mar! Não falte acordo!
Vão outros dar à bomba, não cessando!
À bomba, que nos imos alagando!"

73 Correm logo os soldados animosos
A dar à bomba, e, tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temerosos
Deram à nau, num bordo os derribaram.
Três marinheiros, duros e forçosos,
A menear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham duma e doutra parte,
Sem aproveitar dos homens força e arte.[54]

74 Os ventos eram tais que não puderam
Mostrar mais força de ímpeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortíssima Torre de Babel.
Nos altíssimos mares, que cresceram,
A pequena grandura dum batel
Mostra a possante nau, que move espanto,
Vendo que se sustém nas ondas tanto.

75 A nau grande, em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quase toda alagada; a gente chama
Aquele que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nau de Coelho, com receio,
Conquanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou que desse o vento.

76 Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Netuno furibundo,

Agora a ver parece que desciam
As íntimas entranhas do Profundo;
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo queriam
Arruinar a máquina do mundo;
A noite negra e feia se alumia
Co'os raios em que o Polo todo ardia.

77 As Alciônias aves[55] triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas águas lhe causaram.
Os delfins namorados, entretanto,
Lá nas covas marítimas entraram,
Fugindo à tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

78 Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes
O grão ferreiro sórdido[56] que obrou
Do enteado[57] as armas radiantes;
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relâmpados ao mundo fulminantes
No grão dilúvio, donde sós viveram
Os dois que em gente as pedras converteram.[58]

79 Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas árvores velhas arrancaram
Do vento bravo as fúrias indignadas!
As forçosas raízes não cuidaram
Que nunca para o Céu fossem viradas,
Nem as fundas areias, que pudessem
Tanto os mares que em cima as revolvessem.

80 Vendo Vasco da Gama que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova fúria ao céu subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remédio lhe valia,

Chama aquele remédio santo e forte
Que o impossíbil pode, desta sorte:

81 — “Divina Guarda, angélica, celeste,
Que os céus, o mar e terra senhoreias;
Tu que a todo Israel refúgio deste
Por metade das águas Eritreias;[59]
Tu, que livraste Paulo e defendeste
Das Sirtes arenosas e ondas feias,[60]
E guardaste co’os filhos o segundo
Povoador do alagado e vácuo mundo:[61]

82 “Se tenho novos medos perigosos
Doutra Cila e Caríbdis já passados,
Outras Sirtes e baixos arenosos,
Outros Acroceráunios[62] infamados,
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de Ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te ofende,
Mas antes teu serviço só pretende?

83 “Oh, ditosos aqueles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, enquanto fortes sustiveram
A santa Fé nas terras Mauritanas!
De quem feitos ilustres se souberam,
De quem ficam memórias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdê-la,
Doce fazendo a morte as honras dela!”

84 Assim dizendo, os ventos que lutavam,
Como touros indômitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrescentavam,
Pela miúda enxárcia assobiando;
Relâmpados medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vêm representando
Cair o Céu dos eixos sobre a Terra,
Consigo os Elementos terem guerra.

85 Mas já a amorosa Estrela[63] cintilava
Diante do Sol claro no horizonte,

Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar com leda fronte;
A Deusa, que nos céus a governava,
De quem foge o ensífero Orionte,[64]
Tanto que o mar e a cara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.

86 — "Estas obras de Baco são, por certo
— Disse — mas não será que avante leve
Tão danada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve."
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Enquanto manda as Ninfas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

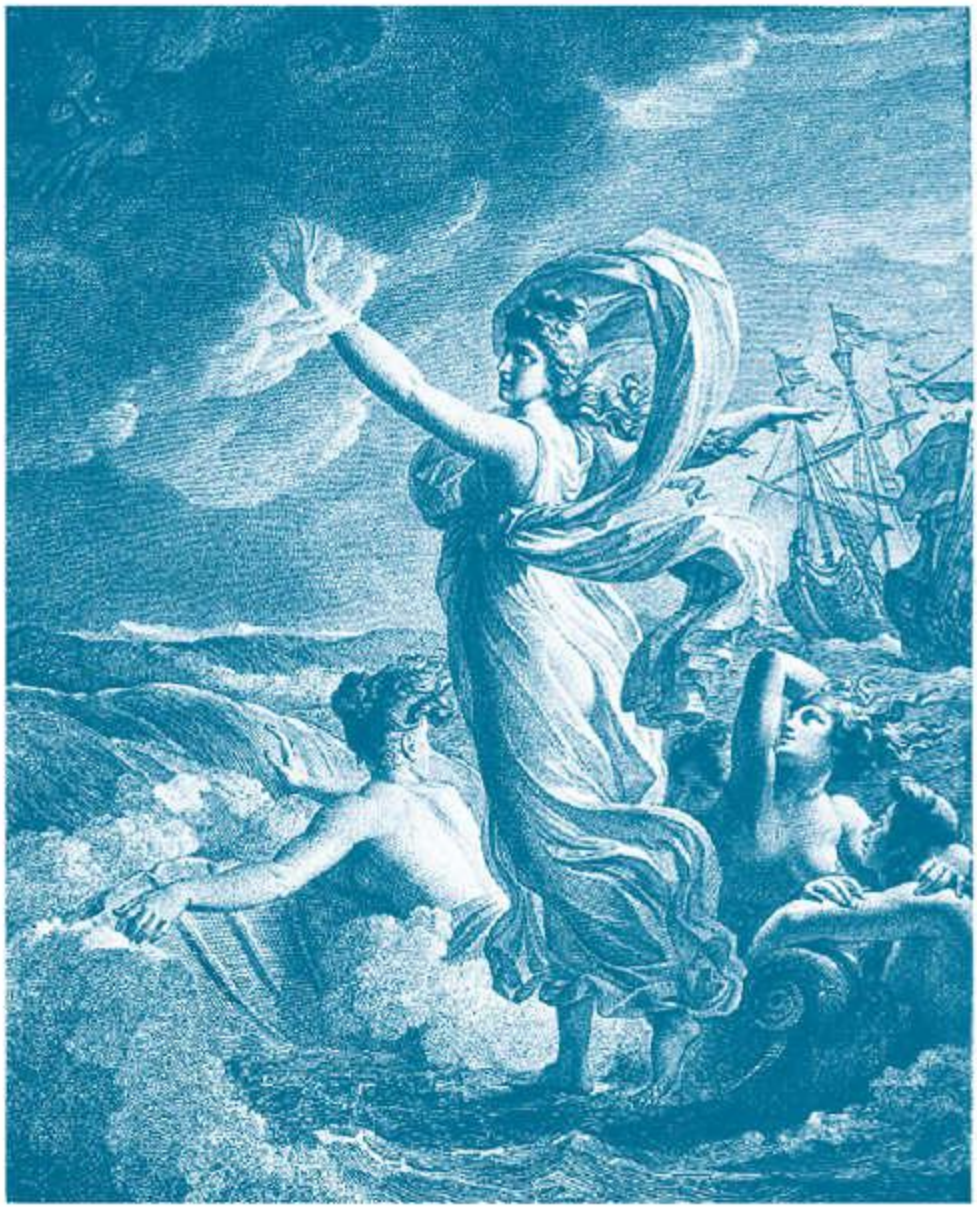
87 Grinaldas manda pôr de várias cores
Sobre cabelos louros à porfia;
Quem não dirá que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que Amor enfia?
Abrandar determina, por amores,
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas Ninfas belas,
Que mais fermosas vinham que as estrelas.

88 Assim foi; porque, tanto que chegaram
À vista delas, logo lhe falecem
As forças com que dantes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem;
Os pés e mãos parece que lhe ataram
Os cabelos que os raios escurecem.
A Bóreas, que do peito mais queria,
Assim disse a belíssima Oritia:[65]

89 — "Não creias, fero Bóreas, que te creio
Que me tiveste nunca amor constante,
Que brandura é de amor mais certo arreio,[66]
E não convém furor a firme amante.
Se já não pões a tanta insânia freio,
Não esperes de mim, daqui em diante,

Que possa mais amar-te, mais temer-te,
Que amor contigo em medo se converte.”

90 Assim mesmo a fermosa Galateia[67]
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias há que em vê-la se recreia,
E bem crê que com ele tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o creia;
Que o coração no peito lhe não cabe;
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.



91 Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo à linda Vênus se entregavam,
Amansadas as iras e os furores.
Ela lhe prometeu, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas belas mãos tomando-lhe homenagem,
De lhe serem leais esta viagem.

92 Já a manhã clara dava nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa[68] gávea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
Já fora de tormenta e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa.
Disse alegre o piloto melindano:
— "Terra é de Calecu,[69] se não me engano.

93 "Esta é por certo a terra que buscais
Da verdadeira Índia, que aparece;
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece."
Sofrer aqui não pôde o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece;
Os giolhos no chão, as mãos ao Céu,
A mercê grande a Deus agradeceu.

94 As graças a Deus dava, e razão tinha,
Que não somente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava,
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte que no mar lhe aparelhava
O vento duro, férvido e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

95 Por meio destes hórridos perigos,
Destes trabalhos graves e temores,
Alcançam os que são de fama amigos

As honras imortais e graus maiores;
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscóvia[70] zibelinos;

96 Não co'os manjares novos e esquisitos;
Não co'os passeios moles e ociosos;
Não co'os vários deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos;
Não co'os nunca vencidos apetitos,
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não sofre a nenhum que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude;

97 Mas com buscar, co'o seu forçoso braço,
As honras que ele chame próprias suas;
Vigiando e vestindo o forjado aço,
Sofrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'um árduo sofrimento;

98 E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledo, inteiro,
Para o pelouro ardente que assobia
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte o peito um calo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.

99 Destarte se esclarece o entendimento
Que experiências fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado.
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de afeitos ocupado,
Subirá (como deve) a ilustre mando,

Contra vontade sua, e não rogando.[71]



Notas

[1]O Estreito de Gibraltar.

[2]Costumes, de *polis*.

[3]Cleópatra.

[4]Depressa.

[5]Baco.

[6]Netuno.

[7]Do verso terceiro ao quarto: Tifeu, líder dos gigantes na guerra contra os deuses, foi colocado embaixo do vulcão Etna.

[8]Baco.

[9]Anfitrite, esposa de Netuno.

[10]Arauto e mensageiro.

[11]Diana, a lua.

[12]No original está *camarões*, já usado dois versos atrás, lapso evidente. Usamos esta restituição, como poderíamos usar também *mexilhões*.

[13]Os muros de Troia, ou Dardânia, foram construídos por Netuno.

[14]Deus marinho com o dom das metamorfoses e da adivinhação.

[15]Do verso primeiro ao segundo: Anfitrite.

[16]Tecido transparente, para fazer véus.

[17]Anfitrite e Tétis, as duas esposas de Netuno.

[18]Do verso primeiro ao quarto: a princesa Ino, filha de Cadmo e Harmonia. Fugindo de Atamante, seu marido, atirou-se ao mar com o filho Melicerto, que se tornou um deus.

[19]Uma nereida.

[20]Nesta estrofe: o pescador Glauco, que se converteu em deus marinho. Por ciúmes seus, Circe converteu Cila no monstruoso rochedo fronteiriço a Caríbdis.

[21]Netuno.

[22]Baco.

[23]O âmbar.

[24]Por direito.

[25]Do verso primeiro ao segundo: a geração de Luso, companheiro ou filho de Baco e fundador da Lusitânia, isto é, os portugueses.

[26]Os argonautas.

[27]Júpiter e o Fado, o destino superior aos próprios deuses.

[28]Eolo, deus dos ventos, descendente de Hípotas, rei de Troia.

[29]Oriental.

[30]Do verso sétimo ao oitavo: referência aos turnos de vigia dos marinheiros à noite.

[31]Vergas de fixar velas.

[32]Esfregando.

[33]D. João I.

[34]Uma das Fúrias.

[35]Acostumada.

[36]Filho de Eduardo III da Inglaterra, pai de D. Filipa de Lencastre, mulher de D. João I.

[37]O Porto, cujo nome original era *Portus Cale*.

[38]Álvares Gonçalves Coutinho, irmão do primeiro Conde de Marialva e líder dos Doze de Inglaterra.

[39]Ocasião propícia.

[40]Deus, ou a morte.

[41]Bruges, na Bélgica.

[42]Flandres.

[43]Do Tejo ao Batro: rios da Península Ibérica e da Bactriana, no sentido de entre Ocidente e Oriente.

[44]Veste ali do animal de Hele: adorna-se de ouro, pois se refere ao velocino da lenda.

[45]Do verso quinto ao oitavo: *qual* repete-se com o sentido de *um*, *outro* etc.

[46]O orgulho inglês.

[47]Mais acham: o ânimo guerreiro, mais importante no combate à espada que os equipamentos de defesa.

[48]D. Leonor, filha de D. João I, casada com o Conde de Flandres. Para desagravá-la de uma calúnia, Magriço matou em combate um alemão de Colônia.

[49]Transe.

[50]Um certo Lansay, em Orléans.

[51]Dois guerreiros romanos, famosos por combates singulares com inimigos gauleses.

[52]Álvaro Vaz de Almada, que venceu um alemão em duelo na Basileia.

[53]Lança as cargas fora.

[54]O verso, como está, tem uma sílaba a mais, a não ser que se faça uma elisão muito forçada de *Sem* com o *a* de *aproveitar*. Muito mais lógico seria, como já apontara Faria e Sousa, substituir *dos* homens por *de* homens.

[55]Maçaricos, aves marítimas que choraram a morte de Alcíone.

[56]Vulcano.

[57]Eneias, filho de Vênus, casada com Vulcano.

[58]Deucalião e Pirra, sobreviventes de um dilúvio, repovoaram a terra fazendo nascer homens e mulheres de pedras que atiravam para trás.

[59]Do verso terceiro ao quarto: refere-se à fuga do Egito através das águas do Mar Vermelho.

[60]Do verso quinto ao sexto: referência ao naufrágio de São Paulo em sua viagem para Roma. Sirtes são bancos de areia perto de Trípoli.

[61]Do verso sétimo ao oitavo: Noé e seus filhos.

[62]Montes do Raio, na costa do Epiro.

[63]Vênus.

[64]Ensífero Orionte: Órion, que leva a espada. Gigante transformado na constelação do mesmo nome.

[65]Ninfa do mar, raptada por Bóreas.

[66]Adorno.

[67]Nereida amada por Polifemo.

[68]Alta.

[69]Calicut, onde a armada aportou a 20 de maio de 1498.

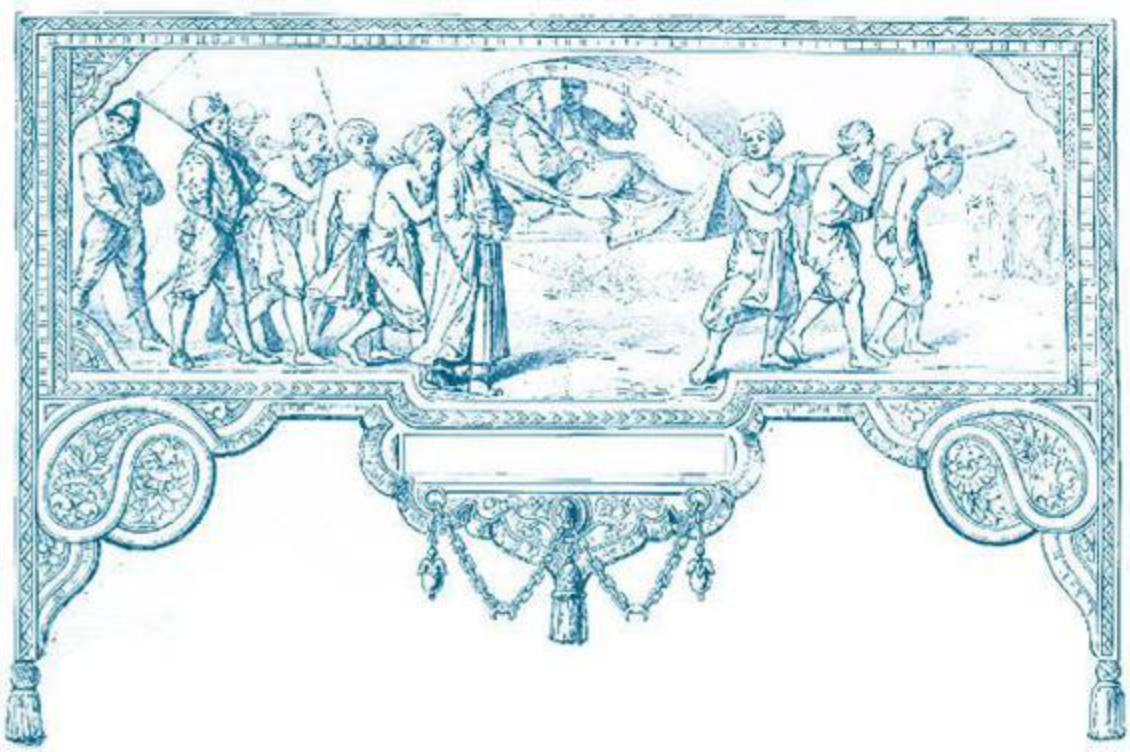
[70]As peles da Rússia. Em todo este final de canto Camões faz a condenação dos esmorecimentos ociosos e dos méritos herdados, e o elogio das virtudes viris e frugais, e das condições alcançadas por valor próprio.

[71]Do verso quinto ao oitavo: onde a Justiça for corretamente cumprida, e não desviada por afeições e interesses, o justo terá seu mérito reconhecido mesmo sem o reivindicar.



CANTO SETIMO.

Canto sétimo



1 Já se viam chegados junto à terra
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Índicas se encerra
E o Ganges, que no Céu terreno[1] mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora!
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante!

2 A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo,
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral[2] de Quem governa o Céu rotundo;
Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo imundo,[3]
Mas nem cobiça ou pouca obediência
Da Madre[4] que nos Céus está em essência;

3 Vós, Portugueses, poucos quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que à custa de vossas várias mortes

A lei da vida eterna dilatais;
Assim do Céu deitadas são as sortes
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na santa Cristandade.
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade!

4 Vede'los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do sucessor de Pedro rebelado,[5]
Novo pastor[6] e nova seita inventa;
Vede'lo em feias guerras ocupado
(Que inda co'o cego error se não contenta!)
Não contra o superbíssimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.[7]

5 Vede'lo duro Inglês,[8] que se nomeia
Rei da velha e santíssima cidade[9]
Que o torpe Ismaelita senhoreia
(Quem viu honra tão longe da verdade?),
Entre as boreais neves se recreia,
Nova maneira faz de Cristandade;[10]
Para os de Cristo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

6 Guarda-lhe, por entanto, um falso rei[11]
A cidade Hierosólima terreste,[12]
Enquanto ele não guarda a santa lei
Da cidade Hierosólima celeste.
Pois de ti, Galo[13] indigno, que direi?
Que o nome "Cristianíssimo"[14] quiseste,
Não para defendê-lo nem guardá-lo,
Mas para ser contra ele e derribá-lo![15]

7 Achas que tens direito em senhorios
De Cristãos, sendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Cinífio[16] e Nilo rios,
Inimigos do antigo nome santo?[17]
Ali se hão-de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.[18]

De Carlos, de Luís[19] o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?!

8 Pois que direi daqueles que em delícias,
Que o vil ócio no mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as divícias,[20]
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tirania inimicícias,[21]
Que o povo forte tem de si inimigo.
Contigo, Itália, falo, já submersa
Em vícios mil, e de ti mesma adversa.

9 Ó míseros Cristãos, pela ventura
Sois os dentes de Cadmo[22] desparzidos,
Que uns aos outros se dão à morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura
Possuída de cães, que sempre unidos
Vos vêm tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

10 Vedes que têm por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exército inquieto
Contra os povos que são de Cristo amantes.
Entre vós nunca deixa a fera Aleto[23]
De semear cizânias repugnantes.
Olhai se estais seguros de perigos,
Que eles e vós sois vossos inimigos.

11 Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vedes que Pactolo e Hermo[24] rios
Ambos volvem auríferas areias?
Em Lídia, Assíria lavram de ouro os fios;
África esconde em si luzentes veias:
Mova-vos já, sequer, riqueza tanta,
Pois mover-vos não pode a Casa Santa![25]

12 Aquelas invenções feras e novas
De instrumentos mortais da artilharia

Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bizâncio e de Turquia.
Fazei que torne lá às silvestres covas
Dos Cáspios montes e da Cítia fria
A Turca geração, que multiplica
Na polícia[26] da vossa Europa rica.

13 Gregos, Traces,[27] Armênios, Georgianos
Bradando-vos estão que o povo bruto[28]
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos[29] do Alcorão (duro tributo!).
Em castigar os feitos inumanos
Vos gloriai de peito forte e astuto,
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

14 Mas entanto que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltaram cristãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana.
De África tem marítimos assentos;
É na Ásia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova[30] os campos ara,
E, se mais mundo houvera, lá chegara,

15 E vejamos, entanto, que acontece
Àqueles tão famosos navegantes,
Depois que a branda Vênus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes,
Depois que a larga terra lhe aparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vêm semear de Cristo a lei
E dar novo costume e novo Rei.

16 Tanto que à nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecu, onde eram moradores.
Para lá logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade, das melhores

Do Malabar, melhor, onde vivia
O Rei que a terra toda possuía.

17 Além do Indo jaz, e aquém do Gange,
Um terreno mui grande e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange
E para o Norte o Emódio[31] cavernoso.
Jugo de Reis diversos o constrange
A várias leis: alguns o vicioso
Mahoma, alguns os Ídolos adoram,
Alguns os animais que entre eles moram.

18 Lá bem no grande monte[32] que, cortando
Tão larga terra, toda Ásia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes saem donde vêm manando
Os rios cuja grão corrente morre
No Mar Índico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o Quersoneso.[33]

19 Entre um e o outro rio, em grande espaço,
Sai[34] da larga terra ũa longa ponta,
Quase piramidal, que, no regaço
Do mar, com Ceilão ínsula confronta;
E junto donde nasce o largo braço
Gangético, o rumor antigo conta
Que os vizinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantêm das finas flores.[35]

20 Mas agora, de nomes e de usança
Novos e vários são os habitantes:
Os Delis, os Patanes, que, em possança
De terra e gente, são mais abundantes;
Decanis, Oriás,[36] que a esperança
Têm de sua salvação nas ressonantes
Águas do Gange; e a terra de Bengala,
Fértil de sorte que outra não lhe iguala;

21 O reino de Cambaia belicoso
(Dizem que foi de Poro,[37] Rei potente);

O Reino de Narsinga,[38] poderoso
Mais de ouro e pedras que de forte gente.
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Um monte alto,[39] que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará[40] vive seguro.

22 Da terra os naturais lhe chamam Gate,[41]
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende ũa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade.
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecu tem a ilustre dignidade
De cabeça de Império, rica e bela;
Samorim se intitula o senhor dela.

23 Chegada a frota ao rico senhorio,
Um Português, mandado, logo parte
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio
Que ali nas ondas entra, a não vista arte,
A cor, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

24 Entre a gente que a vê-lo concorria,
Se chega um Maometa, que nascido
Fora na região da Berberia,[42]
Lá onde fora Anteu[43] obedecido;
Ou pela vizinhança já teria
O Reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assinalado de seu ferro;
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

25 Em vendo o mensageiro, com jucundo
Rosto, como quem sabe a língua Hispana,
Lhe disse: — "Quem te trouxe a estoutro mundo,
Tão longe da tua Pátria Lusitana?"
— "Abrindo — lhe responde — o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,

Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se acrescente.”

26 Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as opressões que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava;
Mas vendo enfim que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz que estava fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade;

27 E que, entanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria;
E, depois que se um pouco recreasse,
Com ele para a armada tornaria;
Que alegria não pode ser tamanha
Que achar gente vizinha em terra estranha.

28 O Português aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe oferece;
Como se longa fora já a amizade,
Com ele come e bebe, e lhe obedece.
Ambos se tornam logo da cidade
Para a frota que o Mouro bem conhece;
Sobem à capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeu benignamente.

29 O Capitão o abraça, em cabo[44] ledo,
Ouvindo clara a língua de Castela;
Junto de si o assenta e, pronto e quedo,
Pela terra pergunta e cousas dela.
Qual se ajuntava em Ródope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzela
Eurídice, tocando a lira de ouro,[45]
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

30 Ele começa: — “Ó gente que a Natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,

Que destino tão grande ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho?
Não é sem causa, não, oculta e escura,
Vir do longínquo Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca doutro lenho arados,
A Reinos tão remotos e apartados.

31 “Deus por certo vos traz, porque pretende
Algum serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei que estais na Índia, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

32 “Esta província, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama;
Do culto antigo os Ídolos adora,
Que cá por estas partes se derrama;
De diversos Reis é, mas dum só fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama:
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei que este Reino teve unido e inteiro.

33 “Porém, como a esta terra então viessem
De lá do seio Arábico outras gentes
Que o culto Maométicо trouxessem,
No qual me instituíram meus parentes,
Sucedeu que, pregando, convertessem
O Perimal;[46] de sábios e eloquentes,
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que pressupôs de nela morrer santo.

34 “Naus arma, e nelas mete, curioso,
Mercadoria que ofereça, rica,
Para ir nelas a ser religioso
Onde o Profeta jaz[47] que a lei publica.
Antes que parta, o Reino poderoso
Co’os seus reparte, porque não lhe fica

Herdeiro próprio: faz os mais aceitos
Ricos, de pobres; livres, de sujeitos.

35 “A um Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chale, a qual ilha da Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,[48]
E as mais, a quem o mais serve e contenta.
Um só moço, a quem tinha muito amor,
Depois que tudo deu, se lhe apresenta:
Para este Calecu somente fica,
Cidade já por trato[49] nobre e rica.

36 “Esta lhe dá co’o título excelente
De Imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
Para onde em santa vida acabe e ande.
E daqui fica o nome de potente
Samori,[50] mais que todos digno e grande,
Ao moço e descendentes, donde vem
Este que agora o Império manda e tem.

37 “A lei da gente toda, rica e pobre,
De fábulas composta se imagina
Andam nus e somente um pano cobre
As partes que a cobrir Natura ensina.
Dois modos há de gente, porque a nobre
Naires chamados são, e a menos dina
Poleás tem por nome,[51] a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga.

38 “Porque os que usaram sempre um mesmo ofício,
De outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercício
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires é, certo, grande vício
Destes serem tocados, de tal sorte
Que, quando algum se toca porventura,
Com cerimônias mil se alimpa e apura.

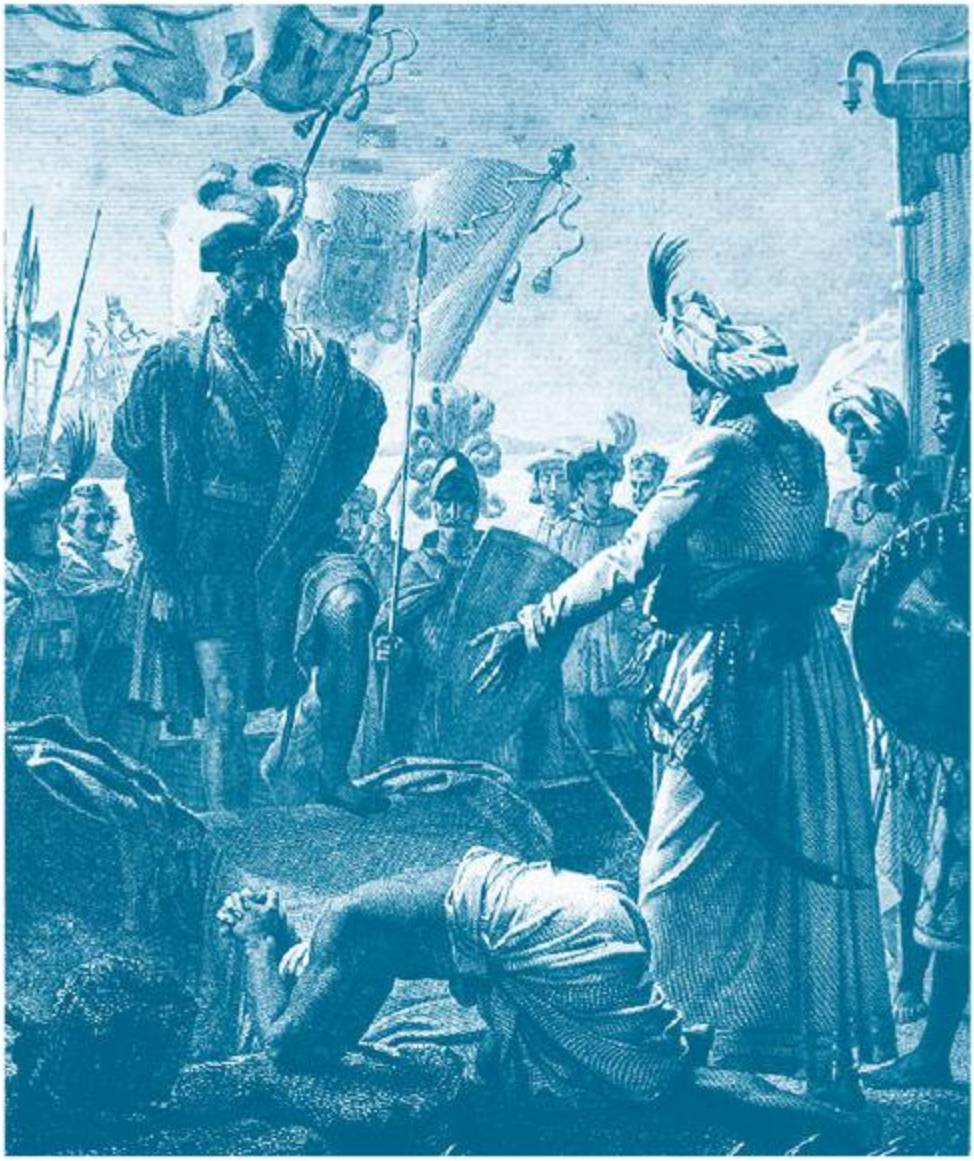
39 “Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samária.[52]

Mais estranhezas inda das que digo
Nessa terra vereis, de usança vária.
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas, sós defendem da contrária
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga[53] e na direita a espada.

40 "Brâmenes[54] são os seus religiosos,
Nome antigo e de grande preminência;
Observam os preceitos tão famosos
Dum que primeiro[55] pôs nome à ciência;
Não matam cousa viva e, temerosos,
Das carnes têm grandíssima abstinência;
Somente no venéreo ajuntamento
Têm mais licença e menos regimento.

41 "Gerais são as mulheres, mas somente
Para os da geração de seus maridos;
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciúmes ofendidos!
Estes e outros costumes variamente
São pelos Malabares admitidos.
A terra é grossa em trato,[56] em tudo aquilo
Que as ondas podem dar, da China ao Nilo."

42 Assim contava o Mouro. Mas vagando
Andava a fama já pela cidade
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade.
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo e idade,
Os principais, que o Rei buscar mandara
O Capitão da armada que chegara.



43 Mas ele, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portugueses, sem detença
Parte, de ricos panos adornado;
Das cores a fermosa diferença
A vista alegra ao povo alvoroçado;
O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio.

44 Na praia um regedor do Reino estava,
Que na sua língua Catual[57] se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama.
Já na terra, nos braços o levava,
E num portátil leito ũa rica cama
Lhe oferece, em que vá (costume usado),
Que nos ombros dos homens é levado.

45 Desta arte o Malabar, desta arte o Luso,
Caminham lá para onde o Rei o espera;
Os outros Portugueses vão ao uso
Que infantaria segue, esquadra fera.
O povo, que concorre, vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quisera
Perguntar, mas, no tempo já passado,
Na Torre de Babel lhe foi vedado.[58]

46 O Gama e o Catual iam falando
Nas cousas que lhe o tempo oferecia;
Monçaide entre eles vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assim pela cidade caminhando,
Onde uma rica fábrica[59] se erguia
De um suntuoso templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

47 Ali estão das deidades as figuras
Esculpidas em pau e em pedra fria,
Vários de gestos, vários de pinturas,

A segundo o Demônio lhe fingia.
Veem-se as abomináveis esculturas,
Qual a Quimera[60] em membros se varia;
Os cristãos olhos, a ver Deus usados
Em forma humana, estão maravilhados.

48 Um, na cabeça cornos esculpidos,
Qual Júpiter Amon[61] em Líbia estava;
Outro, num corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano[62] se pintava;
Outro, com muitos braços divididos,
A Briareu[63] parece que imitava;
Outro, fronte canina tem de fora,
Qual Anúbis Menfítico[64] se adora.

49 Aqui feita do bárbaro gentio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão.
Engrossando-se vai da gente o fio
Co'os que vêm ver o estranho Capitão;
Estão pelos telhados e janelas
Velhos e moços, donas e donzelas.

50 Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoríferos fermosos,
Que em si escondem os régios aposentos,
Altos de torres não, mas suntuosos;
Edificam-se os nobres seus assentos
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assim vivem os Reis daquela gente
No campo e na cidade juntamente.

51 Pelos portais da cerca a sutileza
Se enxerga da Dedálea faculdade,[65]
Em figuras mostrando, por nobreza,
Da Índia a mais remota antiguidade.
Afiguradas vão com tal viveza
As histórias daquela antiga idade,
Que quem delas tiver notícia inteira,

Pela sombra conhece a verdadeira.

52 Estava um grande exército, que pisa
A terra Oriental que o Idaspe lava;
Rege-o um capitão[66] de fronte lisa,
Que com frondentes tirsos pelejava
(Por ele edificada estava Nisa
Nas ribeiras do rio que manava),
Tão próprio que, se ali estiver Semele,
Dirá, por certo, que é seu filho aquele.

53 Mais avante, bebendo, seca o rio
Mui grande multidão da Assíria gente,
Sujeita a feminino senhorio
Duma tão bela como incontinente;[67]
Ali tem, junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente
Com quem teria o filho[68] competência.
Amor nefando, bruta incontinência!

54 Daqui mais apartadas, tremulavam
As bandeiras de Grécia gloriosas
— Terceira Monarquia[69] —, e subjugavam
Até as águas gangéticas undosas.
Dum Capitão mancebo[70] se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Filipo, mas sem falta,
De progênie de Júpiter se exalta.[71]

55 Os Portugueses vendo estas memórias,
Dizia o Catual ao Capitão:
— "Tempo cedo virá que outras vitórias
Estas, que agora olhais, abaterão;
Aqui se escreverão novas histórias
Por gentes estrangeiras que virão,
Que os nossos sábios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.

56 "E diz-lhe mais a mágica ciência
Que, para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistência,

Que contra o Céu não val da gente manha;
Mas também diz que a bélica excelência,
Nas armas e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por glória do vencido."

57 Assim falando, entravam já na sala
Onde aquele potente Imperador
Numa camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço e no lavor.
No recostado gesto se assinala
Um venerando e próspero senhor;
Um pano de ouro cinge, e, na cabeça,
De preciosas gemas se adereça.

58 Bem junto dele, um velho reverente,
Co'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da erva ardente,[72]
Que a seu costume estava ruminando.
Um Brâmene, pessoa preminente,
Para o[73] Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Príncipe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

59 Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, pronto em vista
Estava o Samori no trajo e jeito
Da gente, nunca de antes dele vista.
Lançando a grave voz do sábio peito,
Que grande autoridade logo aquista[74]
Na opinião do Rei e do povo todo,
O Capitão lhe fala deste modo:

60 — "Um grande Rei,[75] de lá das partes onde
O Céu volúbil, com perpétua roda,
Da terra a luz solar co'a Terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda,[76]
Ouvindo do rumor que lá responde
O eco, como em ti da Índia toda
O principado está e a majestade,

Vínculo quer contigo de amizade.

61 “E por longos rodeios a ti manda
Por te fazer saber que tudo aquilo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de Gelanda,[77]
Até bem donde o Sol não muda o estilo
Nos dias, sobre a gente de Etiópia,
Tudo tem no seu Reino em grande cópia.

62 “E se queres, com pactos e lianças[78]
De paz e de amizade sacra e nua,
Comércio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Por que cresçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos Reinos, será certamente
De ti proveito, e dele glória ingente.

63 “E sendo assim que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará pronto a toda adversidade
Que por guerra a teu Reino se ofereça,
Com gente, armas e naus, de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça;
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mim certíssima resposta.”

64 Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia
Que, em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão glória recebia;
Mas neste caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei e a gente e terra que dissera;

65 E que, entanto, podia do trabalho
Passado ir repousar; e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho,[79]

Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Às humanas canseiras, por que ceve
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando, ao ócio dados.

66 Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portugueses no aposento
Do nobre Regedor da Índica gente,
Com festas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente,
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha — donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

67 Tanto que os ígneos carros do fermoso
Mancebo Délio[80] viu, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta, pronto e curioso,
Se tem notícia inteira e certa prova
Dos estranhos, quem são, que ouvido tinha
Que é gente de sua pátria mui vizinha;

68 Que particularmente ali lhe desse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, por que soubesse
O que neste negócio se faria.
Monçaide torna: — "Posto que eu quisesse
Dizer-te disto mais, não saberia;
Somente sei que é gente lá de Espanha,
Onde o meu ninho e o Sol no mar se banha.

69 "Tem a lei dum Profeta que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da mãe, tal que por bafo[81] está aprovado[82]
Do Deus que tem do mundo o regimento.[83]
O que entre meus antigos é vulgado[84]
Deles, é que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece,

O que em nossos passados se parece.[85]

70 “Porque eles, com virtude sobre-humana,
Os deitaram[86] dos campos abundosos
Do rico Tejo e fresco Guadiana,
Com feitos memoráveis e famosos;
E não contentes inda, na africana
Parte, cortando os mares procelosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

71 “Não menos têm mostrado esforço e manha
Em quaisquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes belígeras de Espanha,
Ou lá dalguns que do Pirene desçam.[87]
Assim que nunca enfim com lança estranha
Se tem que por vencidos se conheçam;
Nem se sabe inda, não, te afirmo e asselo,
Para estes Anibais nenhum Marcelo.[88]

72 “E se esta informação não for inteira
Tanto quanto convém, deles pretende
Informar-te, que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e ofende.
Vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira,
Do fundido metal[89] que tudo rende,
E folgarás de veres a polícia[90]
Portuguesa na paz e na milícia.”

73 Já com desejos o Idolatra[91] ardia
De ver isto que o Mouro lhe contava;
Manda esquipar batéis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava.
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração,[92] que o mar coalhava;
À capitaina sobem forte e bela,
Onde Paulo[93] os recebe a bordo dela.

74 Purpúreos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são que o bicho gera;[94]

Nelas estão pintadas as guerreiras
Obras que o forte braço já fizera;
Batalhas têm campais aventureiras,
Desafios cruéis — pintura fera,
Que, tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nela os olhos apascenta.

75 Pelo que vê, pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente
E que aquele deleite que tanto ama
A seita epicureia,[95] experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara à gente;[96]
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende.[97]

76 A trombeta, que, em paz, no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares;
Co'o fogo o diabólico instrumento[98]
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens que, em retrato breve,
A muda poesia[99] ali descreve.

77 Alça-se em pé, com ele o Gama junto,
Coelho[100] de outra parte e o Mauritano;
Os olhos põe no bélico transunto[101]
Dum velho branco, aspeito soberano,
Cujo nome não pode ser defunto
Enquanto houver no mundo trato humano;
No trajo a Grega usança está perfeita;
Um ramo por insígnia na direita.[102]

78 Um ramo na mão tinha… Mas, oh, cego
Eu, que cometo insano e temerário,
Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão árduo, longo e vário!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrário,

Que, se não me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

79 Olhai que há tanto tempo que, cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A Fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos:
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos Mavórcios[103] inumanos,
Qual Cánace[104] que à morte se condena,
Numa mão sempre a espada e noutra a pena.

80 Agora, com pobreza aborrecida,
Por hospícios[105] alheios degradado;
Agora, da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado;
Agora, às costas[106] escapando a vida,
Que dum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico[107] acrescentar-se!

81 E ainda, Ninfas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem,
Senão que aqueles, que eu cantando andava,
Tal prêmio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos que esperava,
Das capelas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram!

82 Vede, Ninfas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assim sabem prezar, com tais favores,
A quem os faz, cantando, gloriosos!
Que exemplos a futuros escritores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para porem as cousas em memória
Que merecerem ter eterna glória![108]

83 Pois logo, em tantos males, é forçado
Que só vosso favor me não faleça,

Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça.
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

84 Nem creiais, Ninfas, não, que fama desse
A quem ao bem comum e do seu Rei
Antepuser seu próprio interesse,
Imigo da divina e humana lei.
Nenhum ambicioso que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios.

85 Nenhum que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Proteio;[109]
Nem, Camenas,[110] também cuideis que cante
Quem, com hábito honesto e grave, veio,
Por contentar o Rei, no ofício novo,
A despir e roubar o pobre povo![111]

86 Nem quem acha que é justo e que é direito
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha que é justo e bom respeito
Que se pague o suor da servil gente;
Nem quem sempre, com pouco experto peito,
Razões aprende — e cuida que é prudente —
Para taxar, com mão rapace e escassa,
Os trabalhos alheios que não passa.

87 Aqueles sós direi que aventuraram
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apolo e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a fúria concedida,

Enquanto eu tomo alento, descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.



Notas

[1]O Paraíso terrestre, onde o Ganges teria a sua nascente.

[2]No sentido de rebanho, ou seja, os cristãos.

[3]Os mouros.

[4]A Igreja.

[5]Refere-se à Reforma protestante.

[6]Lutero.

[7]A Igreja de Roma.

[8]Henrique VIII.

[9]Jerusalém. O título de rei de Jerusalém era usado pelo rei da Inglaterra.

[10]A Igreja anglicana.

[11]O sultão otomano, verdadeiro senhor da cidade Hierosólima, isto é, de Jerusalém.

[12]Terrestre.

[13]Francês.

[14]Título dos reis da França.

[15]Do verso sétimo ao oitavo: referência à aliança de Francisco I, rei de França, com o sultão otomano Solimão II, contra Carlos V.

[16]Rio da Tripolitânia.

[17]A religião de Cristo.

[18]A pedra angular.

[19]Carlos Magno e Luís IX, São Luís da França.

[20]Riquezas.

[21]Inimizades.

[22]Construtor de Tebas. Após matar um dragão, semeou seus dentes na terra, deles nascendo guerreiros que lutaram uns com os outros.

[23]Uma das três fúrias.

[24]Rios da Lídia, cujas margens eram ricas em ouro.

[25]Os santos lugares da Paixão de Cristo.

[26]Civilização.

[27]Da Trácia. Refere-se a populações cristãs oprimidas pelo jugo otomano.

[28]Os turcos.

[29]Preceitos. No resto do Poema usa-se esta forma.

[30]A América.

[31]O Himalaia.

[32]A cordilheira do Himalaia.

[33]Península.

[34]Deve-se ler *Sai* com duas sílabas.

[35]Do verso sexto ao oitavo: lenda que dizia que os moradores das margens do Ganges se mantinham do aroma das flores.

[36]Do verso terceiro ao quinto: nomes de povos de diversas regiões da Índia.

[37]Rei do Pendjab, vencido por Alexandre.

[38]Bisnagá, estado indiano.

[39]O Gate.

[40]Província da Índia.

[41]Cadeia de montanhas na Península Industânica.

[42]Marrocos e adjacências, na África do Norte.

[43]Gigante que reinava na Líbia, assassinado por Hércules.

[44]Extremamente.

[45]Do verso quinto ao sétimo: Ródope: monte da Trácia onde residia Orfeu, que atraía os vegetais, animais e seres inanimados com sua lira.

[46]Saramá Perimal, rei do Malabar que viveu seis séculos antes da chegada dos portugueses.

[47]Meca.

[48]Do verso primeiro ao terceiro: diversas províncias do Malabar.

[49]Tráfico, comércio.

[50]Samorim. Como foi dito antes, título do imperador de Calecu. Significa Rei do Mar.

[51]Do verso sexto ao sétimo: refere-se às duas principais castas da estrutura social do Malabar.

[52]Os samaritanos, cismáticos desprezados pelos judeus. O topônimo é proparoxítono.

[53]Escudo oval de couro.

[54]Brâmanes, a casta mais alta da Índia.

[55]Pitágoras, que era crido como criador da palavra filosofia, e que recomendaria não se matar nenhum animal.

[56]Rica em comércio.

[57]Governador, autoridade.

[58]Refere-se à separação das línguas na construção da Torre de Babel.

[59]Construção.

[60]Monstro mitológico formado com partes de seres diversos.

[61]Uma das denominações com que Júpiter era venerado no Egito.

[62]Deus romano com duas faces, uma oposta à outra.

[63]Gigante que possuía cem braços.

[64]Deus egípcio com forma de cão, venerado em Mênfis.

[65]A arte da arquitetura, de Dédalo, construtor do labirinto de Creta.

[66]Baco.

[67]Do verso terceiro ao quarto: refere-se a Semíramis.

[68]Nínias.

[69]A macedônica, após a dos assírios e a dos persas.

[70]Alexandre, o Grande.

[71]Do verso sétimo ao oitavo: Alexandre se proclamou filho de Júpiter, não de Filipe da Macedônia.

[72]O bétel, planta que os indianos mascavam.

[73]Lê-se *Para o* com três sílabas, sem fazer sinalefa.

[74]Adquire.

[75]D. Manuel.

[76]Nódoa.

[77]Zelândia, província dos Países Baixos.

[78]Alianças.

[79]Feição.

[80]Apolo.

[81]Espírito.

[82]Reconhecido.

[83]Do verso primeiro ao quarto: refere-se ao nascimento milagroso de Cristo.

[84]Conhecido.

[85]O que se acha registrado na história dos mouros.

[86]Aos mouros, antepassados de Monçaide, que faz a narração.

[87]Refere-se às guerras dos lusitanos com os espanhóis e os romanos.

[88]Compara os portugueses a Aníbal, e depois se refere a Marcelo, general romano que primeiro venceu o guerreiro cartaginês.

[89]As peças de artilharia.

[90]Com o sentido de civilização.

[91]Com pronúncia paroxítona.

[92]A casta dos naires.

[93]Paulo da Gama.

[94]A seda.

[95]Do verso terceiro ao quarto: os prazeres de beber e comer.

[96]O vinho.

[97]Do verso sétimo ao oitavo: os brâmanes não deviam comer com os de outra religião.

[98]A artilharia.

[99]A pintura.

[100]Nicolau Coelho, comandante de uma das naus da armada.

[101]Retrato, imagem.

[102]Do verso quarto ao oitavo: o poeta descreve Luso e, a partir deste momento, interrompe a narração com uma apóstrofe que vai até o fim do Canto, na qual condena o desinteresse de seus contemporâneos pelas coisas do espírito e enumera diversos dos seus vícios.

[103]Perigos da guerra.

[104]Filha de Eolo, que cometeu incesto com o irmão. Seu pai lhe enviou uma espada para que se matasse, que ela segurava com uma mão enquanto com a outra escrevia para se despedir do irmão.

[105]Acolhimentos.

[106]Com dois sentidos possíveis: carregando a vida com dificuldade ou escapando de um naufrágio.

[107]Ezequias, que teve sua vida aumentada de quinze anos por vontade divina.

[108]Toda a estrofe é uma ironia amarga.

[109]Proteu, que se metamorfoseava na forma que desejasse. As invectivas de Camões contra a injustiça e a corrupção, em todo este trecho, tornam-se cada vez mais violentas.

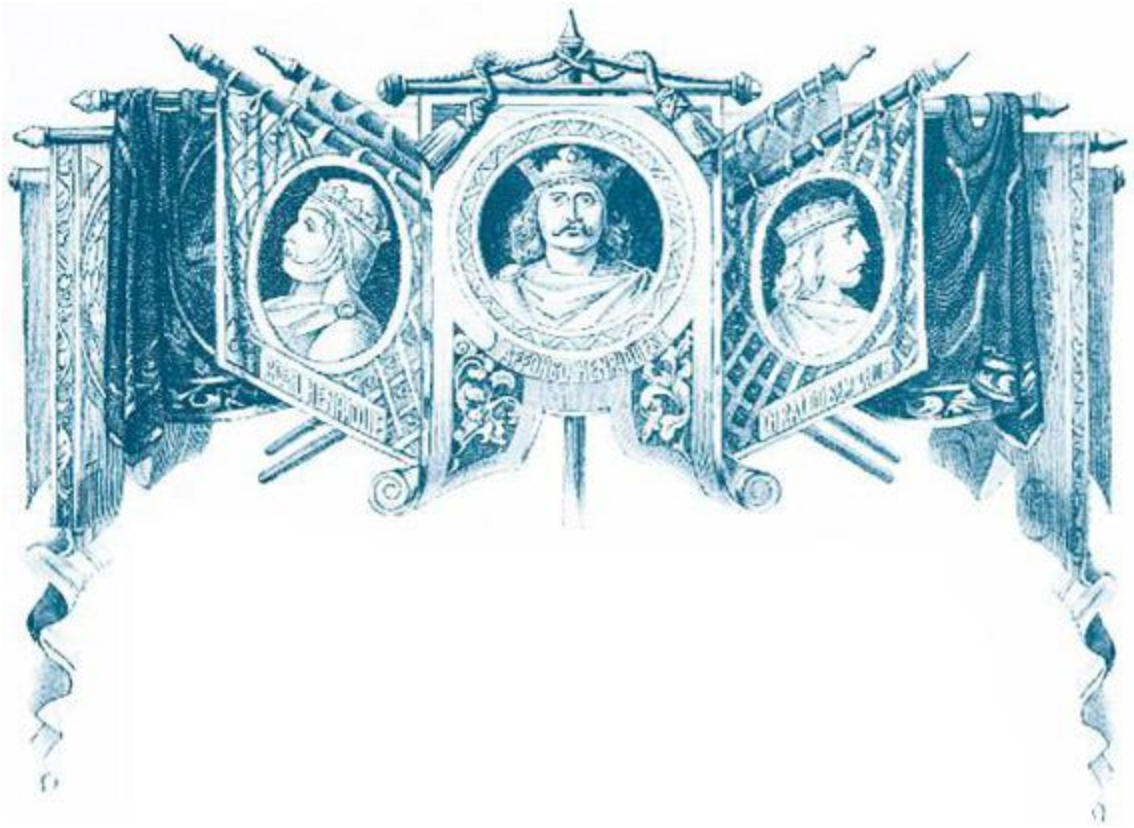
[110]Musas.

[111]Do verso sexto ao oitavo: referência clara aos jesuítas que rodeavam o novo rei, D. Sebastião.

CANTO OITAVO.



Canto oitavo



1 Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada.[1]
Quem era e por que causa lhe convinha
A divisa que tem na mão tomada?
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sábio lhe interpreta:

2 — “Estas figuras todas que aparecem,
Bravos em vista e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos;
Antigos são, mas inda resplandecem
Co’o nome entre os engenhos mais perfeitos.
Este que vês, é Luso, donde a fama
O nosso Reino ‘Lusitânia’ chama.

3 “Foi filho e companheiro do Tebano[2]
Que tão diversas partes conquistou;

Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas, que contínuo usou.
Do Douro e Guadiana o campo ufano,
Já dito Elísio,[3] tanto o contentou,
Que ali quis dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

4 "O ramo que lhe vês para divisa,
O verde tirso[4] foi, de Baco usado,
O qual à nossa idade amostra e avisa
Que foi seu companheiro e filho amado.
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Depois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpétuos edifica,
E templo a Palas, que em memória fica?

5 "Ulisses é o que faz a santa casa
À Deusa que lhe dá língua facunda;[5]
Que se lá na Ásia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda."
— "Quem será estoutro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Águias nas bandeiras tem pintadas!"

6 Assi o Gentio diz. Responde o Gama:
— "Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado;
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencíbil, afamado.
Não têm com ele, não, nem ter puderam
O primor que com Pirro[6] já tiveram.

7 "Com força não, com manha vergonhosa
A vida lhe tiraram[7] que os espanta,
Que o grande aperto, em gente inda que honrosa,
Às vezes leis magnânimas quebranta.
Outro[8] está aqui que, contra a pátria irosa,
Degradado, conosco se alevanta;

Escolheu bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se ilustrasse.

8 “Vês, conosco também vence as bandeiras
Dessas aves de Júpiter validas;[9]
Que já naquele tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas.
Olha tão sutis artes e maneiras
Para adquirir os povos, tão fingidas:
A fatídica cerva que o avisa.[10]
Ele é Sertório, e ela a sua divisa.

9 “Olha estoutra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor[11] dos Reis primeiros:
Nós Húngaro o fazemos, porém nado
Creem ser em Lotaríngia[12] os estrangeiros.
Depois de ter co’os Mouros superado
Galegos e Leoneses cavaleiros,
À Casa Santa[13] passa o santo Henrique,
Por que o tronco dos Reis se santifique.”

10 — “Quem é, me dize, estoutro que me espanta —
Pergunta o Malabar maravilhado —,
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destroçado?
Tantos muros aspérrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem, por tantas partes,
A seus pés derribadas, e estandartes!”

11 — “Este é o primeiro Afonso[14] — disse o Gama
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estígio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma.
Este é aquele zeloso a quem Deus ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem de seu Reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

12 “Se César, se Alexandre Rei, tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,

Contra tantos imigos quantos eram
Os que desbaratava este excelente,
Não creias que seus nomes se estenderam
Com glórias imortais tão largamente.
Mas deixa os feitos seus inexplicáveis;
Vê que os de seus vassalos são notáveis.

13 "Este[15] que vês olhar com gesto irado
Para o rompido aluno mal sofrido,
Dizendo-lhe que o exército espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido;
Torna o moço, do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leais vassalos claro espelho.

14 "Vê-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,
A corda ao colo, nu de seda e pano,
Porque não quis o moço sujeitar-se,
Como ele prometera, ao Castelhano,
Fez com siso e promessas levantar-se
O cerco,[16] que já estava soberano;
Os filhos e mulher obriga à pena:
Para que o senhor salve, a si condena.

15 "Não fez o Cônsul[17] tanto, que cercado
Foi nas Forcas Caudinas,[18] de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnítico jugo triunfante.
Este, pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Estoutro a si e os filhos naturais
E a consorte sem culpa, que dói mais.

16 "Vês este que, saindo da cilada,
Dá sobre o Rei que cerca a vila forte?[19]
Já o Rei tem preso, e a vila descercada:
Ilustre feito, digno de Mavorte!
Vê-lo cá vai pintado nessa armada,
No mar também aos Mouros dando a morte,

Tomando-lhe as galés, levando a glória
Da primeira marítima vitória:

17 “É Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Co’o fogo que acendeu junto da serra
De Abila,[20] nas galés da Maura gente.
Olha como, em tão justa e santa guerra,
De acabar pelejando está contente!
Das mãos dos Mouros entra a felice alma,
Triunfando, nos Céus, com justa palma.[21]

18 “Não vês um ajuntamento de estrangeiro
Trajo, sair da grande armada nova,[22]
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando santa prova?
Olha Henrique,[23] famoso cavaleiro,
A palma que lhe nasce junto à cova!
Por eles mostra Deus milagre visto;
Germanos são os Mártires de Cristo.

19 “Um Sacerdote,[24] vê, brandindo a espada
Contra Arronches, que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança:
É Teotônio Prior. Mas vê cercada
Santarém, e verás a segurança
Da figura nos muros que, primeira
Subindo, ergueu das Quinas a bandeira.

20 “Vê-lo cá, donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandália em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata
E o Hispálico pendão[25] derriba em terra:
Mem Moniz[26] é, que em si o valor retrata
Que o sepulcro do pai co’os ossos cerra;
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contrária derriba e a sua exalta.

21 “Olha aquele que desce pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,

Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas e ousadias;
Ela por armas toma a semelhança
Do cavaleiro que as cabeças frias
Na mão levava (feito nunca feito!):
Giraldo Sem Pavor[27] é o forte peito.

22 "Não vês um Castelhano,[28] que, agravado
De Afonso nono, Rei, pelo ódio antigo
Dos de Lara co'os mouros é deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes vila toma, acompanhado
Dos duros Infiéis que traz consigo;
Mas vê que um Português com pouca gente
O desbarata e o prende ousadamente.

23 "Martim Lopes se chama o cavaleiro
Que destes levar pôde a palma e o louro.
Mas olha um Eclesiástico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro:[29]
Vê-lo, entre os duvidosos, tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o sinal do céu que lhe aparece,[30]
Com que nos poucos seus o esforço cresce.

24 "Vês, vão os Reis de Córdova e Sevilha
Rotos, co'os outros dois, e não de espaço.
Rotos? Mas antes mortos: maravilha,
Feita de Deus, que não de humano braço!
Vês, já a vila de Alcáceres se humilha,
Sem lhe valer defesa ou muro de aço,
A Dom Mateus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

25 "Olha um Mestre que desce de Castela,
Português de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nela
Não acha quem por armas lhe resista;
Com manha, esforço e com benigna estrela,
Vilas, castelos toma, a escala vista.

Vês Tavila[31] tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores.

26 “Vês, com bélica astúcia ao Mouro ganha
Silves, que ele ganhou com força ingente:
É Dom Paio Correia,[32] cuja manha
E grande esforço faz inveja à gente.
Mas não passes os três[33] que em França e Espanha
Se fazem conhecer perpetuamente
Em desafios, justas e tornéus,[34]
Nelas deixando públicos troféus.

27 “Vê-los, co’o nome vêm de aventureiros
A Castela, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Belona[35] verdadeiros,
Que com dano de alguns se exercitaram;
Vê mortos os soberbos cavaleiros
Que o principal dos três desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomeia,
Que pode não temer a lei Leteia.[36]

28 “Atenta num[37] que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta;
Que a pátria, que dum fraco fio pende,
Sobre seus duros ombros a sustenta.
Não no vês, tinto de ira, que reprende[38]
A vil desconfiança, inerte e lenta,
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

29 “Olha, por seu conselho e ousadia,
De Deus guiada só e de santa estrela,
Só pode o que impossíbil parecia:
Vencer o povo ingente de Castela.
Vês, por indústria, esforço e valentia,
Outro estrago e vitória clara e bela
Na gente, assim feroz como infinita,
Que entre o Tarteso[39] e Guadiana habita.

30 “Mas não vês quase já desbaratado

O poder Lusitano, pela ausência
Do Capitão devoto, que, apartado,
Orando invoca a suma e trina Essência?
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistência
Contra poder tamanho, e que viesse,
Por que consigo esforço aos fracos desse.

31 "Mas olha com que santa confiança,
Que 'inda não era tempo', respondia,
Como quem tinha em Deus a segurança
Da vitória que logo lhe daria.
Assim Pompílio,[40] ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
'Pois eu — responde — estou sacrificando.'

32 "Se quem com tanto esforço em Deus se atreve,
Ouvir quiseres como se nomeia,
'Português Cipião' chamar-se deve,
Mas mais de 'Dom Nuno Álvares' se arreia.[41]
Ditosa pátria que tal filho teve!
Mas antes, pai; que, enquanto o Sol rodeia,
Este globo de Ceres e Netuno,
Sempre suspirará por tal aluno![42]

33 "Na mesma guerra[43] vê que presas ganha
Estoutro Capitão de pouca gente;
Comendadores vence,[44] e o gado apanha
Que levavam roubado, ousadamente;
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co'amor ardente
O preso amigo, preso por leal:
Pero Rodrigues é do Landroal.

34 "Olha este desleal[45] o como paga
O perjúrio que fez e vil engano;
Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga
E faz vir a passar o último dano;
De Xerez[46] rouba o campo e quase alaga

Co'o sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira,[47] que co'o rosto
Faz escudo às galés, diante posto.

35 "Olha que dezessete Lusitanos,
Neste outeiro subidos, se defendem,
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor, pelos tomar, se estendem;
Porém logo sentiram, com seus danos,
Que não só se defendem, mas ofendem:
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno!

36 "Sabe-se antigamente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,[48]
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se ilustraram;
E deles alcançando vencimentos
Memoráveis, de herança nos deixaram
Que os muitos, por ser poucos, não temamos,
O que depois mil vezes amostramos.

37 "Olha cá dois Infantes, Pedro e Henrique,[49]
Progênie generosa de Joane:
Aquele faz que fama ilustre fique
Dele em Germânia, com que a morte engane;[50]
Este, que ela nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura túmida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.[51]

38 "Vês o Conde Dom Pedro,[52] que sustenta
Dois cercos contra toda a Barbaria.
Vês, outro Conde[53] está, que representa
Em terra Marte, em forças e ousadia;
De poder defender se não contenta
Alcácere, da ingente companhia,
Mas do seu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, ali perdida.

39 "Outros muitos verias, que os pintores

Aqui também por certo pintariam,
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores:
Honra, prêmio, favor, que as artes criam.
Culpa dos viciosos sucessores,
Que degeneram, certo, e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.[54]

40 "Aqueles pais ilustres que já deram
Princípio à geração que deles pende,
Pela virtude muito então fizeram
E por deixar a casa que descende.
Cegos, que, dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama e rumor deles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,[55]
Com lhe deixar descansos corruptores!

41 "Outros também há grandes e abastados,
Sem nenhum tronco ilustre donde venham:
Culpa de Reis, que às vezes a privados[56]
Dão mais que a mil que esforço e saber tenham.
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe não convenham,
E, como a seu contrário natural,
À pintura que fala[57] querem mal.

42 "Não nego que há contudo descendentes
De generoso tronco e casa rica,
Que, com costumes altos e excelentes,
Sustentam a nobreza que lhe fica;
E se a luz dos antigos seus parentes
Neles mais o valor não clarifica,
Não falta, ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura."

43 Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que ali mostra a vária tinta
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artífice ali pinta.
Os olhos tinha prontos e direitos

O Catual na história bem distinta;
Mil vezes perguntava e mil ouvia
As gostosas batalhas que ali via.

44 Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alâmpada grande[58] se escondia
Debaixo do Horizonte, e luminosa
Levava aos Antípodas[59] o dia,
Quando o Gentio e a gente generosa
Dos Naires da nau forte se partia,
A buscar o repouso que descansa
Os lassos animais, na noite mansa.

45 Entretanto, os arúspices,[60] famosos
Na falsa opinião que em sacrifícios
Anteveem sempre os casos duvidosos
Por sinais diabólicos e indícios,
Mandados do Rei próprio, estudiosos,
Exercitavam a arte e seus ofícios
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que às suas terras vem da ignota Espanha.

46 Sinal lhe mostra o Demo, verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpétuo, eterno cativeiro,
Destruição de gente e de valia.
Vai-se espantado o atônito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos que alcançara
Nas entranhas das vítimas que olhara.

47 A isto mais se ajunta que um devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos ódios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede,
Em forma do Profeta falso e noto
Que do filho da escrava Agar procede,[61]
Baco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus ódios inda se não desce.

48 E diz-lhe assim: — "Guardai-vos, gente minha,

Do mal que se aparelha pelo imigo
Que pelas águas úmidas caminha,
Antes que esteis[62] mais perto do perigo!”
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho, mas consigo
Cuida que não é mais que sonho usado;
Torna a dormir quieto e sossegado.

49 Torna Baco dizendo: — “Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual fôreis muitos batizados?
Eu por ti, rudo, velo, e tu adormeces?!
Pois saberás que aqueles que chegados
De novo[63] são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao néscio povo humano.

50 “Enquanto é fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque, quando o Sol sai,[64] facilmente
Se pode nele pôr a aguda vista;
Porém, depois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis,
Se raízes criar lhe não tolheis.”

51 Isto dito, ele e o sono se despede.
Tremendo fica o atônito Agareno;
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nele o férvido veneno.
Tanto que a nova luz[65] que ao Sol precede
Mostrara rosto angélico e sereno,
Convoca os principais da torpe seita,
Aos quais do que sonhou dá conta estreita.

52 Diversos pareceres e contrários
Ali se dão, segundo o que entendiam;
Astutas traições, enganos vários,
Perfídias inventavam e teciam;
Mas, deixando conselhos temerários,

Destruição da gente pretendiam
Por manhas mais sutis e ardis melhores,
Com peitas[66] adquirindo os regedores.

53 Com peitas, ouro e dádivas secretas
Conciliam da terra os principais,
E com razões notáveis e discretas
Mostram ser perdição dos naturais,
Dizendo que são gentes inquietas
Que, os mares discorrendo Ocidentais,
Vivem só de piráticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou divinas.

54 Oh, quanto deve o Rei, que bem governa,
De olhar que os conselheiros ou privados,
De consciência e de virtude interna
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como estê[67] posto na superna
Cadeira,[68] pode mal dos apartados
Negócios ter notícia mais inteira
Do que lhe der a língua conselheira.

55 Nem tão pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciência limpa e certa,
Que se enleve num pobre e humilde manto
Onde ambição acaso ande encoberta.
E quando um bom em tudo é justo e santo,
Em negócios do mundo pouco acerta,
Que mal com eles poderá ter conta
A quieta inocência, em só Deus pronta.

56 Mas aqueles avaros Catuais,
Que o Gentílico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Português despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei um sinal certo
Do mundo que deixava descoberto,

57 Nisto trabalha só, que bem sabia

Que, depois que levasse esta certeza,
Armas e naus e gentes mandaria
Manuel, que exercita a suma alteza,
Com que a seu julgo e lei submeteria
Das terras e do mar a redondeza;
Que ele não era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.

58 Falar ao Rei Gentio determina,
Por que com seu despacho se tornasse,
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei, que da notícia falsa e indina
Não era de espantar se se espantasse,
Que tão crédulo era em seus agouros,
E mais sendo afirmados pelos Mouros,

59 Este temor lhe esfria o baixo peito;
Por outra parte, a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Um desejo imortal lhe acende e atiça;
Que bem vê que grandíssimo proveito
Fará, se com verdade e com justiça
O contrato fizer por longos anos,
Que lhe comete[69] o Rei dos Lusitanos.

60 Sobre isto, nos conselhos que tomava,
Achava mui contrários pareceres,
Que naqueles com quem se aconselhava
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava,
A quem, chegado, disse: — "Se quiseres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.



61 “Eu sou bem informado que a embaixada
Que de teu Rei me deste, que é fingida,
Porque nem tu tens Rei, nem pátria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida;
Que quem da Hespéria última alongada,
Rei ou senhor de insânia desmedida,
Há-de vir cometer com naus e frotas
Tão incertas viagens e remotas?

62 “E se de grandes Reinos poderosos
O teu Rei tem a régia majestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinais da tua incógnita verdade?
Com peças e dons altos, suntuosos,
Se lia[70] dos Reis altos a amizade,
Que sinal nem penhor não é bastante
As palavras de um vago navegante.

63 “Se porventura vindes desterrados,
Como já foram homens de alta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra é pátria para o forte;
Ou se piratas sois, ao mar usados,
Dizei-me sem temor de infâmia ou morte,
Que, por se sustentar, em toda idade
Tudo faz a vital necessidade.”

64 Isto assim dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insídias que ordenava
O Maométicо ódio, donde vinha
Aquilo que tão mal o Rei cuidava,
C’uma alta confiança, que convinha,
Com que seguro crédito alcançava,
Que Vênus Acidália[71] lhe influía,
Tais palavras do sábio peito abria:

65 — “Se os antigos delitos, que a malícia
Humana cometeu na prisca idade,
Não causaram que o vaso da nequícia,[72]

Açoute tão cruel da Cristandade,
Viera pôr perpétua inimicícia[73]
Na geração de Adão co'a falsidade,
Ó poderoso Rei, da torpe seita,
Não conceberas tu tão má suspeita!

66 "Mas, porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrário que acharias,
Se não cresses a quem não crer devias.[74]

67 "Porque, se eu de rapinas só vivesse,
Undívago[75] ou da pátria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incógnito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse,
Viria exprimentando o mar irado,
Os Antárticos frios, e os ardores
Que sofrem do Carneiro[76] os moradores?

68 "Se com grandes presentes de alta estima
O crédito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima
Onde a Natura pôs teu Reino antigo;
Mas, se a Fortuna tanto me sublima,
Que eu torne à minha pátria e Reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico
Com que minha tornada certifico.

69 "Se te parece inopinado feito
Que Rei da última Hespéria a ti me mande,
O coração sublime, o régio peito,
Nenhum caso possíbil tem por grande.
Bem parece que o nobre e grão conceito
Do Lusitano espírito demande
Maior crédito e fé de mais alteza,

Que creia dele tanta fortaleza.

70 “Sabe que há muitos anos que os antigos
Reis nossos firmemente propuseram
De vencer os trabalhos e perigos
Que sempre às grandes cousas se opuseram;
E, descobrindo os mares, inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.

71 “Conceito digno foi do ramo claro[77]
Do venturoso Rei que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro.
Este, por sua indústria e engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte que faz clara
De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara.[78]

72 “Crescendo co’os sucessos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que, uns sucedendo aos outros, prosseguiram.
De África os moradores derradeiros
Austrais, que nunca as Sete Flamas[79] viram,
Foram vistos de nós, atrás deixando
Quantos estão os Trópicos queimando.

73 “Assim, com firme peito e com tamanho
Propósito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a última coluna:
Rompendo a força do líquido estanho,
Da tempestade horrífica e importuna,
A ti chegamos, de quem só queremos
Sinal que ao nosso Rei de ti levemos.

74 “Esta é a verdade, Rei; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco prêmio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,

Tão longo, tão fingido e vão proêmio;
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero grêmio
Da madre Tétis, qual pirata inico,[80]
Dos trabalhos alheios feito rico.

75 "Assim que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada;[81]
E, se ainda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juízo pode ver-se,
Que fácil é a verdade de entender-se."

76 Atento estava o Rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele certa confiança,
Crédito firme em quanto proferia;
Pondera das palavras a abastança,
Julga na autoridade grão valia:
Começa de julgar por enganados
Os Catuais corruptos, mal julgados.

77 Juntamente, a cobiça do proveito,
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer e ter respeito
Co'o Capitão, e não co'o Mauro engano.
Enfim ao Gama manda que direito
Às naus se vá e, seguro de algum dano,
Possa a terra mandar qualquer fazenda[82]
Que pela especiaria troque e venda.

78 Que mande da fazenda, enfim, lhe manda
Que nos Reinos Gangéticos faleça,
Se alguma traz idônea[83] lá da banda
Donde a terra se acaba e o mar começa.[84]
Já da Real presença veneranda
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que dele tinha cargo,

Embarcação, que a sua está de largo.

79 Embarcação que o leve às naus lhe pede;
Mas o mau Regedor, que novos laços
Lhe maquinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços.
Com ele parte ao cais, por que o arrede
Longe quanto puder dos régios paços,
Onde, sem que seu Rei tenha notícia,
Faça o que lhe ensinar sua malícia.

80 Lá bem longe lhe diz que lhe daria
Embarcação bastante em que partisse,
Ou que, para a luz crástina[85] do dia
Futuro, sua partida diferisse.[86]
Já com tantas tardanças entendia
O Gama que o gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que dele até 'li não entendera.

81 Era este Catual um dos que estavam
Corruptos pela Maometana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do Samorim potente;
Dele somente os Mouros esperavam
Efeito a seus enganos torpemente;
Ele, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.[87]

82 O Gama com instância lhe requere
Que o mande pôr nas naus, e não lhe val,
E que assim lho mandara, lhe refere,
O nobre sucessor de Perimal.
Por que razão lhe impede e lhe difere
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquilo que os Reis já têm mandado
Não pode ser por outrem derrogado.

83 Pouco obedece o Catual corruto
A tais palavras; antes revolvendo
Na fantasia algum sutil e astuto

Engano, diabólico e estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborrecido, estava vendo,
Ou como as naus em fogo lhe abrasasse,
Por que nenhuma à pátria mais tornasse.

84 Que nenhum torne à pátria só pretende
O conselho infernal dos Maometanos,
Por que não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa[88] o rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama, enfim, que lho defende
O Regedor dos bárbaros profanos,
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias[89] todas lhe tolhia.

85 Aos brados e razões do Capitão
Responde o Idolatra que mandasse
Chegar à terra as naus que longe estão,
Por que melhor dali fosse e tornasse.
— "Sinal é de inimigo e de ladrão
Que lá tão longe a frota se alargasse
— Lhe diz —, porque do certo e fido amigo
É não temer do seu nenhum perigo."

86 Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem que as naus deseja perto
O Catual, por que com ferro e flama
Lhas assalte, por ódio descoberto.
Em vários pensamentos se derrama;
Fantasiando está remédio certo
Que desse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo enfim cuidava.

87 Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de cristal fermoso,
Que, do raio solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoso,
E, sendo da ociosa mão movido,
Pela casa, do moço curioso,
Anda pelas paredes e telhado,

Trêmulo, aqui e ali, e dessossegado:[90]

88 Tal o vago juízo flutuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperava
Na praia co'os batéis, como ordenara.
Logo secretamente lhe mandava
Que se tornasse à frota, que deixara,
Não fosse salteado dos enganos
Que esperava dos feros Maometanos.

89 Tal há-de ser quem quer, co'o dom de Marte,
Imitar os ilustres e igualá-los:
Voar co'o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evitá-los,
Com militar engenho e sutil arte
Entender os imigos e enganá-los,
Crer tudo, enfim, que nunca louvarei
O Capitão que diga: "Não cuidei."[91]

90 Insiste o Malabar em tê-lo preso,
Se não manda chegar a terra a armada;
Ele, constante e de ira nobre aceso,
Os ameaços seus não teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malícia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura[92]
A frota de seu Rei, que tem segura.

91 Aquela noite esteve ali detido
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei; mas impedido
Foi da guarda que tinha, não pequena.
Comete-lhe o Gentio outro partido,
Temendo do seu Rei castigo ou pena,
Se sabe esta malícia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

92 Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendíbil[93] que trazia, para terra,
Para que devagar se troque e venda,

Que quem não quer comércio busca guerra.
Posto que os maus propósitos entenda
O Gama, que o danado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade
Que compra co'a fazenda a liberdade.

93 Concertam-se que o Negro[94] mande dar
Embarcações idôneas com que venha,
Que os seus batéis não quer aventurar
Onde lhos tome o imigo ou lhos detenha.
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana que convenha;
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse.

94 Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual;
Com ela ficam Álvaro e Diogo,[95]
Que a pudessem vender pelo que val,
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o prêmio pode igual,[96]
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

95 Por ela o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Ele, vendo que já lhe não convinha
Tornar a terra, por que não pudesse
Ser mais retido, sendo às naus chegado,
Nelas estar se deixa descansado.

96 Nas naus estar se deixa vagaroso
Até ver o que o tempo lhe descobre,
Que não se fia já do cobiçoso
Regedor, corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juízo curioso
Quanto no rico, assim como no pobre,
Pode o vil interesse e sede imiga

Do dinheiro, que a tudo nos obriga!

97 A Polidoro mata o rei Treício,
Só por ficar senhor do grão tesouro;[97]
Entra pelo fortíssimo edifício
Com a filha de Acriso a chuva de ouro;[98]
Pode tanto em Tarpeia avaro vício,
Que, a troco de metal luzente e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quase afogada em pago morre;[99]

98 Este[100] rende munidas fortalezas;
Faz traidores[101] e falsos os amigos;
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitães aos inimigos;
Este corrompe virginais purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
Este deprava às vezes as ciências,
Os juízos cegando e as consciências;

99 Este interpreta mais que sutilmente
Os textos; este faz e desfaz leis;
Este causa os perjúrios entre a gente,
E mil vezes tiranos torna os Reis;
Até os que só a Deus onipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis
Que corrompe este encantador, e ilude,
Mas não sem cor, contudo, de virtude![102]



Notas

[1]Do verso primeiro ao quarto: retornando à narração anterior, voltamos à figura de Luso.

[2]Baco.

[3]Compara-se a Lusitânia, ou Lisa, aos Campos Elísios, por se encontrar ao ocidente o país dos mortos, e pela beleza do local.

[4]Bastão enfeitado com hera.

[5]Do verso primeiro ao segundo: um templo a Palas Atena.

[6]Rei do Epiro. Seu médico se ofereceu aos romanos para o envenenar, quando em guerra contra Roma, tendo sido devolvido preso. Com Viriato os romanos não tiveram a mesma dignidade.

[7]Do verso primeiro ao segundo: Viriato foi assassinado por três de seus soldados enquanto dormia.

[8]Sertório.

[9]Do verso primeiro ao segundo: os estandartes das legiões romanas.

[10]A cerva oracular, que Sertório sempre levava por ardil.

[11]O Conde D. Henrique.

[12]Lorena, na França.

[13]Jerusalém.

[14]Afonso Henriques.

[15]Egas Moniz, aio de Afonso Henriques, o rompido aluno, por ter sido então desbaratado pelos espanhóis.

[16]O cerco de Guimarães.

[17]Espúrio Postúmio, comandante romano.

[18]Referentes ao desfiladeiro de Caudium, onde os romanos, derrotados pelos samnitas, tiveram de passar de mãos atadas sob um vão composto por três lanças, como humilhação.

[19]Porto de Mós, cercada pelos mouros.

[20]Ceuta.

[21]A palma do martírio, ganha por morte na guerra contra os infiéis.

[22]A armada de estrangeiros que ajudou na reconquista de Lisboa.

[23]Henrique de Bonn, cavaleiro alemão morto na luta contra os mouros em Lisboa. Uma palma nasceu em seu túmulo, sendo julgada de origem milagrosa.

[24]D. Teotônio, prior de Santa Cruz de Coimbra. Tendo perdido Leiria para os mouros, pôs cerco a Arronches.

[25]Bandeira dos mouros de Sevilha.

[26]Filho de Egas Moniz.

[27]Giraldo Sem Pavor, que escalou as muralhas de Évora e abriu a cidade.

[28]D. Pedro Fernandes de Castro, fidalgo espanhol que passou para os mouros por ódio aos Condes de Lara, protegidos do rei.

[29]Troca o báculo pela lança.

[30]Refere-se a uma visão que D. Mateus de Lisboa teve, no céu, de um homem resplandecente com uma cruz no peito.

[31]Tavira, no Algarve, tomada em vingança de sete caçadores portugueses.

[32]Mestre da Ordem de S. Tiago.

[33]Gonçalo Ribeiro, Vasco Anes e Francisco Martins, cavaleiros andantes.

[34]Torneios.

[35]Jogos de guerra.

[36]O esquecimento, de Letes, rio do Inferno que fazia esquecer o passado a quem bebesse de suas águas.

[37]Dom Nuno Álvares Pereira.

[38]Repreende.

[39]O Guadalquivir.

[40]Numa Pompílio, rei de Roma.

[41]Se orgulha.

[42]Filho.

[43]A guerra contra os castelhanos.

[44]O de Calatrava e o de Alcântara, derrotados por Pero Rodrigues após terem cercado Évora e roubado gado, que foi devolvido ao alcaide de Landroal.

[45]Paio Rodrigues Marinho, alcaide de Castelo Maior, partidário dos espanhóis, que prendeu Gil Fernandes de Elvas.

[46]Jerez de los Caballeros, na província de Badajoz.

[47]Almirante português que derrotou uma armada espanhola no Tejo, em 1388, morrendo em combate.

[48]Do verso primeiro ao segundo: refere-se a uma vitória de trezentos lusitanos, comandados por Viriato, sobre mil romanos, perto de Viseu.

[49]Filhos de D. João I.

[50]Do verso terceiro ao quarto: D. Pedro esteve na Alemanha, a serviço do imperador Segismundo.

[51]Do verso quinto ao oitavo: o Infante D. Henrique, mentor dos descobrimentos marítimos e conquistador de Ceuta.

[52]D. Pedro de Meneses, Conde de Viana.

[53]D. Duarte de Meneses, filho do precedente, morreu salvando a vida de D. Afonso V, no Marrocos.

[54]Do verso quarto ao oitavo: ataque aos descendentes contemporâneos de tantos homens ilustres, indignos de seus antepassados.

[55]Descendentes.

[56]Cortesãos, favoritos.

[57]A poesia.

[58]O sol.

[59]Habitantes do lado oposto do globo.

[60]Adivinhos.

[61]Do verso quinto ao sexto: sob a aparência de Maomé.

[62]Estejais, em conjugação antiga.

[63]Recentemente.

[64]Lê-se *sai* com duas sílabas.

[65]A aurora.

[66]Subornos.

[67]Esteja, em forma arcaica.

[68]Superna cadeira: o trono.

[69]Propõe.

[70]Liga.

[71]Fonte da Beócia, onde Vênus e as Graças se banhavam.

[72]Iniquidade.

[73]Inimizade.

[74]Ou seja, em mouros e adivinhos.

[75]Que vagueia pelos mares.

[76]Áries, a zona tórrida do equador.

[77]O Infante D. Henrique.

[78]Constelações do hemisfério austral.

[79]As sete estrelas que formam a Ursa Maior.

[80]Iníquo.

[81]Regresso.

[82]Mercadoria.

[83]Própria, característica.

[84]Portugal, no extremo ocidente da Europa.

[85]Matutina.

[86]Adiasse.

[87]Não se afasta, no sentido latino original da palavra.

[88]A Índia.

[89]Pequenos barcos.

[90]Nesta estrofe: Camões compara o pensamento inquieto e veloz do Gama em perigo com a extrema mobilidade com que corre a luz refletida num espelho que alguém sacode.

[91]Nesta estrofe Camões afirma a absoluta necessidade de sagacidade e previdência em quem se aventurar a bélicas empresas.

[92]Pôr em perigo.

[93]Vendável.

[94]O catual.

[95]Álvaro Braga e Diogo Dias, encarregados de comerciar os objetos.

[96]O original está *pode* e *val*, ficando com a mesma rima do verso 4. Seguimos a restituição proposta pelo Prof. Antônio Salgado Júnior.

[97]Do verso primeiro ao segundo: Polidoro, filho de Príamo, assassinado por Polimnestor, rei da Trácia, que o mantinha sob seus cuidados, para lhe tomar os bens.

[98]Do verso terceiro ao quarto: Dânae, filha de Acriso, rei de Tebas, que Júpiter fecundou com uma chuva de ouro, apesar do pai a guardar numa torre de bronze.

[99]Do verso quinto ao oitavo: Tarpeia, filha de Tarpeio, governador romano. Abriu as portas de Roma aos sabinos, morrendo sepultada sob os braceletes e escudos que estes lhe atiraram em pagamento.

[100]O ouro, ao qual se referem as duas oitavas finais.

[101]No original *tredoros*.

[102]Do verso quinto ao oitavo: refere-se a religiosos e sacerdotes.


CANTO NONO.

Canto nono



1 Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dois feitores,
Que os Infiéis, por manha e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores;
Que todo seu propósito e vontade
Era deter ali os descobridores
Da Índia tanto tempo, que viessem
De Meca as naus que as suas desfizessem.

2 Lá no seio Eritreu, onde fundada
Arsínoe[1] foi do egípcio Ptolomeu[2]
— Do nome da irmã sua assim chamada,
Que depois em Suez se converteu —,
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa água Maometana.[3]

3 Gidá[4] se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo Mar mais florescia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão[5] que esse Reino possuía.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos Infiéis, fermosa companhia
De grandes naus, pelo Índico Oceano,
Especiaria vem buscar cada ano.

4 Por estas naus os Mouros esperavam,
Que, como fossem grandes e possantes,

Aquelas que o comércio lhe tomavam,
Com flamas abrasassem, crepitantes.
Neste socorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes
Senão que tanto tempo ali tardassem,
Que da famosa Meca as naus chegassem.

5 Mas o Governador dos céus e gentes,[6]
Que, para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes
Por onde vem a efeito o fim fadado,
Influiu piedosos acidentes
De afeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso
E merecer por isso o Paraíso.

6 Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como eles (antes era
Participante em quanto maquinavam),
A tenção lhe descobre, torpe e fera.
Muitas vezes as naus, que longe estavam,
Visita e com piedade considera
O dano sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

7 Informa o cauto Gama das armadas
Que da Arábica Meca vêm cada ano,
Que agora são dos seus tão desejadas
Para ser instrumento deste dano;
Diz-lhe que vêm de gente carregadas
E dos trovões horrendos de Vulcano,[7]
E que pode ser delas oprimido,
Segundo estava mal apercebido.

8 O Gama, que também considerava
O tempo que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Maometanos ama,
Aos feitores que em terra estão, mandava
Que se tornem às naus; e, por que a fama

Desta súbita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizessem escondida.

9 Porém não tardou muito que, voando,
Um rumor não soasse, com verdade,
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sábio Capitão, com breviedade
Faz represália nuns que às naus vieram
A vender pedraria que trouxeram.

10 Eram estes antigos mercadores,
Ricos em Calecu e conhecidos;
Da falta deles, logo entre os melhores
Sentido foi que estão no mar retidos.
Mas já nas naus os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e, repartidos
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
Outros quebram co'o peito duro a barra,

11 Outros pendem da verga e já desatam
A vela, que com grita se soltava,
Quando, com maior grita, ao Rei relatam
A pressa com que a armada se levava.
As mulheres e filhos, que se matam,
Daqueles que vão presos, onde estava
O Samorim se aqueixam que perdidos
Uns têm os pais, as outras os maridos.

12 Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
Apesar dos amigos Maometanos,
Por que lhe torne a sua presa gente.
Desculpas manda o Rei de seus enganos;
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos que as desculpas; e, tomando
Alguns negros, se parte, as velas dando.[8]

13 Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão co'o Rei gentio trabalhava

Em querer dele paz, a qual pretende
Por firmar o comércio que tratava;
Mas como aquela terra que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna à pátria cara,
Certos sinais levando do que achara.

14 Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprara;
A seca flor[9] de Banda[10] não ficou;
A noz e o negro cravo que faz clara
A nova ilha Maluco,[11] co'a canela
Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.

15 Isto tudo lhe houvera a diligência
Do Monçaide fiel, que também leva,
Que, inspirado de angélica influência,
Quer no livro de Cristo que se escreva.
Oh, ditoso Africano, que a clemência
Divina assim tirou de escura treva,
E tão longe da pátria achou maneira
Para subir à pátria verdadeira![12]

16 Apartadas assim da ardente costa
As venturosas naus, levando a proa
Para onde a Natureza tinha posta
A meta Austrina da Esperança Boa,[13]
Levando alegres novas e resposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, tímidos e ledos,

17 O prazer de chegar à pátria cara,
A seus penates[14] caros e parentes,
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os vários céus e gentes,
Vir a lograr o prêmio que ganhara
Por tão longos trabalhos e acidentes,

Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para ele é vaso estreito.

18 Porém a Deusa Cípria,[15] que ordenada
Era, para favor dos Lusitanos,
Do Padre Eterno, e por bom gênio dada,
Que sempre os guia já de longos anos,
A glória por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.

19 Depois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que, pelo Deus nascido
Nas Anfioneias Tebas,[16] se causaram,
Já trazia de longe no sentido,
Para prêmio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,
No Reino de cristal, líquido e manso;

20 Algum repouso enfim, com que pudesse
Refocilar[17] a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho que encurta a breve idade.[18]
Parece-lhe razão que conta desse
A seu filho,[19] por cuja potestade
Os Deuses faz descer ao vil terreno
E os humanos subir ao Céu sereno.

21 Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada, lá no meio
Das águas alguma ínsula[20] divina,
Ornada de esmaltado e verde arreio,
Que muitas tem no reino que confina
Da Mãe primeira[21] co'o terreno seio,
Afora as que possui[22] soberanas
Para dentro das Portas Herculanas.[23]

22 Ali quer que as aquáticas donzelas[24]

Esperem os fortíssimos barões
— Todas as que têm título de belas,
Glória dos olhos, dor dos corações —
Com danças e coreias,[25] porque nelas
Influirá secretas afeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se afeiçoarem.

23 Tal manha buscou já, para que aquele
Que de Anquises[26] pariu, bem recebido
Fosse no campo que a bovina pele[27]
Tomou de espaço, por sutil partido.
Seu filho vai buscar, porque só nele
Tem todo seu poder, fero Cupido,
Que, assim como naquela empresa antiga
A ajudou já, nestoutra a ajude e siga.

24 No carro ajunta as aves[28] que na vida
Vão da morte as exéquias celebrando;
E aquelas em que já foi convertida
Perístera, as boninas apanhando,[29]
Em derredor da Deusa, já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando.
Ela, por onde passa, o ar e o vento
Sereno faz, com brando movimento.

25 Já sobre os Idálios montes[30] pende,
Onde o filho frecheiro estava então
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer uma famosa expedição[31]
Contra o mundo rebelde, por que emende
Erros grandes que há dias nele estão,
Amando cousas que nos foram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

26 Via Acteon[32] na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que, por seguir um feio animal fero,
Foge da gente e bela forma humana,
E por castigo quer, doce e severo,

Mostrar-lhe a fermosura de Diana;
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães que agora ama, e consumido.

27 E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem público imagina;
Vê neles que não têm amor a mais
Que a si somente, e a quem Filáucia[33] ensina;
Vê que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se[34] o novo trigo florescente.

28 Vê que aqueles que devem à pobreza
Amor divino, e ao povo caridade,
Amam somente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade;
Da feia tirania e da aspereza
Fazem direito e vã severidade;
Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.

29 Vê, enfim, que ninguém ama o que deve,
Senão o que somente mal deseja;
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo que duro e justo seja.
Seus ministros[35] ajunta, por que leve
Exércitos conformes à peleja
Que espera ter co'a mal regida gente
Que lhe não for agora obediente.

30 Muitos destes meninos voadores[36]
Estão em várias obras trabalhando:
Uns amolando ferros passadores,
Outros hásteas de setas delgaçando.
Trabalhando, cantando estão de amores,
Vários casos em verso modulando:
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angélica a soada.

31 Nas fráguas[37] imortais onde forjavam

Para as setas as pontas penetrantes,
Por lenha corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes;
As águas onde os ferros temperavam,
Lágrimas são de míseros amantes;
A viva flama, o nunca morto lume,
Desejo é só que queima e não consume.

32 Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebos[38] suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da seta aguda.
Fermosas Ninfas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não nascidos.

33 Fermosas são algumas e outras feias,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veias
Curam-no às vezes ásperas triagas.[39]
Alguns ficam ligados em cadeias
Por palavras sutis de sábias magas.
Isto acontece às vezes, quando as setas
Acertam de levar ervas secretas.

34 Destes tiros assim desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido miserando;
E também nos heróis de altos estados
Exemplos mil se veem de amor nefando,
Qual o das moças Bíbli[40] e Cinireia,[41]
Um mancebo de Assíria, um de Judeia.[42]

35 E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós, senhoras,
Também vos tomam nas Vulcâneas redes![43]
Uns, esperando andais noturnas horas;

Outros, subis telhados e paredes;
Mas eu creio que deste amor indino
É mais culpa a da mãe que a do menino!

36 Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cisnes mansamente,
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro,[44] que contra o Céu se atreve,
A recebê-la vem, ledo e contente;
Vêm todos os Cupidos servidores
Beijar a mão à Deusa dos amores.

37 Ela, por que não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: — "Amado filho, em cuja mão
Toda minha potência está fundada;
Filho, em quem minhas forças sempre estão,
Tu, que as armas Tifeias[45] tens em nada,
A socorrer-me a tua potestade
Me traz especial necessidade.

38 "Bem vês as Lusitânicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei, minhas amigas,
Que me hão-de venerar e ter em preço;
E porque tanto imitam as antigas
Obras dos meus Romanos, me ofereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

39 "E porque das insídias do odioso
Baco foram na Índia molestados,
E das injúrias sós do mar undoso
Puderam mais ser mortos que cansados,
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tomando aquele prêmio e doce glória
Do trabalho, que faz clara a memória.

40 "E para isso queria que, feridas

As filhas de Nereu no ponto fundo,
De amor dos Lusitanos incendidas,
Que vêm de descobrir o novo mundo,
Todas numa ilha juntas e subidas
— Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano terei aparei lhada,
De dons de Flora e Zéfiro[46] adornada —,

41 "Ali, com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoríferos e rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leitos, e elas mais fermosas,
Enfim com mil deleites não vulgares,
Os esperem as Ninfas amorosas,
De amor feridas, para lhe entregarem
Quanto delas os olhos cobiçarem.

42 "Quero que haja no reino Netunino,
Onde eu nasci, progênie forte e bela,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potência se revela,
Por que entendam que muro adamantino
Nem triste hipocrisia val contra ela;
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo imortal nas águas arde."

43 Assim Vênus propôs, e o filho inico
Para lhe obedecer já se aparcebe:
Manda trazer o arco ebúneo, rico,
Onde as setas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cípria,[47] e impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe;
A rédea larga às aves cujo canto
A Faetonteia morte chorou tanto.[48]

44 Mas diz Cupido que era necessária
Uma famosa e célebre terceira,[49]
Que, posto que mil vezes lhe é contrária,
Outras muitas a tem por companheira:
A Deusa Giganteia,[50] temerária,

Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e, por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

45 Vão-na buscar, e mandam-na diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os de outrem celebrara.
Já murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara;
Fala verdade, havida por verdade,
Que junto a Deusa traz Credulidade.

46 O louvor grande, o rumor excelente,
No coração dos Deuses, que indignados
Foram por Baco contra a ilustre gente,
Mudando, os fez um pouco afeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaisquer propósitos tomados,
Já julga por mau zelo e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

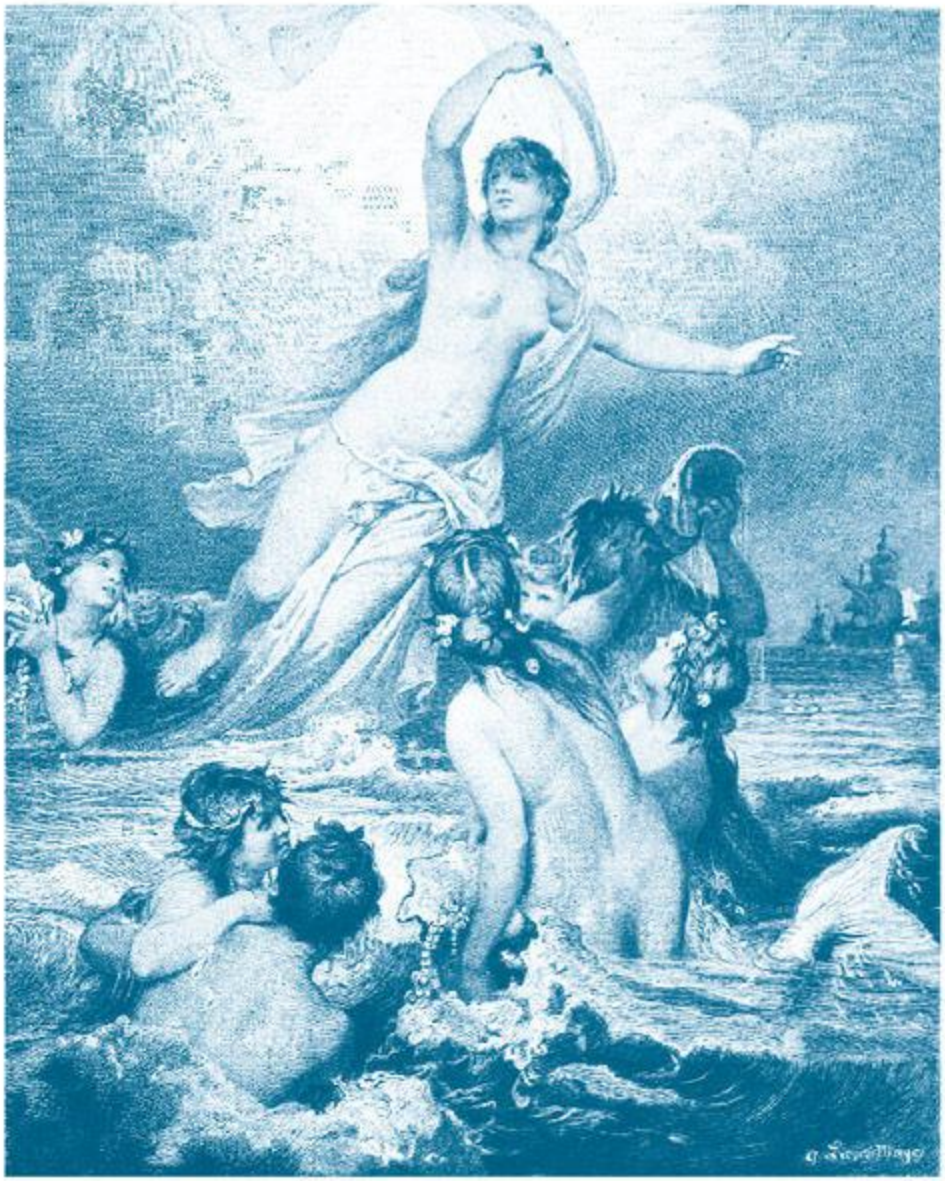
47 Despede, nisto, o fero moço as setas,
Uma após outra: geme o mar co'os tiros:
Direitas pelas ondas inquietas
Algumas vão, e algumas fazem giros;
Caem as Ninfas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos suspiros;
Cai[51] qualquer, sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista pode a fama.

48 Os cornos ajuntou da ebúrnea Lũa,
Com força, o moço indômito, excessiva,
Que Tétis quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhuma lhe era esquiva.
Já não fica na aljava seta algũa,
Nem nos equóreos campos[52] Ninfa viva;
E se, feridas, ainda estão vivendo,
Será para sentir que vão morrendo.

49 Dai lugar, altas e cerúleas ondas,

Que, vedes, Vênus traz a medicina,[53]
Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vêm por cima da água Netunina;
Para que tu recíproco respondas,
Ardente Amor, à flama feminina,
É forçado que a pudicícia honesta
Faça quanto lhe Vênus admoesta.

Já todo o belo coro se aparelha
Das Nereidas, e junto caminhava
Em coreias gentis — usança velha —
Para a ilha a que Vênus as guiava.
Ali a fermosa Deusa lhe aconselha
O que ela fez mil vezes, quando amava;
Elas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho oferecidas.



51 Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente para a pátria amada,
Desejando prover-se de água fria
Para a grande viagem prolongada,
Quando, juntas, com súbita alegria,
Houveram vista da ilha namorada,
Rompendo pelo céu a mãe fermosa
De Menônio,[54] suave e deleitosa.

52 De longe a Ilha viram, fresca e bela,
Que Vênus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava;
Que, por que não passassem sem que nela
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naus navegam a movia
A Acidália,[55] que tudo enfim podia.

53 Mas firme a fez e imóbil, como viu
Que era dos nautas vista e demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pariu
Latona Febo e a Deusa à caça usada.
Para lá logo a proa o mar abriu,[56]
Onde a costa fazia uma enseada
Curva e quieta, cuja branca areia
Pintou de ruivas conchas Citereia.

54 Três fermosos outeiros se mostravam,
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na fermosa ilha, alegre e deleitosa;
Claras fontes e límpidas manavam
Do cume, que a verdura têm viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa linfa fugitiva.

55 Num vale ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras águas ajuntar-se,
Onde uma mesa fazem, que se estende

Tão bela quanto pode imaginar-se;
Arvoredo gentil sobre ela pende,
Como que pronto está para afeitar-se,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintado propriamente.

56 Mil árvores estão ao Céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos:
A laranjeira tem no fruto lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos;[57]
Encosta-se no chão, que está caindo
A cidreira co'os pesos amarelos;
Os fermosos limões ali cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.

57 As árvores agrestes que os outeiros
Têm com frondente coma enobrecidos,
Álamos são de Alcides,[58] e os loureiros
Do louro Deus[59] amados e queridos;
Mirtos de Citereia,[60] co'os pinheiros
De Cibele, por outro amor vencidos;[61]
Está apontando o agudo cipariso[62]
Para onde é posto o etéreo Paraíso.

58 Os dons que dá Pomona,[63] ali Natura
Produze, diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muito melhores:
As cerejas purpúreas na pintura,
As amoras, que o nome têm de amores,[64]
O pomo[65] que da pátria Pérsia veio,
Melhor tornado no terreno alheio;

59 Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do olmeiro está a jucunda
Vide, c'uns cachos roxos e outros verdes;
E vós, se na vossa árvore fecunda,
Peras piramidais, viver quiserdes,
Entregai-vos ao dano que co'os bicos

Em vós fazem os pássaros inicos.

60 Pois a tapeçaria bela e fina
Com que se cobre o rústico terreno,
Faz ser a de Aquemênia[66] menos dina,
Mas o sombrio vale mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cifísia[67] inclina
Sôbolo[68] tanque lúcido e sereno;
Floresce o filho e neto de Ciniras,[69]
Por quem tu, Deusa Páfia,[70] inda suspiras.

61 Para julgar, difícil cousa fora,
No Céu vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores cor a bela Aurora,
Ou se lha dão a ela as belas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas[71] da cor dos amadores,
O lírio roxo, a fresca rosa bela,
Qual reluze nas faces da donzela.

62 A cândida cecém, das matutinas
Lágrimas rociada, e a manjerona;
Veem-se as letras nas flores Hiacintinas,
Tão queridas do filho de Latona.[72]
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Clóris com Pomona.[73]
Pois, se as aves no ar cantando voam,
Alegres animais o chão povoam.

63 Ao longo da água o níveo cisne canta;
Responde-lhe do ramo Filomela;[74]
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon,[75] na água cristalina e bela;
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou tímida gazela;
Ali no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

64 Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naus os segundos Argonautas,

Onde pela floresta se deixavam
Andar as belas Deusas, como incautas;
Algumas, doces cítaras tocavam;
Algumas, harpas e sonoras frautas;
Outras, co'os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animais, que não seguiam.

65 Assim lho aconselhara a mestra experta:
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algumas, que na forma descoberta
Do belo corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa fermosura,
Nuas lavar-se deixam na água pura.

66 Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cobiçosos
— Que não há nenhum deles que não saia —,
De acharem caça agreste desejosos,
Não cuidam que sem laço ou redes caia
Caça naqueles montes deleitosos,
Tão suave, doméstica e benina,
Qual ferida lha tinha já Ericina.[76]

67 Alguns que, em espingardas e nas bestas,[77]
Para ferir os cervos, se fiavam,
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam;
Outros, nas sombras que das altas sestas[78]
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da água, que suave e queda,
Por alvas pedras corre à praia leda.

68 Começam de enxergar subitamente,
Por entre verdes ramos, várias cores,
Cores de quem a vista julga e sente
Que não eram das rosas ou das flores,
Mas da lã fina e seda diferente,
Que mais incita a força dos amores,

De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais fermosas.

69 Dá Veloso, espantado, um grande grito:
— "Senhores, caça estranha — disse — é esta!
Se ainda dura o Gentio antigo rito,
A Deusas é sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano esprito
Desejou nunca; e bem se manifesta
Que são grandes as cousas e excelentes
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

70 "Sigamos estas Deusas, e vejamos
Se fantásticas são, se verdadeiras!"
Isto dito, velozes mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,
Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

71 Duma os cabelos de ouro o vento leva,
Correndo, e da outra as fraldas delicadas;
Acende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes súbito mostradas;
Uma de indústria[79] cai, e já releva,[80]
Com mostras mais macias que indignadas,
Que sobre ela, empecendo,[81] também caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

72 Outros, por outra parte, vão topar
Com as Deusas despidas que se lavam;
Elas começam súbito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam;
Umas fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que às mãos cobiçosas vão negando;

73 Outra, como acudindo mais depressa
À vergonha da Deusa caçadora,

Esconde o corpo n'água; outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora.
Tal dos mancebos há que se arremessa
Vestido assi e calçado (que, co'a mora[82]
De se despir, há medo que inda tarde),
A matar na água o fogo que nele arde.

74 Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na água a ave ferida,
Vendo no rosto o férreo cano erguido
Para a garcenha[83] ou pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta n'água e da presa não duvida,
Nadando vai e latindo: assi o mancebo
Remete à que não era irmã de Febo.[84]

75 Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavaleiro e namorado,
A quem Amor não dera um só desgosto,[85]
Mas sempre fora dele maltratado,
E tinha já por firme pressuposto
Ser com amores mal-afortunado,
Porém não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança,

76 Quis aqui sua ventura que corria
Após Efire,[86] exemplo de beleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu, para dar-se, a Natureza.
Já cansado, correndo, lhe dizia:
— "Ó fermosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera um corpo de quem levas a alma!

77 "Todas de correr cansam, Ninfa pura,
Rendendo-se à vontade do inimigo;
Tu só de mim só foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquela ventura
Que em toda a parte sempre anda comigo,

Oh, não na creias, porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia!

78 "Não canses, que me cansas! E se queres
Fugir-me, por que não possa tocar-te,
Minha ventura é tal que, inda que esperes,
Ela fará que não possa alcançar-te!
Espera! quero ver, se tu quiseres,
Que sutil modo busca de escapar-te,
E notarás, no fim deste sucesso,
Tra la spica e la man qual muro he messo.[87]

79 "Oh, não me fujas! Assim nunca o breve
Tempo fuja de tua fermosura!
Que, só com refrear o passo leve,
Vencerás da Fortuna a força dura.
Que Imperador, que exército se atreve
A quebrantar a fúria da ventura
Que, em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo?

80 "Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coração que livre tinha?
Solta-mo, e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha
Que, nesses fios de ouro reluzente,
Atada levas? Ou, depois de presa,
Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?

81 "Nesta esperança só te vou seguindo:
Que ou tu não sofrerás o peso dela,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste e dura estrela!
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que Amor te ferirá, gentil donzela,
E tu me esperarás, se Amor te fere;
E se me esperas, não há mais que espere!"

82 Já não fugia a bela Ninfa tanto,
Por se dar cara ao triste que a seguia,

Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto, já sereno e santo,
Toda banhada em riso de alegria,
Cair se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

83 Oh, que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã e na sesta,
Que Vênus com prazeres inflamava,
Melhor é exprimentá-lo que julgá-lo,
Mas julgue-o quem não pode exprimentá-lo.

84 Destarte, enfim, conformes já as fermosas
Ninfas co'os seus amados navagantes,
Os ornam de capelas deleitosas,
De louro e de ouro e flores abundantes.
As mãos alvas lhe davam como esposas;
Com palavras formais e estipulantes,
Se prometem eterna companhia,
Em vida e morte, de honra e alegria.

85 Uma, delas maior, a quem se humilha
Todo o coro das Ninfas e obedece,
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,[88]
O que no gesto belo se parece,
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O Capitão ilustre,[89] que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e régia,
Mostrando-se senhora grande e egrégia.

86 Que, depois de lhe ter dito quem era,
C'um alto exórdio, de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influição do imóbil Fado,
Para lhe descobrir da unida esfera
Da terra imensa e mar não navegado

Os segredos, por alta profecia,
O que esta sua nação só merecia,

87 Tomando-o pela mão, o leva e guia
Para o cume dum monte alto e divino,
No qual ũa rica fábrica[90] se erguia
De cristal toda e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos e em prazer contino;[91]
Ela nos paços logra seus amores,
As outras[92] pelas sombras, entre as flores.

88 Assi a fermosa e a forte companhia
O dia quase todo estão passando
Numa alma,[93] doce, incógnita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando;
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O prêmio lá no fim, bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.

89 Que as Ninfas do Oceano tão fermosas,
Tétis e a Ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquelas preminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha,
Estes são os deleites desta Ilha.

90 Que as imortalidades que fingia
A Antiguidade, que os ilustres ama,
Lá no estelante[94] Olimpo, a quem subia
Sobre as asas ínclitas da Fama,
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho imenso que se chama
‘Caminho da virtude’ alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso,

91 Não eram senão prêmios que reparte,
Por feitos imortais e soberanos,

O mundo co'os barões que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos;
Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,
Eneias e Quirino[95] e os dois Tebanos,[96]
Ceres, Palas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

92 Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos
De Deuses, Semideuses imortais,
Indígetes,[97] Heroicos e de Magnos.[98]
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,[99]
Que o ânimo, de livre, faz escravo;

93 E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania, infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão à gente;
Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.

94 Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não deem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os Reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos;
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras que ilustram tanto as vidas.

95 E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que imortais
Vos farão, como os vossos já passados.
Impossibilidades não façais,[100]
Que quem quis, sempre pôde; e numerados

Sereis entre os Heróis esclarecidos,
E nesta Ilha de Vênus recebidos.



Notas

[1]Cidade egípcia no istmo de Suez.

[2]Ptolomeu Filadelfo, rei do Egito.

[3]Água milagrosa da fonte de Zenizém, em Meca.

[4]Porto de Meca.

[5]Sultão, o rei do Egito.

[6]Deus.

[7]A artilharia.

[8]Ao vento.

[9]Noz-moscada.

[10]Ilha do arquipélago das Molucas. Há um trocadilho entre o nome da ilha e a locução adverbial *de banda* que se forma.

[11]Molucas.

[12]Nesta estrofe: narra a conversão de Monçaide ao cristianismo. Sua pátria é a África, e a pátria verdadeira o Céu.

[13]O Cabo da Boa Esperança.

[14]Deuses lares.

[15]Vênus.

[16]Do verso terceiro ao quarto: Baco. Anfioneias refere-se a Anfião, que construiu Tebas fazendo as pedras se mover ao som de sua lira.

[17]Reanimar.

[18]Vida.

[19]Cupido, Amor.

[20]Ilha.

[21]A Terra. A palavra Mãe, ausente na primeira edição, foi restituída através da tradução espanhola de Benito Caldera.

[22]Deve-se ler *possui* com três sílabas.

[23]Dentro do Mediterrâneo.

[24]As Nereidas.

[25]Danças.

[26]Pai de Eneias.

[27]Cartago, por ardil de Dido, que, pedindo na África um terreno do tamanho ao menos de um couro de boi, cortou este em tiras finíssimas, marcando com elas os limites da cidade.

[28]Cisnes.

[29]Do verso terceiro ao quarto: a ninfa Perístera, transformada em pomba por Cupido, por ter ajudado sua mãe numa aposta entre os dois sobre qual colheria mais boninas.

[30]Na ilha de Chipre.

[31]Esta expedição de Cupido, cujo objetivo se descreve nas quatro estrofes seguintes, parece ser uma velada porém incisiva crítica ao jovem rei D. Sebastião, obcecado pela caça, com horror às mulheres apesar de ter que gerar um herdeiro, e cercado de toda sorte de aduladores a aplaudirem suas idiossincrasias, sobretudo jesuítas corruptos, como se percebe na oitava 28.

[32]Caçador que surpreendeu Diana no banho, tendo sido transformado em veado e destroçado pelos cães.

[33]Amor próprio.

[34]Limpar de ervas daninhas.

[35]Amores.

[36]Amores.

[37]Forjas.

[38]Repetidos, frequentes.

[39]Antídotos.

[40]Filha de Mileto e Ciane, apaixonou-se por seu irmão Cauno.

[41]Filha de Cíniras, cometeu incesto com o pai, gerando Adônis.

[42]Provavelmente Antíoco e Ruben, que cometeram incesto com as mães.

[43]Em adultério. Refere-se à rede com a qual Vulcano aprisionou Vênus e Marte em flagrante.

[44]Cupido.

[45]Os raios de Júpiter contra o gigante Tifeu.

[46]A deusa das flores e o vento este.

[47]Vênus.

[48]Do verso sétimo ao oitavo: os cisnes. Cieno, rei da Ligúria, tanto chorou a morte de Faetonte que Júpiter o transformou em cisne.

[49]Intermediária.

[50]A Fama.

[51]Lê-se *Cai* com duas sílabas.

[52]O mar.

[53]O remédio para o amor, isto é, os amados para as ninfas, representados pelos marinheiros lusitanos.

[54]Do verso sétimo ao oitavo: mãe de Menônio: a Aurora.

[55]Vênus, do nome da fonte onde se banhava.

[56]Do verso quarto ao quinto: em Delos nasceram Febo e Diana, filhos de Latona. A ilha, que era móvel, tornou-se fixa depois.

[57]Filha de Peneu, convertida em loureiro para fugir de Apolo. Tinha os cabelos louros.

[58]Os álamos são consagrados a Alcides, ou seja, Hércules.

[59]Apolo.

[60]Os mirtos são consagrados a Vênus, Citereia.

[61]Do verso quinto ao sexto: Cibele, enamorada de Átis, converteu-o em pinheiro, por seu amor pela ninfa Sangaride.

[62]Cipreste.

[63]Deusa das frutas.

[64]Refere-se aos amores de Píramo e Tisbe, que se mataram à sombra de uma amoreira.

[65]Pêssego.

[66]Pérsia, do nome do rei Acmenes.

[67]Narciso, por ser Narciso filho do rio Cefísio, tendo sido transformado por Vênus na flor que leva seu nome, após se afogar atraído pela própria imagem.

[68]Sobre o.

[69]Adônis, filho de Ciniras com Mirra, sua própria filha. Após sua morte Vênus converteu seu sangue em anêmonas.

[70]Vênus, de Pafos onde lhe era dedicado um templo.

[71]Violetas.

[72]Do verso terceiro ao quarto: Jacinto, morto acidentalmente por Apolo enquanto jogavam o disco, transformou-se na flor do mesmo nome, na qual os antigos enxergavam letras que formavam *ai*, lembrando as lamentações do deus.

[73]As flores com os frutos, por suas respectivas deusas.

[74]Filha de Pandíon, rei de Atenas, foi transformada em rouxinol.

[75]Veado, por ter sido transformado neste animal.

[76]Vênus, por ser venerada em Érix, na Sicília.

[77]Arma de arco, corda e cabo, para lançar setas. Balestra.

[78]Horas de forte calor.

[79]De propósito.

[80]Perdoa.

[81]Encontrando obstáculo.

[82]Demora.

[83]Ave pernalta, espécie de garça.

[84]Não era como Diana, que mostrou grande pudor e vergonha ao ser surpreendida por Ácteon no banho.

[85]Porque já lhe dera diversos, sempre o maltratando.

[86]Uma nereida.

[87]Verso de Petrarca (*Rime*, soneto 43). Significa: “entre a espiga e a mão qual muro se interpõe”.

[88]Tétis, deusa do mar.

[89]Vasco da Gama.

[90]Rica construção, palácio.

[91]Contínuo.

[92]As ninfas.

[93]Confortante, benigna.

[94]Brilhante.

[95]Rômulo.

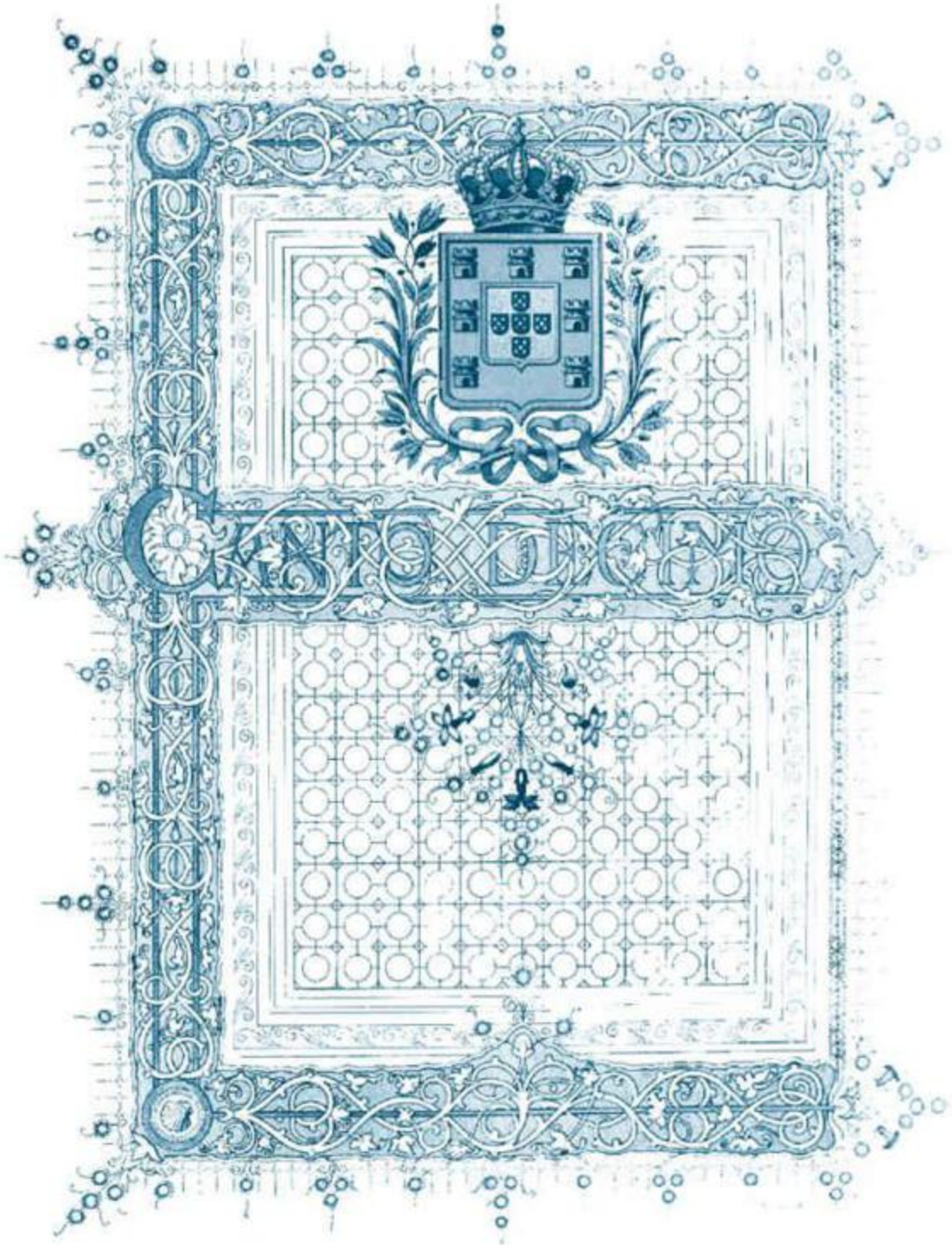
[96]Hércules e Baco.

[97]Autóctones, ilustres em suas terras.

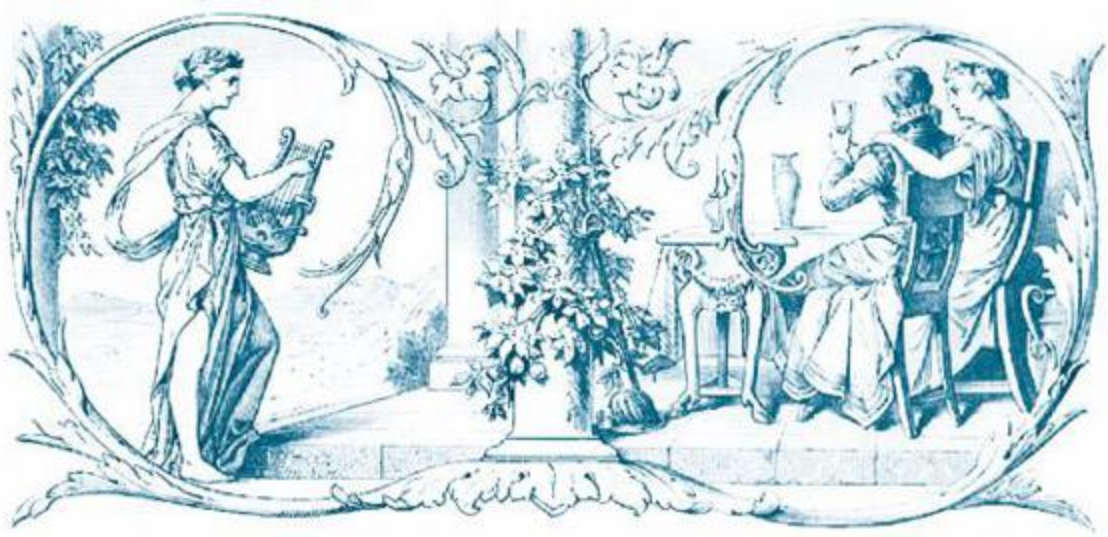
[98]Pronuncia-se *manhos*, como na oitava 32 do canto quarto.

[99]Inativo.

[100]Não julgueis nada impossível.



Canto décimo



1 Mas já o claro amador da Larisseia
Adúltera inclinava os animais[1]
Lá para o grande lago[2] que rodeia
Temistitão,[3] nos fins Ocidentais;
O grande ardor do Sol Favônio[4] enfreia
Co'o sopro, que nos tanques naturais
Encrespa a água serena e despertava
Os lírios e jasmins, que a calma agrava,

2 Quando as fermosas Ninfas, co'os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os paços radiantes
E de metais ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas de altos manjares excelentes
Lhe tinha aparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

3 Ali, em cadeiras ricas, cristalinas,
Se assentam dois e dois, amante e dama;
Noutras, à cabeceira, de ouro finas,
Está co'a bela Deusa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egípcia antiga fama,
Se acumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlântico tesouro.[5]

4 Os vinhos odoríferos, que acima
Estão não só do itálico Falerno,
Mas da ambrósia, que Jove[6] tanto estima
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem súbita alegria,
Saltando co'a mistura da água fria.

5 Mil práticas alegres se tocavam;
Risos doces, sutis e argutos ditos
Que entre um e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres apetitos;
Músicos instrumentos não faltavam
(Quais no profundo reino os nus espritos
Fizeram descansar da eterna pena)[7]
Cuma voz duma angélica Sirena.[8]

6 Cantava a bela Ninfa, e co'os acentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonância igual os instrumentos
Suaves vêm a um tempo conformando.
Um súbito silêncio enfreia os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As águas, e nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.

7 Com doce voz está subindo ao Céu[9]
Altos varões que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideias viu Proteu
Num globo vão, diáfano, rotundo
— Que Júpiter em dom lho concedeu
Em sonhos —, e depois no reino fundo,
Vaticinando, o disse, e na memória
Recolheu logo a Ninfa a clara história.

8 Matéria é de coturno e não de soco[10]
A que a Ninfa aprendeu no imenso lago,[11]
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Feaces um, outro em Cartago.[12]

Aqui, minha Calíope, te invoco
Neste trabalho extremo, por que em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

9 Vão os anos descendo, e já do Estio
Há pouco que passar até o Outono;
A Fortuna me faz o engenho frio,
Da qual já não me jacto nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono;
Mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co'o que quero à nação minha![13]

10 Cantava a bela Deusa que viriam
Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira,
Armadas que as ribeiras venceriam
Por onde o Oceano Índico suspira;
E que os Gentios Reis que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Provariam do braço duro e forte,
Até render-se a ele ou logo à morte.

11 Cantava dum[14] que tem nos Malabares
Do sumo sacerdócio a dignidade,
Que, só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós que dera de amizade,
Sofrerá suas cidades e lugares,
Com ferro, incêndios, ira e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente,
Que tais ódios terá co'a nova gente.

12 E canta como lá se embarcaria
Em Belém o remédio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco,[15] Aquiles lusitano.
O peso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho e o férvido Oceano,
Quando mais n'água os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se meterem.

13 Mas já chegado aos fins Orientais,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado e curvo rio,
Desbaratará os Naires infernais
No passo Cambalão,[16] tornando frio
De espanto o ardor imenso do Oriente,
Que verá tanto obrar tão pouca gente.

14 Chamará o Samorim mais gente nova;
Virão reis de Bipur e de Tanor,[17]
Das serras de Narsinga,[18] que alta prova
Estarão prometendo a seu senhor;
Fará que todo o Naire enfim se mova,
Que entre Calecu jaz e Cananor,[19]
De ambas as leis imigas,[20] para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra…

15 E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão que irá matando
A todo o Malabar terá admirado.
Cometerá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates, apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos Deuses vãos, surdos e imotos.

16 Já não defenderá somente os passos,
Mas queimar-lhe-á lugares, templos, casas;
Aceso de ira o Cão,[21] não vendo lassos
Aqueles que as cidades fazem rasas,
Fará que os seus, da vida pouco escassos,
Cometam o Pacheco, que tem asas,
Por dois passos num tempo; mas voando
Dum noutro, tudo irá desbaratando.

17 Virá ali o Samorim, por que em pessoa
Veja a batalha e os seus esforce e anime;
Mas um tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.

Já não verá remédio ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime;
Inventará traições e vãos venenos,
Mas sempre (o Céu querendo) fará menos.

18 Que tornará a vez sétima — cantava —[22]
Pelejar co'o invicto e forte luso,
A quem nenhum trabalho pesa e agrava,
Mas contudo este só o fará confuso:
Trará, para a batalha horrenda e brava,
Máquinas de madeiros[23] fora de uso,
Para lhe abalroar as caravelas,
Que até 'li vão lhe fora cometê-las.

19 Pela água levará serras de fogo[24]
Para abrasar-lhe quanta armada tenha;
Mas a militar arte e engenho logo
Fará ser vã a braveza com que venha.
Nenhum claro barão no Márcio jogo,
Que nas asas da Fama se sustenha,
Chega a este,[25] que palma a todos toma
— "E perdoe-me a ilustre Grécia ou Roma.

20 "Porque tantas batalhas, sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos Cães, não imbeles, profligados,[26]
Ou parecerão fábulas sonhadas,
Ou que os celestes coros, invocados,
Descerão a ajudá-lo, e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.

21 "Aquele que nos campos Maratônios
O grão poder de Dário estrui e rende,[27]
Ou quem, com quatro mil Lacedemônios,
O passo de Termópilas defende,[28]
Nem o mancebo Cocles dos Ausônios,[29]
Que com todo o poder tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fábio,[30]
Foi como este na guerra forte e sábio."

22 Mas neste passo, a Ninfa, o som canoro
Abaixando, fez ronco e entristecido,
Cantando em baixa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agradecido:
"— Ó Belisário[31] — disse —, que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!

23 "Aqui tens companheiro, assim nos feitos
Como no galardão injusto e duro;
Em ti e nele veremos altos peitos
A baixo estado vir, humilde e escuro.
Morrer nos hospitais, em pobres leitos,
Os que ao Rei e à lei servem de muro!
Isto fazem os Reis cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade.

24 "Isto fazem os Reis, quando, embebidos
Numa aparência branda que os contenta,
Dão os prêmios, de Aiace merecidos,
À língua vã de Ulisses, fraudulenta.[32]
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sábios cavaleiros,
Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.

25 "Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassalo, ó Rei,[33] só nisto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
É ele para dar-te um reino rico.
Enquanto for o Mundo rodeado
Dos Apolíneos raios, eu te fico
Que ele seja entre a gente ilustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

26 "Mas eis outro[34] — cantava — intitulado
Vem com nome real, e traz consigo
O filho,[35] que no mar será ilustrado
Tanto como qualquer Romano antigo.

Ambos darão com braço forte, armado,
A Quíloa fértil áspero castigo,
Fazendo nela Rei leal e humano,
Deitado fora o pérfido tirano.

27 “Também farão Mombaça, que se arreia
De casas suntuosas e edifícios,
Co’o ferro e fogo seu queimada e feia,
Em pago dos passados malefícios,
Depois, na costa da Índia, andando cheia
De lenhos inimigos e artifícios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

28 “Das grandes naus do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co’a férrea pela,
Que sai como trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela;
Depois, lançando arpéus[36] ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nela
Saltando, a fará, só com lança e espada,
De quatrocentos Mouros despejada.

29 “Mas de Deus a escondida providência
(Que ela só sabe o bem de que se serve)
O porá onde esforço nem prudência
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul,[37] onde em sangue e resistência
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas de Egito e de Cambaia.[38]

30 “Ali, o poder de muitos inimigos
(Que o grande esforço só com força rende),
Os ventos que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o ofende.
Aqui ressurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor que aqui se aprende:
Outro Ceva[39] verão, que, espedaçado,
Não sabe ser rendido, nem domado.

31 “Com toda ũa coxa fora, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braços
E do grão coração que lhe ficara,
Até que outro pelouro quebra os laços
Com que co’alma o corpo se liara:
Ela, solta, voou da prisão fora,
Onde súbito se acha vencedora.

32 “Vai-te, alma, em paz, da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou,[40] vingança já lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos,[41]
A Cambaicos cruéis e Mamelucos.

33 “Eis vem o pai com ânimo estupendo,
Trazendo fúria e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, água nos olhos.
A nobre ira lhe vinha prometendo
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naus; senti-lo-á o Nilo,
Podê-lo-á o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

34 “Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco dum carvalho ou alta faia,
E, o ar ferindo, as forças exprimenta:
Tal, antes que no seio[42] de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul[43] a espada afia,
Abaixando-lhe a túmida ousadia.

35 “E logo, entrando fero na enseada
De Dio, ilustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecu, que remos tem por malhas;

A de Melique Iaz,[44] acautelada,
Co'os pelouros que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,[45]
Secreto leito do úmido elemento.

36 "Mas a de Mir Hocém,[46] que, abalroando,
A fúria esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores;
Raios de fogo irão representando,
No cego ardor, os bravos domadores;
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos
É fumo, ferro, flamas e alaridos.

37 "Mas ah, que desta próspera vitória,
Com que depois virá ao pátrio Tejo,
Quase lhe roubará a famosa glória
Um sucesso que triste e negro vejo!
O Cabo Tormentório, que a memória
Co'os ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquele esprito,
Que não tiraram toda a Índia e Egipto.[47]

38 "Ali, cafres selvagens poderão
O que destros imigos não puderam,
E rudos paus tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Ocultos os juízos de Deus são;
As gentes vãs, que não nos entenderam,
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
Sendo só providência de Deus pura."

39 "Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto
— Dizia a Ninfa, e a voz alevantava —
Lá no mar de Melinde, em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava[48]
Pelo Cunha[49] também, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro e praias que se chamam
De São Lourenço,[50] e em todo o Sul se afamam!

40 “Esta luz é do fogo e das luzentes
Armas com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos,[51] por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando.
Ali, verão as setas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando,
Contra quem as tirou — que Deus peleja
Por quem estende a fé da Madre Igreja.[52]

41 “Ali, do sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,[53]
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum,[54] de Mascate e Calaiate,[55]
Até que, a força só de braço, aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barém[56] tributo rico.

42 “Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que Vitória a fronte lhe coroa,
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,
Toma a ilha ilustríssima de Goa,
Depois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e ocasião espera boa
Com que a torne a tomar, que esforço e arte
Vencerão a Fortuna e o próprio Marte.

43 “Eis já sobre ela torna e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo co’o espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros;
Irão soldados ínclitos fazendo
Mais que leões famélicos e touros,
Na luz que sempre celebrada e dina
Será da Egípcia Santa Caterina.[57]

44 “Nem tu menos fugir poderás deste,
Posto que rica e posto que assentada
Lá no grêmio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca[58] nomeada!

As setas venenosas que fizeste,
Os crises[59] com que já te vejo armada,
Malaios namorados, jaus[60] valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.”

45 Mais estâncias cantara esta Sirena[61]
Em louvor do ilustríssimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe uma ira que o condena,
Posto que a fama sua o mundo cerque.
O grande Capitão que o fado ordena
Que com trabalhos glória eterna merque,
Mais há-de ser um brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel e inteiro.

46 Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sazão e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selváticas brutezas,
De peitos inumanos e insolentes,
Dar extremo suplício pela culpa
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

47 Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adultério desonesto,
Mas c’uma escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Co’os seus uma ira insana não refreia,
Põe na fama alva nódoa negra e feia.[62]

48 Viu Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lha alegremente,[63]
Não sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendo-se num cerco duro e urgente.
Sentiu Ciro que andava já abrasado
Araspas de Panteia, em fogo ardente,
Que ele tomara em guarda, e prometia
Que nenhum mau desejo o venceria;[64]

49 Mas, vendo o ilustre Persa que vencido
Fora de amor, que enfim não tem defensa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Dele num caso grande, em recompensa.
Por força, de Judita foi marido
O férreo Balduíno; mas dispensa
Carlos, pai dela, posto em cousas grandes,
Que viva e povoador seja de Frandes.[65]

50 Mas prosseguindo a Ninfa o longo canto,
De Soares[66] cantava, que as bandeiras
Faria tremular e pôr espanto
Pelas roxas, Arábicas ribeiras:
"Medina abominável teme tanto,
Quanto Meca e Gidá,[67] co'as derradeiras
Praias de Abássia;[68] Barborá[69] se teme
Do mal de que o empório Zeila[70] geme;

51 "A nobre ilha também de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça cálida,[71] cheirosa,
Dela dará triburo à Lusitana
Bandeira, quando, excelsa e gloriosa,
Vencendo, se erguerá na torre erguida
Em Columbo,[72] dos próprios tão temida.

52 "Também Sequeira,[73] as ondas Eritreias
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti, grande Império,[74] que te arreias
De seres de Candace e Sabá[75] ninho.
Maçuá,[76] com cisternas de água cheias,
Verá, e o porto Arquico[77] ali vizinho;
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

53 "Virá depois Meneses,[78] cujo ferro
Mais na África que cá terá provado;
Castigará de Ormuz soberba o erro

Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Também tu, Gama, em pago do desterro
Em que estás e serás inda tornado,
Co'os títulos de Conde e de honras nobres
Virás mandar a terra que descobres.[79]

54 "Mas aquela fatal necessidade,[80]
De que ninguém se exime dos humanos,
Ilustrado co'a Régia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos.
Outro Meneses[81] logo, cuja idade
É maior na prudência que nos anos,
Governará; e fará o ditoso Henrique
Que perpétua memória dele fique.

55 "Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Panane com Coulete, [82]
Cometendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito que as comete;
Mas com virtudes, certo, singulares,
Vence os imigos da alma todos sete;[83]
De cobiça triunfa e incontinência,
Que em tal idade é suma de excelência.

56 "Mas depois que as estrelas o chamarem,
Sucederás, ó forte Mascarenhas,[84]
E se injustos o mando te tomarem,
Prometo-te que fama eterna tenhas,
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

57 "No reino de Bintão,[85] que tantos danos
Terá a Malaca, muito tempo, feitos,
Num só dia as injúrias de mil anos
Vingarás co'o valor de ilustres peitos.
Trabalhos e perigos inumanos,
Abrolhos férreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras,[86] baluartes, lanças, setas,

Tudo fico que rompas e sometas.[87]

58 “Mas na Índia, cobiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deus e Justiça, te farão
Vitupério nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injúria vil e sem razão,
Com forças e poder em que está posto,
Não vence, que a vitória verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.

59 “Mas contudo não nego que Sampaio[88]
Será, no esforço, ilustre e assinalado,
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor[89] fará cruel ensaio
No Malabar, para que, amedrontado,
Depois a ser vencido dele venha
Cutiale,[90] com quanta armada tenha.

60 “E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará, co’a vista só, perdida e rota
Por Heitor da Silveira[91] e destroçada,
— Por Heitor Português, de quem se nota
Que, na costa Cambaica sempre armada,
Será aos Guzarates[92] tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.[93]

61 “A Sampaio feroz sucederá
Cunha,[94] que longo tempo tem o leme;
De Chale[95] as torres altas erguerá,
Enquanto Dio ilustre dele treme;
O forte Baçaim[96] se lhe dará,
Não sem sangue, porém, que nele geme
Melique, porque à força só de espada,
A tranqueira soberba vê tomada.

62 “Trás este vem Noronha,[97] cujo auspício
De Dio os Rumes[98] feros afugenta,

— Dio, que o peito e bélico exercício
De Antônio da Silveira[99] bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado ofício,
Quando um teu ramo,[100] ó Gama, se exprimenta
No governo do Império, cujo zelo
Com medo o Roxo Mar fará amarelo.

63 “Das mãos do teu Estêvão vem tomar
As rédeas um,[101] que já será ilustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata Francês, ao mar usado;
Depois, Capitão-mor do Índico mar,
O muro de Damão,[102] soberbo e armado,
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

64 “A este o Rei Cambaico soberbíssimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Por que contra o Mogor[103] poderosíssimo
Lhe ajude a defender o senhorio;
Depois irá com peito esforçadíssimo
A tolher que não passe o Rei Gentio
De Calecu, que assim com quantos veio
O fará retirar, de sangue cheio.

65 “Destruirá a cidade Repelim,[104]
Pondo o seu Rei com muitos em fugida;
E depois, junto ao Cabo Comorim,[105]
Uma façanha faz esclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co’o furor do ferro e fogo;
Em si verá Beadala[106] o Márcio jogo.

66 “Tendo assim limpa a Índia dos imigos,
Virá depois com cetro a governá-la,
Sem que ache resistência nem perigos,
Que todos tremem dele e nenhum fala.
Só quis provar os ásperos castigos
Baticalá,[107] que vira já Beadala:

De sangue e corpos mortos ficou cheia,
E de fogo e trovões desfeita e feia.

67 “Este será Martinho,[108] que de Marte
O nome tem co’as obras derivado,
Tanto em armas ilustre em toda parte,
Quanto em conselho sábio e bem cuidado.
Suceder-lhe-á ali Castro,[109] que o estandarte
Português terá sempre levantado,
Conforme sucessor ao sucedido,
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

68 “Persas feroces, Abassis[110] e Rumes,
Que trazido de Roma o nome têm,
Vários de gestos, vários de costumes
(Que mil nações ao cerco feras vêm),
Farão dos Céus ao mundo vãos queixumes,
Porque uns poucos a terra lhe detêm;
Em sangue Português, juram, descridos,
De banhar os bigodes retorcidos.

69 “Basiliscos medonhos e leões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas[111] co’os barões
Que tão ledos as mortes têm por certas,
Até que, nas maiores opressões,
Castro libertador, fazendo ofertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deus se sacrifiquem.

70 “Fernando,[112] um deles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruído
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado e ao Céu subido;
Álvaro,[113] quanto o Inverno o mundo espanta
E tem o caminho úmido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos e depois os inimigos.

71 “Eis vem depois o pai, que as ondas corta
Co’o restante da gente Lusitana,

E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana.
Uns paredes subindo, escusam porta;
Outros a abrem na fera esquadra insana;
Feitos farão tão dignos de memória,
Que não caibam em verso ou larga história.

72 "Este, depois, em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrépido, ao possante
Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante;[114]
Não menos suas terras mal sustenta
O Hidalcão,[115] do braço triunfante,
Que castigando vai Dabul na costa;
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.[116]

73 "Estes e outros barões, por várias partes
Dignos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta Ilha,
Varrendo triunfantes estandartes
Pelas ondas que corta a aguda quilha,
E acharão estas Ninfas e estas mesas,
Que glórias e honras são de árduas empresas."

74 Assim cantava a Ninfa; e as outras todas,
Com sonoroso aplauso, vozes davam
Com quem festejam as alegres bodas
Que com tanto prazer se celebravam.
— "Por mais que da Fortuna andem as rodas
(Numa cônsona voz todas soavam),
Não vos hão-de faltar, gente famosa,
Honra, valor e fama gloriosa!"

75 Depois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade
Viram os altos feitos que descobre,
Tétis, de graça ornada e gravidade,
Para que com mais alta glória dobre

As festas deste alegre e claro dia,
Para o felice Gama assim dizia:

76 — “Faz-te mercê, barão, a Sapiência
Suprema de co’os olhos corporais
Veres o que não pode a vã ciência
Dos errados e míseros mortais.
Segue-me firme e forte, com prudência,
Por este monte espesso, tu co’os mais.”
Assim lhe diz, e o guia por um mato
Árduo, difícil, duro a humano trato.

77 Não andam muito, que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, tais que presume
A vista que divino chão pisava.
Aqui um globo veem no ar, que o lume[117]
Claríssimo por ele penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superfície, claramente.

78 Qual a matéria seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De vários orbes, que a divina verga[118]
Compôs, e um centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
Nunca se ergue ou se abaixa, e um mesmo rosto
Por toda parte tem, e em toda a parte
Começa e acaba, enfim, por divina arte,

79 Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual enfim o Arquetipo[119] que o criou.
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo, ali ficou.
Diz-lhe a Deusa: — “O transunto,[120] reduzido
Em pequeno volume, aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás e irás e o que desejas.

80 “Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada

Assim foi do Saber alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,[121]
É Deus; mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

81 "Este orbe que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando
Que a vista cega e a mente vil também,
Empíreo se nomeia, onde logrando
Puras almas estão daquele Bem
Tamanho, que ele só se entende e alcança,
De quem não há no mundo semelhança.[122]

82 "Aqui, só verdadeiros, gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter e Juno, fomos fabulosos
Fingidos de mortal e cego engano.
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e, se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.

83 "E também, porque a Santa Providência
— Que em Júpiter aqui se representa —,
Por espíritos mil que têm prudência,
Governa o mundo todo que sustenta
(Ensina-o a profética ciência
Em muitos dos exemplos que apresenta:
Os que são bons, guiando, favorecem;
Os maus, em quanto podem, nos empecem);

84 "Quer logo aqui a pintura, que varia,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes, que a antiga Poesia
A seus Deuses já dera, fabulando;
Que os Anjos da celeste companhia
'Deuses' o sacro verso está chamando,

Nem nega que esse nome preminente
Também aos maus se dá, mas falsamente.[123]

85 “Enfim que o sumo Deus, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
Obras da Mão Divina veneranda;
Debaixo deste círculo, onde as mundas[124]
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve e tão ligeiro
Que não se enxerga: é o Móbile primeiro.[125]

86 “Com este rapto[126] e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio;
Por obra deste, o Sol, andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaixo deste leve, anda outro lento,[127]
Tão lento e subjugado a duro freio,
Que, enquanto Febo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá ele um passo.

87 “Olha estoutro[128] debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que também nele têm curso ordenado
E nos seus axes[129] correm cintilantes.
Bem vês com se veste e faz ornado
Co’ o largo cinto de ouro,[130] que estelantes
Animais doze traz afigurados,
Aposentos de Febo limitados.

88 “Olha por outras partes a pintura
Que as estrelas fulgentes vão fazendo:
Olha a Carreta, atenta a Cinosura,
Andrômeda e seu pai, e o Drago horrendo;
Vê de Cassiopeia a fermosura,
E do Orionte o gesto turbulento;[131]
Olha o Cisne morrendo, que suspira,
A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.[132]

89 “Debaixo deste grande Firmamento

Vês o céu de Saturno, Deus antigo;
Júpiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bélico inimigo;
O claro olho do Céu no quarto assento,
E Vênus, que os amores traz consigo;
Mercúrio, de eloquência soberana;
Com três rostos, debaixo, vai Diana.[133]

90 "Em todos estes orbes, diferente
Curso verás, nuns grave e noutros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da Terra estão caminho breve,
Bem como quis o Padre onipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve,
Os quais verás que jazem mais a dentro,
E têm co'o mar a Terra por seu centro.[134]

91 "Neste centro, pousada dos humanos,
Que não somente, ousados, se contentam
De sofrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instábil exprimentam,
Verás as várias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam
Várias nações, que mandam vários Reis,
Vários costumes seus e várias leis.

92 "Vês Europa cristã, mais alta e clara
Que as outras em polícia e fortaleza;
Vês África, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda cheia de bruteza,
Co'o Cabo[135] que até 'qui se vos negara,
Que assentou para o Austro a Natureza;
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quase infinita.

93 "Vê do Benomotapa[136] o grande Império,
De selvática gente, negra e nua,
Onde Gonçalo[137] morte e vitupério
Padecerá pela Fé santa sua.
Nasce por este incógnito Hemisfério

O metal[138] por que mais a gente sua.
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, também vindo está Cuama.[139]

94 “Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça real e defensão
E na fidelidade dos vizinhos;
Olha deles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia[140] com destreza.

95 “Olha lá as alagoas donde o Nilo
Nasce, que não souberam os antigos;
Vê-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis, de Cristo amigos;
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Vê Méroe,[141] que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturais Nobá se chama.

96 “Nesta remota terra, um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro
(Há-de ser Dom Cristóvão[142] o nome seu),
Mas contra o fim fatal não há reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu
Melinde hospício gasalhoso e caro;
O Rapto rio nota, que o romance[143]
Da terra chama Obi; entra em Quilmance.[144]

97 “O cabo vê já Arômata chamado,
E agora Guardafu, dos moradores,[145]
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores.
Este como limite está lançado
Que divide Ásia e África, e as melhores
Povoações que a parte África tem,
Maçuá são, Arquico e Suaquém.[146]

98 “Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foi dos Héroas a cidade
(Outros dizem que Arsínoe) e ao presente
Tem das frotas do Egipto a potestade.
Olha as águas, nas quais abriu patente
Estrada o grão Moisés na antiga idade,
Ásia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

99 “Olha o Monte Sinai, que se enobrece
Co’o sepulcro de Santa Caterina;
Olha Toro[147] e Gidá, que lhe falece
Água das fontes, doce e cristalina;
Olha as portas do Estreito, que fenece
No reino da seca Ádem,[148] que confina
Com a serra de Arzira,[149] pedra viva,
Onde chuva dos céus se não deriva.

100 “Olha as Arábias três, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vêm os cavalos para a guerra,
Ligeiros e feroces, de alta raça.
Olha a costa que corre até que cerra
Outro Estreito de Pérsia, e faz a traça
O Cabo que co’o nome se apelida
Da cidade Fartaque, ali sabida.

101 “Olha Dófar,[150] insigne porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras;
Mas atenta: já cá destoutra banda
De Roçalgate[151] e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras,
Quando as galés do Turco e fera armada
Virem de Castel-Branco[152] nua a espada.

102 “Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora é Moçandão, dos navegantes;
Por aqui entra o lago[153] que é fechado
De Arábia e Pérsia, terras abundantes;

Atenta a ilha Barém, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas e imitantes
À cor da Aurora; e vê na água salgada
Ter o Tígris e Eufrates uma entrada.

103 "Olha da grande Pérsia o império nobre,
Sempre posto no campo e nos cavalos,
Que se injuria de usar fundido cobre[154]
E de não ter das armas sempre os calos.
Mas vê a ilha Gerum,[155] como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da cidade Armuza,[156] que ali esteve,
Ela o nome depois e a glória teve.

104 "Aqui de Dom Filipe de Meneses
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portugueses
Os muitos Pársеos vencerá de Lara;[157]
Virão provar os golpes e reveses
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza,[158] que deixada
Terá por terra, à força só de espada.

105 "Mas deixemos o Estreito e o conhecido
Cabo de Jasque,[159] dito já Carpela,
Com todo o seu terreno mal querido
Da Natura e dos dons usados dela
(Carmânia teve já por apelido);
Mas vês o fermoso Indo, que daquela
Altura nasce, junto à qual, também
Doutra altura, correndo o Gange vem?

106 "Olha a terra de Ulcinde[160] fertilíssima,
E de Jáquete[161] a íntima enseada,
Do mar a enchente súbita, grandíssima,
E a vazante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquíssima,
Onde do mar o seio faz entrada;
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

107 “Vês: corre a costa célebre Indiana
Para o Sul, até o Cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá depois de ti,
Terá vitórias, terras e cidades,
Nas quais hão-de viver muitas idades.

108 “As províncias, que entre um e o outro rio
Vês com várias nações, são infinitas:
Um reino Maometa, outro Gentio,
A quem tem o Demônio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as relíquias santas e benditas
Do corpo de Tomé,[162] barão sagrado,
Que a Jesus Cristo teve a mão no lado.

109 “Aqui a cidade foi que se chamava
Meliapor,[163] fermosa, grande e rica;
Os Ídolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica;
Longe do mar naquele tempo estava,
Quando a Fé que no mundo se publica
Tomé vinha pregando, e já passara
Províncias mil do mundo, que ensinara.

110 “Chegado aqui, pregando e junto dando
A doentes saúde, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar, vagando,
Um lenho de grandeza desmedida.
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer dele madeira, e não duvida
Poder tirá-lo a terra com possantes
Forças de homens, de engenhos, de alifantes.[164]

111 “Era tão grande o peso do madeiro,
Que só para abalar-se nada abasta;
Mas o núncio de Cristo verdadeiro
Menos trabalho em tal negócio gasta:

Ata o cordão que traz, por derradeiro,
No tronco, e facilmente o leva e arrasta
Para onde faça um suntuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

112 "Sabia bem que, se com fé formada
Mandar a um monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo à voz sagrada,
Que assim lho ensinou Cristo e ele o prova.
A gente ficou disto alvoroçada;
Os Brâmenes o têm por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medo de perder autoridade.

113 "São estes sacerdotes dos Gentios
Em quem mais penetrado tinha inveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios
Com que Tomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,[165]
Um caso horrendo faz, — que o mundo veja
Que inimiga não há tão dura e fera
Como a virtude falsa, da sincera.

114 "Um filho próprio mata, e logo acusa
De homicídio Tomé, que era inocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condenaram-no a morte brevemente.
O Santo, que não vê melhor escusa
Que apelar para o Padre onipotente,
Quer, diante do Rei e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.

115 "O corpo morto manda ser trazido,
Que ressuscite e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho o seu, mais aprovado.
Viram todos o moço vivo, erguido,
Em nome de Jesus crucificado;
Dá graças a Tomé, que lhe deu vida,
E descobre seu pai ser homicida.

116 “Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha[166] logo na água santa,
E muitos após ele; um beija o manto,
Outro louvor do Deus de Tomé canta.
Os Brâmenes se encheram de ódio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matá-lo, em fim de tudo.

117 “Um dia que pregando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arruído
— Já Cristo neste tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao Céu subido;
A multidão das pedras que voava
No Santo dá, já a tudo oferecido;
Um dos maus, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

118 “Choraram-te, Tomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pisaste;
Mais te choram as almas que vestindo
Se iam da santa Fé que lhe ensinaste!
Mas os Anjos do Céu, cantando e rindo,
Te recebem na glória que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças!

119 “E vós outros, que os nomes usurpais
De mandados de Deus, como Tomé,
Dizei: se sois mandados, como estais
Sem irdes a pregar a santa Fé?
Olhai que, se sois sal e vos danais
Na pátria, onde Profeta ninguém é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infiéis deixo) tantas heresias?[167]

120 “Mas passo esta matéria perigosa,
E tornemos à costa debuxada:
Já com esta cidade[168] tão famosa
Se faz curva a gangética enseada;

Corre Narsinga, rica e poderosa;
Corre Orixá,[169] de roupas abastada;
No fundo da enseada, o ilustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio;

121 “Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza
Que, inda que sejam grandes pecadores,
Esta água santa os lava e dá pureza.
Vê Chatigão,[170] cidade das melhores
De Bengala, província que se preza
De abundante; mas olha que está posta
Para o Austro, daqui virada, a costa.

122 “Olha o reino Arracão: olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram,[171]
— Monstros filhos do feio ajuntamento
Duma mulher e um cão, que sós se acharam;
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam, o que usaram
Por manha da rainha que, inventando
Tal uso, deitou fora o error nefando.

123 “Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião[172] largo o império tão comprido;
Tenassari, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta ali têm produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por empório enobrecido,
Onde toda a província do mar grande[173]
Suas mercadorias ricas mande.

124 “Dizem que, desta terra, co’as possantes
Ondas o mar, entrando, dividiu
A nobre Ilha Samatra, que já dantes
Juntas ambas a gente antiga viu;
Quersoneso foi dita, e das prestantes
Veias de ouro, que a terra produziu,
‘Áurea’ por epiteto[174] lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ofir[175] imaginaram.

125 “Mas, na ponta da terra, Singapura
Verás, onde o caminho às naus se estreita;
Daqui tornando a costa à Cinosura,[176]
Se encurva e para a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião que estes e outros mais sujeita?
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamai[177] se chama.

126 “Vês neste grão terreno os diferentes
Nomes de mil nações nunca sabidas:
Os Laos, em terra e número potentes;
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Guéus[178] se chamam, de selvagens vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente (usança crua!).

127 “Vês: passa por Camboja Mecom rio,
Que ‘capitão das águas’ se interpreta;
Tantas recebe de outros, só no Estio,
Que alaga os campos largos e inquieta;
Tem as enchentes quais o Nilo frio;
A gente dele crê, como indiscreta,
Que pena e glória têm, depois de morte,
Os brutos animais de toda sorte.

128 “Este receberá, plácido e brando,
No seu regaço o Canto que molhado
Vem do naufrágio triste e miserando,
Dos procelosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquele cuja Lira sonorosa
Será mais afamada que ditosa.[179]

129 “Vês: corre a costa que Champá[180] se chama,
Cuja mata é do pau cheiroso[181] ornada;
Vês: Cauchichina está, de escura fama,
E de Ainão[182] vê a incógnita enseada;

Aqui o soberbo Império, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e ocupa o senhorio
Desde o Trópico ardente ao Cinto frio.[183]

130 "Olha o muro e edifício nunca crido,
Que entre um império e o outro se edifica,[184]
Certíssimo sinal, e conhecido,
Da potência real soberba e rica.
Estes o Rei que têm não foi nascido
Príncipe, nem dos pais aos filhos fica,
Mas elegem aquele que é famoso
Por cavaleiro, sábio e virtuoso.

131 "Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se;
Mas não deixes no mar as ilhas onde
A Natureza quis mais afamar-se:
Esta, meia escondida, que responde
De longe à China, donde vem buscar-se,
É Japão, onde nasce a prata fina,
Que ilustrada será co'a Lei divina.

132 "Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas;
Vê Tidore e Ternate,[185] co'o fervente
Cume[186] que lança as flamas ondeadas.
As árvores verás do cravo ardente,
Co'o sangue Português inda compradas.
Aqui há as áureas aves,[187] que não descem
Nunca à terra, e só mortas aparecem.

133 "Olha de Banda as ilhas,[188] que se esmaltam
Da vária cor que pinta o roxo fruto;[189]
As aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha também Bornéu, onde não faltam
Lágrimas no licor coalhado e enxuto
Das árvores, que cânfora é chamado,
Com que da Ilha o nome é celebrado.

134 “Ali também Timor, que o lenho manda
Sândalo salutífero e cheiroso;
Olha a Sunda,[190] tão larga, que uma banda
Esconde para o Sul dificultoso.
A gente do sertão que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
Que, por onde ele só, sem outro, vai,
Converte em pedra o pau que nele cai.

135 “Vê naquela[191] que o tempo tornou Ilha,
Que também flamas trêmulas vapora,
A fonte que óleo[192] mana, e a maravilha
Do cheiroso licor[193] que o tronco chora,
— Cheiroso mais que quanto estila a filha
De Ciniras[194] na Arábia, onde ela mora;
E vê que, tendo quanto as outras têm,
Branda seda e fino ouro dá também.

136 “Olha, em Ceilão, que o monte[195] se alevanta
Tanto, que as nuvens passa ou a vista engana;
Os naturais o têm por cousa santa,
Pela pedra onde está a pegada humana.
Nas Ilhas de Maldiva nasce a planta[196]
Do profundo das águas, soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
É tido por antídoto excelente.

137 “Verás defronte estar no Roxo Estreito
Socotorá,[197] co’o amaro aloés famosa;
Outras ilhas no mar também sujeito
A vós, na costa de África arenosa,
Onde sai[198] do cheiro mais perfeito
A massa,[199] ao mundo oculta e preciosa.
De São Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagáscar é dalguns chamada.

138 “Eis aqui as novas partes do Oriente
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.

Mas é também razão que, no Ponente,
Dum Lusitano[200] um feito inda vejais,
Que, de seu Rei mostrando-se agravado,
Caminho há-de fazer nunca cuidado.

139 “Vedes a grande terra[201] que contina
Vai de Calisto ao seu contrário Polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal que a cor tem do louro Apolo;
Castela, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o colar ao rudo colo;
Várias províncias tem de várias gentes,
Em ritos e costumes diferentes.

140 “Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Parte também co’o pau vermelho nota;
‘De Santa-Cruz’ o nome lhe poreis;
Descobri-la-á a primeira vossa frota.[202]
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, — no feito, com verdade,
Português, porém não na lealdade.

141 “Dês que passar a via mais que meia
Que ao Antártico Polo vai da Linha,
Duma estatura quase giganteia
Homens verá, da terra ali vizinha;[203]
E mais avante o Estreito[204] que se arreia
Co’o nome dele agora, o qual caminha
Para outro mar[205] e terra que fica onde
Com suas frias asas o Autro a esconde.

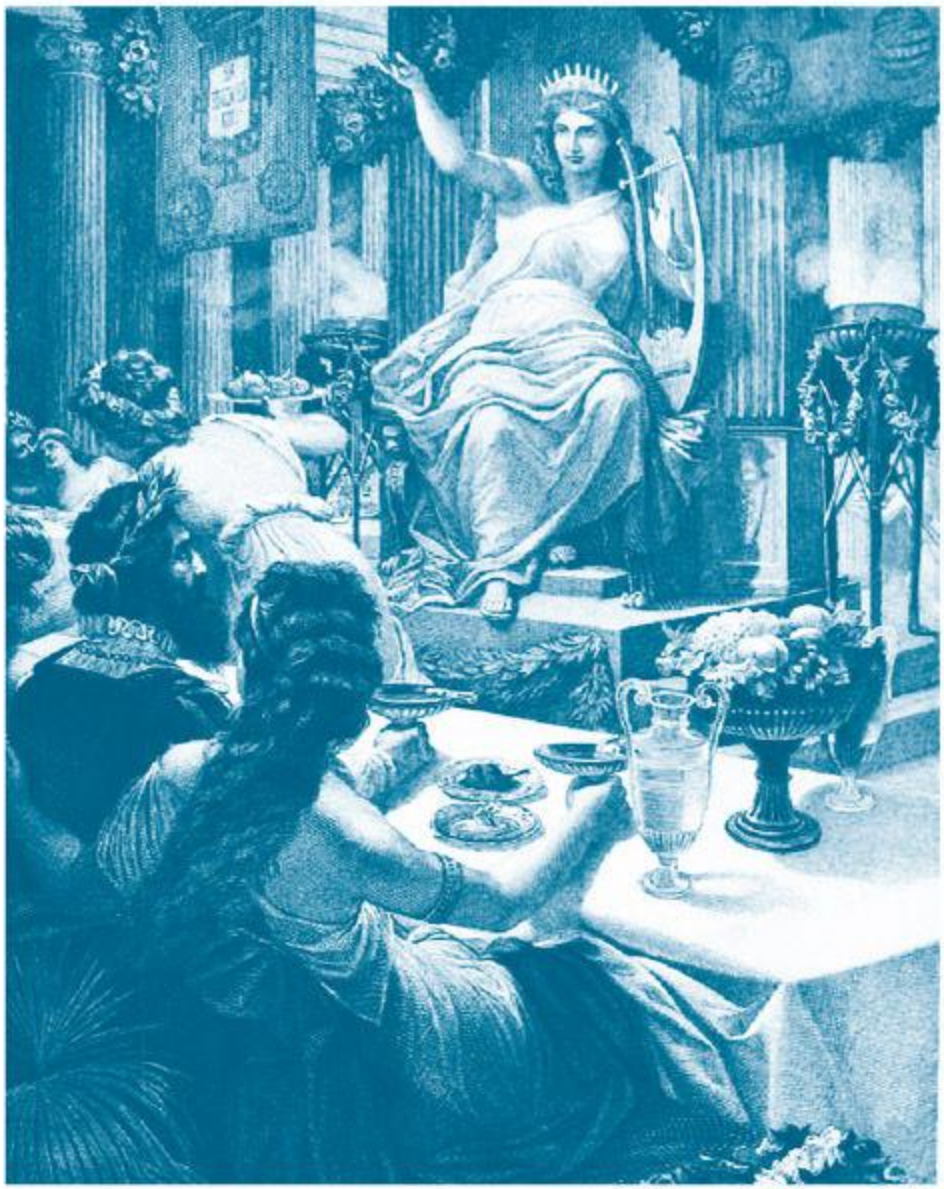
142 “Até ’qui, Portugueses, concedido
Vos é saberdes os futuros feitos
Que, pelo mar que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos façam ser aceitos
Às eternas esposas e fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas,

143 “Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo, para a pátria amada.”
Assim lhe disse; e logo movimento
Fazem da Ilha alegre e namorada.
Levam refresco e nobre mantimento;
Levam a companhia desejada
Das Ninfas, que hão-de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

144 Assim foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado;
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E à sua pátria e Rei temido e amado
O prêmio e glória dão por que mandou,
E com títulos novos se ilustrou.

145 Não mais, Musa, não mais, que a Lira tenho[206]
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho,
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Duma austera, apagada e vil tristeza.

146 E não sei por que influxo de Destino
Nao tem um ledo orgulho e geral gosto,
Que os ânimos levanta de contino
A ter para trabalhos ledo o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no régio sólio posto,
Olhai que sois (e vede as outros gentes)
Senhor só de vassalos excelentes!



147 Olhai que ledos vão por várias vias,
Quais rompentes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a setas e pelouros,
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de idolatras e de Mouros,
A perigos incógnitos do mundo,
A naufrágios, a peixes, ao Profundo!

148 Por vos servir, a tudo aparelhados,
De vós tão longe, sempre obedientes
A quaisquer vossos ásperos mandados,
Sem dar resposta, prontos e contentes,
Só com saber que são de vós olhados,
Demônios infernais, negros e ardentes,
Cometerão convosco, e não duvido
Que vencedor vos façam, não vencido.

149 Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença e leda humanidade;
De rigorosas leis desalivai-os,[207]
Que assim se abre o caminho à santidade;
Os mais exprimentados levantai-os,
Se com a experiência têm bondade,
Para vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando e onde as cousas cabem.

150 Todos favorecei em seus ofícios,
Segundo têm das vidas o talento:
Tenham religiosos exercícios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vícios
Comuns; toda ambição terão por vento,
Que o bom religioso verdadeiro
Glória vã não pretende nem dinheiro.

151 Os Cavaleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrépido e fervente
Estendem não somente a Lei de cima,

Mas inda vosso Império preminente;
Pois aqueles que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo diligente,
Dois inimigos vencem; uns, os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

152 Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos,[208] Ítalos e Ingleses
Possam dizer que são para mandados,
Mais que para mandar, os Portugueses.
Tomai conselho só de exprimentados,
Que viram largos anos, largos meses,
Que, posto que em cientes[209] muito cabe,
Mais em particular o experto[210] sabe.

153 De Formião,[211] filósofo elegante,
Vereis como Anibal[212] escarnecia,
Quando das artes bélicas, diante
Dele, com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

154 Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado;
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

155 Para servir-vos, braço às armas feito;
Para cantar-vos, mente às Musas dada;
Só me falece ser a vós aceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Céu concede, e o vosso peito
Digna empresa tomar de ser cantada
— Como a pressaga mente vaticina,

Olhando a vossa inclinação divina —,
Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,[213]
Ou rompendo nos campos de Ampelusa[214]
Ou muros de Marrocos e Trudante,[215]
A minha já estimada e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem à dita[216] de Aquiles ter inveja.

FIM

Notas

[1]Do verso primeiro ao segundo: Apolo, ou seja, o sol, amante da ninfa Corônis, de Larissa, que o traiu com um jovem da Tessália.

[2]O golfo do México.

[3]México, de Tenochtitlán.

[4]Zéfiro, o vento.

[5]Tesouro dos deuses marinhos.

[6]Júpiter.

[7]Do verso quinto ao sétimo: referência a Orfeu, que ao descer aos Infernos, em busca de Eurídice, suspendeu os suplícios dos condenados com a música da sua lira.

[8]Sereia.

[9]Subindo ao Céu: enaltecendo.

[10]Coturno era o calçado alto usado pelos atores trágicos, e socos os calçados baixos usados nas comédias. Refere-se portanto à seriedade do assunto.

[11]Mar.

[12]Do verso terceiro ao quarto: Iopas cantou e tocou no banquete dado por Dido a Eneias em Cartago, na *Eneida*. Demodoco cantou perante Ulisses na corte de Alcino, rei dos Feácios, na *Odisseia*.

[13]Nesta estrofe: Camões descreve que já passou a metade da vida, cheia de trabalhos e desgostos, e pede forças à musa da poesia épica, Calíope, para terminar o Poema dedicado à sua Nação.

[14]O rei de Cochim, que assinara um pacto com Pedro Álvares Cabral, em 1500, tendo posteriormente o rei de Calicut tentado demovê-lo de manter os compromissos firmados.

[15]Duarte Pacheco Pereira, um dos comandantes da armada de Afonso de Albuquerque para a Índia em 1503.

[16]Estreito entre a ilha do mesmo nome e Cochim, onde ocorreu a batalha contra o rei Calicut em 1504.

[17]Regiões do Malabar.

[18]Reino indiano já referido.

[19]Cidade do Malabar já referida.

[20]O islamismo e o hinduísmo.

[21]O Samorim.

[22]Tétis, que prossegue em sua previsão.

[23]Máquinas de guerra obsoletas.

[24]Espécie de torres de combate, armadas sobre canoas.

[25]Duarte Pacheco.

[26]Profligados: vencidos.

[27]Do verso primeiro ao segundo: Milcíades, vencedor da batalha de Maratona contra os persas de Dario.

[28]Do verso terceiro ao quarto: Leônidas, rei de Esparta, morto com todos os seus homens na defesa do desfiladeiro das Termópilas, em absoluta inferioridade numérica contra os persas.

[29]Do verso quinto ao sétimo: Horácio Cocles, defensor da ponte Sublícia na guerra dos romanos contra os etruscos.

[30]Quinto Fábio: general romano, vencedor de Aníbal.

[31]General de Justiniano, perseguido por este e reduzido à miséria. Duarte Pacheco também foi vítima de semelhante injustiça.

[32]Do verso terceiro ao quarto: refere-se a Ájax, ou Aiace, que perdeu injustamente a panóplia de Aquiles para Ulisses, tendo enlouquecido por isto.

[33]D. Manuel I, autor da referida injustiça para com Duarte Pacheco.

[34]D. Francisco de Almeida, primeiro governador da Índia.

[35]D. Lourenço de Almeida, filho do primeiro.

[36]Ganchos de ferro para abordagem.

[37]Cidade ao sul de Bombaim, onde morreu D. Lourenço de Almeida.

[38]Cidade da Índia.

[39]Cássio Ceva, centurião romano morto por não abandonar sua posição na guerra contra Pompeu.

[40]O pai, D. Francisco de Almeida.

[41]Esperas, basiliscos: duas espécies de peças de artilharia. Trabucos: máquinas bélicas de arremesso.

[42]Golfo de Cambaia, onde ficava a fortaleza de Diu.

[43]Cidade do Industão.

[44]Governador de Diu.

[45]O fundo do mar.

[46]Almirante do Sultão do Egito.

[47]Nesta estrofe: refere-se à morte de D. Francisco de Almeida no Cabo da Boa Esperança, morto pelos cafres, como previra Adamastor (canto quinto, 50).

[48]Cidades da Costa de Melinde.

[49]Tristão da Cunha, almirante e descobridor português.

[50]Madagascar.

[51]Persas.

[52]Do verso quinto ao oitavo: refere-se a um milagre no qual as setas se voltaram contra os que as lançavam.

[53]Do verso primeiro ao segundo: a salinidade do terreno não evitou a decomposição dos cadáveres, tal o número de mortos.

[54]Ilha onde está situada Ormuz.

[55]Cidades da costa da Arábia.

[56]Arquipélago do Golfo Pérsico, famoso pela riqueza em pérolas.

[57]Do verso sétimo ao oitavo: foi no dia de Santa Catarina de Alexandria, 25 de novembro de 1510, que Afonso de Albuquerque reconquistou Goa.

[58]Península e cidade ao sul do Industão.

[59]Punhais malaios.

[60]Habitantes de Java.

[61]Tétis.

[62]Estrofes 46 e 47: referem-se ao fato de Afonso de Albuquerque ter mandado enforcar um soldado por este ter abusado de uma escrava, apesar dos pedidos de perdão de vários de seus capitães.

[63]Do verso primeiro ao segundo: o pintor Apeles, fazendo um retrato de Campaspe, amante de Alexandre, enamorou-se por ela, que lhe foi cedida pelo imperador.

[64]Nesta estrofe: Ciro, tendo aprisionado Panteia, rainha da Assíria, não a quis ver para não ser seduzido pela sua beleza. Censurado pelo general Araspas, incumbiu-o de guardá-la, tendo este logo se apaixonado por ela.

[65]Do verso quinto ao oitavo: Judita, filha de Carlos, o Calvo, rei de França, foi raptada por Balduíno.

[66]Lopo Soares de Albergaria, terceiro governador da Índia.

[67]Cidades da Arábia.

[68]Abissínia.

[69]Cidade do golfo de Aden.

[70]Porto africano destruído por Lopo Soares.

[71]Cortiça cálida: canela

[72]Capital do Ceilão.

[73]Diogo Lopes de Sequeira, quarto governador da Índia.

[74]Etiópia.

[75]Rainhas da Etiópia.

[76]Capital da Eritreia.

[77]Porto próximo a Maçuá.

[78]D. Duarte de Meneses, quinto governador da Índia.

[79]Do verso quarto ao oitavo: Vasco da Gama, substituindo o anterior, foi o sexto governador da Índia, com os títulos de Conde da Vidigueira e Almirante do Mar Índico.

[80]A morte.

[81]D. Henrique de Meneses, sétimo governador da Índia, aos 28 anos de idade.

[82]Cidades próximas a Calicut.

[83]Os sete pecados capitais.

[84]D. Pedro de Mascarenhas, governador de Malaca. Não podendo tomar posse como oitavo governador da Índia, Lopo Vaz de Sampaio assumiu no seu lugar.

[85]Ilha da península de Malaca.

[86]Paliçadas.

[87]Submetas.

[88]Lopo Vaz de Sampaio, já referido.

[89]Cidade de Narsinga.

[90]Cutiale de Tanor, almirante mouro derrotado por Lopo Vaz.

[91]Guerreiro lusitano, destruidor da armada de Diu.

[92]Indígenas de Cambaia.

[93]Heitor, filho de Príamo, rei de Troia.

[94]Nuno da Cunha, novo governador da Índia.

[95]Povoação perto de Calicut.

[96]Fortaleza situada entre Chaul e Diu.

[97]D. Garcia de Noronha, décimo governador da Índia.

[98]Muçulmanos da Turquia.

[99]Capitão de Diu, que sustentou o cerco em 1538.

[100]Estêvão, filho de Vasco da Gama e décimo primeiro governador da Índia.

[101]Martim Afonso de Sousa, colonizador do Brasil e décimo segundo governador da Índia.

[102]Cidade da Índia, ocupada em 1534.

[103]O Grão-Mogol, soberano asiático.

[104]Cidade perto de Cochim.

[105]Cabo no extremo sul do subcontinente indiano.

[106]Cidade do Cabo Camorim.

[107]Cidade da costa do Malabar.

[108]Martim Afonso.

[109]D. João de Castro, décimo terceiro governador e quarto vice-rei da Índia.

[110]Abissínios.

[111]D. João de Mascarenhas, capitão-mor de Diu.

[112]Filho de D. João de Castro, morto com 19 anos no cerco de Diu.

[113]Outro filho do mesmo.

[114]Cavalaria.

[115]Príncipe indiano.

[116]Do verso sétimo ao oitavo: Dabul, Pondá: fortalezas de Hidalcão.

[117]Começa a descrição da Máquina do Mundo, de acordo com o sistema ptolomaico, com a Terra fixa no centro, envolvida por onze esferas.

[118]Vara, símbolo de poder.

[119]Com pronúncia paroxítona.

[120]Cópia, modelo.

[121]Bem trabalhada.

[122]Nesta estrofe: o Empíreo, a primeira esfera, habitação dos deuses pagãos e Céu dos cristãos.

[123]Estrofes 82 a 84: Camões aqui se refere à essência puramente estética de toda a máquina mitológica.

[124]Purificadas.

[125]A causa inicial de todo movimento.

[126]Arrebatamento.

[127]O Cristalino, uma das esferas da cosmografia antiga.

[128]O Firmamento.

[129]Eixos.

[130]O Zodíaco.

[131]O gigante Orionte, transformado em constelação, carrega uma espada e prenuncia as tempestades.

[132]Nesta estrofe: descreve várias constelações.

[133]Nesta estrofe: descreve os sete céus, cada um com seu respectivo planeta. O claro olho do Céu é o sol, e Diana, a lua.

[134]Do sexto ao oitavo verso: enumera os Quatro Elementos.

[135]O Cabo da Boa Esperança.

[136]Império na África do Sul.

[137]Gonçalo da Silveira, jesuíta martirizado em 1561.

[138]O ouro.

[139]O rio Zambeze.

[140]Pero de Naya, espanhol que construiu um forte em Sofala.

[141]Região da Etiópia que os antigos julgavam que fosse uma ilha.

[142]Cristóvão da Gama, filho de Vasco da Gama, aprisionado e degolado pelo xeque de Zeilá.

[143]Linguagem.

[144]Quilimane.

[145]Do verso primeiro ao segundo: cabo perto de Ádem.

[146]Portos do Mar Vermelho, na Eritreia e no Sudão.

[147]Porto na península do Sinai.

[148]Cidade da Península Arábica, no Iêmen.

[149]Serra da Arábia Feliz.

[150]Cidade no mar de Omã, rica em incenso.

[151]Cabo na entrada do golfo de Omã.

[152]D. Pedro de Castelo-Branco, vencedor da esquadra turca em Ormuz.

[153]O Golfo Pérsico.

[154]Canhões.

[155]Do verso terceiro ao quarto: os persas consideravam vergonhoso o uso de artilharia, por não depender da força corporal.

[156]Ilha onde fica Ormuz.

[157]Capital do Laristão, na Pérsia.

[158]Cidade ao norte de Melinde.

[159]Cabo à entrada do estreito de Ormuz.

[160]Reino entre a Pérsia e a Cambaia.

[161]Golfo de Katch.

[162]São Tomé, apóstolo da Índia.

[163]Cidade de Narsinga.

[164]Elefantes.

[165]Fios de cordão que os brâmanes levam no peito, como sinal de casta.

[166]Se batiza.

[167]Nesta estrofe Camões admoesta os sacerdotes e missionários.

[168]Meliapor.

[169]Cidade na costa de Bengala.

[170]Chitagong, na baía de Bengala.

[171]Do verso primeiro ao segundo: Estados da Birmânia. Pegu, de acordo com a lenda, teria sido povoada pelos filhos de uma mulher com um cão escapados de um naufrágio.

[172]A atual Tailândia.

[173]Mar da China.

[174]Paroxítono, em vez de epíteto.

[175]Reino fabuloso mencionado na Bíblia.

[176]A Ursa Maior.

[177]Lago imaginário no sul da China.

[178]Povo antropófago do Sião.

[179]Nesta estrofe Camões se refere a seu naufrágio na foz do rio Mekong, do qual escapará salvando o Canto, ou seja, *Os Lusíadas* que levava consigo. O injusto mando deve provavelmente se referir a uma ordem de prisão.

[180]Cochinchina.

[181]O calambuco.

[182]Ilha no golfo de Tonquim.

[183]Do trópico de Câncer ao círculo polar Ártico.

[184]Do verso primeiro ao segundo: refere-se à Grande Muralha da China.

[185]Ilhas das Molucas.

[186]Fervente cume: vulcão.

[187]Aves-do-paraíso.

[188]Ilhas das Molucas.

[189]Noz-moscada.

[190]Arquipélago entre Malaca e o Timor.

[191]Sumatra.

[192]Nafta.

[193]Benjoim.

[194]Filha de Ciniras: mirra

[195]Pico de Adão. Uma depressão em seu cume, parecida com uma pegada humana, era interpretada por budistas, muçulmanos e cristãos respectivamente como vestígios do pé de Buda, Adão e São Tomé.

[196]Palmeira.

[197]Ilha do oceano Índico.

[198]Lê-se *sai* com duas sílabas.

[199]O âmbar cinzento.

[200]Fernão de Magalhães, autor da primeira circum-navegação da Terra.

[201]América.

[202]A frota de Pedro Álvares Cabral, descobrindo o Brasil em 1500. O *pau vermelho* é o pau-brasil.

[203]Do verso terceiro ao quarto: refere-se aos grandes habitantes da Patagônia.

[204]O Estreito de Magalhães.

[205]O Pacífico.

[206]Neste momento Camões abandona a ação épica e passa para uma invectiva final contra os vícios da Nação, elogio das virtudes lusitanas, reflexão moral sobre as virtudes necessárias à realização das grandes obras, elogio de si próprio como cantor da epopeia nacional e convite ao rei para futuras façanhas a serem imortalizadas pela sua pena. No original, no início da estrofe: *No mais, musa, no mais*.

[207]Aliviai-os.

[208]Franceses.

[209]Que conhecem pela sabedoria.

[210]Que conhece pela experiência.

[211]Filósofo de Éfeso que ousou falar sobre arte militar perante Aníbal.

[212]Com pronúncia oxítona.

[213]Do verso primeiro ao segundo: por ter fitado a cabeça de Medusa, Atlas, ou Atlante, se transformou num monte.

[214]Cabo Espartel, no Marrocos.

[215]Cidade ao norte do Marrocos.

[216]Fortuna, felicidade. A dita de Aquiles, que causaria inveja a Alexandre, é a de ter sido cantado por Homero.

APÊNDICE

ESTÂNCIAS DESPREZADAS E OMITIDAS
por Luís de Camões, na primeira impressão de seu Poema, encontradas por Manuel de Faria e Sousa em dois manuscritos contemporâneos

Reproduzimos aqui as famosas estâncias desprezadas e omitidas encontradas por Faria e Sousa em manuscritos contemporâneos. O fato de haverem sido consideradas apócrifas por Wilhelm Storck e alguns outros camonistas não encerra de maneira alguma a discussão sobre a sua autenticidade, sobretudo em se julgando os argumentos apontados, muitos dizendo respeito somente às variantes menores, e em diversos casos claramente compreensíveis como algumas das formas típicas de erro de copista enumeradas pela ecdótica. Levando em conta o alto nível poético e narrativo de muitas das oitavas em questão (não raro magistrais, no extremo oposto dos imprestáveis versos falsos ou adulterados inseridos na Edição dos Piscos), o fundo e a forma extremamente camonianos de várias delas, e a necessária existência, em Poema desta envergadura, de partes cortadas, alteradas ou remanejadas, trazemo-las novamente à luz, o que será, no mínimo, um prazer para o leitor camoniano moderno.

CANTO PRIMEIRO

Estrofe 77 alterada, seguida por duas omitidas:

Isto dizendo, irado, e quase insano,
Sobre a Tebana parte descendeu,
Onde vestindo a forma e gesto humano,
Para onde o Sol nasce se moveu.
Já a atravessa o mar Mediterrano,
Já de Cleopatra o Reino discorreu;
Já deixa à mão direita os Garamantes,
E os desertos de Líbia circunstantes.

Já Méroe deixa atrás, e a terra ardente
Que o septênfluo Rio vai regando,
Onde reina o mui santo Presidente,
Os preceitos de Cristo admoestando:
Já passa a terra de águas carecente,
Que estão as alagoas sustentando;
Donde seu nascimento tem o Nilo,
Que gera o monstruoso crocodilo.

Daqui ao Cabo Prasso vai direito,
E entrando em Moçambique, nesse instante
Se faz na forma Mouro contrafeito,
A um dos mais honrados semelhante.
E como a seu Regente fosse aceito,
Entrando um pouco triste no semblante,
Desta sorte o Tebano lhe falava,
Apartando-o dos outros com que estava.

Após a estrofe 80:

E para que dês crédito ao que falo,
Que este Capitão falso está ordenando,
Sabe que quando foste a visitá-lo
Ouvi dois neste caso estar falando:
No que digo não faças intervalo,
Que eu te digo, sem falta, como, quando
Os podes destruir; que é bem olhado
Que quem quer enganar fique enganado.

CANTO TERCEIRO

Após a estrofe 10:

Entre este mar, e as águas onde vem
Correndo o largo Tánais de contino,
Os Sármatas estão, que se mantêm
Bebendo o roxo sangue e leite equino.
Aqui vivem os Míssios, que também
Têm parte de Ásia; povo baixo e indino,
E os Ábios que mulheres não recebem,
E muitos mais, que o Boristenes bebem.

No lugar da estrofe 29:

Mas a iníqua mãe seguindo em tudo
Do peito feminil a condição,
Tomava por marido a Dom Bermudo,
E a Dom Bermudo a toma um seu irmão.
Vede um pecado grave, bruto e rudo,

De outro nascido! Oh grande admiração!
Que o marido deixado vem a ter
Quem tem por enteada, e por mulher.

CANTO QUARTO

Após a estrofe 2:

Sempre foram bastardos valerosos
Por letras, ou por armas, ou por tudo:
Foram-no os mais dos deuses mentirosos,
Que celebrou o antigo povo rudo.
Mercúrio e o douto Apolo são famosos
Por ciência diversa, e longo estudo:
Outros são pelas armas soberanos;
Hércules, e Lieu, ambos Tebanos.

Bastardos são também Homero, e Orfeu,
Dois a quem tanto os versos ilustraram;
E os dois de quem o Império procedeu,
Que Troia, e Roma em Itália, edificaram.
Pois se é certo que a fama já escreveu,
Se muitos a Filipo nomearam
Por pai do Macedônico mancebo,
Outros lhe dão o magno Nectanebo.

Assi o filho de Pedro Justiçoso,
Sendo Governador alevantado
Do Reino, foi nas armas tão ditoso,
Que bem pode igualar qualquer passado.
Porque vendo-se o Reino receoso
De ser do Castelhano subjugado,
Aos seus o medo tira, que os alcança,
Aos outros a falsífica esperança.

Após a estrofe 11:

Nem no Reino ficou de Tarragona
Quem não siga de Marte o duro ofício:
Nem na Cidade nobre, que se abona
Com ser dos Cipiões claro edifício.
Também a celebrada Barcelona
Mandou soldados destros no exercício:
Todos estes ajunta o Castelhano
Contra o pequeno Reino Lusitano.

Após a estrofe 13:

Oh inimigos maus da natureza
Que injuriais a própria geração!
Degenerantes, baixos! Que fraqueza
De esforço, de saber e de razão,
Vos fez que a clara estirpe que se preza
De leal, fido e limpo coração,
Ofendais dessa sorte? Mas respeito
Que este dos grandes é o menor defeito.

No lugar da estrofe 21:

Qual o mancebo claro, no Romano
Senado, os grandes medos aquebranta
Do grão Cartaginês, que soberano
Os cutelos lhe tinha na garganta;
Quando ganhando o nome de Africano
A resistir-lhe foi com fúria tanta,
Que a pátria duvidosa libertou,
O que Fábio invejoso não cuidou.

Após a estrofe 27:

Já a fresca filha de Titã trazia
O sempre memorado dia, quando
As vésperas se cantam de Maria,
Que este mês honra, o nome seu tomando.
Para a batalha estava já este dia
Determinado: logo, em branqueando
A alva no Céu, os Reis se aparelhavam,
E as gentes com palavras animavam.

Após a estrofe 35:

Passaram a Giraldo co'as entranhas
O grosso, e forte escudo, que tomara
A Pérez que matou, que o seu de estranhas
Cutiladas desfeito já deixara.
Morrem Pedro e Duarte, (que façanhas
Nos Brígios tinham feito) a quem criara
Bragança: ambos mancebos, ambos fortes,
Companheiros nas vidas, e nas mortes.

Morrem Lopo, e Vicente de Lisboa,
Que estavam conjurados a acabarem,
Ou a ganharem ambos a coroa
De quantos nesta guerra se afamarem.

Por cima do cavalo Afonso voa:
Que cinco Castelhanos (por vingarem
A morte de outros cinco, que matara)
O vão privar assi da vida cara.

De três lanças passado Hilário cai;
Mas primeiro vingado a sua tinha;
Não lhe pesa porque a alma assi lhe sai,
Mas porque a linda Antônia nele vinha:
O fugitivo esprito se lhe vai,
E neste o pensamento que o sustinha;
E saindo da dama, a quem servia,
O nome lhe cortou na boca fria.

No lugar da estrofe 39:

Favorecem os seus com grandes gritos
O sucesso do tiro; e ele logo
Toma outra: (que jaziam infinitos
Dos que as vidas perderam neste jogo)
Corre enrestando-a forte; e d'arte incita
À brava guerra os seus, que ardendo em fogo
Vão ferindo os cavalos de esporadas,
E os duros inimigos de lançadas

Após a estrofe 40:

Velásquez morre, e Sanches de Toledo,
Um grande caçador, outro Letrado:
Também perece Galbes, que sem medo
Sempre dos companheiros foi chamado:
Montánchez, Oropesa, Mondonhedo:
(Qualquer destro nas armas, e esforçado)
Todos por mãos de Antônio, moço forte,
Destro mais que eles, pois os trouxe a morte.

Guevara roncador, que o rosto untava,
Mãos, e barba, do sangue que corria;
Por dizer que dos muitos que matava
Saltava nele o sangue, e o tingia:
Quando destes abusos se jactava,
De través lhe dá Pedro, que o ouvia,
Tal golpe, com que ali lhe foi partida
Do corpo a vã cabeça, e a torpe vida.

Pelo ar a cabeça lhe voou,
Inda contando a história de seus feitos:
Pedro, do negro sangue se esguichou,
Foi todo salpicado, rosto e peitos;

Justa vingança do que em vida usou.
Logo com ele ao ocaso vão direitos
Carrilho, João da Lorca, com Robledo;
Porque os outros fugindo vão de medo.

Salazar, grão taful, e o mais antigo
Rufião que Sevilha então sustinha;
A quem a falsa amiga, que consigo
Trouxe, de noite só fugido tinha.
Fugiu-lhe a amiga, enfim, para outro amigo,
Porque viu que o dinheiro com que vinha,
Perdeu todo de um resto: e não perdera,
Se uma carta de espadas lhe viera.

O desprezo da amiga o desatina;
E o Mundo todo, a terra, e o Céu vagante,
Blasfemando ameça, e determina
De vingar-se em qualquer que achar diante.
Encontra com Gaspar, (que Catarina
Ama em extremo) e leva do montante,
Que no ar fere fogo; e certo cria,
Que um monte da pancada fenderia.

Bem cuida de cortá-lo em dois pedaços;

Porém Gaspar, vendo o montante erguido,
Cerra com ele, e leva-o nos braços:
Cometimento destro e atrevido.
Bracea o Castelhano, e de ameaços
Se serve ainda; e estando já vencido,
O Português forçoso, em breve mora,
Lhe leva a arma das mãos, e salta fora.

E porque ele não lhe use a própria manha
Que este lhe usara já, de ponta o fere:
Nos peitos o montante, enfim, lhe banha,
Porque de outra vingança desespere.
Fugiu-lhe a alma indignada, e na montanha
Tartárea inda blasfema, ali refere
Que mais não açoitar a amiga ingrata,
Que os açoites de Alecto o pena e mata.

E do metal de espadas aos danados
Diz males, e blasfêmias sem medida:
Que já por não lhe entrar perde os cruzados,
E agora por entrar-lhe perde a vida.
Por pena quer Plutão de seus pecados,
Que se lhe mostre a amiga já fugida,
Em brincos de outro, e beijos enlevada:
Remete ele para eles, e acha nada.

Após a estrofe 44:

Oh pensamento vão do peito humano!
Agora neste cego error caíste?
Agora este fermoso e ledo engano
Da sanguinosa e fera guerra viste?
Agora que com sangue, o próprio dano,
A dura experiência acerba e triste,
To tem mostrado. E agora que o provaste,
Os conselhos darás, que não tomaste.

Dos corpos dos imigos Cavaleiros,
Do mato os animais se apascentaram:
As fontes de mais perto nos primeiros
Dias sangue com água destilaram.
Os pastores do campo, e os monteiros
Da vizinha montanha, não gostaram
As aves de rapina em mais de um ano,
Por terem o sabor do corpo humano.

Últimos quatro versos da estrofe 49, em versão diferente, seguidos de duas estrofes omitidas:

Ponderando tamanho atrevimento,
Disse a Netuno então Proteu Profeta:
Temo que desta gente, gente venha,
Que de teus reinos o grão cetro tenha.

Já toma a forte porta inexpugnável,
Que o Conde desleal primeiro abriu,
Por se vingar do amor inevitável
Que a fortuna em Rodrigo permitiu.
Mas não foi esta a causa detestável
Que a populosa Espanha destruiu:
Juízo de Deus foi por causa incerta;
A casa o mostra por Rodrigo aberta.

Já agora, ó nobre Espanha, estás segura
(Se segurar te podem Cavaleiros)
De outra perda como esta, iníqua e dura,
Pois que tens Portugueses por porteiros.
Assi se deu à próspera ventura
Do Rei Joane a terra, que aos fronteiros
Espanhóis tanto tempo molestara;
E vencida ficou mais nobre, e clara.

Últimos cinco versos da estrofe 61, em versão diferente:

Da próspera Cidade de Veneza:
Veneza, a qual os Povos que escaparam
Do gótico furor, e da crueza
De Átila edificaram pobremente,
E foi rica depois, e preeminente.

Após a estrofe 66:

Não foi sem justa e grande causa eleito
Para o sublime trono e governança,
Este, de cujo ilustre e forte peito
Depende uma grandíssima esperança:
Pois não havendo herdeiro mais direito
No Reino, e mais por esta confiança,
Joane o escolheu, que só o herdasse,
Não tendo filho herdeiro que reinasse.

Após a estrofe 86:

Ali lhe prometemos, se em sossego

Nos leva às partes, onde Febo nasce,
De, ou espalhar sua Fé no Mundo cego,
Ou o sangue do Povo pertinace.
Fizemos para as almas santo emprego
De fiel confissão, pura e verace,
Em que, posto que Hereges a reprovam,
As almas, como a Fênix, se renovam.

Tomamos o divino mantimento,
Com cuja graça santa tantos dias,
Sem outro algum terrestre provimento,
Se sustentaram já Moisés, e Elias.
Pão, de quem nenhum grande pensamento,
Nem sutis e profundas fantasias
Alcançam o segredo e virtude alta,
Se do juízo a Fé não supre a falta.

CANTO SEXTO

Após a estrofe 7:

Lá na sublime Itália um celebrado
Antro secreto está, chamado Averno;
Por onde o Capitão Troiano ousado
Às negras sombras foi do escuro inferno.
Por ali há também um desusado
Caminho, que vai ter ao centro interno
Do mar, aonde o deus Netuno mora:
Por ali foi descendo Baco agora.

A dor do desamor nunca respeita,
Se tem culpa, ou se não tem culpa a parte;
Porque se a coisa amada vos enjeita,
Vingança busca só de qualquer arte.
Porém quem outrem ama, que aproveita
Trabalhar que vos ame, e que se aparte
De seu desejo, e que por outro o negue,
Se sempre foge amor de quem o segue?

Após a estrofe 40:

De que serve contar grandes histórias
De Capitães, de guerras afamadas,
Onde a morte tem ásperas vitórias
De vontades alheias subjugadas?
Outros farão grandíssimas memórias
De feitos de batalhas conquistadas:
Eu as farei, se for no Mundo ouvido,
De como só de uns olhos fui vencido.

Não foi pouco aprazível a Veloso
Tratar-se esta matéria, vigiando;
Que conquanto era duro e belicoso,
Amor o tinha feito manso e brando.
Tão concertado vive este enganoso
Moço co'a natureza, que tratando
Os corações tão doce e brandamente,
Não deixa de ser forte quem o sente.

"Contai (disse) Senhor, contai de amores
As maravilhas sempre acontecidas,
Que ainda de seus fios cortadores
No peito trago abertas as feridas."

Concederam os mais vigiadores,
Que ali fossem de todos referidas
As histórias que já do amor passaram;
E assi sua vigia começaram.

Disse então Leonardo: "Não espere
Ninguém que conte fábulas antigas:
Que quem alheias lágrimas refere,
Das próprias vive isento, e sem fadigas.
Porque depois que amor co'os olhos fere,
Nunca por tão suaves inimigas,
Como a mi só no Mundo tem ferido
Píramo, nem o nadador de Abido.

"Fortuna que no Mundo pode tanto,
Me deitou longe já da pátria minha,
Onde tão longo tempo vivi, quanto
Bastou para perder um bem que tinha.
Livre vivia então, mas não me espanto,
Senão que sendo livre, não sustinha
Deixar de ser cativo, que o cuidado,
Sem porquê, tive sempre namorado."

Estrofe 81, em versão diferente:

Divina Guarda, Angélica, Celeste,
Que o Astrífero Polo senhoreias;
Tu que a todo Israel refúgio deste
Por metade das águas Eritreias:
Se por mores perigos me trouxeste,
Que ao Itacense Ulisses, ou a Eneias,
Passando os largos términos de Apolo,
Pelas fúrias de Tétis, e de Eolo.

Após a estrofe 94:

Olhai como depois de um grande medo,
Tão desejado bem logo se alcança;
Assi também detrás do estado ledo
Tristeza está, certíssima mudança.
Quem quisesse alcançar este segredo
De não se ver nas coisas segurança.
Creio, se escudrinhá-lo bem quisesse,
Que em vez de saber mais, endoidecesse.

Não respondo a quem disse, que a fortuna
Era em todas as coisas inconstante;
Que mandou Deus ao Mundo por coluna
Deusa, que ora se abaixe, ora levante.

Opinião das gentes importuna
É ter, que o homem aos Anjos semelhante,
Por quem já Deus fez tanto, se pusesse
Nas mãos do leva-caso que o regesse.

Mas quem diz que virtudes, ou pecados,
Sobem baixos, e abaixam os subidos;
Que me dirá, se os maus vir sublimados?
Que me dirá, se os bons vir abatidos?
Se alguém me diz, que nascem destinados,
Parece razão áspera aos ouvidos;
Que se eu nasci obrigado a meu destino,
Que mais me val ser Santo, que Malino?

Viram-se os Portugueses em tormenta,
Que nenhum se lembrava já da vida;
Subitamente passa, e lhe apresenta
Vênus a coisa deles mais querida.
Mas o Cabral, que o número acrescenta
Dos naufrágios, na Costa desabrida,
A vida salva alegre, e logo perto
A perde, ou por destino, ou por acerto.

Se havia de perdê-la em breve instante,

O salvá-la primeiro, que lhe val?
Fortuna ali, se é hábil e prestante,
Por que não dava um bem detrás de um mal?
Bem dizia o Filósofo elegante
Simônides, ficando em um portal
Salvo, donde os amigos morrer vira,
Na sala arruinda, que caíra:

"Oh poder da fortuna tão pesado,
Que tantos num momento assi mataste!
Para que maior mal me tens guardado,
Se deste que é tamanho me guardaste?
Bem sabia que o Céu estava irado;
Não há dano que o seu furor abaste;
Nem fez um mal tamanho, que não tenha
Outro muito maior, que logo venha."

Mui bem sei que não falta quem me desse
Razões sutis, que o engenho lhe assegura;
Nem quem segundas causas revolvesse;
Matérias altas, que o juízo apura.
Eu lhe fico que a todos respondesse,
Mas não o sofre a força da escritura:
Respondo só, que a longa experiência
Enleia muitas vezes a ciência.

CANTO OITAVO

Após a estrofe 32:

Este deu grão princípio à sublimada
Ilustríssima Casa de Bragança,
Em estado, e grandeza avantajada
A quantas o Espanhol Império alcança.
Vês aquele, que vai com forte armada
Cortando o Hespério mar, e logo alcança
O valeroso intento que pretende,
E a Vila de Azamor combate e rende?

É o Duque Dom Gemes, derivado
Do tronco antigo, e sucessor famoso,
Que o grande feito empreende, e acabado
A Portugal dá volta vitorioso;
Deixando desta vez tão admirado
A todo o Mundo, e o Mouro tão medroso,
Que inda até agora nunca há despedido
O grão temor entonces concebido.

E se o famoso Duque mais avante
Não passa co'a Católica conquista,
Nos muros de Marrocos e Trudante,
E outros lugares mil à escala vista;
Não é por falta de ânimo constante,
Nem de esforço, e vontade pronta e lista;
Mas foi por não passar o limitado
Término, por seu Rei assinalado.

Após a estrofe 36:

Achou-se nesta desigual batalha
Um dos nossos, de imigos rodeado;
Mas ele de valor, mais que de malha,
E militar esforço acompanhado;
Do primeiro o cavalo mata, e talha
O colo a seu Senhor, com desusado
Golpe de espada; e passo a passo andando,
Os torvados contrários vai deixando.

CANTO DÉCIMO

Após a estrofe 72:

Ver-se-á, enfim, toda a Índia conjurada,
Com bélico aparelho; e várias gentes,
Chaul, Goa, e Malaca ter cercada
Em um tempo lugares diferentes.
Mas vê como Chaul quase tomada,
O mar com suas ondas eminentes,
Vai socorrer a gente Portuguesa,
Que só de Deus espera já defesa.

Vês qual o Rei Gentio pressuroso
Arde, cerca, discorre, e anda listo,
Incitando o exército espantoso
A destruir um esquadrão de Cristo?
Mas nota o ponto de honra generoso,
Em cerco, nem batalha nunca visto;
Os soldados fugindo no seguro,
Passar-se ao posto perigoso e duro.

Ali o prudentíssimo Ataíde,
Confortado da ajuda soberana,
Onde a necessidade e tempo o pide,
Socorrerá com força mais que humana.

Até que com seus danos se despide
Do cru intento a gente vil, profana,
Que em batalhas, e encontros mil vencidos,
Virão a pedir paz arrependidos.

Enquanto isto passar na luminosa
Costa de Ásia, e América sombria,
Não menos lá na Europa belicosa,
E nas terras da inculta Barbaria;
Mostrará a gente Elísia valerosa
Seu preço, de temor tornando fria
A Zona ardente, em ver que uma conquista
Lhe não faz que das outras três desista.

Verão o valentíssimo Barriga,
Adail de Zafim, grande, afamado,
Sem ter por armas quem lho contradiga,
Correr de Mauritânia serra e prado.
Mas vê como a infiel gente inimiga
O prende por um caso desastrado,
E com ele outra gente leva presa;
Que em tal caso não pode ter defesa.

Mas passado este transe perigoso,

Olha onde preso vai, como arrebata
A lança de um dos Mouros, e furioso
Com ela a seu Senhor derriba, e mata.
E revolvendo o braço poderoso,
Os seus livra, e os imigos desbarata:
E assi todos alegres e triunfantes,
Se tornam donde foram presos antes.

Ei-lo cá por engano outra vez preso,
Está na escura e vil estrebaria,
Carregado de ferros, de tal peso,
Que de um lugar mover-se não podia.
Vê-lo de generoso fogo aceso,
Que o pau ensanguentado sacudia,
Com que ao soberbo Mouro a morte dera,
Que em sua honrada barba a mão pusera?

Mas vê como os infidos Agarenos,
Por mandado lhe dão do Rei descrido,
Tanto açoite por isto, que em pequenos
Lhe fazem sobre as costas o vestido,
Sem que ao forte Varão vozes, nem menos
Ouvissem dar um íntimo gemido:
Já vai a Portugual despedaçado
O vestido a pedir ser resgatado.

Olha Cabo de Aguer aqui tomado
Por culpa dos soldados de socorro:
Vês o grande Carvalho ali cercado
De imigos, como touro em duro corro?
De trinta Mouros mortos rodeado,
Revolvendo o montante, diz: Pois morro,
Celebrem mortos minha morte escura,
E façam-me de mortos sepultura.

Ambas pernas quebradas, que passando
Um tiro, espedaçado lhas havia;
Dos giolhos e braços se ajudando,
Com nunca visto esforço, e valentia:
Em torno pelo campo retirando,
Vai a Agarena, dura Companhia,
Que com dardos, e setas, que tiravam,
De longe dar-lhe a morte procuravam.

Após a estrofe 73:

Com tais obras, e feitos excelentes
De valor nunca visto, nem cuidado,
Alcançareis aquelas preeminentes
Excelências, que o Céu tem reservado

Para vós outros, entre quantos gentes
O sol aquenta, e cerca o humor salgado:
Que em poucos se acham poucas repartidas,
E em nenhuma Nação juntas, e unidas.

Religião, a primeira, sublimada,
De pio e santo zelo revestida;
Ao culto divinal somente dada,
E em seu seviço e obras embebida.
Nesta, a gente no Elísio campo nada,
Se mostrou sempre tal em morte e vida,
Que pode pretender a primazia
Da ilustre e Religiosa Monarquia.

Lealdade é segunda, que engrandece,
Sobre todas, o nobre peito humano;
Com a qual semelhante ser parece
Ao Coro celestial, e soberano.
Nesta por todo o Mundo se conhece
Por tão ilustre o Povo Lusitano,
Que jamais a seu Deus, e Rei jurado,
A fé devida e pública há negado.

Fortaleza vem logo, que os Autores

Tanto do antigo Luso magnificam.
Que os vossos Portugueses com maiores
Obras, ser verdadeira certificam:
Dando matéria a novos Escritores,
Com feitos, que em memória eterna ficam;
E vencendo do Mundo os mais subidos,
Sem nunca de mais poucos ser vencidos.

Conquista será a quarta, que no Império
Português só reside com possança:
Pois no sublime e no ínfimo Hemisfério
As quatro partes só do Mundo alcança:
E as quatro nações delas por mistério
Com que conquista, e tem certa esperança,
Que Cristãos, Mouros, Turcos, e Gentios,
Juntarão numa lei seus senhorios.

Descobrimento é quinta, que bem certo
À gente Lusitana só se deve,
Pois tendo Norte a Sul já descoberto,
Adonde o dia é grande, e adonde breve:
E por caminho desusado, incerto,
De Ponente a Levante, inda se atreve
Cercar o Mundo em torno por direito:
Feito depois, nem antes, nunca feito.

Deixo de referir a piedade
Do peito Português, e cortesia,
Temperança, fé, zelo, e caridade,
Com outras muitas, que contar podia.
Pois a segundo o ponto da verdade,
E as regras da mortal Filosofia,
Não pode conservar-se uma virtude,
Sem que das outras todas se arme e ajude.

Mas destas, como base, e fundamento
Daquelas cinco insignes excelências,
Em que elas têm seu natural assento,
E de quem tomam suas dependências:
Não quero aqui tratar, que meu intento
Não é descer a todas minudências,
Que gerais são no Mundo a muita gente,
Senão das que em vós se acham tão somente.

Mas não será de todo limpo e puro,
O curso desigual de vossa história:
Tal é a condição do estado escuro
Da humana vida, frágil, transitória:
Que mortes, perdições, trabalho duro
Aguarão grandemente vossa glória;
Mas não poderá algum sucesso, ou fado,
Derribar-vos deste alto e honroso estado.

Tempo virá, que entre ambos Hemisférios
Descobertos por vós, e conquistados,
E com batalhas, mortes, cativérios,
Os vários Povos deles sujeitados:
De Espanha os dois grandíssimos Impérios
Serão num senhorio só juntados,
Ficando por Metrópole, e Senhora,
A Cidade que cá vos manda agora.

Ora, pois, gente ilustre, que no Mundo
Deus no grêmio Católico conserva,
Redimidos da pena do profundo,
Que para os condenados se reserva,
Por vos dotar o que perdeu o imundo
Lusbel, com sua infame e vil caterva;
Pois sabeis alcançar a glória humana,
Fazei por não perder a soberana.

Após a estrofe 141:

Daqui saindo irá, onde acabada
Sua vida será na fatal ilha:
Mas prosseguindo a venturosa armada
A volta de tão grande maravilha;

Verão a nau Vitória celebrada
Ir tomar porto junto de Sevilha,
Depois de haver cercado o mar profundo,
Dando uma volta em claro a todo o Mundo.

Bibliografia

BRAGA, Theophilo. *Bibliographia Camoniana*. Imprensa de Christovão A. Rodrigues, Lisboa, MDCCCLXXX.

CAMÕES, Luís de. *Obra Completa*. Org. Prof. Antônio Salgado Júnior. Rio de Janeiro: Aguilar, 1963.

CAMÕES, Luís de. *Obras de*. Edição de Thomás Joseph de Aquino. 4 vols. Lisboa, na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, MDCCLXXXII.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição Nacional. Lisboa: Imprensa Nacional, 1971.

CAMOENS, Luis de. *Los Lusíadas*. Trad. Benito Caldera. Madrid: Cátedra, 1986.

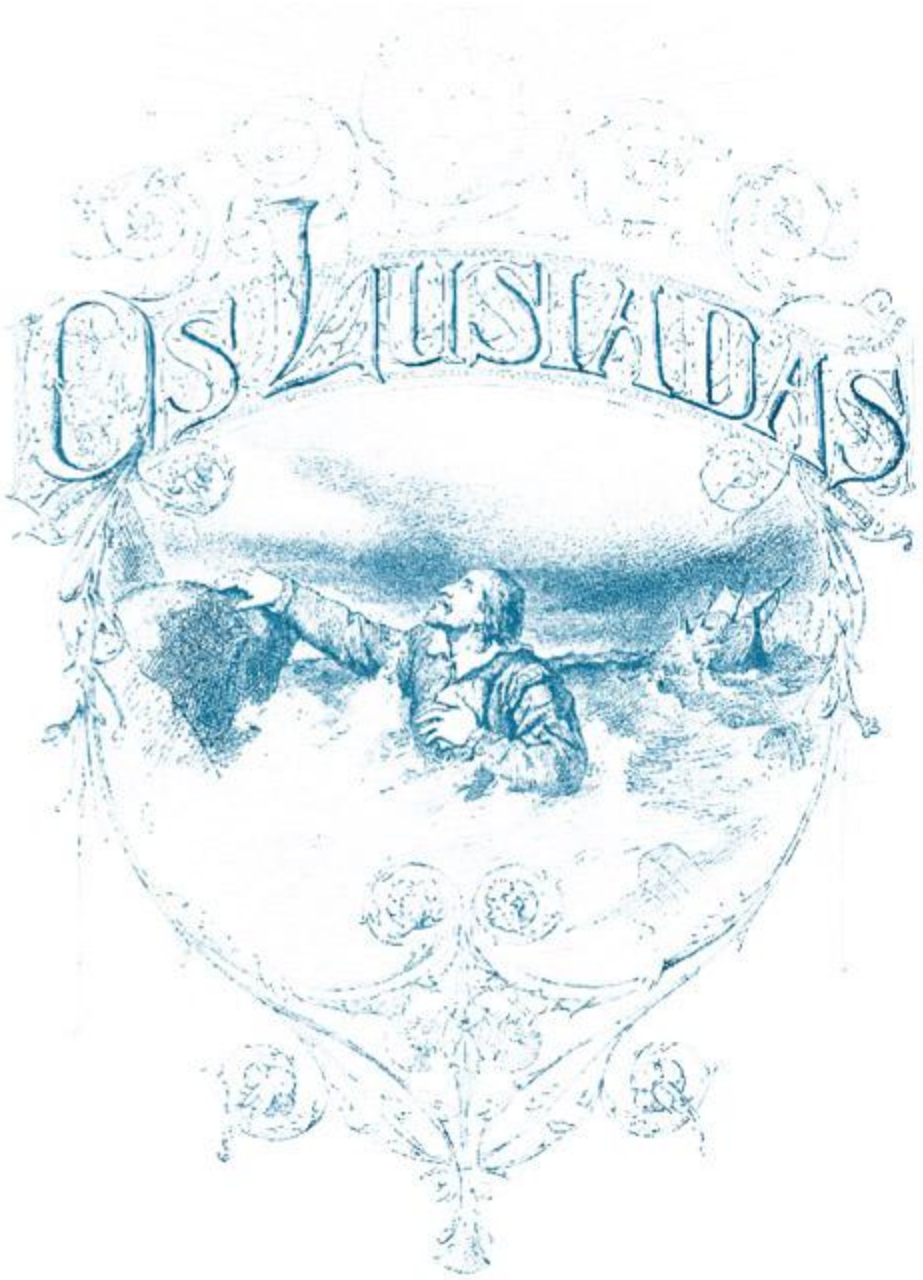
COUTINHO, B. Xavier. *Camões e as artes plásticas*. 2 vols. Porto: Livraria Figuerinhas, 1946.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Índice analítico do vocabulário de* Os Lusíadas. 3 vols. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.

FARIA, Manoel Severim de. *Discursos varios politicos*. Em Evora, impressos por Manoel Carvalho, 1624.

MONTEIRO, Rolando. *As Edições de* Os Lusíadas. 2ª edição. Rio de Janeiro: s/ed., 1979.

SAMPAIO, Albino Forjaz de. *Historia da Literatura Portuguesa ilustrada*. 4 vols. Paris-Lisboa: Aillaud & Bertrand, s/d.


OS LUSIADAS

OS LVSIADAS
DE LVIS DE CAMÕES.

Canto primeiro.

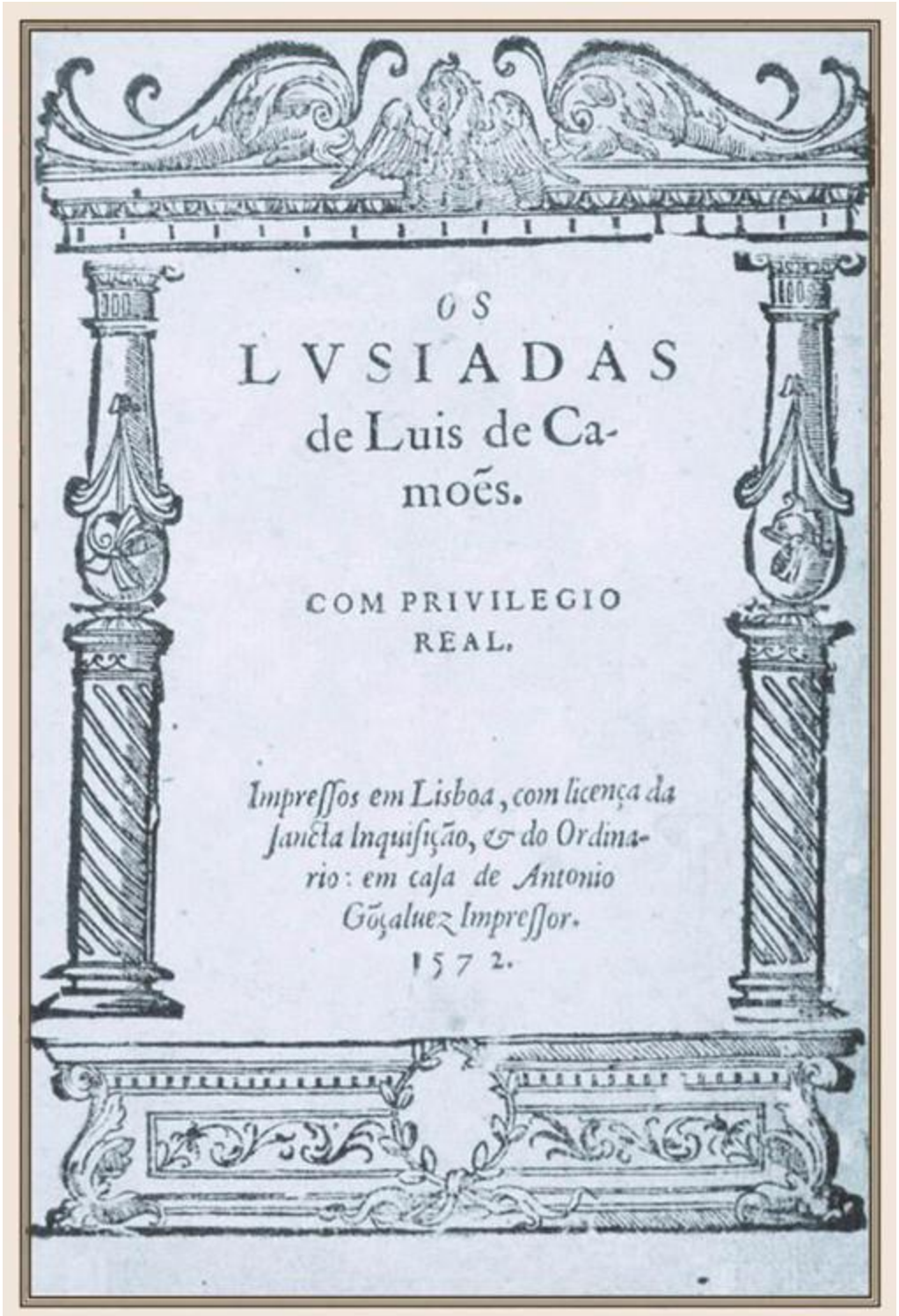
AS armas, & os barões assinalados,
Que da Occidental praya Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram, ainda alem da Taprobana,
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana.
E entre gente remota edificarão
Nouo Reino, que tanto sublimarão.

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas
De Affrica, & de Asia, andarão deuastando,
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da ley da Morte libertando.
Cantando espalharey por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

A Cessem



CADERNO DE IMAGENS



OS
LVSIADAS
de Luis de Ca-
moẽs.

COM PRIVILEGIO
REAL.

Impressos em Lisboa, com licença da
Sanctа Inquisição, & do Ordina-
rio: em casa de Antonio
Gõçaluez Impressor.
1572.

Frontispício da primeira edição d'*Os Lusíadas*, com o pelicano voltado para a esquerda, 1572.

OS LVSIADAS

de Luis de Camões.

COM PRIVILEGIO



Impressos em Lisboa, com licença da Santa Inquisição, & do Ordinario: em casa de Antonio Gõçalviez Impressor.

1572.

Frontispício da segunda edição, ou contrafação, d'*Os Lusíadas*, com o pelicano voltado para a direita, e a mesma data de 1572.

OS LVSIADAS

DE LVIS DE CAMÕES.

¶ *Agora de nouo impresso, com algũas annotações, de diuersos Autores.*



¶ *Com licença do Supremo Conselho da Santa & Geeral Inquisição, por Manoel de Lyra.*

Em Lisboa. Anno de 1584.

Frontispício da terceira edição d'*Os Lusíadas*, popularmente conhecida como "Edição dos Piscos", de 1584.



OS LVSIADAS DE LVIS de Camões.

¶ *Polo original antigo agora nouamente impressos.*

EM LISBOA,
Com licença do Sancto Officio & Priuilegio Real

Por Manoel de Lyra. 1597.
A custa de Esteuão Lopez mercador de liuros.

Frontispício da quarta edição d'*Os Lusíadas*, 1597.


LVIS D
CAMO
ES

Cópia, executada por Luís José Pereira de Resende, no século XIX, a pedido do 3º Duque de Lafões, do retrato de Camões feito por Fernão Gomes, em vida do poeta, a partir do original recuperado do incêndio do palácio dos Condes da Ericeira.

DEA - G. DAGLI ORTI - Colaborador - GettyImages

Retrato em miniatura feito em Goa, em 1581, por iniciativa de Fernão Teles de Meneses, e com indicações de amigos do poeta, como comprovam as cartelas onde se lê: “Deu notas para o retrato José Penqinho”, “Deu notas Lusyo de Assensão marujo”, “Deu notas Francisco Mascarenhas” e “Deu notas Henrique Mascarenhas”, além da outra cartela que diz: “Afirma ter parsenças todos.” Pertenceu à coleção dos Marqueses de Rio Maior, e deu origem a um notável poema de Afonso Lopes Vieira.



MVSIS. ET POSTERITATI. S.

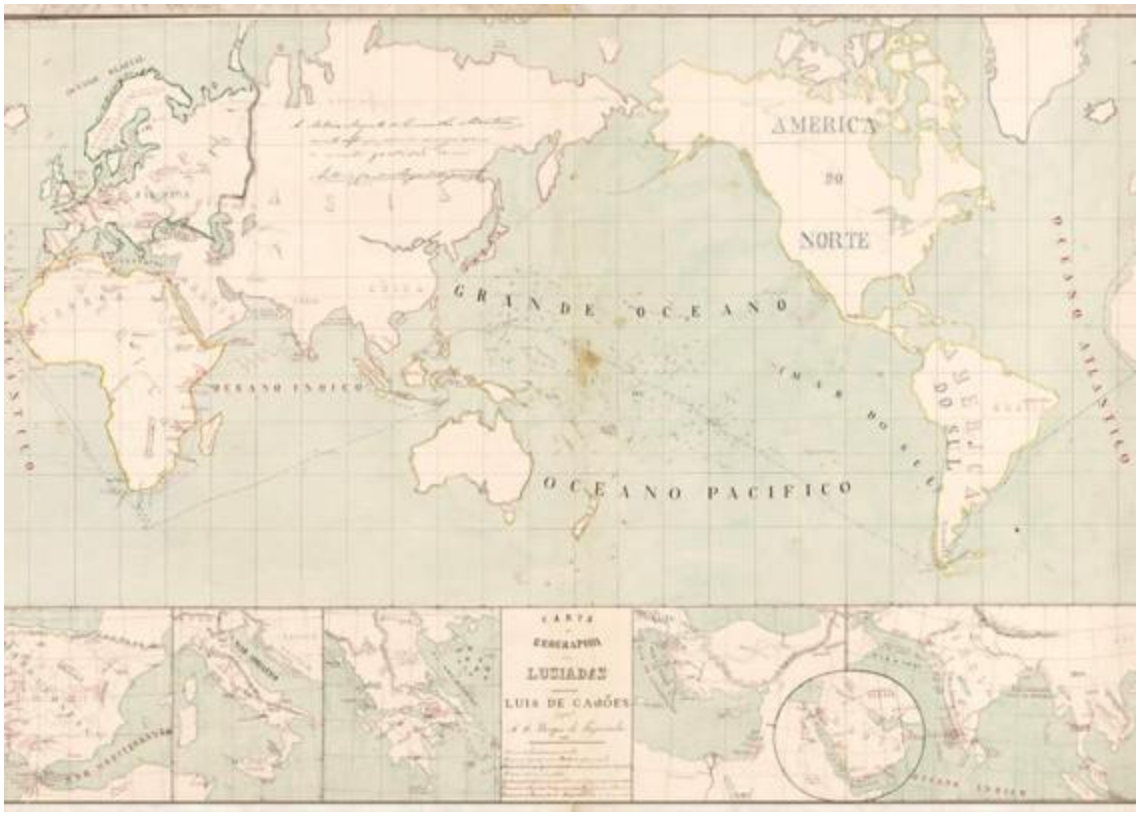
LVDOVICO DE CAMOẼS. Equiti Lusitano Poetæ celeberrimo, Musarum delitijs Gratiarum Alumno Humanarum literarum Encyclopedico, Nec non armatæ Palladis egregio sectatori: In quo felicissimum Ingenium et aduersa Fortuna, Decertarunt: GASPAR SEVERINVS de Faria veram Effigiem ænea Tabula inisam vt qui orbem Iam Fama occupauit, præsentia decornet. D. D. Q.

Paulo Sale.

Primeiro retrato impresso de Camões, gravado por Andries Pauwels, e publicado nos *Discursos vários políticos*, de Manuel Severim de Faria, em Évora, 1624.



Medalha comemorativa do Tricentenário da morte de Camões, em 1880, e da colocação da pedra fundamental do novo edifício do Real Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro.



Carta Geográfica *d'Os Lusíadas*, por A. C. Borges de Figueiredo, 1883.



Ilustração romântica dos últimos momentos de Camões, por Manuel de Araújo Porto-Alegre, em sépia e guache, intitulada "Camões e o escravo Jau", e assinada "P. A., 1856" — mesmo tema e mesmo ano da cena dramática *Camões e o Jau*, com a qual estreou Casimiro de Abreu —, na qual se vê o poeta recebendo a esmola conseguida por seu escravo javanês, de acordo com a lenda, tendo na mão direita o manuscrito d'*Os Lusíadas*, no entanto impresso oito anos antes. Na parede atrás do leito do poeta estão inscritos os versos célebres: "Aquele cuja Lira sonorosa / Será mais afamada que ditosa."



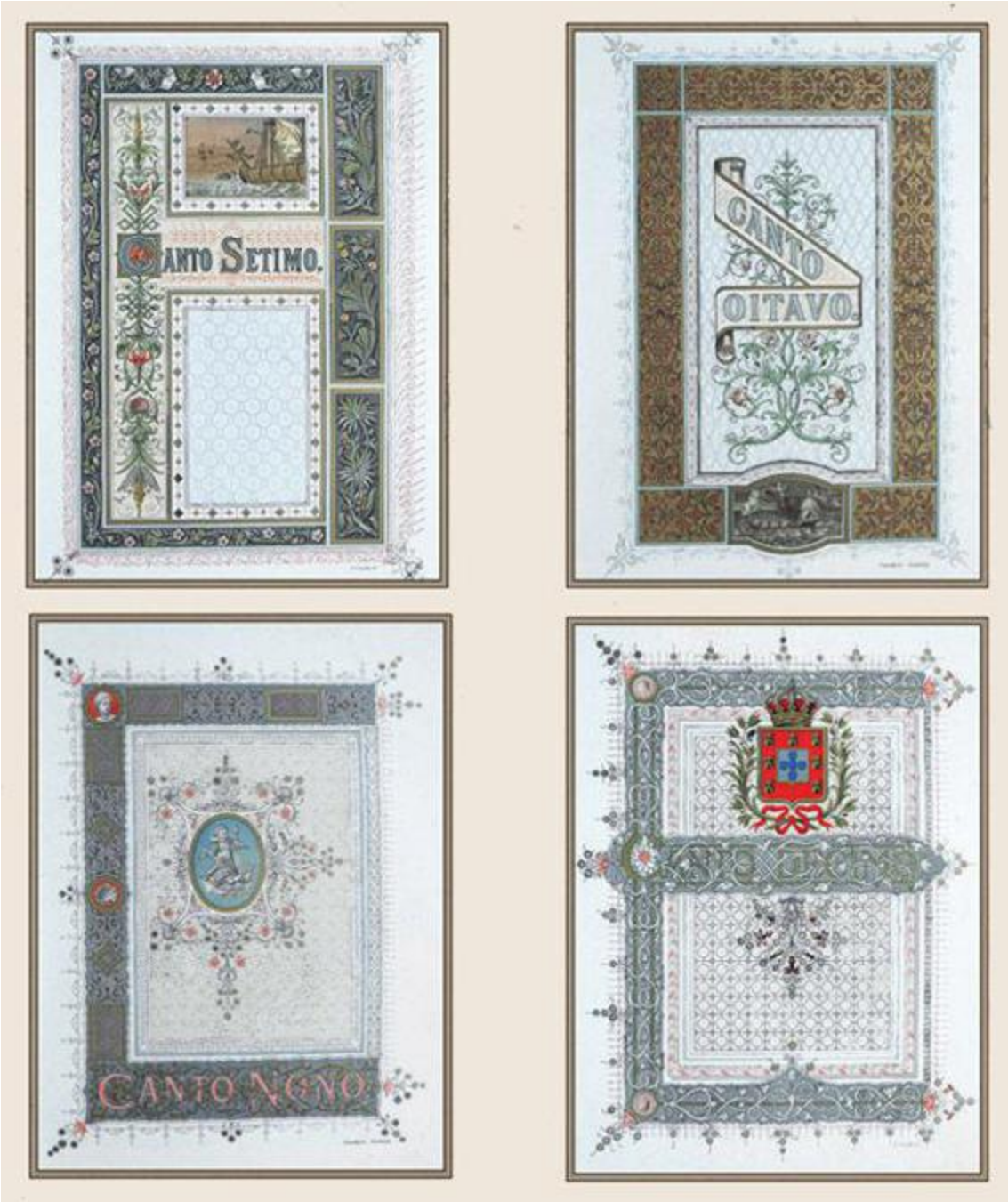

CANTO SEGVNDO




CANTO
QVARTO


CANTO QVINTO





Reprodução em cores das composições criadas por A. Gnauth, então diretor da Escola Acadêmica de Nuremberg, para as aberturas de canto da edição crítica comemorativa do terceiro centenário da morte de Camões, de Giesecke & Devrient, 1880.



DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL
Janaína Senna

PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
André Marinho

REVISÃO
Luisa Suassuna
Beatriz D'Oliveira

PESQUISA ICONOGRÁFICA
Priscila Serejo

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Larissa Fernandez Carvalho

PRODUÇÃO DO EBOOK
Ranna Studio




Ivan Zigg
Só um minutinho
12

Só um minutinho

Zigg, Ivan
9788520936153
24 páginas

Compre agora e leia

Um porquinho que quer sempre adiar as coisas, nem que para isso tenhamos que esperar só um minutinho... Você também faz isso? Um minuto é muito? É pouco? Ou o tempo sufi ciente para se terminar uma tarefa, acabar de se vestir para a festa ou concluir o raciocínio? Só um minutinho, do ilustrador e autor premiado Ivan Zigg, é um livro instigante para as primeiras leituras de qualquer criança. Explorando amplamente o lúdico imaginário infantil, Só um minutinho proporciona aos pequenos leitores novas descobertas sobre o tempo, sobretudo neste cotidiano tão acelerado em que vivemos. As narrativas visuais e o texto curto em letra maiúscula despertam o repertório visual e linguístico da criança.

Compre agora e leia

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
& Paulo Rónai

Mar de Histórias

ANTOLOGIA DO CONTO MUNDIAL



VOLUME 5

O realismo

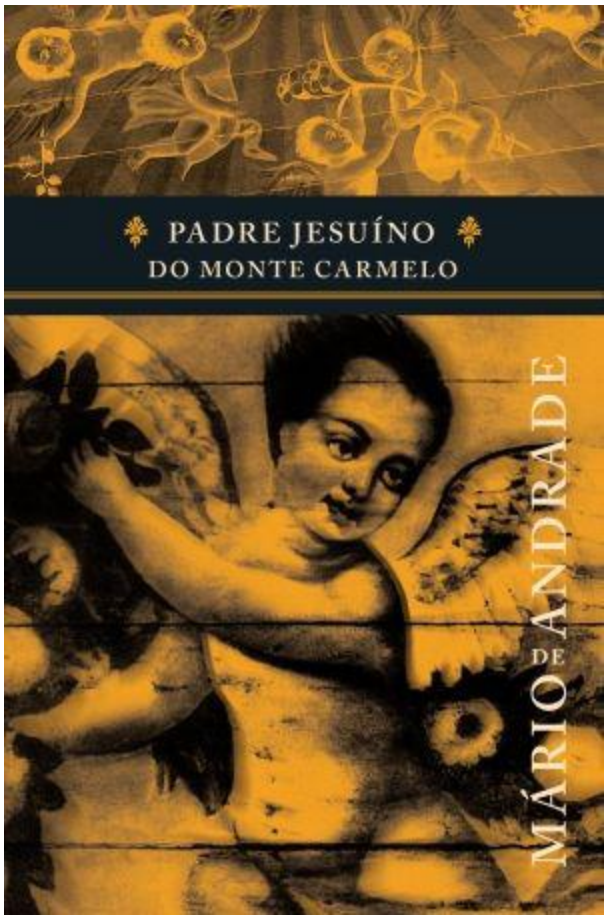
O Realismo

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda
9788520937730
352 páginas

Compre agora e leia

A Coleção Mar de Histórias: antologia do conto mundial é composta por 10 volumes independentes que contém, nada menos, que 239 contos, de 192 autores escolhidos entre os melhores de 41 países. A expressão Mar de Histórias foi tirada do título, em sânscrito, Kathâsaritsâgara, de uma antiga coletânea da Índia, do século XI. A sua tradução significa isso mesmo: "mar formado pelos rios de histórias". A obra foi organizada há mais de quarenta anos por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai, dois dos maiores tradutores e estudiosos da Literatura Mundial em todos os tempos e gêneros.O leitor que fielmente vem acompanhando esta longa viagem através dos mares de histórias já foi avisado de que os rótulos em cada um dos volumes indicam apenas tendências gerais, e de modo algum representam uma classificação rigorosa. É o que se dá com o subtítulo deste volume, o realismo.O advento dessa corrente nas literaturas menores ocorre algum tempo depois de seu triunfo nas principais; daí o elemento romântico apresentar-se no conto, por exemplo, de Mór Jókai (com quem, aliás, desponta a literatura húngara, de forte veio narrativo). Por outro lado, o realismo ramifica-se em correntes: nada mais diverso de um conto de Flaubert do que um de Tchekov. Afinal, o temperamento do escritor também conta: há os que são românticos de nascimento, conquanto não o sejam de escola e de época; é o caso de um Villiers de l'Isle-Adam.Caracteriza-se o presente volume pela inclusão de gigantes do conto, os quais, por sua importância, comparecem com várias peças. Assim ocorre com Machado de Assis, grande mesmo entre os maiores. A escolha de suas quatro histórias, longamente discutida pelos organizadores da coletânea, revela a extrema variedade da sua produção novelística. O russo Anton Tchekov, criador do conto aparentemente leve e apenas esboçado, oposto ao máximo ao modelo maupassantiano, tão elaborado, tem conteúdo humano e trágico não menos forte.

Compre agora e leia


PADRE JESUÍNO
DO MONTE CARMELO
MÁRIO DE ANDRADE

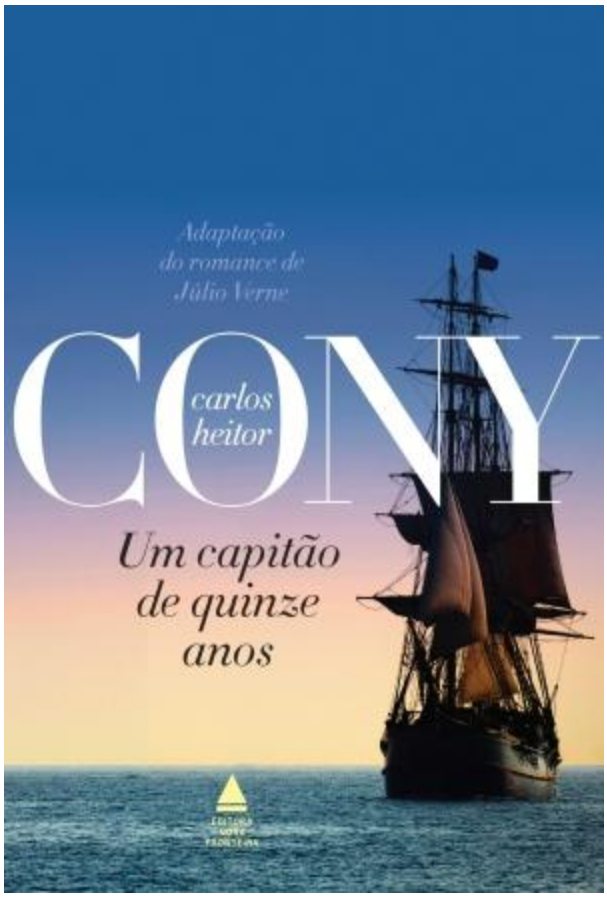
Padre Jesuíno do Monte Carmelo

Andrade, Mário de
9788520933480
384 páginas

Compre agora e leia

Nesta obra, Mário de Andrade apresenta um estudo apaixonado sobre a obra deste homem que foi antes de qualquer coisa um artista e religioso. Considerado pelo próprio Mário como seu `maior esforço em crítica de artes plásticas`, este livro resgata minuciosamente o trabalho de Padre Jesuíno, por meio de obras conhecidas do grande público e de arquivos de família e documentos obscuros.

Compre agora e leia


Adaptação
do romance de
Júlio Verne
CONY
carlos
heitor
Um capitão
de quinze
anos

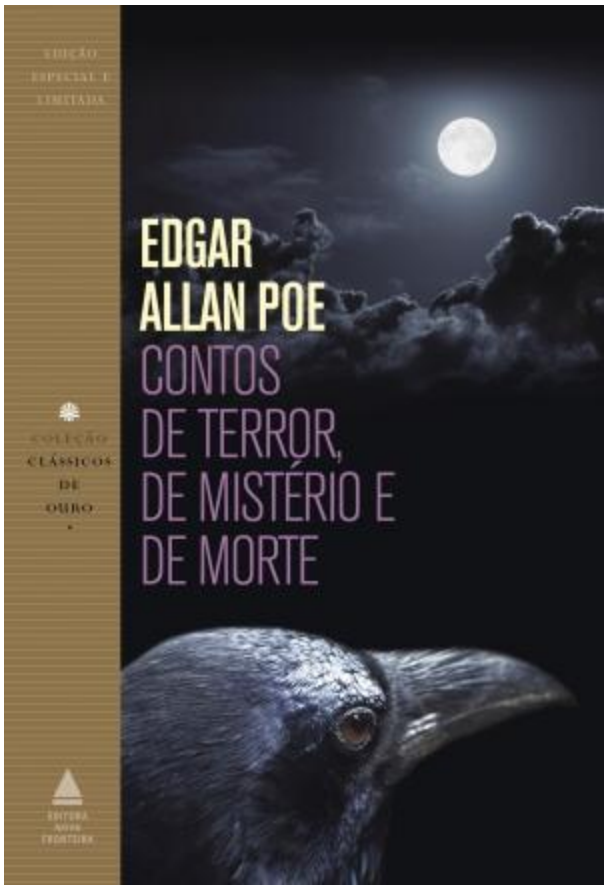
Um capitão de quinze anos

Cony, Carlos Heitor
9788520940044
216 páginas

Compre agora e leia

EXCLUSIVO EM EBOOK!Sobre Carlos Heitor Cony:Estreou na literatura ganhando por duas vezes consecutivas o Prêmio Manuel Antônio de Almeida.Ganhou em quatro ocasiões o Prêmio Jabuti na categoria Romance, duas vezes o Prêmio Livro do Ano da Câmara Brasileira do Livro e o Prêmio Nacional Nestlé de Literatura. Em 1998, foi condecorado pelo governo francês com a L'Ordre des Arts et des Lettres. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em março de 2000.Sobre Júlio Verne (1828-1905):Considerado um dos pioneiros da ficção científica, notabilizou-se por histórias repletas de peripécias e pela capacidade de antecipar na ficção as transformações que a tecnologia tornaria possível no mundo moderno. Em 1863, publicou seu primeiro romance, Cinco semanas em um balão. A mistura de aventura e especulação futurística resultou numa obra irresistível de 28 livros, na qual se destacam, além de Um capitão de quinze anos (1878), os romances Viagem ao centro da Terra (1864), Da Terra à Lua (1864), Vinte mil léguas submarinas (1870) e A volta ao mundo em oitenta dias (1872).Quando uma terrível tragédia se abate sobre a tripulação do brigue-galeota Peregrino, o jovem Dick Sand se vê obrigado a assumir o comando do navio e conduzir a família Weldon de volta a São Francisco, nos Estados Unidos. Mas uma conspiração nefasta pretende colocar tudo a perder. Com a competente adaptação do clássico de Júlio Verne por Carlos Heitor Cony, as novas gerações de leitores passarão a conhecer esta história repleta de intrigas, reviravoltas e muitas aventuras, passada em pleno século XIX.

Compre agora e leia


EDIÇÃO
ESPECIAL E
LIMITADA
EDGAR
ALLAN POE
CONTOS
DE TERROR,
DE MISTÉRIO E
DE MORTE
COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO

Contos de terror, de mistério e de morte

Allan Poe, Edgar
9788520941720
240 páginas

Compre agora e leia

Com esta coletânea, o leitor entrará em contato com alguns das melhores histórias da obra de Edgar Allan Poe, considerado o criador do conto policial. Nelas, associam-se medos reais a casos extraordinários, e o resultado é espetacular e surpreendente. Neste Contos de terror, de mistério e de morte estão reunidas algumas de suas melhores narrativas e, dialogando com elas, ao final do volume, o aclamado poema "O corvo", que se tornou emblemático da produção literária do autor norte-americano. Como resultado temos uma coletânea em que se associam medos reais a casos extraordinários, o espetacular e o surpreendente em concentradas doses do mais puro terror.

Compre agora e leia